



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Comunicação Social

Soriany Simas Neves

**Wi-fi na Floresta: uma comunidade rural amazônica em redes e as
mudanças no espaço de sociabilidade**

Rio de Janeiro

2019

Soriany Simas Neves

Wi-fi na Floresta: uma comunidade rural amazônica em redes e as mudanças no espaço de sociabilidade

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCOM/UERJ).

Orientador: Prof. Dr. Vinicius Andrade Pereira

Rio de Janeiro

2019

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

N518	Neves, Sorianny Simas. Wi-fi na Floresta: uma comunidade rural amazônica em redes e as mudanças no espaço de sociabilidade / Sorianny Simas Neves. – 2019. 192 f. Orientador: Vinicius Andrade Pereira. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação Social. 1. Comunicação Social– Teses. 2. Internet – Amazonas – Teses. 3. Comunidade rural – Teses. I. Pereira, Vinicius Andrade. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação Social. III. Título.
es	CDU 316.77

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Soriany Simas Neves

Wi-fi na Floresta: uma comunidade rural amazônica em redes e as mudanças no espaço de sociabilidade

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCOM/UERJ).
Área de concentração: Tecnologias da Comunicação e Cultura.

Aprovado em 19 de junho de 2019.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Vinicius Andrade Pereira (Orientador)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Profa. Dra. Cíntia Sanmartin Fernandes (Membro)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Prof. Dr. Ricardo Ferreira Freitas (Membro)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Prof. Dr. Fábio Fonseca de Castro
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Prof. Dr. Robson da Silva Braga (Membro)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Rio de Janeiro

2019

AGRADECIMENTOS

Ao contrário do que muito se afirma de que a produção de uma tese é um processo solitário, eu diria que esse estágio da minha vida acadêmica mostrou que, em muitos momentos, a composição, a angulação desse trabalho é coletiva, muito embora na fase de escrita propriamente dita da tese o pesquisador ou pesquisadora se veja envolto em um processo de imersão longo, de afastamento, para dar vida à obra. Nesse sentido, elenco as pessoas e as instituições que participaram dos vários insights ao longo do meu trajeto.

Primeiramente a Deus, por ter me dado força e disposição para chegar até o fim.

Meus agradecimentos aos ribeirinhos urbanos da comunidade amazônica do Caburi, por terem compartilhado comigo durante um ano um pouco de suas vidas, de suas dificuldades e parte do processo de inserção no digital em sua comunidade e, ainda, pelo grande aprendizado na convivência e no entendimento da cultura ribeirinha urbana de comunidades rurais próximas.

Aos professores que participaram da minha qualificação, Fábio Fonseca (UFPA) e Beatriz Polivanov (UFF), por suas contribuições valiosas, sobretudo ao professor Fábio Fonseca, pelo alerta no cuidado de não produzir e reafirmar estereótipos do espaço amazônico que somente obscurecem e mistificam a Amazônia com olhar colonialista.

Ao meu orientador, Doutor Vinícius Andrade Pereira, pelas conversas críticas e francas acerca da pesquisa e por ter acreditado no potencial do tema.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, pelas aulas de alto nível (Márcio Souza Gonçalves, Érick Felinto, Fernando Gonçalves, Vinícius Andrade Pereira, Patrícia Rebello, Fátima Régis, Ricardo Freitas e Cintia San Martin Fernandes, Marcelo Castanhêda) e pelo diálogo mais aberto especialmente com Ricardo Freitas, Cintia San Martin Fernandes e Fernando Gonçalves.

Aos meus muitos amigos e colegas que fiz durante a minha estada no Rio: Flávia Junqueira, Ana Camila López, Ana Flávia, Márcio Andrade, Yuri Garcia, Zé Messias, sobretudo pelos papos depois das aulas nos barzinhos próximos à faculdade. E às amigas que me acolheram no Rio, em especial Yany Mendes e Liane Lago.

Ao professor Dr. Daniel Miller (UCL, Londres), por sua imensa boa vontade em responder a todos os meus e-mails com minhas indagações acerca do que era a etnografia digital e suas orientações e dicas que muito contribuíram para a montagem e, por fim, a feição metodológica no trabalho.

Aos amigos que muito pacientemente aceitaram ler a tese e pelas indicações e contribuições sinceras ao longo da pesquisa, em especial ao professor Dr. Gerson André Ferreira Albuquerque, Sandra Damasceno e Ana Camila.

Em especial, à minha família, meu querido pai, Raimundo Nonato (*in memoriam*), minha mãe, Laura Neves, e irmãs, Joce, Rosinha e Rosy, pela paciência e pelo distanciamento, sobretudo quando morei no Rio.

À Universidade Federal do Amazonas, campus de Parintins, pela concessão do afastamento para a dedicação total nesse período.

E, por fim, à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas, pelo financiamento da pesquisa, essencial ao processo para a concretização deste trabalho.

RESUMO

NEVES, Soriany Simas. **Wi-fi na Floresta**: uma comunidade rural amazônica em redes e as mudanças no espaço de sociabilidade, 2019. 195 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

A pesquisa, de natureza etnográfica, investigou as mudanças nos espaços de sociabilidade de Caburi, comunidade rural amazônica a cerca de 400 km de Manaus, no Estado brasileiro do Amazonas. O estudo pretendeu entender como ocorreu a interação nos espaços sociais dessa comunidade por meio de tecnologias digitais de wi-fi, a partir do funcionamento dessa tecnologia nos moldes das praças digitais na área urbana de Parintins, Amazonas. Trata-se de um espaço de “comunidade tradicional”, que desafia as dificuldades de conexão com a cidade, e com o próprio processo de reconhecimento deles como cidadãos brasileiros. A tese, como o tema sugere, é que dispositivos conectados a uma rede *wireless*, wi-fi, a internet na comunidade permitiu a reconfiguração da dinâmica de comunicação dos espaços de comunidades rurais mais próximas a áreas urbanas, modificando as formas de conexão das populações ribeirinhas com a cidade, ao mesmo tempo em que usam a internet para fortalecer o modo de vida e os relacionamentos tradicionais a fim de atender as suas demandas de coletividade. Outra importante constatação foi que essa nova condição do digital confere uma percepção do espaço da comunidade “como espaço de cidade” por seus moradores, principalmente jovens, face às possibilidades de comunicação com a cidade de Parintins, antes restritas à veiculação de avisos por rádios na área urbana. A hipótese é sustentada por meio de evidências de que moradores da referida comunidade passaram a trocar informações de utilidade pública, principalmente, por meio de grupos do aplicativo *WhatsApp*, canal por onde circulam agora as denúncias de pouco caso com questões públicas e também fatos da vida cotidiana. É pelo aplicativo que moradores tecem redes de fortalecimento para colaboração entre amigos e parentes na mobilização de ajuda mútua para a resolução de seus problemas. É por onde se pode ver parte da paisagem fragmentada e fluída da comunidade e é onde estão também em redes.

Palavras-chave: Comunidade rural. Amazonas. Redes digitais. Mídia social. Praças digitais.

ABSTRACT

NEVES, Soriany Simas. **Wifi in the forest**: an amazonian rural community in social media and the changes on the sociability spaces, 2019. 191 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

This ethnographic research investigates the changes in the sociability spaces of the amazonian rural community of Caburi, situated in a 400km distance of Manaus, in the brazilian state of Amazonas. The study intended to understand how the interaction in this community's social spaces happened by the means of WiFi technologies, and how they work in the “digital squares” (praças digitais) in the urban area of Parintins. It's a traditional rural brazilian community space, which challenges the difficulties of a connection with the city, and with the citizens' process of recognizing themselves as brazilians. The thesis suggestions, as a theme, how devices connected to wireless internet, the community's WiFi, allowed the resetting of the communication dynamics of the rural communities closer to urban areas, modifying the ways of connection of riverine communities with the city, at the same time that they use internet to stronger it's way of life and the traditional relationships to meet their collectivity requirements. Another important verification was that this new digital condition makes the citizens perceive the community's space as a “city space”, specially the younger ones, because of the possibilities of communicating with the city of Parintins, in other times restricted to the streaming of warnings by the radio in the urban area. The hypothesis is sustained by evidences that the citizens of this community started to exchange public information, mainly by WhatsApp groups, where now people report the failures of the government in the public sector, and also daily life facts. It is by this app that citizens make grids to enhance the collaboration between fiends and relatives to mutually help solving their problems. That's how it is possible to see the fragmented and fluid sight of the community, and it is where they are in they grids.

Key words: Rural Community. Amazon. Digital Grids. Social Media. Digital Squares.

RESUMEN

NEVES, Soriany Simas. **Wi-fi en la floresta**: una comunidad rural amazónica en redes y los cambios en el espacio de sociabilidad, 2019. 191 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

Esta pesquisa etnográfica investiga los cambios en los espacios de sociabilidad de la comunidad rural amazónica de Caburi, situada a 400km de distancia de Manaus, en el estado brasileño de Amazonas. El estudio intentó comprender cómo la interacción en los espacios sociales de esta comunidad se pasó por medio de tecnologías WiFi, y como funciona en las “plazas digitales”, en la área urbana de Parintins. És una comunidad rural tradicional de Brazil, la cual desafía las dificultades de una conexión con la ciudad, y el proceso de reconocimiento de los ciudadanos como brasileños. La thesis sugiere, como tema, como los dispositivos conectados por el WiFi de la comunidad permitieron el reajuste de la dinámica de comunicación de las comunidades rurales cercanas de áreas urbanas, modificando las formas de conexión con la ciudad por comunidades fluviales, al mismo tiempo que utilizan la internet para tornar más fuerte su modo de vida y relaciones tradicionales para satisfacer sus necesidades de colectividad. Otra importante conclusión fué que está nueva condición hace los ciudadanos percibir el espacio de la comunidad como un espacio de ciudad, especialmente los jóvenes, por cuenta de las posibilidades de comunicarse con la ciudad de Parintins, en el pasado restritas a transmisiones de advertencias por radio en el espacio urbano. La hipótesis es sostenida por evidencias de que los ciudadanos de esta comunidad empezaron a intercambiar informaciones de utilidad pública, principalmente en grupos de WhatsApp, donde denuncian también las fallas del gobierno en el sector público, y factos de la vida diária. És por este aplicativo que los ciudadanos hacen redes para reforzarse la colaboración entre amigos y parientes para ayudar mutuamente a solucionar sus problemas. Con esto es posible ver la vista fragmentada y fluida de la comunidad, y es donde ellos están en en sus redes.

Palabras clave: Comunidad Rural. Amazonas. Redes Digitales. Redes Sociales. Plazas Digitales.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Foto da lancha de destino à comunidade no Porto de Parintins	26
Figura 2 - Foto da vista de frente da comunidade	30
Figura 3 - Jovem acessando internet pelo celular conectado ao wi-fi público da comunidade	31
Figura 4 - Versão de avisos veiculados por populações ribeirinhas urbanas em rádios	44
Figura 5 - Versão de avisos veiculados por populações ribeirinhas urbanas em rádios	45
Figura 6 - Foto de barco-escola na comunidade do Caburi.....	47
Figura 7 - Foto da Igreja de São Sebastião.....	48
Figura 8 - Foto do Sistema de Voz na casa de um ribeirinho urbano	49
Figura 9 - Quiosque de venda de wi-fi.....	49
Figura 10 - Moradores acessando internet	50
Figura 11 - Foto de jovens à noite em frente à wi-fi da comunidade	51
Figura 12 - Foto de Craig Barrett na inauguração do modelo de "Cidade Digital"	71
Figura 13 - Foto da cidade ribeirinha de Parintins	72
Figura 14 - Ilustração da configuração das praças digitais na floresta	75
Figura 15 - Foto de jovem acessando internet na época do funcionamento das praças na área urbana	77
Figura 16 - Foto via satélite da comunidade amazônica do Caburi no <i>Google Earth</i>	80
Figura 17 - Foto via satélite da comunidade amazônica do Mocambo no <i>Google Earth</i>	81
Figura 18 - Foto da comunidade Monte Sinai	82
Figura 19 - Foto da equipe do provedor <i>Fox Net</i> na instalação de internet nas áreas de comunidades rurais	85
Figura 20 - Ribeirinhos urbanos na canoa mexendo no celular	87
Figura 21 - Foto da Escola Justiniano Pacheco, na comunidade de Nossa Senhora da Assunção	89
Figura 22 - Capa de identificação do grupo da comunidade no <i>WhatsApp</i>	94
Figura 23 - Capa de identificação do grupo do Boi-Bumbá Chamosinho	94
Figura 24 - Capa de identificação do grupo de uma família de um dos jovens interlocutores no <i>WhatsApp</i>	95
Figura 25 - Praça digital na comunidade do Caburi	98
Figura 26 - Postes de iluminação prestes a cair nas comunidades próximas ao Caburi	101
Figura 27 - Compartilhamentos de mensagens entre moradores sobre os postes de iluminação	102
Figura 28 - Compartilhamentos de mensagens entre moradores do modo como se articulam em comunidade.....	103
Figura 29 - Compartilhamentos de mensagens entre moradores do modo como se articulam em comunidade.....	103
Figura 30 - Compartilhamento de mensagem entre moradores em redes de ajuda mútua	104

Figura 31 - <i>Memes</i> compartilhados entre moradores no grupo de <i>WhatsApp</i>	105
Figura 32 - Foto de barco de pesca ilegal no Lago do Comprido, região da comunidade do Caburi, compartilhado entre os moradores no grupo de <i>WhatsApp</i> da comunidade.	106
Figura 33 - Foto de ação de pesca ilegal no Lago do Comprido compartilhado entre os moradores.....	106
Figura 34 - <i>Meme</i> compartilhado no grupo da comunidade.....	107
Figura 35 - Foto de cartaz de festa compartilhada no grupo da comunidade.....	108
Figura 36 - Propagandas compartilhadas no grupo de <i>WhatsApp</i>	108
Figura 37 - Notícias compartilhadas no grupo de <i>WhatsApp</i> do Boi-bumbá Charmosinho ..	109
Figura 38 - Avisos de ações de saúde pública compartilhados no grupo da comunidade de <i>WhatsApp</i>	109
Figura 39 - Avisos de entregas de títulos definitivos de terras compartilhados no grupo do Boi-bumbá Charmosinho	110
Figura 40 - Foto do dia de reinauguração do Porto da comunidade no grupo de <i>WhatsApp</i> .	110
Figura 41 - Foto do dia de reinauguração do Porto da comunidade no grupo de <i>WhatsApp</i> .	111
Figura 42 - Fotos de situações de insegurança compartilhadas no grupo de <i>WhatsApp</i>	111
Figura 43 - Comunicações compartilhadas no grupo de <i>WhatsApp</i> da comunidade.....	112
Figura 44 - Convocação para reunião na comunidade para discutir retirada do Banco Postal.....	113
Figura 45 - <i>Post</i> de vereador eleito pela comunidade em resposta aos moradores	113
Figura 46 - Foto compartilhada pelos moradores no grupo de <i>WhatsApp</i> da igreja evangélica.....	114
Figura 47 - Foto de ação social compartilhada pelos moradores	114
Figura 48 - Mensagens na forma de sermões compartilhadas pelos moradores	115
Figura 49 - Foto compartilhada de uma família ribeirinha urbana no grupo de <i>WhatsApp</i> da família de um jovem ribeirinho	116
Figura 50 - Foto compartilhada de uma família ribeirinha urbana no grupo de <i>WhatsApp</i> da família de um jovem ribeirinho	117
Figura 51 - <i>Meme</i> compartilhado por membros de uma família ribeirinha urbana no <i>WhatsApp</i>	118
Figura 52 - <i>Meme</i> compartilhado por membros de uma família ribeirinha urbana no grupo de <i>WhatsApp</i> da família de um jovem ribeirinho urbano.....	119
Figura 53 - <i>Meme</i> compartilhado por membros de uma família ribeirinha urbana no grupo de <i>WhatsApp</i> da família de um jovem ribeirinho urbano.....	120
Figura 54 - <i>Fake news</i> compartilhados sobre Mega-Sena	121
Figura 55 - <i>Fake news</i> compartilhados sobre Mega-Sena	122
Figura 56 - Jovens no espaço da wi-fi da comunidade	124
Figura 57 - Figura do ponto de internet de onde um jovem ribeirinho urbano teclava	127
Figura 58 - Jovem no espaço da wi-fi próximo à igreja.....	128

Figura 59 - Jovem ribeirinho urbano em performance por meio de <i>Snapchat</i>	129
Figura 60 - <i>Print</i> do <i>smartphone</i> de uma jovem ribeirinha sobre cursos on-line.....	130
Figura 62 - Foto da entrega de <i>tablets</i> aos jovens ribeirinhos urbanos.....	141
Figura 63 - Foto de contatos de mensagens que um jovem ribeirinho urbano recebia diariamente	142
Figura 64 - Foto de Arte da camisa do Boi-Bumbá Charmosinho da comunidade rural.....	143
Figura 65 - Foto de Quermesse realizada na comunidade em prol dos preparativos do Boi Charmosinho para 2019	144
Figura 66 - Foto de Jovens da Comunidade do Caburi em ensaio da batucada	144
Figura 67 - Foto de uma das idas à comunidade do Caburi	147
Figura 68 - O que mudou no seu cotidiano com o acesso à internet pelo celular?.....	178

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Cidade/Área rural.....	159
Gráfico 2 - Escolaridade.....	159
Gráfico 3 - Sexo.....	159
Gráfico 5 - Renda Familiar.....	160
Gráfico 6 - Qual modelo de celular você usa?	161
Gráfico 7 - Quais aplicativos você utiliza em suas conversas?	161
Gráfico 9 - Quando você acessa a internet, o que você procura?	163
Gráfico 10 - De onde você acessa a internet?.....	163
Gráfico 11 - Com qual frequência você acessa a internet?	164
Gráfico 12 - Quanto tempo você consegue ficar sem internet?.....	164
Gráfico 13 - Quais redes sociais você mais acessa?	165
Gráfico 14 - Com o acesso às redes sociais, você ainda ouve rádio?	165
Gráfico 15 - Com o acesso às redes sociais, você ainda vê tv?	165
Gráfico 16 - Atividades de interação na internet	166
Gráfico 17 - Sites mais acessados na internet	166
Gráfico 18 - Como você utiliza o seu celular no seu dia a dia?	167
Gráfico 19 - Uso do celular para manter contato com minha família e amigos	168
Gráfico 20 - Uso do celular para obter informações de produtos e lojas	168
Gráfico 21 - Uso do celular para acessar entretenimento como jogos.....	169
Gráfico 22 - Fornecimento de informações para compras futuras	169
Gráfico 23 - Leitura sobre termos de privacidade	170
Gráfico 24 - "O tipo de celular que eu uso revela muito sobre mim"	170
Gráfico 25 - "Eu não sei o que eu faria se eu perdesse meu celular"	171
Gráfico 26 - "O meu celular é parte de mim"	171
Gráfico 27 - "Telefones ajudam a simplificar minha vida"	172
Gráfico 28 - "Eu gosto de celular para bater papo com os amigos"	172
Gráfico 29 - "Frequentemente sou o primeiro a utilizar produtos inovadores"	173
Gráfico 30 - "Frequentemente sou o primeiro a utilizar produtos inovadores"	173
Gráfico 31 - "Eu utilizo <i>WhatsApp</i> para vender produtos e serviços"	174
Gráfico 32 - "A primeira coisa ao chegar a um lugar hoje é saber se posso me conectar à wi-fi"	174
Gráfico 33 - "Eu já compartilhei fotos e notícias para denunciar fatos sobre onde moro"	175
Gráfico 34 - "Como você define sua relação com o celular?"	175
Gráfico 36 - "Como você se sente habitando aqui com internet wi-fi?"	176
Gráfico 37 - "Como você se identifica enquanto jovem?"	177
Gráfico 38 - "O que você costuma fazer em momentos de lazer?"	177
Gráfico 39 - "A internet modificou sua forma de agir em suas tarefas diárias"	178

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Localização de Parintins.....	24
Mapa 2 - Comunidade do Caburi.....	25
Mapa 3 - Lagos do Caburi.....	25

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EAD	Educação à Distância
EJA	Educação de Jovens e Adultos
FAS	Fundação Amazonas Sustentável
IBGE	Instituto de Geografia e Estatística
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
PRODAM	Processamento de Dados S/A
RTN	Rádio Tribos do Norte
SEDUC	Secretaria de Estado da Educação do Amazonas
SEPLAN	Secretaria de Estado de Planejamento
SIPAM	Sistema de Proteção da Amazônia
SISU	Sistema de Seleção Unificada
SIVAM	Sistema de Vigilância da Amazônia
TAR	Teoria Ator-Rede
TICs	Tecnologias de Informação e Comunicação
UEA	Universidade Estadual do Amazonas
UFAM	Universidade Federal do Amazonas
UNICEF	Fundação das Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1 CABURI, UMA COMUNIDADE AMAZÔNICA NA SOCIEDADE EM REDE.....	29
1.1 A sociabilidade e o sentido de Comunidade em Charles Wagley em tempos fluidos	29
1.1.1 A Comunidade do Caburi.....	34
1.1.2 <u>Ribeirinhos urbanos amazônidas: cultura e sociabilidade</u>	35
1.1.3 <u>Espacialidade e temporalidades</u>	39
1.1.4 <u>O papel do Rádio e dos avisos na comunicabilidade ribeirinha</u>	43
1.1.5 <u>A Comunidade Off-line e o estar em rede da experiência comunicativa</u>	46
1.2 A Comunidade e o estar nas redes digitais.....	54
1.2.1 <u>A Comunidade On – A internet</u>	62
1.4 As formas comunicativas do habitar contemporâneas e as tecnologias digitais.....	64
2 DA IDEIA DE ALDEIA GLOBAL A UM <i>HOTSPOT</i> NA FLORESTA: CONDIÇÕES E CONTRADIÇÕES DOS PROCESSOS DE INTERNET NA AMAZÔNIA OCIDENTAL	68
2.1 Nas tessituras do Global: Parintins, um lugar entre muitas Amazôniaas	68
2.1.1 <u>A experiência de Praças Digitais em Parintins</u>	70
2.2 As praças como ambientes de mídia.....	73
2.3 Impactos do Projeto de Cidade Digital e a replicação da lógica para o rural	78
2.3.1 <u>A implantação de <i>hotspots</i> na floresta e as dificuldades</u>	83
2.4 Inclusão digital colaborativa	86
2.5 Novas ruralidades e as conexões com as tecnologias digitais na Comunidade do Caburi	87
3 ENTRE A BEIRA DO RIO E O SINAL DE WI-FI: TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM DA COMUNIDADE DO CABURI COM INTERNET	91
3.1 A sociabilidade com wi-fi na comunidade rural do Caburi.....	91
3.2 Wi-fi, praça digital da juventude na comunidade	98
3.3 Interações em mídias sociais.....	100
3.3.1 <u>Valores e moralidade em redes</u>	114
3.4 As trocas de mensagens em um grupo de família ribeirinha.....	116
3.4.1 <u>Compartilhamento de notícias falsas (<i>fake news</i>)</u>	121

3.5	Ritmos da Floresta e dinâmicas das tecnologias digitais	122
4	A INTERNET É O QUE NOS CONECTA E TORNA VISÍVEL: A RELAÇÃO DE JOVENS RIBEIRINHOS URBANOS DA COMUNIDADE RURAL DO CABURI COM A CIDADE DE PARINTINS	124
4.1	As relações entre tecnologias digitais e juventude	125
4.2	As conexões com e na a cidade	131
4.3	Interação mediada pelo celular	134
4.4	Lugar, subjetividade e espaços de identidade	138
	CONSIDERAÇÕES FINAIS: E A FLORESTA NESTA PARTE DA AMAZONIA SE DIGITALIZOU	146
	REFERÊNCIAS	150
	APÊNDICE A - A vida mediada por dispositivos móveis	158
	APÊNDICE B - Entrevista semiestruturada com a empresa prodam – processamento de dados do Amazonas S/A	180
	APÊNDICE C - Roteiro de entrevista semiestruturada com os jovens	181
	APÊNDICE D - Roteiro de entrevista semiestruturada com moradores	182
	APÊNDICE E - Roteiro de entrevista semiestruturada com o coordenador de mediação tecnológica em Parintins	183
	APÊNDICE F - Roteiro com perguntas da sondagem realizada em 100 casas na comunidade do Caburi	184
	ANEXO A - Dados do projeto de cidade digital em Parintins	185
	ANEXO B - Dados da secretaria assistência social de Parintins - SEMAST	187
	ANEXO C - Autorização do presidente da comunidade de pesquisa	188
	ANEXO D - Documento do IBGE sobre dados demográficos na comunidade do Caburi	189
	ANEXO E - Documento da escola estadual do Caburi sobre o projeto de mediação tecnológica	190
	ANEXO F - Termo de consentimento livre e esclarecido	191

INTRODUÇÃO

Muitas visões e imagens que se fazem de comunidades rurais na Amazônia, ainda, hoje, costumam estar associadas à ideia de comunidades isoladas e com baixa interação com as cidades amazônicas. Por muito tempo essa ideia perdurou por estar atrelada também a uma visão homogênea da Amazônia, reduzida apenas ao seu estatuto de natureza.

Mas a realidade faz-se mais complexa e, à medida que os processos globais de ocupação e urbanização chegam aos espaços de cidades e comunidades, os modos de vida e de sociabilidades tendem a ser modificados na interface com novos elementos oriundos de tais dinâmicas.

A experiência de mediação tecnológica a partir do Projeto de Cidade Digital implantado na Amazônia Ocidental no município de Parintins (AM), a 350 km de Manaus por via fluvial, com o funcionamento de wi-fi em praças públicas no Amazonas, para incluir a cidade dentro dos processos globais na dita “sociedade da informação”, é um exemplo de mudanças que vêm reconfigurar e redimensionar os espaços de comunidades rurais que servem de entreposto e de ligação entre cidade, campo e floresta.

A iniciativa inaugurou a criação de territórios informacionais¹ em uma cidade onde, até então, o acesso à internet se dava de forma restrita por provedores locais por meio de radiofrequência, ou acesso discado. A cidade figura como um dos primeiros municípios do Brasil, juntamente com outras cidades², que teve experiência com a implantação de tecnologias sem fio pela prefeitura e iniciativa privada.

É sobre essas transformações e repercussões oriundas do projeto de Cidade Digital e incorporadas para o espaço de sociabilidade de uma comunidade rural amazônica a partir da interação por meio de tecnologias digitais de wi-fi, especialmente por populações jovens, que versa esta pesquisa. Trata-se de um espaço de “comunidade tradicional”, que desafia as dificuldades de conexão com a cidade, e com o próprio processo de reconhecimento deles como cidadãos brasileiros.

Em um plano maior, na Amazônia, tais transformações são emblemáticas, tendo em vista que a dificuldade de conexão por meio do espaço físico sempre foi um dos desafios

¹ Termo utilizado por Lemos (2004), que demarca a criação de espaços de acesso à internet, de desterritorialização e territorialização.

² Os outros municípios que também participaram dessa experiência foram: Pirai, Rio das Flores e Quissamã, no Rio de Janeiro; Ouro Preto, Alterosa e Tiradentes, em Minas Gerais; e Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Essas cidades, mesmo com dificuldades regulatórias, financeiras e tecnológicas para implantar suas redes Wi-Fi, WiMAX e pré-WiMAX, Mesh, constataram melhoria de indicadores sociais, educacionais e econômicos.

enfrentados na mobilidade no território Amazônico³. Podemos recorrer à época da *Belle Époque*, no século XIX, época áurea do ciclo econômico da borracha, em que cidades da Amazônia, como Manaus (AM) e Belém (PA), assistiram a um súbito desenvolvimento econômico, com a construção de grandes empreendimentos arquitetônicos como Teatro Amazonas, em Manaus, e com a implantação de equipamentos modernos de geração de energia e comunicações instalados primeiro do que em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo (NOGUEIRA, 1999, p. 33). Nessa época, a Amazônia alargou sua mobilidade espacial e informacional com o mundo pré-industrializado.

A ideia de pesquisa se deu inicialmente da observação do contexto de inserção dos municípios do Amazonas, em especial em Parintins, na era das tecnologias digitais móveis a partir da reativação e de novo sentido e função conferida aos espaços físicos, neste caso às praças, as quais, neste ínterim, se configuraram como praças digitais e assumiram papel de locais de sociabilidades emergentes mediadas por celulares, o que fez delas atrativos para o fortalecimento e feição das interações sociais na contemporaneidade. A partir dessa experiência em Parintins, temos notícias da replicação da criação desses espaços com wi-fi em outras cidades próximas, como é o caso de Juruti, no Pará, e da comunidade rural do Caburi⁴, no Amazonas, onde, por meio da iniciativa de operadoras de internet na zona rural do município de Parintins, é possível acessar internet de vários pontos com wi-fi.

Não obstante, o cenário em que as praças se constituíram como ambientes de mídia, na zona urbana de Parintins, sofreu transformações no acesso por seus habitantes, principalmente por populações jovens, pois em minhas idas a campo e por meio de um questionário on-line⁵, atestei que atualmente o local em que eles mais acessam a internet é majoritariamente de suas casas. Por outro lado, essa realidade no município criou a expansão dessa lógica de acesso à internet por wi-fi para os ambientes de comunidades rurais, que, até então, sequer passaram pelo sistema de telefonia fixa completamente.

Foi exatamente em 2016, no levantamento das condições do campo e do funcionamento das praças com wi-fi na área urbana de Parintins, que começava a se estabilizar enquanto acontecimento, que soube, por meio de um professor que lecionava à época na comunidade rural do Caburi, que o único meio de comunicação na comunidade era a

³ A comunicação, não sendo por via marítima ou fluvial, só atingiu a Amazônia no final do século XIX ou meados do início do século XX, quando da implantação de radiotelegráficas nas capitais (DJALMA BATISTA, 2007, p. 339).

⁴ A Agrovila São Sebastião do Caburi de Parintins está localizada na Microrregião de Parintins, no Estado do Amazonas (AM), Brasil. As coordenadas de satélite da localidade são: latitude 2°38'15"S e longitude 56°43'46"W.

⁵ Disponível no endereço: <https://docs.google.com/forms/d/1d-88-ujL1ThfBtwYCDJ90LXSadeFmePVH7oJh-1cxdY/edit#responses>.

internet. Despertada a minha curiosidade para saber como se dava essa dinâmica em uma comunidade rural no Amazonas, fiz uma viagem até a localidade, a qual possibilitou meu encontro com uma comunidade rural amazônica em redes.

Naquele momento, meu olhar foi de total estranhamento, pois, embora more nessa porção da Amazônia, mais precisamente em Parintins desde que nasci, e me considere amazônida, deparei-me com um lugar de fisionomia urbano-rural, em que o intercâmbio com o espaço urbano, agora, tornava-se muito mais contínuo, dada a existência na comunidade rural de “*lan-houses*” que vendiam acesso de wi-fi, e em que alguns espaços ao ar livre imitavam a dinâmica da área urbana da cidade com as praças digitais. Naquela ocasião, constatei também que os jovens se aglomeravam em determinados horários do dia para interagir com os habitantes da área urbana de Parintins, distantes, a 60 km por via fluvial. Outra observação realizada no local foi que esses novos espaços de sociabilidades comandados pela wi-fi pareciam gerar uma dinâmica que determinava em certo sentido os pontos de maior interação na comunidade.

Diante do exposto, estava diante de uma realidade de ampliação da mobilidade física e informacional nesse espaço da comunidade e ao mesmo tempo um contexto urbano-rural⁶, em que se tem a predominância de tecnologias, como é o caso de alto-falantes, chamados na região do município de Parintins de “voz comunitária”, atuando no mesmo espaço das tecnologias de wi-fi.

De posse de tais questões, a pesquisa teve como objetivo principal investigar as alterações na dinâmica de sociabilidade da comunidade rural a partir da mediação tecnológica de dispositivos móveis (celulares e sistemas de wi-fi) conectados principalmente em ambientes físicos na comunidade rural do Caburi, localizada a 60 km do município de Parintins, no Amazonas, no intento de compreender como jovens urbanos ribeirinhos⁷ nessa comunidade articulam sua experiência social, face à mediação tecnológica da wi-fi existente na localidade, lugar onde ainda é possível ter experiência com outras mídias da ordem da oralidade (sistemas de alto-falantes), em que os ritmos e o ambiente dos moradores estão articulados pela dinâmica da floresta.

Dessa forma, pergunta-se: em que medida e por quais aspectos essa tecnologia, wi-fi, redimensiona e reconfigura os usos e sentidos de habitar o espaço da comunidade rural? Tanto nas interações sociais cotidianas no âmbito de suas relações familiares (no círculo pessoal de

⁶ Na Amazônia, em que pesem as distâncias e o acesso fluvial para muitas comunidades rurais, o campo e a cidade estão conectados, e existem algumas singularidades próprias nessa relação dos habitantes com esses espaços. Essa realidade será melhor contextualizada no Capítulo 1.

⁷ Habitantes de contextos que conjugam o urbano e o rural em suas características.

amigos da família, empreendido e firmados na esfera da vida off-line), quanto às relações e às articulações com a cidade, possibilitadas agora com as conexões que eles fazem com seus amigos de áreas urbanas.

Dado o cenário da contemporaneidade em que ambientes físicos, natureza, pessoas e artefatos de mídias estão mais visivelmente em interação, a pesquisa tem como uma das diretrizes o conceito de mídia como formas de infraestrutura e formas de vida, desenvolvido na obra *“The Marvelous Clouds”*, por Peters (2015), estudioso e historiador de mídia, da Universidade de Yale (Estados Unidos), momento em que ele acredita que os dispositivos digitais móveis (celulares, wi-fi) nos convidam a pensar a mídia como ambiental, como parte de um habitat. Ele defende e explora em seus postulados a relação entre mídia e natureza e empreende uma filosofia de mídia elementar. Para ele, por esse viés, “o conceito de mídia se torna relevante no momento que “nosso ambiente mais difundido é tecnológico e natural”⁸ (PETERS, 2015, p. 2, *tradução nossa*).

Em sua obra, o autor defende que a mídia não é apenas entendida como canais e mensagens, mas fundamentalmente como “nossas infraestruturas de ser, os habitats e materiais através dos quais atuamos e somos. Isso lhe dá importância ecológica, ética e existencial”⁹ (PETERS, 2015, p. 15, *tradução nossa*). Tal perspectiva se coaduna com minha abordagem, uma vez que estou partindo da ideia de ambientes de comunidades rurais no Amazonas mediados por tecnologias de wi-fi que se caracterizam como ambientes de mídia. Essa configuração coloca em interação de forma mais explícita ambientes físicos, tecnologias e humanos nesse lugar, nas palavras de Peters: “[...] É impossível hoje dizer se o ciclo do nitrogênio ou a internet é mais crucial para o planeta [...] acredito que podemos aprender com a assertiva que a mídia é natural e cultural [...]” (PETERS, 2015, p. 3, *tradução nossa*)¹⁰.

Em paralelo a esse autor, articularei as ideias de McLuhan, em *“Understanding media”* (2007 [1964]), e na obra *“A galáxia de Gutemberg”* (1972), em que assinala a reconfiguração das culturas com a introdução da escrita e o deslocamento das formas de percepção com o advento dos meios eletrônicos. Outras pistas lançadas por McLuhan são as formas de percepção de um mundo eminentemente visual de culturas do ocidente, imersos em uma tecnologia visual, de tempo e espaço uniforme; em contraposição ao de culturas

⁸ No original: *“The elemental legacy of the media concept is fully relevant in a time when our most pervasive surrounding environment technological and nature”* (PETERS, 2015, p. 2).

⁹ No original: *“Media are our infrastructures of being, the habitats and materials through which we act and are. This gives them ecological, ethical, and existential import”* (PETERS, 2015, p. 15).

¹⁰ No original: *“In a time when it is impossible to say whether the nitrogen cycle or the Internet is more crucial to the planet’s maintenance, I believe we can learn much from a judicious synthesis, difficult though it be, of media understood as both natural and cultural”* (PETERS, 2015, p. 3).

africanas, de um mundo do som, mais carregado de importância pessoal e direta, com forte predominância da palavra oral.

Tal ideia nos permite pensar sobre as formas de percepção de culturas ribeirinhas em comunidades rurais no Amazonas, como é o caso do Caburi, à medida que os habitantes atuam num mundo com tais características de culturas orais, descritas por McLuhan, e ao mesmo tempo experimentam agora a mediação com tecnologias digitais. Em conjunto com esse autor, atualizarei essas ideias com Pereira (2012), acerca dos conceitos de ambiente midiático e arranjos midiáticos, que surgem a partir da necessidade de os meios atuais, dada a natureza do digital, de se interligarem com outras mídias e formarem uma espécie de cadeia de mídia de artefatos tecnológicos.

É assim que estamos compreendendo tais ambientes na Amazônia, sejam localizados na área urbana da cidade, quando as praças tornaram-se ambientes de mídia, com o projeto Cidade Digital em 2006 em Parintins, seja na replicação disso para a área de comunidades rurais, como é o caso da comunidade rural do Caburi.

Em um plano geral, interessa descrever e problematizar uma realidade espaço-temporal de comunidades rurais, por exemplo, em que o espaço e tempo são marcados por várias temporalidades que nos remetem a uma relação maior com a natureza, mas que, por outro lado, já foram afetados por processos da modernidade¹¹ na relação que a comunidade rural tem com a cidade de Parintins.

Para tanto, é necessário compreender a mediação tecnológica entre os agentes neste espaço complexo, tanto por meio de suas práticas sociais e comunicacionais de moradores, na forma de habitar o espaço da comunidade rural na sua relação com a cidade, agora ampliada com a internet por wi-fi. Dessa forma, é conveniente perguntar-se:

1. Em que medida a sociabilidade na comunidade rural do Caburi é modificada na sua relação e atuação com os novos espaços de sociabilidades oriundos da dinâmica da wi-fi?
2. Como a criação de espaços de internet em espaços públicos (pontos ao ar livre) reorganiza a comunidade rural, as relações interpessoais e o modo de consumo dos meios tradicionais nessa localidade?
3. Como mídias mais tradicionais, como o sistema de alto-falante (voz comunitária), existentes na comunidade do Caburi são articulados com a internet nesses espaços?

¹¹ Tais processos se referem às peculiaridades e a algumas apropriações do modo de vida do urbano, detalhados no Capítulo 2.

4. Como o projeto de Cidade Digital em Parintins influenciou a incorporação da dinâmica da wi-fi no espaço da comunidade do Caburi?
5. Em que medida as tecnologias digitais estariam modificando ou produzindo temporalidades outras nesses espaços, como em Parintins, no Amazonas?

De ordem do exposto, a pesquisa divide-se em 4 capítulos, tendo como foco as abordagens tecnológica, espaço-temporal e sociocultural, perspectivas que serão articuladas no decorrer do texto. Na perspectiva tecnológica, investigarei os usos, as afetações e os significados atribuídos aos dispositivos (celular acoplado à wi-fi, ou arranjo midiático¹²): à perspectiva espaço-temporal contemplará a experiência de morar na comunidade rural, no que se refere às representações sociais que fazem do espaço da comunidade rural em relação à cidade de Parintins; e quanto à perspectiva sociocultural, serão investigados aspectos acerca das relações com a família e das relações sociais dentro e fora da comunidade, bem como o cotidiano em relação ao entretenimento, ou seja, como eles gastam o tempo livre.

O primeiro capítulo abordará o conceito de sociabilidade e o sentido de Comunidade em Charles Wagley (1976), antropólogo americano, um dos primeiros a estudar os espaços de vivência da cultura ribeirinha na Amazônia, com a obra “Uma comunidade amazônica, um estudo do homem nos trópicos”, para contextualizar a cultura e os viveres dessas populações no Baixo Amazonas. Essa obra possibilitará posicionar o contexto da pesquisa na Amazônia, no sentido de relacionar e atualizar o contexto de mudanças pelas quais passam comunidades urbano-rurais na contemporaneidade, como é o caso do Caburi, que se insere nos processos globais da sociedade em rede. Para tanto, irei pôr em diálogo autores contemporâneos da cultura amazônica, como Godim (2007), Fraxe (2004), Oliveira (2006) e Trindade Júnior (2011; 2015), que discutem a relação dos amazônidas com o seu ambiente e as dinâmicas das cidades e dos espaços na Amazônia.

Após a contextualização da comunidade amazônica em Wagley (1976), ainda nesse primeiro capítulo farei uma discussão de Comunidade em Bauman (1999; 2003), para situar o conceito dentro dos processos globais. Em seguida articularei as formas comunicativas de habitar com Di Felice (2009), com a obra “Paisagens Pós-urbanas”, que problematiza a relação entre sujeito e o ambiente como uma relação comunicativa, o que conseqüentemente implica pensar o processo progressivo de eletrificação e informatização do território. Nessa discussão, ele defende que a tecnologia midiática, neste caso as tecnologias digitais, deixam

¹² Conceito utilizado por Pereira (2012), desenvolvido no Capítulo 2.

de ser “extensão de sentidos” para se tornarem propiciadoras de sociabilidade e de forma de habitar. Nessa seção ainda, apresentarei o conceito de rede em Latour (2013), na sua obra “*Inquiry into Modes of Existence*” – “Uma enquete sobre os modos de existência”, em que se discute a relação com a técnica a partir de agenciamentos, à medida que as coisas também nos afetam e vice-versa. O conceito irá subsidiar a compreensão dos agenciamentos das redes sociotécnicas que se fazem na comunidade do Caburi.

Outras perspectivas que acrescentam à discussão partem do estudo empreendido por Miller e Slater (2001), que traz uma visão das relações entre tecnologia e contexto, quando discutem como Trinidad, país da América Central, se apropriou da internet, onde é possível compreender alguns protocolos importantes para não cair em dualismo, como a noção de virtualidade, por exemplo, que coloca ou faz da internet algo etéreo, como uma outra vida, muito difundida pela literatura da área nos anos 90.

O segundo capítulo, intitulado “Da aldeia Global a um *hotspot* na Floresta: condições e contradições dos processos de internet na Amazônia Ocidental”, deu cabo de um apanhado da experiência de mediação tecnológica do projeto de Cidade Digital, ocorrido em Parintins em 2006, a fim de compreendermos as relações que se fazem entre a cidade e a comunidade rural, bem como a incorporação da lógica para o espaço do Caburi.

No terceiro capítulo, intitulado “Entre a beira do rio e o sinal de wi-fi: transformações da paisagem da comunidade amazônica do Caburi”, descreverei o espaço da comunidade e os processos de sociabilidades que se fazem no espaço da wi-fi por meio de mídias sociais.

E no último capítulo, realizo uma discussão sobre as relações entre tecnologia e juventude na comunidade rural do Caburi, com foco no entendimento do que é a relação deles com a internet e com os dispositivos móveis, *smartphones*, e o sentido de estar conectado nesse espaço.

A abordagem metodológica da pesquisa é etnográfica. Tal abordagem permitiu compreender os impactos de tecnologias digitais e dos espaços da wi-fi nessa comunidade para além do que ocorre no on-line, com o pressuposto da mídia de internet como contínua e incorporada em outros espaços sociais. Desta feita, empreendemos uma fase exploratória com o emprego de algumas técnicas de mapeamento do campo (observação participante na cidade de Parintins e na área rural do Caburi, entrevistas com jovens em ambientes de praças com

wi-fi, inquérito on-line¹³, interação com jovens por meio de redes sociais e sistemas de conversação on-line).

Ao olhar para essa realidade, e a fim de mapear essa complexa cadeia que temos entre humanos, natureza, artefatos de mídia, ambientes físicos e temporalidades na Amazônia, realizei minha primeira investigação empírica na área urbana da cidade de Parintins no mês de julho de 2016, em dois dias da semana, em duas praças com acesso à wi-fi, a Praça da Liberdade e a Praça dos Bois, localizadas no centro da cidade. A outra incursão em campo foi no mês de fevereiro do mesmo ano na comunidade rural do Caburi, no Amazonas, e, ao longo do ano de 2017, realizei mais uma viagem a essa comunidade rural para o acompanhamento de mudanças e de outras dinâmicas em curso engendradas pela tecnologia de wi-fi.

Na primeira investigação empírica foram realizadas entrevistas com 10 jovens frequentadores das praças com wi-fi na cidade; na segunda, realizei uma ida a campo à comunidade rural (Caburi) para averiguar o uso de wi-fi em vários pontos da comunidade e a forma como os jovens utilizavam e como a comunidade rural está articulada a essa dinâmica. Na terceira, elaborei e apliquei um questionário on-line com jovens, por meio do laboratório de Fotojornalismo da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e em uma *lan house* na cidade de Parintins, e também por meio de mídias sociais com os jovens da localidade, a fim de compreender suas práticas comunicacionais e de mídias móveis na internet, bem como formas possíveis de apropriação com os aparatos digitais.

Em uma última fase da pesquisa, realizei uma sondagem em 100 casas na comunidade amazônica do Caburi a fim de verificar quais meios de comunicação e dispositivos móveis as famílias possuíam e, por fim, entrevistas em profundidade com jovens ribeirinhos urbanos, tanto os que moravam na comunidade amazônica, como também aqueles que mudaram recentemente para a área urbana, mas que mantinham uma relação de idas e vindas com o espaço da comunidade. A estratégia foi exatamente investigar as dimensões propostas (tecnológica, espaço-temporal, sociocultural), a fim de fazer comparações acerca dos agenciamentos e mudanças na relação com a tecnologia de wi-fi naquele espaço.

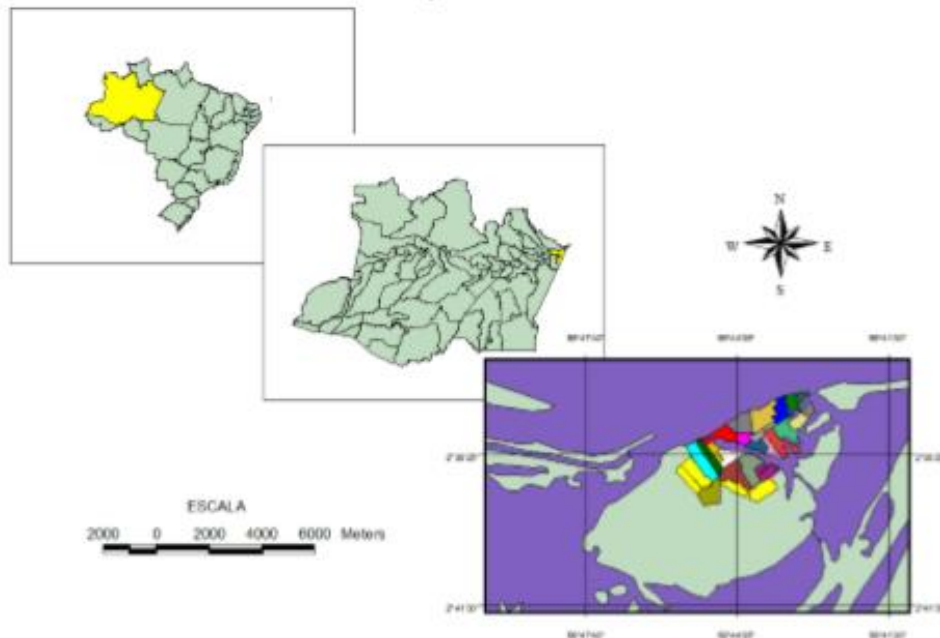
No total de entrevistas em profundidade, entrevistei 22 pessoas durante a investigação, dentre as quais 16 foram jovens ribeirinhos urbanos e demais pessoas que assistiram e participaram mais diretamente dos processos da inserção e mediação das comunidades ribeirinhas com as tecnologias digitais.

¹³ Os resultados desse inquérito on-line foram apresentados no 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado em Curitiba (PR), de 04 a 09/09/2017. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2197-1.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2017.

Mapas de viagem: idas e vindas em um campo híbrido e o encontro da pesquisadora com o objeto de pesquisa

O trajeto de pesquisa se constituiu na relação entre a área urbana de Parintins e a comunidade rural do Caburi. O município de Parintins situa-se na região do Baixo Amazonas, no estado do Amazonas, como mostra o Mapa 1. Faz limite ao norte com o município de Nhamundá; ao sul com o município de Barreirinha; ao leste com o estado do Pará e a oeste com o município de Uricurituba.

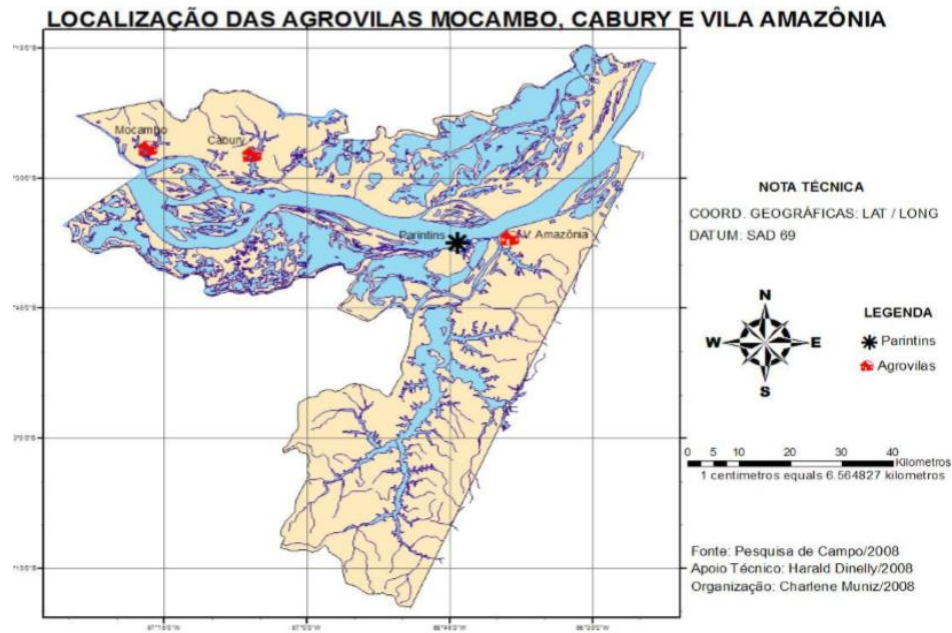
Mapa 1 - Localização de Parintins



Fonte: Souza, 2013.

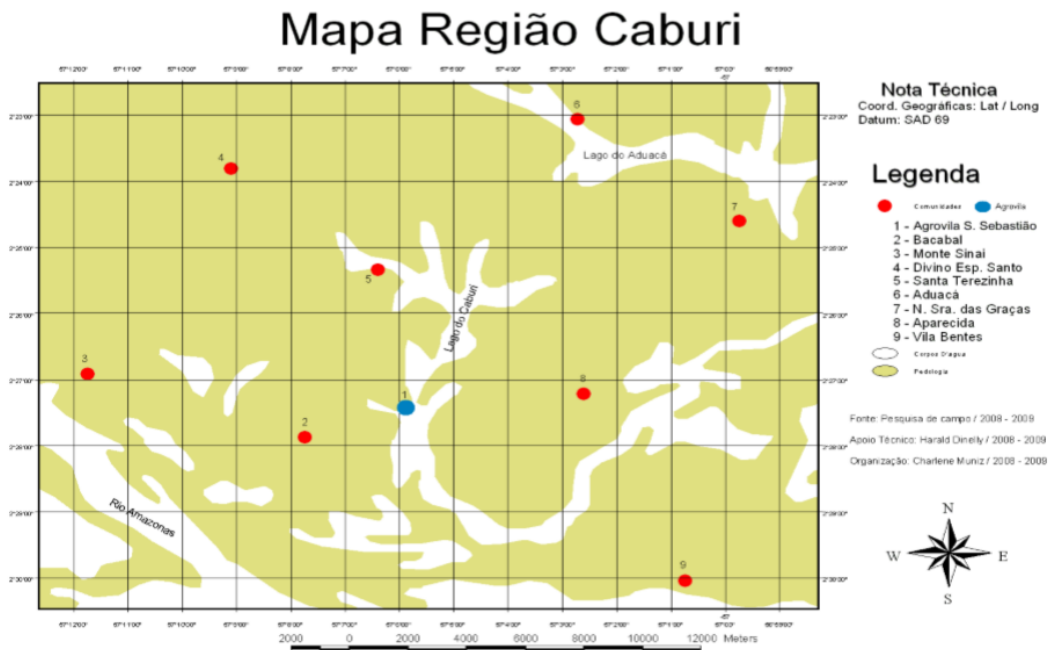
A comunidade amazônica do Caburi está localizada a 60 km por via fluvial do município de Parintins, conforme mostram os mapas 2 e 3. É definida como área rural, e possui 4.821 habitantes de acordo com último censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A comunidade é uma agrovila e pertence ao município de Parintins.

Mapa 2 - Comunidade do Caburi



Fonte: Silva, 2009.

Mapa 3 - Lagos do Caburi



Fonte: Silva, 2009.

O acesso à comunidade se dá normalmente por meio de embarcações pequenas, dos tipos barcos e lanchas, estas com capacidade para até 30 pessoas, aproximadamente, com duração de cerca de 1h30min de viagem. E o deslocamento da cidade à comunidade do Caburi pode ser feito todos os dias da semana, a partir do porto fluvial da cidade de Parintins.

Figura 1 - Foto da lancha de destino à comunidade no Porto de Parintins



Fonte: Pesquisa de Campo, 2018.

Tendo em vista uma realidade marcada pela dinâmica entre o urbano e rural, em que os jovens da comunidade do Caburi têm um trânsito constante para a área urbana de Parintins, quando vão realizar uma série de atividades e serviços, tais como cursos em faculdades presenciais, ou à distância, serviços bancários, ou mesmo utilizar-se de serviços de saúde, o que possibilita que eles tenham contatos com realidades espaço-temporais diferentes, também tomei esse trânsito como estratégia de pesquisa, o que me permitiu fazer a experiência do percurso que os jovens e moradores da comunidade rural fazem periodicamente.

De um lado, o acesso à cidade com uma gama de infraestrutura a faculdades, maior concentração populacional, tráfego maior de trânsito; de outro, a realidade da comunidade rural, que, embora tenha uma fisionomia urbana em alguns de seus aspectos, a própria localização e o menor contingente populacional conferem a ela dinâmica particular. Tais fatores também caracterizaram nosso movimento entre idas e vindas entre a cidade e o campo.

As viagens se deram no período de 2016 e 2018, tempo em que foi possível rastrear a incorporação da lógica de mediação tecnológica da wi-fi em funcionamento da área urbana para a comunidade do Caburi. À medida que a imersão nesse campo movente ganhava novas camadas no aprofundamento das relações que se estabeleciam em contatos contínuos com jovens e moradores da comunidade tanto em observações presenciais *in loco* na comunidade,

quanto por meio de mídias sociais (on-line), mais aumentavam as evidências do meu encontro com uma comunidade amazônica em redes.

As viagens à comunidade guardaram experiências diferentes a cada contato. As primeiras, no ano de 2016, foram apenas pontuais, o que permitiu apenas algumas conversas superficiais com moradores e observações mais gerais do acesso à internet. Em um segundo momento da etnografia, estabeleci vínculos com alguns moradores, permitindo diálogos constantes dentro e fora da comunidade.

A etnografia propriamente dita compreendeu o ano de 2018, em que realizei viagens à comunidade e acompanhamentos de alguns jovens na sua relação com a cidade de Parintins a partir agora das tecnologias digitais móveis. A abordagem metodológica etnográfica foi mais adequada à medida que pressupõe a imersão no universo da cultura pesquisada e se utiliza da observação participante para investigar as diferenças entre o que as pessoas dizem fazer e o que elas fazem realmente (BOELLSTORFF, 2012, p. 54). A pesquisa se norteou pelos pressupostos metodológicos da etnografia digital, idealizada e aplicada por Miller (2016) em recentes pesquisas empreendidas para investigar o impacto de tecnologias de internet e uso de mídias sociais em uma pesquisa etnográfica comparada, realizada em 9 países.

A etnografia digital não entende de forma dualista a relação real/virtual, tanto que os termos empregados são *on-line* e *off-line*. O olhar do pesquisador ou pesquisadora deve estar orientado a compreender as atividades *on-line* do grupo estudado no contexto de sua vida *off-line*, incluindo suas relações sociais, trabalho, entretenimento e crenças. Para tanto, fui adicionada a 4 grupos de *WhatsApp* da comunidade a saber: Grupo Distrito Caburi, Boi Bumbá Chamosinho, Família Santarém, e, por último, em um grupo de uma igreja evangélica. Ressalto que, por questões éticas, tomei como prerrogativa o anonimato de todos os jovens e moradores que participaram da pesquisa, ocultando suas identidades originais, assim como as suas imagens compartilhadas e utilizadas no trabalho.

Para subsidiar a pesquisa, utilizei as etnografias realizadas pelos pesquisadores do grupo de Miller (2016) como parâmetro da etnografia na comunidade rural do Caburi. Dentre essas etnografias, tomei como base a etnografia de McDonald (2016), realizada em uma vila rural na China, em que o autor descreve o contexto de transformações de como o uso de internet e mídias sociais incide sobre a vida das pessoas naquela comunidade em vários aspectos, bem como nas relações familiares, no trabalho, e sobre suas crenças. Outro estudo que tomei como parâmetro foi o trabalho de Spyer (2017), uma etnografia sobre uma cidade com características urbano-rurais no estado da Bahia. Essa etnografia trata sobre o impacto

dos usos de mídias sociais por brasileiros de baixa renda e como esse segmento da população naquele lugar específico foi responsável por sua própria inclusão digital.

As estratégias, como requer a etnografia, envolveram conversas e encontros na comunidade, como também um envolvimento mais imersivo na relação com as pessoas da comunidade. À medida que me tornei amiga de alguns deles, foi possível aprofundar os laços de amizade, o que muitas vezes significou atuar como uma espécie de “alguém de confiança” na cidade para o ofício de pegar encomendas que vinham de Manaus para Parintins e enviar para a comunidade rural do Caburi, dar auxílio em caronas quando estavam na “cidade” – área urbana de Parintins –, assim como também dar apoio para uma rede de colaboração de ajuda mútua empreendida algumas vezes para ajudar algum morador com alguma dificuldade.

À primeira vista, para quem não está inscrito na dinâmica desse universo, mais habituado à área eminentemente urbana, em que as relações tendem a ser mais individualistas, poderia soar como algo invasivo, entretanto, a mensagem dos meus novos amigos era de que o meu trabalho também implicava entrar para a dinâmica do que é ser comunidade.

1 CABURI, UMA COMUNIDADE AMAZÔNICA NA SOCIEDADE EM REDE

Qualquer invenção ou tecnologia é uma extensão ou auto-amputação de nosso corpo, e essa extensão exige novas relações e equilíbrios entre os demais órgãos e extensões do corpo. [...] Mas o efeito do ingresso da imagem da televisão variará de cultura a cultura, dependente de relações sensoriais existente em cada cultura.

Marshal McLuhan

1.1 A sociabilidade e o sentido de Comunidade em Charles Wagley em tempos fluidos

Quando Charles Wagley em seu estudo antropológico descreveu uma comunidade amazônica no início do século XX na região do Baixo Amazonas, ele quis fazer dela uma autêntica comunidade como expressão do modo de vida e da realidade social e econômica da maioria das comunidades da região por justamente ser um retrato das tendências e da catástrofe social de ocupação e dos modelos desenvolvimentistas impostos à Amazônia Brasileira.

A comunidade onde Wagley viveu e desenvolveu seus estudos – Itá, como a nomeou de forma fictícia – bem como suas características, por ele definidas como um lugar pobre, sem indústria, isolado, sobretudo após o declínio do ciclo da borracha e consequente abandono, faziam dela um “estudo de caso” exemplar para conferir certa particularidade aos problemas da região.

Podemos dizer que algumas características de organização e infraestrutura urbanística, como a disposição de casas, as ruas e a integração com o porto, bem como a ausência em grande medida do poder público nessas localidades, ainda encontram eco na moldura da realidade descrita pelo antropólogo naquela época. Em contrapartida, tomarei a obra de Wagley para estabelecer algumas semelhanças, resquícios, elos de ligação, se é que há desse tempo, a fim de nos aproximarmos do que é hoje uma comunidade rural amazônica em redes.

É mera coincidência que a comunidade rural amazônica do Caburi, contexto deste estudo, também esteja situada na região do Baixo Amazonas. Assim como na comunidade amazônica de Wagley, onde se destacava do fundo verde-escuro da vegetação, nítida e colorida, a igreja, na comunidade do Caburi, esse é também o primeiro prédio que desponta na paisagem do lugar. Em seguida, na descrição de Wagley, o segundo edifício era a Prefeitura, seguido de uma fila de casas baixas, pintadas de cores claras de frente para o rio.

Havia também um trapiche municipal construído de estacas sobre o rio, afixado à terra por uma longa prancha, nas palavras do autor: “[...] Assim vista do rio, a cidade parece um quadro emoldurado pela folhagem verde-escura das mangueiras enormes e das palmeiras que lhe guarnecem as beiras” (WAGLEY, 1976, p. 45).

Na comunidade do Caburi, além de a igreja ser ainda o prédio principal, um lugar que ganha cada vez mais um nível de importância social na comunidade é o espaço do Mercado, onde agora existe uma wi-fi gratuita e onde as pessoas, além de irem comprar algum alimento, como peixe, carne, verduras, podem acessar a internet e se comunicar com as pessoas de dentro e de fora da comunidade.

Figura 2 - Foto da vista de frente da comunidade



Fonte: Pesquisa de Campo, 2018.

A ação de caminhar na comunidade sofreu mudanças com a introdução da wi-fi. Os passos agora sensíveis aos dispositivos de quem porta um celular e passa pelos arredores do mercado e parte da frente da Igreja é interrompido pelo sensor do celular, espaço que agora também funciona como praça digital. Pela ação do barulho do som do celular, sou avisada das notificações de mensagens pelos aplicativos de conversação on-line no encontro com uma rede wi-fi gratuita. A descrição desse cotidiano é uma das ações que as tecnologias digitais exercem sobre o nosso agir na contemporaneidade, e é também a experiência de mediação

tecnológica que algumas comunidades rurais na Amazônia começam a experimentar no seu cotidiano.

A imagem do morador que não escapa à miragem da tela de seu celular e que em volta tem um habitat híbrido, onde as tecnologias digitais engendram a configuração de uma nova sociabilidade mediada por mídias móveis em espaços urbano-rurais, traz à tona várias temporalidades em contraste, agora, engendradas pelos aparatos móveis conectados a esses espaços com internet e outros integrantes da dinâmica da cultura amazônica de “populações tradicionais ribeirinhas” nesses espaços.

Figura 3 - Jovem acessando internet pelo celular conectado ao wi-fi público da comunidade



Fonte: Pesquisa de Campo, 2018.

Caburi e algumas comunidades rurais¹⁴ na Amazônia ilustram o alcance da vida digital em que estamos imersos. As tecnologias digitais, bem como o uso de celulares com acesso à internet e ambientes com wi-fi já fazem parte de alguns contextos rurais na Amazônia Brasileira. Apesar da não homogeneidade e da sua complexidade de múltiplas realidades que configuram os espaços na Amazônia quanto aos processos de inserção tecnológica digital, podemos dizer que essas tecnologias vêm ainda complexificar e acrescentar mais camadas aos processos de sociabilidades agora mediados por dispositivos móveis (celulares, wi-fi), aquilo

¹⁴ Em estudos recentes em comunidades rurais do Pará, como a Ilha de Murucutu e a cidade ribeirinha de Afuá, resguardadas suas particularidades e dinâmicas socioculturais, as descobertas revelaram toda uma transformação do contexto social desses lugares e das relações que as pessoas têm com as tecnologias. A interação por meio dos smartphones com os jovens de Murucutu, decorrentes do uso do aparelho, mostrou que esses dispositivos são perfilados de maneira diferenciada na localidade. Já em Afuá, a inserção no digital dos moradores foi comandada pela convergência dessa tecnologia na interação com o rádio.

que Carneiro (1998) conceituou como “novas ruralidades”, a constituição e intensificação de uma espécie de *continuum* entre o rural e o urbano, não permitindo mais olhar essa realidade pelo viés dicotômico à medida que o intercâmbio entre o espaço urbano e rural torna-se agora ainda mais contínuo.

O depoimento de uma moradora do Caburi evidencia as transformações por quais passam a comunidade amazônica com a chegada da wi-fi:

Antes do wi-fi as pessoas não sabiam dar notícia, né, a gente sabia através do rádio, e era muito ruim a comunicação. Hoje, nós sabemos a notícia em tempo real, porque ninguém vive sem o aparelho smartphone, ou celular. (Jovem, 29 anos, professora e estudante de curso de Educação à Distância – EAD)

Tais evidências apontam para a reconfiguração desses lugares face à introdução e à presença de tecnologias digitais nesses contextos ainda marcados por experiências sociais que conjugam características ainda tímidas dos processos de urbanização. Nesses termos, partimos da ideia de várias Amazônia, dado que suas populações vivem múltiplas territorialidades, dependendo da proximidade com cidades que conectam e reconectam suas populações com a floresta e a comunidade rural.

Sabemos, por outro lado, que tais transformações são provenientes ou resultado, como afirmam Di Felice (2009), Firmino e Duarte (2012) e La Rocca (2018), de uma dinâmica própria da técnica contemporânea que impõe repensar sobre a experiência territorial em um espaço ampliado pelos meios digitais, realidade mais visível no ambiente urbano das grandes metrópoles.

À medida que fazemos algumas aproximações entre a Comunidade de Wagley e a Comunidade do Caburi, em sua disposição física e por vezes quanto à condição política e social, podemos dizer que muito há de semelhança, quando ele descreve:

[...] Em Itá, as residências melhores e mais permanentes ficam à beira do rio, enquanto as barracas pobres estão situadas longe dele, escondidas da vista. [...] O equivalente do bairro pobre em Itá é do outro lado do rio. [...] Os habitantes das localidades distantes da municipalidade vão às vezes a Itá, na ocasião da festa anual de São Benedito, mas este é um acontecimento que atrai gente de todo o Baixo Amazonas, e os moradores distantes ali comparecem como visitas, tal e qual as pessoas de fora. [...] As relações sociais com seus moradores são geralmente, pouco frequentes. [...] a população rural da comunidade mora em casas isoladas, espalhadas ao longo das margens desses riachos. Na realidade a forma de colonização em toda a Amazônia é de pequenas casas determinadas, próximas às vias fluviais, principais meio de transporte. (WAGLEY, 1976, p. 50-51)

Por outro lado, em muito nos distanciamos quando observamos a conotação de isolamento dada por Wagley, embora ainda possamos encontrar hoje, quando navegamos pelo rio Amazonas, muitas casas isoladas às suas margens. No tempo do estudo do antropólogo,

havia uma certa dinâmica de movimentação entre cidade e campo e vice-versa, entretanto, ainda de modo pouco expressiva.

Hoje, podemos dizer que essa circularidade se faz também por meio de tecnologias digitais e mídias sociais. A comunidade amazônica do Caburi, além de ter uma espécie de praça digital no espaço do mercado, com um raio de alcance até a Igreja, também se articula e se comunica com a cidade por meio de aplicativos de conversação on-line. É por onde agora circulam as informações de utilidade pública, as denúncias de pouco caso com a coisa pública e abandono, os fatos da vida cotidiana, é por onde se tecem redes de fortalecimento para colaboração entre amigos e parentes na mobilização de ajuda mútua para a resolução de seus problemas. É por onde se pode ver parte da paisagem fragmentada e fluída da comunidade e é onde estão em redes.

Assim como os habitantes de Itá, os moradores da comunidade amazônica do Caburi, no Amazonas, são brasileiros, participam e têm acesso com algumas limitações à vida regional e nacional, pois a existência de wi-fi gratuita não se configura como uma realidade da maioria das comunidades rurais na Amazônia¹⁵. A categoria de isolamento utilizada pelo antropólogo para caracterizar a realidade de comunidade amazônica não encontra fundamento para qualificar hoje o “atraso” por qual o mundo rural muitas vezes é tomado. Ainda que a comunicação não esteja em condições ideais quanto à qualidade do sinal de acesso de internet por satélite e banda larga na maioria das regiões na Amazônia, a situação em muito se distancia de outrora em que a circularidade de informação por meio de jornais e revistas era quase uma raridade e de acesso limitado a uma minoria alfabetizada.

Embora, em seu estudo, Wagley descreva um cenário de comunidade amazônica de altos e baixos que reflete as principais tendências do Baixo Amazonas, onde a comunidade de Itá encarna as mazelas do sistema econômico predatório do tempo colonial, voltado exclusivamente para exportação, assim, vulnerável a qualquer crise, e o resultado era quase sempre o abandono da região e o baixo padrão de vida e situação de miséria, o quadro sociocultural e econômico no Baixo Amazonas atualmente mostra-se um pouco melhor e diferente da realidade estudada pelo antropólogo, apesar de que hoje a dependência e os modelos de exclusão assumam outras configurações e ainda possamos encontrar as velhas fórmulas de políticas com resquícios da colonialidade, dependendo da localidade, se tomarmos como norte a diferenciação do espaço urbano na Amazônia discutido por Becker

¹⁵Segundo resultados de um relatório intitulado “Recortes e cenários educacionais em localidades rurais e ribeirinhas no Amazonas”, nas escolas que contam com o funcionamento de ensino mediado por tecnologias, a internet está presente apesar de muitas falhas no sinal, ao mesmo tempo em que esse modelo permitiu a chegada de internet wi-fi em muitas comunidades rurais.

(2005)¹⁶, o que não nos permite tomar e olhar os processos de ocupação e urbanização e por extensão do acesso às tecnologias digitais de forma homogênea.

1.1.1 A Comunidade do Caburi

Na seção anterior, dialogamos com Wagley (1976) sobre algumas características de comunidades na Amazônia a fim de situarmos a comunidade do Caburi nesse contexto. Essa comunidade diferencia-se das demais comunidades no Baixo Amazonas atualmente por justamente ser uma comunidade polo da cidade de Parintins, onde ocorreu a implantação do projeto Cidade Digital¹⁷. A comunidade é uma das que apresentam maior apropriação das características do urbano, segundo estudo de Silva (2009), dada a sua infraestrutura como existência de escolas, ruas asfaltadas, entre outras. Entretanto, não se configura na sua totalidade como um local eminentemente urbano, pois são muitos os aspectos da vida rural ainda presentes, que conferem a essa comunidade dimensões de uma vida mais conectada a um convívio em comunidade.

Na Amazônia, de um modo geral, o termo “Comunidade”, conforme Silva (2009), é utilizado para denominar as concentrações populacionais da área rural. Na verdade, essa denominação ganhou espaço na década de 70, quando da organização social dos assentamentos para a formação de lideranças comunitárias pelo Movimento de Educação de Base (MEB) e Igreja Católica (LIMA; ALENCAR, 2000 apud SILVA, 2009, p. 149).

Por outro lado, se olharmos para os estudos de Wagley sobre a região do Baixo Amazonas, as iniciativas de formação de comunidades já podem ser vistas desde a década de 40 e 50 do século XX, mas é só com os movimentos da Teoria da Libertação e Comunidades Eclesiais de Base que os ribeirinhos vão se reconhecer em comunidade. Tal processo está intimamente ligado ao processo de expansão do catolicismo e de seus valores nessa região.

A própria configuração do espaço e da importância que a igreja assume no espaço da comunidade amazônica do Caburi, uma vez que nesta o templo católico figura como prédio central no espaço de sociabilidade tradicional, é, portanto, uma evidência do modo de vida ligado aos princípios tradicionais cultivados pelos moradores, que aparecem nas mídias sociais em seus compartilhamentos. Por outro lado, existem também igrejas evangélicas na

¹⁶Rocha (2013), citando Bertha Becker (2005), assinala que os modelos de urbanização são de 4 tipos: urbanização espontânea, em que o Estado favorece a apropriação privada; a urbanização por colonização planejada pelo Estado, a exemplo da Transamazônica e de ações do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA); a urbanização de enclave comandada por grandes projetos de mineração e de madeireiros e a tradicional de ocupação às margens de rios, chamadas de padrão dendrítico.

¹⁷O projeto de Cidade Digital em Parintins será melhor detalhado no segundo capítulo.

localidade que atuam também por meio de mídias sociais, sobretudo por *WhatsApp*. São as novas formas com que as pessoas, e jovens da comunidade, conectam-se às tradicionais instituições de sociabilidades existentes na comunidade.

1.1.2 Ribeirinhos urbanos amazônidas: cultura e sociabilidade

A Amazônia contempla uma multiplicidade de populações indígenas, caboclas, ribeirinhas e quilombolas. Não obstante diante das multiplicidades de compreender a Amazônia, bem como os modos de vidas e as culturas existentes, tomemos o conceito de cultura pela ótica do plural, à medida que se trata de falar de culturas, e não somente de uma cultura, levando-se em consideração a formação social da Amazônia desde a sua colonização.

Cabe falar dessa forma na existência de uma etnodiversidade, conforme ressaltam Agra e Silva (2013), dada as inúmeras representações de mundo dos povos que habitam esses espaços. Levando em consideração essa configuração sociocultural, podemos afirmar que os moradores do Caburi, na sua maioria, têm descendência indígena, tendo em vista os estudos de Wagley (1976) sobre a influência indígena na maioria das comunidades do Amazonas. De acordo com esse autor, essas influências estão claramente visíveis na maneira de viver das pessoas, na sua alimentação, nas crenças populares e em sua religião, embora isso contraste com a presença marcante da igreja católica desde a colonização e nos dias atuais com a crescente atuação de denominações evangélicas nesses espaços.

Entretanto, as populações que habitam as comunidades rurais são reconhecidas nesta parte da Amazônia, como populações ribeirinhas, embora esta denominação seja mais comumente utilizada para qualificar moradores de áreas eminentemente rurais e que tem uma forte relação com a água, tendo em vista a dinâmica da vida dá-se em função do regime das águas, das épocas de cheia e seca na Amazônia.¹⁸ Tais transformações são corriqueiras e tornam-se fatores essenciais na compreensão da dinâmica cultural e na forma como eles se relacionam com o seu habitat.

De posse de tais aspectos, concordamos com Loureiro (2001, p.125 apud CASTRO, 2015), ao afirmar que a experiência social dos amazônidas da comunidade amazônica do

¹⁸A constatação desse cenário pode ser visualizada, sobretudo na época de “cheias”, períodos de 5 a 6 meses do ano em que os ribeirinhos convivem mais intensamente com a água do que em outras épocas. Fraxe (2004, p. 296) observou em sua pesquisa sobre os ribeirinhos da Comunidade rural da Costa da Terra Nova, no estado do Amazonas, as transformações no seu cotidiano neste período, quando a água estava por todos os lugares das casas; o trabalho ficava restrito à pesca e aos plantios em jiraus¹⁸, e as visitas aos vizinhos que durante a seca eram realizadas à pé; na cheia eram feitas por meio de canoas, ou por meio de pontes construídas entre as casas e destas para o porto de cada família ribeirinha.

Caburi é permeada por uma realidade composta por sistemas fluviais e matas onipresentes na forma de vida desses moradores, cenário em que o rio é um componente presente na vida desses sujeitos amazônicos, pois ele envolve tudo – a vida e a morte, a fertilidade e a carência, a formação e destruição das terras, a inundação e a seca, a circulação humana e de bens simbólicos e a sociabilidade.

Além dessa relação intrínseca com o rio, que é a estrada nessa parte da Amazônia e representa o movimento de ir e vir dos moradores da comunidade amazônica do Caburi com a cidade de Parintins, destacamos a sua relação com esta cidade, dada a circularidade dos moradores da comunidade ser praticamente diária com esse espaço. Isso sinaliza para uma influência direta da dinâmica urbana da cidade de Parintins com essa localidade, como já apontam alguns estudos de Silva (2009).

Podemos tomar também o universo dessa comunidade amazônica como similar a uma área rural integrada como bairro da área urbana de Manaus, segundo a pesquisa de Andrade (2013), que explica muito das características desse modo de vida híbrido que perfaz comunidades e bairros próximos de cidades na Amazônia. A autora nomeia de ribeirinhos urbanos, moradores de um bairro de Manaus por habitarem um espaço tomado como urbano, mas que, por outro lado, sentem e vivem o rural como realidade primordial. Dessa forma, dada uma realidade muito próxima a essa configuração, tomamos os moradores da comunidade amazônica do Caburi como uma população de características ribeirinhas urbanas, tanto pela relação e circularidade que tem com o espaço da cidade de Parintins, área urbana, quanto por se inscrever ainda com aquilo que Trindade Júnior (2011) considera como a dinâmica do tempo do rio e de viveres pautados em modos de vida tradicionais.

Diante de tais características, concordamos com Fraxe (2004) acerca de que moradores como os ribeirinhos urbanos do Caburi ainda cultivam parte da feição mais tradicional da cultura, no que toca à conservação de valores mais tradicionais. Nesse contexto, a cultura está predominantemente assentada pela transmissão oralizada (FRAXE, 2004, p. 296). Segundo a autora, a cultura do ribeirinho se expressa por meio de uma relação maior com a natureza e isso se traduz no modo de vida simples e de um imaginário social pautado na sua relação com seres da floresta, bem como na relação com a água no seu cotidiano, um dos elementos norteadores na compreensão do universo e de quem habita a Amazônia.

Cabe destacar aqui um aspecto da sociabilidade ribeirinha observada por Wagley (1976, p. 53) em relação aos laços de família e às relações de amizade que ainda podem ser vistos atualmente na comunidade amazônica do Caburi. Wagley destaca que a residência em

comum, a amizade e o “parentesco espiritual” entre padrinho e afilhado são considerados vínculos tão importantes quanto os de parentesco consanguíneo entre os moradores.

No convívio com as pessoas na comunidade, isso era facilmente notório nas suas falas quando se referiam às pessoas que moram na comunidade. Algumas vezes que busquei uma conversa mais aprofundada sobre os modos de vida na localidade, as pessoas faziam questão de conversar e se mostravam receptivas para muitas horas de bate-papo.

Assim, como no estudo de Andrade (2013), consideramos que os vínculos familiares e de vizinhança ainda são importantes indícios da sobrevivência do modo de vida rural, à medida que as relações sociais ainda são próximas, as pessoas se conhecem pelo nome e cultivam vínculos de solidariedade.

Dessa forma, as relações de amizade firmadas ainda são prescritas pela dinâmica como eles entendem a vida em comunidade nessa parte da Amazônia. Em seu estudo sobre a comunidade amazônica de Itá, Wagley considera que a devoção por um santo particular reside numa outra forma de vínculo que une os moradores de um determinado bairro. Ele diz que em cada afluente de rio há uma irmandade religiosa dedicada a um santo. E, em épocas de festas a uma irmandade, a organização da festa se constitui numa tarefa importante em torno do santo, de forma que os homens trocam de trabalho uns com os outros e organizam grupos de trabalho cooperativo para a agricultura, evidenciando que os laços de vizinhança são mais importantes nesses espaços.

As práticas de ajuda mútua, citadas por Wagley (1976), são tomadas como integrantes das relações sociais em comunidades do Amazonas na obra de Fraxe (2000) acerca das relações de trabalho dos ribeirinhos em comunidades do rio Solimões, Médio e Baixo Amazonas. A autora conceitua essas relações de ajuda mútua, também denominadas de *mutirão*, *ajuri* e/ou *puxirum*, como produto das necessidades econômicas dessas populações tradicionais. Ela detalha que essas relações são permeadas de sentimentos profundos de pertencimento a um grupo familiar ou a processos de contramobilidades ou resistência afetiva frente à apropriação das relações mercantis. Fraxe (2000) entende que tais relações são tradicionais e indícios de uma situação de redução na circulação de moeda nas comunidades ribeirinhas estudadas.

O *mutirão*, ainda, segundo Fraxe (2000), geralmente ocorre nas seguintes atividades das comunidades: na agricultura; na pesca; na limpeza da comunidade; na fabricação de farinha; em casos de doenças ou em situações de intempéries e outros. Para a autora, a ajuda mútua configura-se como um processo grupal e faz-se espontaneamente para prestar o auxílio necessário. Acrescentamos aqui que se trata de redes de organização da experiência social

solidária, muito peculiar da organização de comunidades amazônicas e que vão repercutir de modo acentuado nas mediações e nas articulações dos ribeirinhos urbanos nas redes digitais.

Na comunidade amazônica do Caburi, a dinâmica de interação social ainda pauta-se por essa configuração de sociabilidade descrita por Wagley (1976), ao mesmo tempo em que agora passa a conviver com as configurações de sociabilidade atreladas às dinâmicas da cidade na feição em torno da wi-fi, como veremos adiante.

Para compreender o espaço da Amazônia onde se inserem as tecnologias móveis digitais, é necessário não prescindir do entendimento das dinâmicas socioculturais no tocante à formação social nesse território. Com Fraxe, Witkoski e Miguez (2009), temos algumas advertências e posicionamentos sobre essa questão:

É preciso entender que os povos da Amazônia não vivem isolados no tempo e no espaço, pelo contrário sempre estabeleceram – e continuam a estabelecer relações de trocas materiais e simbólicas entre si com comunidades vizinhas e com agentes mediadores da cultura, entre o mundo rural e urbano e a vida em escala global. A Amazônia nasce e se desenvolve no âmago e nos dilemas da moldura da civilização euroantropocêntrica. A ideia de que esses povos sustentam um modo de vida estritamente tradicional não deve ser considerada, tal como se vivessem de modo estático e congelado. Suas manifestações culturais e sociais se expandem pelo mundo urbano e vice-versa, assimilando algumas práticas e rejeitando outras. Ainda que reproduzam manifestações ditas tradicionais em suas vidas cotidianas, não podemos afirmar que esses grupos sociais não estejam inseridos em um processo progressivo de diferenciação e transformação. (FRAXE; WITKOSKI; MIGUEZ, 2009, p. 30)

O esclarecimento se faz oportuno, em face de uma velha ideia de Amazônia muito ainda disseminada no imaginário nacional e internacional (GODIM, 2007), principalmente pelos colonizadores europeus, que é a ideia de um paraíso perdido e de histórias fantasiosas de um mundo etéreo e irreal. Essa narrativa de Amazônia ajudou de certa forma a corroborar a ideia do mito da natureza intocada (DIEGUES, 2008).

Para tanto, Fraxe, Witkoski e Miguez (2009, p. 30) reiteram que, para compreender os habitantes da Amazônia, “é preciso desvendar seu cotidiano, é necessário considerar o contexto contraditório no qual estão inseridas suas manifestações e práticas culturais”.

Na contemporaneidade, podemos dizer que os habitantes na Amazônia interagem de múltiplas formas, assim como existem áreas ainda em que as formas de comunicação se realizam por meio de alto-falantes comunitários, chamados na região de Parintins de voz comunitárias, instalados em comunidades rurais, integrando parte de comunidades afastadas a outras que fazem entreposto com as cidades pequenas e médias, há também áreas em que se experimentam os avanços das telecomunicações com sinais de tecnologias de internet via satélite ou por meio de radiofrequência. Nesse sentido, compreender a mediação tecnológica

entre os agentes nesse espaço complexo, é necessário olhar para além da domesticação ou apropriação cultural por um sistema de dominação via tecnologia, mas, sim, como seus habitantes, principalmente as populações jovens se articulam e se posicionam frente a esses processos globais.

1.1.3 Espacialidade e temporalidades

Diante da dinâmica em que estão inscritos os ribeirinhos urbanos da comunidade amazônica do Caburi entre as espacialidades da cidade e da floresta quando retornam à comunidade, recorreremos à concepção de espaço conforme entende Trindade Jr. (2011) sobre as discussões das espacialidades e temporalidades urbanas na Amazônia. Para o autor, o espaço é um produto das inter-relações que se estendem de uma dimensão local até uma escala global. Ou seja, é a concepção de espaço de Harvey (1980), de que o espaço é de natureza relacional, que contém e está contido num mundo de relações.

Em um texto intitulado “Espacialidades e temporalidades urbanas na Amazônia ribeirinha”, Trindade Jr. (2011) problematiza as espacialidades e temporalidades de cidades ribeirinhas na sua relação com essas várias urbanizações que se fazem nos espaços de cidades. Nesse sentido, faz-se necessário entender tais dinâmicas para não cair nas visões tanto de uma Amazônia romantizada, aquelas de cidades e espaços parados no tempo, quanto de uma Amazônia estandardizada, aquelas das formas urbanas padronizadas e homogeneizadas.

O autor reforça que, nas cidades ribeirinhas, à margem ou não do rio, existem conjuntamente novas configurações espaciais de natureza híbrida, e, nesse sentido, é preciso considerar espaços múltiplos, de diferentes temporalidades, que coexistem e que se revelam nas microdinâmicas urbanas.

Na mesma linha de raciocínio, Oliveira (2006) explica tais dinâmicas em um texto sobre a cultura, as cidades e os rios na Amazônia, o autor descreve o ambiente e as temporalidades na Amazônia na sua relação com a floresta, a partir da vida nas pequenas cidades. Ele toma esses espaços como espaços complexos em que se tem uma dinâmica própria, “porque são lugares em que pulsam modos de vida que diferem significativamente do padrão caracterizado como urbano e predominante em outras regiões do Brasil”. (OLIVEIRA, 2006, p. 27).

Isso pôde ser percebido nas minhas várias estadas na comunidade amazônica do Caburi. Em uma delas, fiquei em uma pousada próxima à wi-fi existente no mercado. De lá, dava para ver o movimento das pessoas, que a toda hora chegavam para se conectar à internet.

Eu podia ouvir uma quantidade variada de sons pela manhã ao acordar. Era quase ensurdecadora a quantidade de sons de pássaros e insetos que eu ouvia pela manhã, assim como o barulho das motocicletas que circulavam pela rua, afinal de contas, a pousada ficava na primeira rua da comunidade, à beira do lago do Caburi. Sob esse ângulo, eu também podia avistar da pousada o espaço do mercado e o porto, onde era constante o movimento de pessoas que chegavam e partiam para a cidade, área urbana de Parintins, e outras comunidades vizinhas.

Em outra ocasião de viagem à comunidade, quando fiquei na casa de um dos meus interlocutores da pesquisa, depois de um processo maior de aproximação, era perceptível o ritmo dos moradores na vida rural. Eles pareciam não se preocupar com as horas, com a velocidade de vida da cidade. Depois de um dia de campo, a interlocutora me sugeriu para levar umas laranjas na minha partida à cidade. Então fomos à casa de um senhor, que chamo aqui de Cipriano. Chegando à sua casa para comprar as laranjas, eu perguntei se ele tinha para vender, ele imediatamente disse que sim, mas que ele ainda iria apanhar na árvore. Esse episódio mostra como a comunidade amazônica do Caburi convive com múltiplas temporalidades, de forma que a vida no rural ainda se inscreve em uma vida conectada por vezes ao ritmo da floresta.

Isso fica mais claro quando Oliveira (2006) descreve as dinâmicas e a relação do porto no cotidiano dos amazônidas, elo de ligação entre o rio, a floresta e as cidades e comunidades. Para o autor, a visão que se tem de longe desses lugares, quando o barco se aproxima, é em primeiro lugar a torre telefônica, antes era a torre da igreja. Ao chegar ao porto, tudo é transitório. A impressão de quem chega primeiramente em uma cidade ribeirinha é de um lugar que nos remete à ideia de estar sempre em construção. Entretanto, o porto traduz o que são essas cidades, à medida que serve de entrada e saída e marca a dinâmica destas na sua relação com o rio. “O rio, a floresta e a cidade têm no porto a fronteira entre a realidade e a ficção, possibilitando-nos leituras múltiplas de espaços-tempos diversos” (OLIVEIRA, 2006, p.27).

Essa característica de um “urbano” diferente se deve a uma imbricação bastante acentuada com o rural na Amazônia, em que populações dos dois ambientes mantêm trocas simbólicas e materiais significativas na circulação pelo território amazônico. Podemos mencionar as festas amazônicas, realizadas em cidades e comunidades rurais, como exemplos concretos de circulação do imaginário social¹⁹.

¹⁹Entendido aqui como um conjunto de referências específicas em um vasto sistema simbólico que produz toda uma coletividade e por meio desta se percebe, se divide e elabora suas finalidades. “[...] É então através dos

Essa característica de lugares em permanente construção, muito peculiares aos espaços de cidades amazônicas, conforme Oliveira (2006), sinaliza para uma segunda impressão: de que as cidades estão mergulhadas na inércia, todavia, isso é apenas aparente, segundo ele, pois na Amazônia não se aplicam as concepções de um urbano em movimento nos moldes de outros lugares, exigindo, dessa forma, uma maior sensibilidade para captar as dinâmicas da cultura.

Por tais descrições de Oliveira (2006), podemos afirmar que as cidades de médio e pequeno porte e comunidades rurais na Amazônia guardam essas características bem peculiares, onde a vida tem outro tempo, outro ritmo que não cessa de recusar o tempo do progresso moderno: a impressão que temos é que parece ter ficado fora do tempo em certas localidades.

A tentativa aqui de descrever as especificidades do espaço-tempo na Amazônia não é no sentido de conferir uma essencialidade, ou uma naturalização a priori de algo, mas mostrar uma configuração de como nesse espaço-tempo os humanos, as cidades, os rios e as florestas e a própria ação do capitalismo nessa região se agenciam para então compreendermos a relação dos amazônidas com as tecnologias digitais na contemporaneidade em comunidades rurais por exemplo.

Tendo em vista isso, podemos dizer que temos múltiplas temporalidades na Amazônia, embora o tempo do rio ainda seja um forte marcador simbólico no curso da vida de populações urbano-ribeirinhas. Andar de barco, por exemplo, da cidade de Parintins para a cidade de Manaus – distante 350 km, viagem que pode durar cerca de 12 horas – nos permite pensar na marca de uma temporalidade que ainda permeia nessa parte da Amazônia, devido à sua extensão territorial e, ainda, à dificuldade de acesso aos grandes centros urbanos, às capitais e mesmo às cidades do sudeste e sul do país.

Essa temporalidade comandada pelo curso do rio, nessas partes da Amazônia, sobretudo aquelas em que os rios são as únicas vias de circulação, tem um traço da experiência no sentido que Walter Benjamin (1987) trabalha em estreita relação com a tradição. Olhar e passear pelas cidades, sobretudo as de menor contingente populacional, parece evocar um tempo marcado por uma experiência em sintonia com algo misterioso que o lugar transporta para nós: os espíritos da floresta e os vários “causos” que rodeiam o imaginário das populações amazônidas. O barulho do motor do barco nos faz escutar também o barulho do banzeiro do rio selvagem, as árvores durante a viagem na época de

imaginários sociais que uma coletividade designa sua identidade elaborando uma representação de si mesma. [...]”. (BACZKO, 1999, p. 28).

seca e cheia também assumem formas distintas. O rio vai nos levando para um mundo em que a natureza dita suas normas, até que o desembarque obrigue a parar e entrar nas cidades de fisionomia ribeirinhas urbanas, em que em volta tem-se a natureza, uma paisagem que parece engolir e proteger as cidades do progresso contraditório e desenfreado que atinge a Amazônia desde a sua colonização.

Assim como Fraxe (2004, p. 274) considera o tempo e o espaço como categorias importantes na compreensão do sistema social e econômico da comunidade rural do Careiro da Várzea, no Amazonas, tomam-se aqui tais categorias para o entendimento do funcionamento dos regimes temporais em muitas comunidades rurais da Amazônia. A autora defende que os conceitos de tempo dos caboclos-ribeirinhos são estruturados de duas formas: o tempo ecológico e o tempo estrutural. O primeiro, nos seus argumentos, é resultado da sua relação com o meio ambiente, sendo, portanto, cíclico, e o segundo, por ser reflexo de suas relações mútuas dentro da estrutura social.

É assim que, para Santos (1984, p. 146 apud FRAXE, 2004, p. 275), o camponês, aqui na figurinha do ribeirinho urbano, representa a vida de forma cíclica, de uma concepção de existência dedicada ao trabalho, mas que não resulta na acumulação de capital para si mesmo. O ciclo ecológico é de um ano, e o seu ritmo é pautado pelo movimento das águas do Rio Amazonas; o ano para os ribeirinhos configura-se por meio da dinâmica de duas estações principais, a cheia e a seca.

Desse modo, a cultura amazônica, em especial do mundo rural dos ribeirinhos, para Fraxe (2004), é a que mais representa a cultura amazônica em termos de traços de originalidade, como produto da acumulação de experiências sociais e de criatividade dos seus habitantes, em que se mantêm vivas as manifestações de um modo de vida, pautados nos mitos, e na visualidade que caracteriza suas produções de caráter material e simbólico (casa, barcos, água). Conforme Fraxe (2004), o interior, expressão que representa o mundo rural, embora inclua vilas e povoados, é o lugar onde os grupos humanos estão dispersos ao longo de grandes espaços e onde estão mergulhados numa ideia vaga de infinitude, favorável à livre expressão e expansão do imaginário.

Nesse sentido, Fraxe (2004) reitera que o homem do Estado do Amazonas, o caboclo vivendo fora das grandes cidades do Norte do país, como Belém (PA) e Manaus (AM), não estão integrados completamente à moderna sociedade de consumo, embora de alguma forma se façam presentes interferências do urbano nesse espaço, há ainda a predominância e o cultivo de viveres e saberes atrelados ao rio e à floresta.

1.1.4 O papel do Rádio e dos avisos na comunicabilidade ribeirinha

Um outro traço das especificidades que integram a cultura dos ribeirinhos urbanos na Amazônia é a comunicabilidade por meio dos avisos disseminados pelo rádio. Em um estudo de Barbosa (1996) sobre a veiculação de avisos pelas emissoras de rádio no Amazonas, intitulado “Favor transmitir ao destinatário: análise semiológica dos avisos de Rádio no Amazonas”, o rádio tem sua marca como meio que valoriza a oralidade e a expressão das populações ribeirinhas, principalmente por meios de avisos. Essa é ainda uma realidade nos dias atuais.

Essas formas de comunicação por meio de avisos, como bem Barbosa (1996) mostrou em seu estudo, revelam o cotidiano e as singularidades da linguagem dessas populações tradicionais ao se comunicarem com seus parentes e familiares na área urbana de cidades amazônicas.

As ondas comunicativas do rádio ressoam e têm interconexões com as vozes comunitárias existentes geralmente nas comunidades ribeirinhas urbanas e são os principais meios de comunicação que os moradores têm para veicular notícia dentro das comunidades e com as comunidades do entorno da floresta.

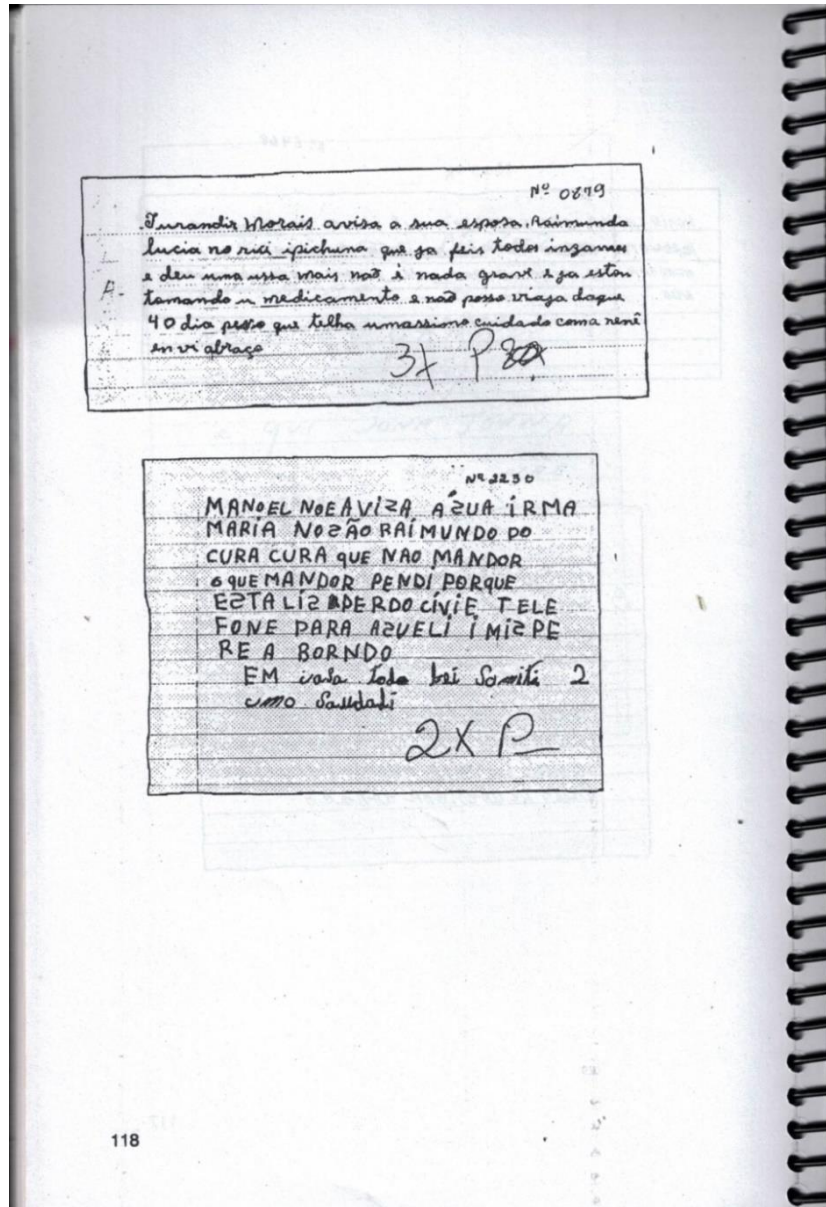
Ao contrário do discurso do isolamento dessas populações, muitas vezes propagado em muitas pesquisas e discursos, inclusive, na mídia, quando olhamos para o potencial de circularidade dos avisos e das singularidades do cotidiano e das problemáticas por eles veiculados, constatamos que há uma falsa ideia de isolamento nesses espaços, em que se pesem as dificuldades relatadas pelos moradores para se comunicar com os familiares e parentes na cidade.

Há um universo de linguagem e comunicabilidade próprio contido nos avisos, que ajudam a alimentar a ideia de redes na acepção de interação, de trocas materiais e simbólicas entre seus moradores. A escrita dos avisos é a versão tal qual os ribeirinhos urbanos falam no seu cotidiano, e a transmissão da mensagem é sempre confiada por terceiros, o que nos revela uma interconexão disseminada em rede, pela cultura ribeirinha entre essas comunidades e os espaços de cidades ribeirinhas.

Diríamos que essas formas de comunicação mais atreladas ao papel do rádio, que tem conectado os ribeirinhos urbanos há décadas, são as formas de comunicabilidade tradicionais que fazem a comunicação entre campo e cidade na Amazônia. Pois, como diz Barbosa (1996, p. 3), “[...] às vezes, é preciso horas em motor de popa para se falar com um vizinho e em tais condições o rádio desempenha um papel fundamental na vida das populações ribeirinhas”. Os

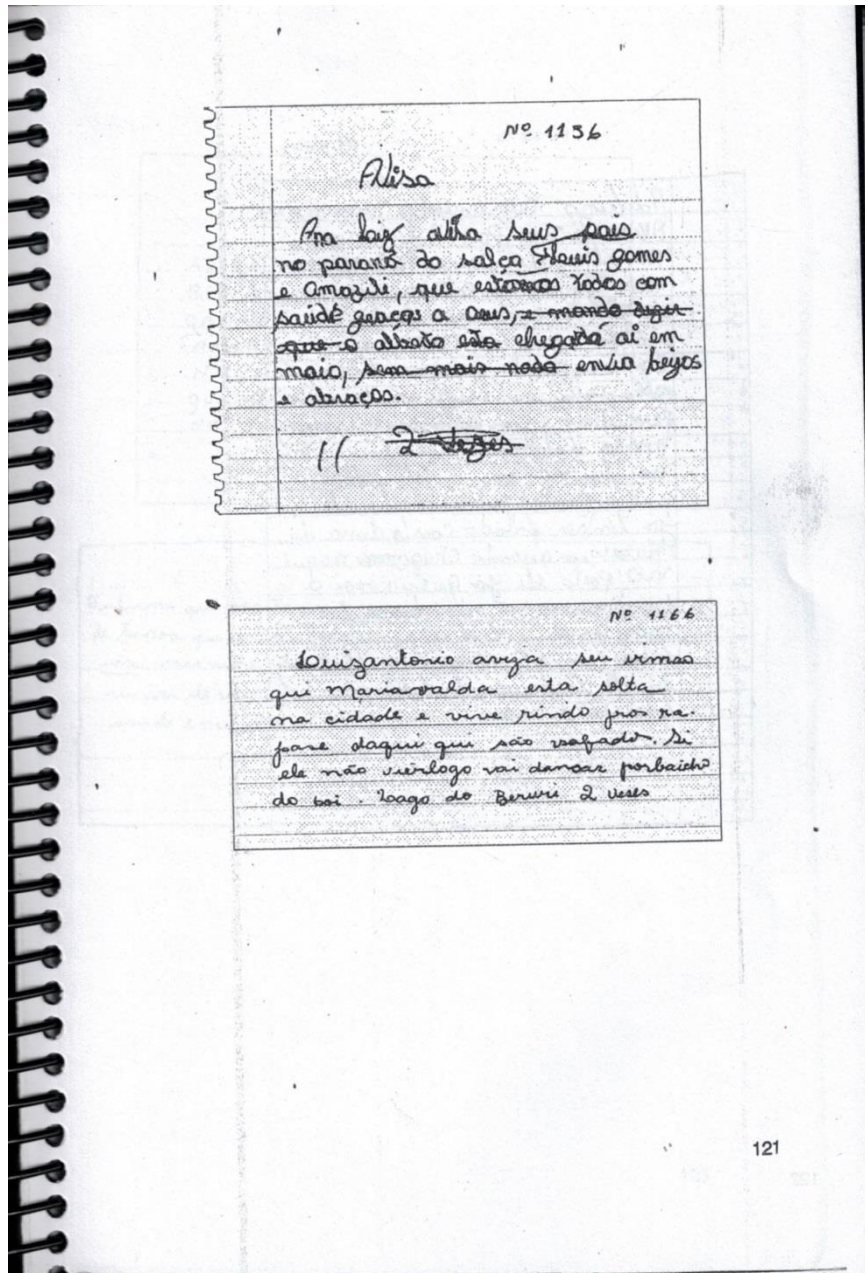
avisos, como veremos a seguir, nas figuras 4 e 5, segundo o estudo de Barbosa (1996), demonstram esse caráter da comunicabilidade dessas populações tradicionais.

Figura 4 - Versão de avisos veiculados por populações ribeirinhas urbanas em rádios



Fonte: Dos anexos da Dissertação de Barbosa (1996).

Figura 5 - Versão de avisos veiculados por populações ribeirinhas urbanas em rádios



Fonte: Dos anexos da Dissertação de Barbosa (1996).

Um jovem ribeirinho urbano, que chamo aqui de Luiz, 29 anos, universitário e morador da comunidade amazônica do Caburi, relatou como a comunicabilidade ribeirinha acontece no espaço da comunidade.

As vozes têm muita importância, principalmente para as pessoas que têm uma idade a mais, não para o jovem que vai logo querer saber mais da internet. As vozes hoje aqui no Caburi são muito importantes, talvez tenha até mais espaço que a internet. Por exemplo, a gente que mora no bairro de cima, pra gente saber alguma coisa, a gente sabe através das vozes, qualquer aviso, qualquer bairro aqui no Caburi sabe aqui das coisas através das vozes, então aqui elas prevalecem.

Para além das formas de comunicabilidade tradicionais existentes, os moradores ribeirinhos urbanos da comunidade amazônica do Caburi, por conta de sua inserção nas redes digitais, ampliadas pelo projeto de Cidade Digital na área urbana de Parintins, articulam e experimentam o que chamamos aqui nesta pesquisa de “novas conectividades ribeirinho-urbanas”, à medida que elegeram o *WhatsApp* como rede social e como um canal interativo tecnodigital²⁰ para interagirem no universo da sociedade em rede.

1.1.5 A Comunidade Off-line e o estar em rede da experiência comunicativa

Antes de falarmos de como os ribeirinhos urbanos da comunidade amazônica se comunicam por meio das plataformas digitais contemporâneas mais à frente, é conveniente mostrar como as formas tradicionais de comunicabilidade descritas na seção anterior são articuladas nesse espaço.

Dentre um ambiente e as suas relações, que guardam um modo de vida tradicional e específico com o entorno da floresta e que devido à urbanização de áreas na Amazônia estão em constante transformação, destacamos aqui a existência de formas de comunicação tradicionais como aquelas de ordem da oralidade na comunidade do Caburi, a exemplo de um sistema de voz e de rádio, ainda bastante utilizado nesses lugares mais distantes dos centros urbanos. Podemos afirmar que essa configuração de ambientes de mídias é uma característica de comunidades rurais na Amazônia ainda na contemporaneidade.

Em nossas idas a campo e viagens²¹ – a primeira ocorrida no mês de julho de 2016 e a segunda, no mês de fevereiro de 2017 – à comunidade rural do Caburi, localizada aproximadamente a 60 km por via fluvial do município de Parintins, no Amazonas, o interesse foi mapear essa complexa cadeia que temos entre humanos, máquinas, artefatos de mídia, ambientes físicos e temporalidades na Amazônia, tendo em vista mudanças nas práticas de comunicação em tais ambientes por meio de internet móvel.

Ao chegar à comunidade do Caburi em nossa primeira viagem, o primeiro impacto foi que ficamos completamente sem comunicação, não havia sinal de celular algum. A operadora Oi, que tem a concessão na região, não cobria com sinal suficiente a localidade. Quem mora na vila relata que tem de ligar para Parintins e depois esperar que as pessoas retornem a ligação para então se comunicar. Depois de 5 meses de nossa ida à Vila, constatamos que

²⁰ Termo utilizado por La Rocca (2018).

²¹ Para delimitação mais precisa da pesquisa de doutorado acerca das práticas de comunicação móveis no município de Parintins (AM).

atualmente existe um aplicativo da operadora Vivo, chamado TU Go, por meio do qual é possível aos moradores realizarem chamadas e enviar SMS via internet por wi-fi ou 3G/4G.

A comunidade, como em todos os contextos da Amazônia em que há um distanciamento dos polos mais urbanizados, há 8 anos vem experienciando esses espaços de internet. Podemos constatar o entrelaçamento das camadas entre o rural e o urbano, e agora o on-line, na caracterização desses ambientes.

A dinâmica de mobilidade pelo rio é intensa. Todos os dias existem lanchas e barcos que fazem o trajeto à área urbana de Parintins. As crianças e jovens ribeirinhos diariamente se deslocam de comunidades rurais próximas à escola na Vila por meio de embarcações fluviais. Essa é a rotina de jovens estudantes ribeirinhos na Amazônia.

Um dos moradores da comunidade, proprietário de voz comunitária, nos detalhou um pouco da história da comunidade e das transformações pelas quais passam esses lugares: a história da comunidade se confunde com a implantação de missões na Amazônia, comandadas pelo Marquês de Pombal, no século XVII, na época do Brasil Colônia, e, depois, por um processo intenso de ocupação do território. Em 1979, a vila foi elevada à categoria de comunidade pela Confederação dos Bispos do Brasil, e mais tarde foi formada a Agrovila do Caburi, uma comunidade com vocação para a atividade agrícola.

Figura 6 - Foto de barco-escola na comunidade do Caburi



Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

O vilarejo é uma comunidade rural, que serve de entreposto a outras comunidades rurais menores espalhadas no interior da Floresta Amazônica, como Vila Nogueira, Santa Terezinha, São Francisco do Palhau, Buiçu, Esperança e Monte Sinai. Segundo informações

obtidas na escola estadual localizada na vila, existem aproximadamente 6 mil habitantes na sede, dentre os quais vivem cerca de 500 jovens no vilarejo.

Por outro lado, a comunidade guarda aspectos de cidade na sua fisionomia física por possuir serviços urbanos, como iluminação pública e abastecimento de água encanada, algumas ruas asfaltadas, prédios públicos, escolas municipais e estaduais, creches, telefonia, posto de saúde e outros. As atividades econômicas estão ligadas ao meio rural (agricultura 26% e pesca 20%), ao crescimento de atividades ligadas às cidades, como o funcionalismo público, e às atividades autônomas, como o comércio e a prestação de serviços (SILVA; OLIVEIRA, 2010, p. 4).

Figura 7 - Foto da Igreja de São Sebastião



Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Em nossas primeiras observações na comunidade amazônica, nos deparamos com um contexto no mínimo intrigante: a comunidade de feição rural, que ainda convive com meios de comunicação massivos, como o rádio, predominante em regiões mais afastadas, bem como sistema de comunicação tradicional de voz, também apresenta agora meios contemporâneos, como a internet móvel.

Figura 8 - Foto do Sistema de Voz na casa de um ribeirinho urbano



Fonte: Pesquisa de Campo, 2017.

Figura 9 - Quiosque de venda de wi-fi



Fonte: Pesquisa de Campo, 2017.

Figura 10 - Moradores acessando internet



Fonte: Pesquisa de Campo, 2017.

O ambiente de mídia na localidade é híbrido, com forte vocação para os meios da ordem da oralidade, como rádio e sistema de voz comunitária. Na comunidade, existem 3 vozes comunitárias: Voz Paraíso, Voz Cabocla e Voz Comunicadora. Um proprietário de voz comunitária contou que a voz surgiu depois de um curso que fez na Rádio Rio Mar em Manaus. A voz funciona desde outubro de 2002, ou seja, há 15 anos. A rádio vai ao ar toda tarde, e dura em média 20 minutos. Ele detalha que anúncios de interesse da comunidade, tais como anúncios de reunião de sindicato de produtores rurais, festas e compra de produtos locais são anunciados pela voz. Segundo esse proprietário de voz comunitária, a internet por meio do wi-fi não acabou com o espaço da voz; o único impacto é que as pessoas não usam mais telefone fixo. Nos moldes da narrativa do rádio, vejamos o programa de informações veiculado por meio de Voz:

Agora são 17h25 minutos aqui no Caburi, estamos aqui na voz Paraíso, pra levar música e informações... [música de fundo]
 Trabalhamos em nome do grupo Paraíso, trabalhando para bem servir...
 Atenção, a presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Luciana, está convidando os associados do Sindicato aqui da vila e das outras comunidades vizinhas para uma reunião no dia 15 de fevereiro.
 Todos deverão comparecer às 18h, no Centro Social Paroquial.
 A reunião é muito importante e irá tratar de assuntos dos trabalhadores rurais.

A voz comunitária tem atuado na troca de informações com as comunidades rurais do entorno. Em paralelo, os moradores da vila também já utilizam a internet para se comunicarem com os familiares dentro e fora da comunidade amazônica.

A internet, segundo um representante da empresa que atua na comunidade e proprietário de um dos quiosques que vendem wi-fi espalhados pela comunidade, vem de um link situado em

Oriximiná (PA) e cobre alguns municípios do Baixo Amazonas. De acordo com ele, no Pará, a internet é banda larga, no entanto, devido à dificuldade da extensão territorial para chegar às comunidades, como no caso do Caburi, com um percurso denso, característico da própria Floresta Amazônica, a internet é estendida por meio de uma torre que liga à outra, situada no raio de 50 km do município de Barreirinha, no Amazonas. Nesse sistema, a empresa atua desde 2011 na comunidade com radiofrequência.

O mais curioso dessa realidade é a forma como é vendida e distribuída a internet por meio de pacotes aos usuários. Geralmente, a população jovem da comunidade que compra wi-fi se concentra ao ar livre, em bancos nas ruas da comunidade, para pegar um sinal mais rápido. Para ter acesso aos pontos de wi-fi espalhados pela comunidade, os usuários podem se conectar por 1 hora a R\$ 2,00 reais, 1 semana por R\$ 20,00 e por mês a R\$ 70,00 reais.

O empreendimento de internet na vila ainda não é um negócio lucrativo. Em conversas informais com comerciantes locais, eles afirmaram vender aos moradores pelo sistema de roteamento do pacote que eles adquirem para seus próprios consumos. Eles dizem que a internet é cara para a economia da pequena vila, e a estratégia que eles encontram para o uso é rotear para poder consumir. Nesse sistema, vão popularizando a internet na vila. Essa prática em cidades da Amazônia é bastante disseminada, e em comércios menores em bairros populares é possível a compra fatiada de mercadorias como arroz, manteiga e farinha. Notamos que à medida que a internet se torna cada vez mais uma necessidade para as famílias nessa localidade, é incorporada de igual forma como tais bens de consumo dentro da própria dinâmica cultural.

Figura 11 - Foto de jovens à noite em frente à wi-fi da comunidade



Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Essa realidade do uso de internet, acesso e posse de telefone móvel também revela, para além do uso e mobilidade outras nuances, da experiência na cultura digital pelos jovens na Amazônia. Na comunidade amazônica do Caburi, um lugar afastado dos vários estímulos da cidade, é possível ver esse cenário da vida social contemporânea, em que nos deparamos com diversas experiências com as mídias digitais e com a multiplicidade de telas ao nosso redor. Com todas as contradições da sociedade de capitalismo tardio de contextos como na Amazônia, ressalta-se que na comunidade do Caburi a cobertura pelas operadoras de telefonia fixa e móvel²² é, ainda por muitas vezes, ineficiente.

Segundo relatos de moradores da localidade, o sinal da operadora que tem a concessão na região, neste caso a Oi, praticamente fica fora do ar e, portanto, fica mais difícil de fazer ligações dentro da comunidade rural. Em paralelo a essa dificuldade e impossibilidade de se comunicar, as operadoras de internet ganham cada vez mais espaço na prática de comunicação móvel, principalmente entre os jovens, que se aglomeram no final da tarde, quando o sol se põe, para acessar a internet e bater papo por aplicativos de comunicação online, como *WhatsApp* e *Facebook*, uma das poucas formas de entretenimento na comunidade nos moldes contemporâneos ocidentais.

Miller (2015) chama-nos a atenção para o princípio da falsa autenticidade de tecnologias pré-digitais na constituição de sociabilidades. Ele argumenta que há certa nostalgia por determinados tipos de sociabilidades ou humanidades dadas como perdidas devido às novas tecnologias, que variam dos robôs ao Facebook. Faz uma crítica a Turkle (2011), que afirma em seus postulados que as formas de sociabilidades anteriores eram, de alguma forma, mais naturais ou autênticas por serem menos mediadas. O autor adverte para não cair na premissa de uma visão de humanidade autêntica, de um estado mais natural e menos mediado: “Não somos mais mediados ou contraditórios daquilo que costumávamos ser. A mediação e a contradição são as condições que definem aquilo que chamamos de cultura” (MILLER; HORST, 2015, p. 105).

Nesse íterim, destacamos a comunidade amazônica do Caburi como um ambiente onde se operam essas formas de comunicação do pré-digital e do digital, o que faz desta um contexto onde é possível captarmos essas experiências com as mídias e o que é viver nas áreas urbanas e em comunidades com a proliferação de ambiências de mídias por dispositivos móveis e identificar quais mudanças ocorrem nas práticas de comunicação no local.

²²Desde o início do ano de 2017, a comunidade conta com o sinal de wi-fi aberto à população custeado pela Prefeitura de Parintins.

Esse contexto suscita pensar sobre o que significam tais processos de sociabilidades em comunidades rurais tecnologicadas no interior da floresta amazônica, por exemplo, uma vez que os usos de tecnologias digitais com acesso à internet irão desafiar as relações de proximidade nessas comunidades à medida que ampliam as esferas de contato com outros espaços.

Em cidades do Amazonas, como Parintins, onde a implantação de internet móvel, decorrente de um projeto de Cidade Digital, teve os espaços físicos de sociabilidade como as praças transformados em ambientes de mídia, as tecnologias digitais, a exemplo de tecnologias como wi-fi, reconfiguraram o espaço da cidade na sua relação com comunidades rurais. Tal fato se deve à incorporação de novas formas de habitar o espaço urbano-rural, quando essa mesma lógica de mobilidade informacional é incorporada por moradores de comunidades rurais. Quando nos referimos a habitar o espaço de uma comunidade rural, estamos tratando sobre as articulações que as populações que habitam esse espaço o fazem ao se utilizarem de tais tecnologias ou dispositivos de mídias, na reorganização de atividades e do cotidiano nesse ambiente, bem como na sua relação com a cidade, visto que o intercâmbio com o espaço urbano, agora, torna-se ainda mais contínuo.

Ao contrário de antes, quando a preocupação dos teóricos da Escola de Chicago era definir o que era o espaço urbano a partir da oposição entre urbano e rural (CANCLINI, 2010) – pensamento muito utilizado na primeira metade do século XX, por meio do qual o campo era o lugar de relações comunitárias, onde se predominavam as relações primárias, e a cidade, um lugar de relações associadas ao tipo secundário, onde haveria maior segmentação de papéis e multiplicidades de pertencimentos – hoje, para La Rocca (2018), pensar o espaço urbano implica pensar as interconexões com as tecnologias digitais, pois a metrópole se tornou um *medium* tecnológico.

A cidade nos estudos da teoria urbana, segundo Canclini (2010), sempre foi tomada como o núcleo da modernidade, por justamente ser um lugar onde as pessoas poderiam passar para o anonimato e se desprender das relações de pertencimento, do tipo primária, familiar e de feições de pequenas cidades e bairros.

De todo o modo, há um argumento emergente de Mela (1997 apud CANCLINI, 2010, p. 73), que propõe pensar o urbano a partir da experiência de habitar por meio de duas características: a densidade de interações e a aceleração do intercâmbio de mensagens. Tais fenômenos causam aumento de códigos comunicativos que, por sua vez, exigem adquirir novas competências, com as quais quem chega à cidade se depara ao habitar o espaço cultural.

Nota-se que essa configuração nesses lugares é ilustrativa frente aos vários marcadores das noções de modernidade em que se pensou a realidade social. As polarizações entre campo e cidade, mente e corpo, razão e emoção, natureza e cultura, dentre outras, já não dão conta da análise do social nas feições que temos na contemporaneidade, em que a produção da subjetividade acoplada às máquinas e artefatos tecnológicos operam no controle do espaço e da própria constituição das identidades.

Em face de toda essa discussão do que caracteriza o urbano, de acordo com Canclini (2010), a componente comunicacional emerge como um dos aspectos para analisar a cidade e os espaços urbano-ribeirinhos. Nessa perspectiva, embora as megacidades sejam preferencialmente seus objetos de análise nos modos de leitura do urbano, as cidades pequenas ou médias, ou a extensiva de uma lógica e repercussão de projetos de Cidade Digital para o espaço rural, como em Parintins, no Amazonas, inscrevem-se dentro dessa dinâmica das tecnologias digitais e culturais mais amplas.

1.2 A Comunidade e o estar nas redes digitais

Aliados a esse modo de vida inerente ao habitat dos ribeirinhos urbanos em que as comunidades rurais como a comunidade amazônica do Caburi constituem-se em redes, na cooperação de ajuda mútua entre os moradores e parentes que residem na área urbana, vimos esse movimento se expandir para as redes digitais à medida que os espaços da comunidade são integrados à wi-fi. Faz-se conveniente, dessa forma, entendermos a lógica dos fluxos informacionais e dos processos globais da sociedade em rede.

No prefácio de “A Sociedade em Rede”, Castells (2010) já sinaliza a emergência de mudanças radicais protagonizadas no âmbito da comunicação, nas palavras do autor:

A passagem dos meios de comunicação de massa tradicionais para um sistema de redes horizontais de comunicação organizadas em torno da internet e da comunicação sem fio introduziu uma multiplicidade de padrões de comunicação na base de uma transformação cultural fundamental à medida que a virtualidade se torna uma dimensão essencial da nossa realidade. (CASTELS, 2010, p. I-II)

Essas transformações profundas na sociedade contemporânea que até então pareciam longínquas de se efetivar na forma como nos comunicamos, são de fácil identificação em todas as esferas da vida social; é praticamente difícil afirmar hoje viver ou estar fora do processo das redes digitais. Em que pesem vivermos numa era em que a conectividade é uma forma de vida, podemos afirmar que muitas comunidades de países emergentes e periféricos

usufruem da internet em condições precárias, ao mesmo tempo, que protagonizam sua própria inclusão no digital.

Paralelo a isso, irremediavelmente vivemos numa sociedade em rede, que, para Castells (2010), constitui-se como uma estrutura social identificada pelo autor no final do século XX, formada por redes em todas as dimensões fundamentais da organização e da prática social. O autor reconhece que, embora as redes sejam uma antiga forma de organização na experiência humana, as tecnologias digitais de formação de redes, da Era da Informação, alimentam as redes sociais e organizacionais, possibilitando sua infinita expansão e reconfiguração, superando suas limitações tradicionais dos modelos organizacionais.

A sociedade em rede, para Castells (2010), é um sistema global que engendra uma forma de globalização na contemporaneidade. Por outro lado, a sociedade em rede está longe de significar uma equidade de acesso ao uso da informação. Há uma conseqüente geografia da desigualdade social, econômica e tecnológica.

Sodré (2002, p. 11) amplia o debate das transformações desse cenário atinentes à relação comunicação, cultura e tecnologias digitais, afirmando que na contemporaneidade assistimos à emergência e à constituição de um ecossistema midiático em curso com as tecnologias digitais que vêm intensificando a moldagem de modos de apreensão e composição do social. Esse ecossistema se caracteriza por uma nova esfera de vida, a qual chama de *biosmidiático*²³. Por esse viés, a cidade cada vez mais entra na lógica dos fluxos de informação e se torna espacializante e em rede, de modo que a comunicação orienta cada vez mais a cidade. Destacamos tal ideia frente às iniciativas de projeto de Cidade Digital implementadas pelo governo no país; podemos citar também os centros de controle do trânsito nas metrópoles com informações sobre temperatura, condições dos aeroportos e outros, bem como uma série de aplicativos que informam as linhas de ônibus e metrô disponíveis para transitar pela cidade.

Por esse *modus operandi*, Muniz Sodré (2002) afirma que as “novas tecnologias” apoiam e coincidem, em termos econômicos, com a extraordinária aceleração da expansão do capital, processo de transnacionalização, denominado também de “globalização”, que, reforçado sob a égide do pensamento único, delega-lhe poderes universais de uniformização. Ele argumenta que esta última característica não ocorre na prática, à medida que a globalização se apresenta regional, pois os investimentos concentram-se em determinadas

²³Esse termo, para Muniz Sodré, implica um conceito em que ele toma a mídia (meios e hipermeios) como dispositivo que se dissemina tecnologicamente e se constitui na contemporaneidade como ecossistema midiático.

regiões do mundo no seu modo de ação. Para ele, “global mesmo é a medida da velocidade de deslocamentos de capitais e informações possibilitados pelas teletecnologias” (SODRÉ, 2002, p. 11).

Ainda pelos argumentos do autor, a nova roupagem que ora se apresenta do fenômeno da globalização é a feição de uma base material caracterizada por uma verdadeira mutação tecnológica em que há uma grande concentração de capital em áreas como em ciências, como engenharia microeletrônica, computação, biotecnologia e física, tudo isso sob o pano de fundo da “informação”²⁴ cenário em que sua acepção mais fundamental é a informação como produto.

Nesse sentido, as transformações tecnológicas da informação apresentam-se sintonizadas com as velhas estruturas de poder, embora possam pontualmente indicar rupturas para a transformação e a reformulação do sistema capitalista. Muniz Sodré assevera que tais mutações tecnológicas são a expressão da maturação tecnológica do avanço científico, resultando na hibridização, na rotinização dos processos de trabalhos e recursos técnicos já existentes em meios antecessores (telefonia, televisão, computação), ou seja, a chamada convergência tecnológica em processo, discutida nas obras de McLuhan (2007 [1964]; 1972) e David Bolter e Grusin (1998). Tais hibridizações alcançam uma maior instância como se vê na contemporaneidade, a estenderem-se até espaços físicos ao ar livre e a tornarem-se numa configuração de ecossistema midiático, alcançando todas as instâncias da vida.

Uma comparação nesse cenário se faz pertinente, “Se na Revolução industrial”, o fio condutor foi a mobilidade espacial, na Era da Informação, o foco é na virtual anulação do espaço pelo tempo, gerando novos canais de distribuição e a ilusão da ubiquidade humana (SODRÉ, 2002, p. 14).

Nessa mesma direção, em um tom mais apocalíptico, mas não menos plausível, Bauman (1999, p. 7-8), em “a Globalização e suas consequências humanas”, refere-se a uma das problemáticas centrais desta época – a “compressão do tempo/espaço que encerra a multifacetada transformação em curso dos parâmetros da condição humana”, e afirma que seu processo não tem unidades de efeitos como comumente se considera. Os usos do tempo e do espaço são altamente diferenciados e diferenciadores. “A globalização tanto divide quanto une e as causas da divisão são idênticas a que provem a uniformidade no globo”. Ele afirma que, junto com a expansão planetária do mundo dos negócios, finanças e comércio, do fluxo informacional, é colocado em movimento um processo “localizador” de fixação do espaço, tal

²⁴O termo informação, segundo Sodré (2002), pressupõe uma variedade de formas (filmes, notícias, sons, imagens e dígitos, etc).

como Sodré (2002) entende, uma vez que, nos países ditos emergentes, as empresas de tecnologias atuam apenas como plataformas para o fomento do consumo em relação às localizadas nas sedes dos países desenvolvidos. Bauman (1999), na introdução de seu texto, é categórico em apontar que a condicionante da mobilidade se apresenta como um dos valores mais cobiçados e ao mesmo tempo uma mercadoria sempre escassa e distribuída de forma desigual e que logo se destaca como elemento estratificador.

Sabemos que, em tal cenário, as tecnologias digitais móveis assumem papel importante nessa dinâmica dos fluxos informacionais que fazem promover esses processos da globalização de mobilidades que se fazem agora em rede. Por outro lado, autores como Canclini (1997), em “Culturas híbridas, poderes oblíquos”, aborda que os processos culturais hegemônicos como a globalização não se processam de forma homogênea na América Latina, tendo em vista o que ele chama da existência de um processo de heterogeneidade multitemporal, em que temos várias temporalidades em curso, dado que a modernidade ainda não cessou de chegar a muitas regiões da América Latina.

Em se tratando da tensão do que é viver em comunidade e dos processos globais que alcançam irremediavelmente múltiplas culturas e lugares, na obra “A Comunidade, a busca por segurança no mundo atual” (BAUMAN, 2003), encontramos uma reflexão do conceito de Comunidade que nos faz pensar sobre a possibilidade de vivência em um mundo que vai cada vez mais na contramão desse conceito.

Para Bauman (2003, p. 7), a comunidade é como um lugar de entendimento compartilhável. É um lugar cálido, confortável e aconchegante. Ele a descreve como um lugar seguro, em que podemos relaxar, nas palavras do autor: “não há perigos ocultos em cantos escuros”.

Na visão do autor, a comunidade é sinônimo mesmo de paraíso perdido. Numa comunidade as pessoas se entendem bem, há sentimento de confiança mútuo. Ele detalha: “Nunca somos estranhos entre nós”. Podem ter desavenças, mas não se perde de vista um “tornar-se junto” (BAUMAN, 2003, p. 8), acrescentando ainda que em uma comunidade as pessoas podem contar umas com as outras. “Quando passamos por dificuldades, as pessoas não pedirão nada em troca antes de ajudar umas às outras”. Em suma, é um lugar que se busca alcançar fervorosamente. É um tipo de mundo que lamentavelmente não está ao nosso alcance, mas que gostaríamos de viver.

Ao tomar o Caburi como uma comunidade amazônica em redes, podemos perceber uma dinâmica de comunidade, marcada pelas relações familiares e relações de vizinhança, onde as pessoas se reconhecem ainda pelo nome e mantêm vínculos de solidariedade e ao

mesmo tempo constatamos sua inserção na esfera globalizada com a mediação de internet wi-fi em todas as esferas da vida social. Tais atitudes e valores são visíveis no compartilhamento de mensagens veiculados em grupos de *WhatsApp*, como veremos no Capítulo 3.

A preocupação de Bauman (2003) na sua problematização do conceito de comunidade, é que para ele é praticamente inadmissível a existência e convivência na sociedade capitalista contemporânea do modo de vida em comunidade, pois para ele esse modo de viver cada vez perde mais espaço: “essa mesmidade encontra dificuldade [...] quando o equilíbrio entre a comunicação “de dentro” e “de fora” [...] começa a mudar, embaçando a distinção entre “nós” e “eles.” (BAUMAN, 2003, p. 18).

Essas condições que parecem ser irreconciliáveis, aos olhos de Bauman e de outros autores das ciências sociais, entretanto, mostram que a presença de internet wi-fi no espaço da comunidade aponta não somente para uma reconfiguração do modo de habitar a comunidade rural, mas também para o modo como os moradores podem usar a internet para fortalecer o modo de vida e os relacionamentos tradicionais a fim de atender as suas demandas de coletividade. Essa constatação também foi um achado da pesquisa de Spyer (2018)²⁵ sobre os usos de mídias sociais por uma população em um assentamento de baixa renda no Estado da Bahia. Ele diz que a fofoca, o compartilhamento de problemas, piadas e comentários religiosos desenham o pertencimento daqueles que vivem no povoado, indo de encontro à opinião daqueles que acreditam que as mídias sociais, ou a internet apenas, contribuem para inflar redes baseadas em valores individuais.

Ao contrário do que Bauman acredita, diríamos que essa comunidade existe, com parte das características que ele descreve por seus habitantes, entretanto, tem seus problemas sociais e, à medida que dialoga com uma esfera do global, emergem ambiguidades. Talvez seja a comunidade possível.

Nesse sentido, embora a comunidade amazônica do Caburi, a partir da sua inserção no digital, entre nas teias dos fluxos informacionais da esfera global da sociedade em rede, para usar o termo de Castells (2010), entende-se nesta pesquisa que a rede pela qual a comunidade amazônica interconecta-se ao social é a ideia de rede de Latour (2012), para quem a rede assume o sentido de ligação e vínculo, em que a conexão e a articulação ocorrem entre elementos híbridos, orgânico e inorgânico, humano e técnico. Como afirma Di Felice (2009), o social, para Latour, é uma rede heterogênea, constituída não apenas de humanos, mas também de não humanos, os quais, ambos, são considerados na associação.

²⁵Versão em português da tese do autor.

Como podemos atestar na discussão das tecnologias de forma geral, a técnica na maioria das abordagens tende a ser vinculada à emanação do capitalismo e suas formas de apropriação da vida. Sabemos que, no atual estágio do capitalismo cognitivo, nos deparamos com sofisticadas formas de subjetividades a partir da relação da técnica e do capital, entretanto, um contraponto da ideia de tecnofobia podemos encontrar nos estudos de Latour (2012), que considera a técnica como parte integrante da natureza humana. Ele denomina e aponta para o caráter transcendente da técnica. Nessa perspectiva, nos deparamos com uma relação direta com aparatos de mídia inteligentes, nesse caso particular, podemos destacar o *smartphone* com internet, que praticamente tem reconfigurado nossa atenção e participação.

A Teoria Ator-Rede (TAR) proposta pelo autor dá um destaque especial para os objetos e inclui ao inventário as cinco incertezas para levarmos em conta se pretendermos fazer Ciência Social nos moldes da TAR. Dentre as incertezas, Latour (2012) afirma que os objetos também agem, não basta só seguir os atores, mas entender a tecelagem.

Em sua proposta da Sociologia das Associações, que corresponde àquilo que não possui qualquer substância e cuja existência deve ser constantemente reafirmada para que possa continuar a existir, o social não está em nenhum lugar, mas com aquilo que circula com coisas, com elementos não sociais.

Isso porque, na Sociologia das Associações de Latour, o conceito de mediação técnica permite pensar o social como resultado de uma associação entre humanos e não humanos na Teoria Ator-Rede (TAR). A teoria desloca a noção e o sentido da sociologia tradicional, repensando sobre a forma compartimentada de pensar os fenômenos sociais, ao apontar para a elaboração de cartografias, mostrando que não há uma substância como quer a sociologia tradicional e, sim, movimento, em que tudo é provisório.

Na obra *“Investigación sobre los modos de Existencia”*, Latour (2013) faz uma interessante relação com os seres invisíveis e a técnica. Sob posse de uma abordagem epistemológica, aborda sobre o pluralismo dos modos de existência. Ele se vale de um pluralismo das ontologias que acabaram de liberar da esmagadora separação entre Sujeito e Objeto (LATOURE, 2013, p. 183).

Ao tomar a técnica como um modo de existência²⁶, Latour reconhece uma minitranscendência da técnica, que aponta e ilumina sobretudo muito do que assistimos com o que ocorre na nossa relação com o digital.

²⁶ No original: *“Siempre, un modo de existencia es pues una versión del “ser en cuanto outro” (una nuestra de discontinuidad y de continuidad, de diferencia y de repetición, de lo outro y de lo mismo) y, a la vez, un regimen próprio de veridicción”* (LATOURE, 2013, p. 182-183).

Para chegar a esse caráter da técnica, argumenta com o que ocorre com os seres da metamorfose²⁷, que também se encontram num nível de invisibilidade em relação a outros modos de existência dominantes. O que ele traz para discussão é a existência de outros modos subjacentes a nossos olhos, que agem sobre as coisas e sobre nós. A primeira questão é a da superstição, um abismo que há entre os coletivos chamados “tradicionais” para captar, situar, instituir, ritualizar “seres invisíveis”, e, por outro lado, a defesa contínua das chamadas “sociedades modernas”, contra seres para impedir que tenham um assento garantido.

Latour (2013) sinaliza verificar entre os modernos se existem redes de produção das “interioridades” e dos “psiquismos”, que tenderiam a uma materialização, uma rastreabilidade, uma solidez, semelhantes às redes já localizadas no caso da produção das “objetividades”.

O autor reconhece que não há instituição positiva que permita, como os demais povos, acolherem os seres invisíveis, mas é muito possível que os modernos se iludam sobre si mesmos quando se dizem completamente liberados de tais dispositivos e tais adesões (LATOOUR 2013, p. 184-185, *tradução nossa*)²⁸.

Ele menciona erros de categoria cometidos pelos modernos, tal como podemos ver nessa passagem:

[...] se tem um caso de algo tomado por outra coisa é, sem dúvida, os das redes psicogêneses consideradas “um produto do espírito humano”. O analista se encontra ali no mesmo tipo de paradoxo que quando tinha que captar os meios materiais e práticos da objetividade do tipo. (LATOOUR, 2013, p. 187, *tradução nossa*)²⁹

Tais questões são colocadas por Latour à medida que os modernos, no afã de uma objetividade cega, se negam a rastrear ou mesmo considerar essas outras redes de interioridade. Os resultados e os meios do conhecimento permanecem invisíveis aos olhos dos modernos, também parece escapar-lhes a infraestrutura que autoriza a ter um psiquismo (LATOOUR, 2013, p. 187). Tal assertiva nos explica o porquê da incompreensão dos analistas sociais quanto ao curso da ação de tais seres e de suas implicações, porque os fatos se mostram de uma forma ou de outra.

²⁷ O autor se refere aos seres do âmbito da magia. No tocante a isso, podemos nos referir aos seres existentes na cosmologia indígena e a todas as práticas e objetos por eles cultuados.

²⁸ No original: “*Ciertamente, hay que admitir que no hay institution positiva que permita, como en los demas pueblos, acoger a los seres invisibles, pero es muy posible que los Modernos se ilusionen sobre si mismos cuando se dicen completamente liberados (o privados, depende) de tales dispositivos y de tales adhesiones*” (LATOOUR, 2013, p. 184-185).

²⁹ No original: “*Aquí tenemos un error de categorla verdaderamente capital: si hay un caso de algo tornado por otra cosa, es sin duda el de las redes psicogenicas consideradas un “producto del espritu humano” [...] El analista se encuentra allí ante el mismo tipo de paradoja que cuando tenia que captar los medios materiales y practicos de la objetividad de tipo*” (LATOOUR, 2013, p. 187).

O autor diz que seus informantes se assombram das vezes que eles, quando lhes propõe acompanhar afora os seres do psiquismo e acompanhar o interior de suas redes dos seres do conhecimento.

O que prejudica o julgamento da análise é que o psiquismo dos modernos parece uma cidade subterrânea, uma infraestrutura material, uma esfera artificial presumida, não permite ver o que está fora dos protocolos da objetividade científica, plenamente capturável.

Nessa via, Latour argumenta nesse trecho:

[...] não existe nenhuma razão para não seguir as redes que nos permitiriam esvaziar, escavar, equipar, esclarecer, manter, fazer circular os sujeitos. [...] Teremos que aprender a seguir as fábricas da interioridade, a andar, também, ao lado das redes particulares e aprender a descobrir o temor exato dos que transportam. (LATOURE, 2013, p. 188, *tradução nossa*)³⁰

Entretanto, tal postura por um lado inviabilizaria todo o trabalho do analista social, à medida que seu trabalho não teria fim. Eis aqui a incapacidade de capturar tudo, e a ideia do social como substância já não se sustenta diante dos hiatos que a Teoria das Associações nos faz ver. “Há que captar não as redes em toda a sua heterogeneidade, mas a experiência original que definiu o modo de extensão próprio” (LATOURE, 2013, p. 189, *tradução nossa*).³¹

Santaella e Cardoso (2015), na interpretação das obras de Latour que tratam de mediação técnica (1994) e de ontologia plana (2012), explicam que, na prática, a ação se desloca mais para os meios, para as misturas, para o ator híbrido, à medida que a ação não é uma propriedade de humanos, mas de uma associação de actantes.

A mediação técnica se revela como um compartilhamento de responsabilidades da ação entre vários actantes, levando em consideração a ação de todos os envolvidos no agenciamento. Por esse entendimento, a compreensão do social é mais um resultado de interações do que um sistema estruturante (LEMONS, 2013). Dessa forma, a realidade é vista como movimento, devir, fluxo, continuidade e contraste. Nisso, é mais importante perceber

³⁰ No original: “*Por consiguiente, no existe ninguna razon para no seguir las redes que nos permitirfan vaciar, excavar, equipar, esclarecer, mantener, hacer circular a los sujetos. Los Modernos tienen un gran ego, es verdad, pero, si prestamos atencion, podemos ofr el ronroneo regular de las bombas de desagote que mantienen el vacio de su tan apreciada interioridad. Tambien estas bombas son de tamano respetable y muy costosas. Por lo tanto, tendremos que aprender a seguir las fabricas de interioridad, a marchar, tambien aqui, como siempre, a lo largo de las redes particulares y aprender a descubrir el tenor exacto de lo que transportan. La obra en construction es enorme, pero esta abierta: habra que pagar el precio de las interioridades en moneda contante y sonante, como hemos aprendido a pagar -o, mejor dicho, a pavimentar- los recorridos de la referencia*” (LATOURE, 2013, p.188).

³¹ No original: “*Aquí es precisamente donde las cosas se complican y hay que ir mas lejos para poder captar, no ya las redes en toda su heterogeneidad, sino la experiencia original que define su modo de extensión próprio*” (LATOURE, 2013, p. 189).

como as estruturas são engendradas por atores, e não como os atores se encaixam em um sistema estruturante.

A mediação técnica, no entendimento de Latour, é então uma confluência entre homem e artefato, o que, no contexto deste trabalho poderia ser dito desta forma: experiência social e tecnologias mudam a partir da existência de humanos com determinadas tecnologias em determinados contextos. A partir dessa ideia, a ação social não significa apenas a ação humana, mas uma ação da associação, da combinação de actantes.

Lemos (2013), na compreensão do universo da cibercultura³², a partir da Teoria Ator-Rede, destaca que o principal dessa teoria é colocar os artefatos numa mesma relação igualitária com os humanos no poder de empreender ação, ou seja, os não humanos aparecem como mediadores (objetos inteligentes, computadores, servidores, redes telemáticas, *smartphones*), mais efetivos no processo de mediação, que, segundo ele, têm provocado mudanças em nosso comportamento no dia a dia e, por outro lado, mudamos esses não humanos de acordo com nossas demandas.

Essa evidência se mostra dada a invasão dos objetos inteligentes (não humanos) como mediadores, que estão em todas as áreas da vida cotidiana, revelando o domínio da técnica cada vez mais articulado à vida social, como bem explica nessa passagem: “Cada vez mais não humanos agora ‘inteligentes’, comunicativos, conectados e sensíveis ao ambiente, nos fazem fazer coisas, alterando a nossa forma de pensar e de agir, em todos os domínios da cultura” (LEMOS, 2013, p. 20).

Entendemos que os pressupostos de como Latour (2012; 2013) compreende o social nos ajudam a olhar a relação das tecnologias digitais com os habitantes da comunidade do Caburi, mediada pela wi-fi, por justamente essa teoria nos dar subsídios para um outro posicionamento sobre a técnica, ou seja, de não tomá-la como algo que vai segregar o ser humano de forma distópica, à medida que a relação com a técnica é sempre de trocas, de mediação, de delegação, de inscrição, de tensão.

1.2.1 A Comunidade On – A internet

Desde a chegada da internet no Caburi, em 2011, as pessoas da comunidade vêm experimentando um longo e difícil caminho de inserção na vida digital, embora a Prefeitura,

³² Para Lemos (2002), a cibercultura resulta da convergência entre a socialidade contemporânea e as novas tecnologias de base microeletrônica. Ele alerta que é necessário observar a vida contemporânea, não numa perspectiva de conceitos congelados, mas pela ótica do movimento caótico e sempre inacabado entre as formas técnicas e os conteúdos da vida social.

entre 2013 e 2016 e depois a partir de 2017, tenha efetivamente instalado internet com um ponto de wi-fi gratuita no espaço do mercado, como veremos mais detalhadamente no segundo capítulo com os processos de mediação tecnológica por meio da experiência de Cidade Digital em Parintins.

No Brasil, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2015 sobre o percentual de domicílios particulares com telefone fixo e/ou móvel celular, as regiões Norte (74%,7%) e Nordeste (72,8%) foram as que mais registraram as maiores proporções de domicílios que possuíam apenas telefone móvel celular. Esse dado mostra como o celular é um meio e artefato popular nessas áreas. Na região Norte, poderíamos arriscar em afirmar que o celular é um artefato que facilitou a mobilidade informacional das populações nessa localidade, tendo em vista as dimensões continentais de regiões como o Amazonas. Outro fator que aponta para esse fato é o acesso de populações de baixa renda no consumo de tecnologias digitais.

Spyer (2017)³³, na pesquisa etnográfica sobre o uso de mídias sociais no Brasil Emergente, explica como o acesso ao crédito e ao emprego formal pela “classe trabalhadora” entre os anos de 1990-2010 corroborou para que as pessoas de classes populares hoje tenham o poder de compra das tecnologias digitais, sobretudo de *smartphones*, artefato digital responsável por incluir muitos brasileiros na era da conexão digital.

Em nossas observações etnográficas na comunidade amazônica do Caburi, constatamos que esse cenário descrito por Spyer em sua etnografia é extensivo à comunidade, por identificarmos que a aquisição de *smartphones*, aliados às redes digitais de wi-fi potencializaram uma maior interação dessa comunidade amazônica com a cidade de Parintins. Veremos mais à frente que o artefato digital foi um dos elementos importantes na articulação e na versão do formato de comunidade em redes apresentada nesta pesquisa.

Dentre as primeiras informações obtidas junto aos ribeirinhos jovens do Caburi era que a aquisição do artefato digital se dava usualmente por meio da compra através da OLX a preços mais acessíveis. Para eles, o *smartphone* era bastante popular e visto como um bem necessário para a comunicação com amigos e parentes fora da comunidade.

Diante disso, caracterizamos essa população como pertencente às classes populares brasileiras, tendo em vista que parte significativa das famílias residentes na comunidade é beneficiária do Programa Bolsa Família, do Governo Federal. Segundo dados da Secretaria Municipal de Assistência Social, Trabalho e Habitação do Município de Parintins, até

³³ Versão em inglês.

dezembro de 2018, a comunidade contava com um total de 596 famílias beneficiárias do programa. Nesta pesquisa, a maioria das famílias dos jovens ribeirinhos contatados recebia o benefício.

Nessa comunidade amazônica em particular, o *smartphone* permitiu a inclusão digital dos moradores na “sociedade em rede” de uma forma colaborativa, o que em certo sentido também reflete a iniciativa deles de garantirem assistência aos demais, assim como o fortalecimento de formas tradicionais de sociabilidades cultivadas pela comunidade, expressando, por outro lado, uma defesa também diante dos desafios enfrentados por eles na comunicação com a cidade.

1.4 As formas comunicativas do habitar contemporâneas e as tecnologias digitais

A centralidade das tecnologias digitais na vida social se tornou aguda em todos os âmbitos da cultura na contemporaneidade, como podemos atestar na breve descrição do ambiente da comunidade amazônica do Caburi. A entrada e a incorporação das tecnologias móveis e digitais no cotidiano de seus moradores reconfigurou a forma de habitar o espaço da comunidade.

Esse habitar mediado pela wi-fi e por celulares integrados implica tanto uma ampliação da capacidade de se comunicar com a cidade de Parintins, espaço em que seus habitantes mais circulam, como também promovem uma nova relação com o espaço da comunidade, à medida que criam uma forma própria e singular de inserção no digital.

Em um primeiro contato com a comunidade do Caburi, em 2016, julguei que os jovens que acessavam os pontos de wi-fi da comunidade entravam na lógica da dinâmica de uma maior ritmicidade da ação de se conectar a todo o tempo, em atualizar-se nas mídias sociais freneticamente, uma vez que a nova experiência de habitar o espaço a partir das tecnologias se faz agora ao ritmo tecnológico, à medida que a temporalidade é influenciada pela tecnologia (LA ROCCA, 2016). Seria um descompasso total no meu entendimento, pois o ritmo nessa comunidade amazônica ainda se inscreve numa temporalidade de comunidade com forte relação com as dinâmicas do rio e da floresta.

Essa hipótese talvez fizesse sentido se o estudo não tivesse encontrado um caminho etnográfico. À medida que o tempo foi passando, mais evidências apareceram do valor que os moradores dão à comunicação, como condição e processo elementar e gerador de sociabilidade.

Trazer essas experiências de mediação tecnológica nos espaços de populações tradicionais na periferia da Amazônia, ainda que não altamente conectados por tecnologias 3G e 4G como vemos nas grandes metrópoles, é profícuo, à medida que elas lançam luz sobre essas dinâmicas e as relações que determinadas culturas tradicionais na Amazônia compreendem a ação dessas tecnologias no seu cotidiano.

Tendo em vista que o território exerce grande importância e significado para as culturas tradicionais, especialmente, aquelas habitantes das beiras de rios e lagos; nesta seção, faremos algumas discussões que Di Felice (2009) e La Rocca (2018) trazem sobre técnica e tecnologias, numa relação simbiótica com a natureza e o território.

Encontramos em “Paisagens Pós-Urbanas”, de Di Felice (2009), uma discussão sobre as formas comunicativas do habitar, por meio da qual, segundo o autor, implica pensar o processo progressivo de eletrificação e informatização do território, processo este em que, no decorrer do tempo, os significados resultantes dessa relação se transformaram através de inovações tecnológicas e, ao mesmo tempo, alteraram nossa visão do espaço, também modificaram nosso modo de interagir com o ambiente e a natureza.

Nessa perspectiva, através das mídias, habitamos os lugares e construímos espacializações e sociabilidades. As três formas comunicativas de habitar elencadas no estudo de Di Felice (2009) – a saber: empática, exotópica e atópica – revelam as articulações de um habitar técnico e interativo ao longo dos tempos. Para o autor, as duas primeiras formas de habitar (a empática e a exotópica), promovidas pela interação respectivamente da escrita e das mídias eletrônicas (fotografia e cinema), produziam uma relação passiva entre sujeito e território e, portanto, uma relação dicotômica com a paisagem.

Essa abordagem traz uma crítica à cegueira humana em pensar a sua posição no mundo, em relação ao ambiente, como algo à parte, fora dele. Ele diz que essa concepção integra a cultura do habitar do ocidente e que hoje se encontra em crise dada a ação humana. Para o autor, existe uma percepção biológica e tanto mais ecológica, a qual entende que o território e a natureza não estão apenas ao nosso redor, mas nos constituem, enquanto oxigênio, proteínas, água, ou seja, estando simultaneamente fora e dentro de nós (DI FELICE, 2009, p. 27-28).

O autor argumenta que essa separação começa a ser passível de ser questionada com o advento da eletricidade e agora, com as redes digitais, em que a natureza e a paisagem, uma vez eletrificadas, passaram a adquirir uma multiplicação informativa que, segundo ele, gerou o importante efeito de emancipar o território.

Por meio dessas argumentações, podemos entender a complexidade da paisagem contemporânea que ora se apresenta na contemporaneidade, de modo que, como problematiza Di Felice, é herdeira de uma concepção ocidental da forma de habitar que tomou a natureza, portanto, o ambiente, em separado.

O autor revela que as descobertas científicas e as imagens em movimento com a mídia eletrônica de certa forma devolveram à natureza as cores e o movimento que a representação do texto o limitara (DI FELICE, 2009, p. 29), e que, mesmo visualizada pelas imagens em movimento, a paisagem natural permanece externa e separada do sujeito que interage com ela através das dinâmicas de uma ação comunicativa externa.

Ele cita, como exemplos desse processo, as tecnologias como o telescópio, o microscópio, os documentários, que fizeram com que o ambiente adquirisse uma nova linguagem, tornando-o matéria viva, tal como nessa passagem: “O ambiente deixou de ser um receptáculo neural de nossas atividades. Também ele é construído por informação, está se tornando inteligente e, através da moeda, visível” (DI FELICE, 2009, p. 28).

O que Di Felice na verdade quer nos fazer ver é a relação que ora se mostra mais evidente com as tecnologias digitais, estas como parte agora da composição de ambientes interconectados, daí a sua tese, ao longo da sua obra, de que o elemento técnico transforma a relação do sistema sujeito-mídia-território, modificando a experiência do habitat.

Di Felice (2009) defende que a relação entre o ver, o perceber e o habitar é antiga. Rememora que, na antiguidade, uma parte da tradição helênica, a platônica especialmente, acreditava que os sentidos obnubilavam o conhecimento, alterando a percepção e substituindo o verdadeiro pela aparência e pela imagem.

Na esteira dessa concepção, o autor mostra que há outra visão na cultura ocidental que faz coincidir o “ser” com o “estar” e também a alteração da percepção sensorial com a transformação das formas habitativas. Para essa visão, segundo o autor, a relação entre o ver, o perceber e o habitar é descrita por meio de formas de uma relação simbiótica, relevando assim o caráter histórico e técnico da experiência sensível e das formas de habitar.

Os autores clássicos, como Simmel e Benjamin, foram os primeiros a ser sensíveis sobre essa questão e já apontavam a existência do caráter técnico do habitar com o aparecimento de uma experiência subjetiva com a técnica de vida oriunda da modernidade e mediada pela ação das tecnologias emergentes, como a fotografia e o cinema, geradoras de uma nova forma de apreensão de sentir e interagir com o mundo.

Di Felice (2012)³⁴ reitera que, na obra de Benjamin, já podemos ver a relação entre as tecnologias e a transformação da interação com o espaço e o território, quando ele descreve e problematiza as transformações de espaços de cidades europeias em meio à Revolução Industrial e ao advento do cinema e das mídias eletrônicas.

A experiência de habitar a cidade moderna é muito bem descrita numa simbiose com as tecnologias quando determinadas técnicas e aparatos técnicos articulavam-se na produção da paisagem urbana. Um exemplo ímpar do caráter técnico e comunicativo do habitar podemos encontrar em Benjamin, quando a pintura ensaiou o início do cinema com os Panoramas. Essa tecnologia, semelhante a uma espécie de realidade virtual da época, traduziu o sonho da cidade na sua relação com a natureza. Por meio de efeitos empregados pela pintura, tornava-se possível, pela artificialidade de imagens, articular os espaços da cidade com o campo, cada vez mais separados com o alvorecer da modernidade e, ao mesmo tempo, induzia ao aparecimento de novos meios e ambientes de mídia que vão promover a reconfiguração da percepção nesse ambiente urbano.

Na contemporaneidade, La Rocca (2018), em “A cidade em todas as suas formas”, retoma a discussão do habitar urbano mediado pelas tecnologias, ambiente em que é possível ver as interconexões entre indivíduos e territórios, tal como vemos o movimento de um hipertexto na *Web*, evidenciando que a nossa relação com o espaço é cada vez mais tecnodigital.

Podemos dizer que isso se faz aplicável praticamente em todos os espaços onde o urbano se faz presente e infiltrado por tecnologias digitais, tanto nas metrópoles como também em espaços urbano-rurais, contexto da comunidade amazônica do Caburi, um lugar onde foi possível ver o movimento da produção dos espaços a cada mudança da introdução dos pontos de wi-fi na ação de conectar a comunidade à internet. Era como se essa tecnologia digital numa dinâmica de conexão redefinisse os espaços de maior sociabilidade.

³⁴ Além dessa obra, podemos encontrar esse argumento no artigo Marshall McLuhan, o “Humanismo tecnológico e as formas comunicativas do habitat”. Disponível em: <https://www.massimodifelice.net/artigos>. Acesso em: 11 nov. 2017.

2 DA IDEIA DE ALDEIA GLOBAL A UM *HOTSPOT* NA FLORESTA: CONDIÇÕES E CONTRADIÇÕES DOS PROCESSOS DE INTERNET NA AMAZÔNIA OCIDENTAL

Trata-se antes do fato de que todo mundo está passando a viver na maior vizinhança, criada pelo envolvimento elétrico que enreda umas vidas nas outras.

Marshal McLuhan

2.1 Nas tessituras do Global: Parintins, um lugar entre muitas Amazôniaas

As transformações no espaço de sociabilidade na comunidade amazônica do Caburi estão relacionadas com o evento da implantação do projeto de Cidade Digital em Parintins. Levando em consideração as influências do urbano em comunidades ribeirinhas próximas e o movimento de idas e vindas com a cidade de Parintins; neste capítulo, apresentamos o contexto dessa cidade nessa porção da Amazônia Ocidental na sua relação com as tecnologias digitais, a fim de compreendermos as relações que se fazem entre a cidade e a comunidade rural do Caburi e as transformações no rural a partir da presença e dos usos cada vez mais crescentes de tecnologias digitais de comunicação nesses espaços.

O sonho de fazer uma cidade digital em plena Floresta Amazônica foi um devaneio que se fez realidade nos idos de 2006 em uma cidade do Amazonas a 350 km de Manaus. Essa experiência inscreve e coloca a cidade frente aos desafios da inserção das tecnologias digitais móveis (celulares conectados à internet, ambientes públicos com wi-fi) nos vários espaços da Amazônia, que, embora façam parte de processos que dialoguem com projetos de ocupação mais amplos de desenvolvimento da Amazônia como SIVAM³⁵ e SIPAM³⁶, realizados no início dos anos 2000, por exemplo, vêm corroborar para compor um quadro de mudanças por quais passam suas populações para a sua inclusão na dita “sociedade em rede”.

Pensar e tratar sobre Amazônia hoje exige, primeiramente, descolonizar o olhar para esse espaço tão complexo e demasiadamente tomado como homogêneo em muitas abordagens

³⁵ Sistema de Vigilância da Amazônia.

³⁶ Projeto criado em fevereiro de 2002, pelo Decreto n.º 4.607, com os objetivos de “integrar informações e gerar conhecimento atualizado para articulação, planejamento e coordenação de ações globais de governo na Amazônia Legal brasileira, visando à proteção, a inclusão social e o desenvolvimento sustentável da região”. Sua operacionalização se dava por uma complexa infraestrutura tecnológica composta por subsistemas integrados de sensoriamento remoto, radares, estações meteorológicas e plataformas de dados instaladas na região. Disponível em: <http://noticias.ambientebrasil.com.br/exclusivas/2007/03/13/29996-exclusivo-cinco-perguntas-sobre-o-sistema-de-protecao-da-amazonia-sipam.html>.

e muitas vezes até na própria academia. Trindade Jr. et al. (2011) diz que, para não incorrer nessa falsa visão, hoje, cabe falar na existência de uma urbanodiversidade regional, para mostrar as diferentes e plurais realidades urbanas no contexto amazônico. De acordo com Freitas (2009), as populações amazônicas atualmente somam cerca de 20 milhões de habitantes em 8 unidades da Federação (a saber: Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins), localizados em um total de 750 municípios.

Entretanto, a Amazônia Brasileira ainda é desconhecida no seu próprio país, tanto pela potencialidade de vir trazer desenvolvimento sustentável para a região, quanto pela compreensão das várias pautas de suas populações mais vulneráveis.

Em vista dessa realidade, reposicionar o olhar para as transformações e inserções de cidades médias e de comunidades rurais na esteira da lógica de expansão do capitalismo, no que se refere à adoção de tecnologias de informação e comunicação (TICs) no espaço de suas populações “tradicionais”, é um esforço de ampliar o entendimento das múltiplas dinâmicas que estas podem assumir na interface com a cultura local.

A experiência de mediação tecnológica em Parintins, no Amazonas, como veremos ao longo deste trabalho, apresenta-se como um microcosmo do mundo amazônico multifacetado de inúmeros contrastes e problemáticas socioeconômicas. A adesão da cidade aos processos de digitalização é, antes de tudo, parte da expansão dos processos de urbanização, que, segundo Becker (2003 apud ROCHA, 2013), se fazem no espaço amazônico desde meados da década de 70 do último século. Nesse contexto, esses processos mostram-se como pano de fundo da inserção e da presença das tecnologias de comunicação e informação nesse espaço, à medida que os espaços de comunidades rurais assumem-se cada vez mais como espaços urbanizados.

Nesse sentido, tomar Parintins como um lugar entre muitas Amazônias é uma tomada de posição frente à complexidade da produção e das conexões desse espaço amazônico com os processos globais vividos por suas populações tradicionais em que as relações são marcadas pelo trânsito entre o urbano-rural, configurando-se por um *continuum* ampliado, dada a realidade de algumas comunidades rurais, agora, estarem conectadas com internet.

Embora os processos de ocupação e urbanização que vêm ocorrendo com maior veemência na Amazônia desde meados de 70 coloquem seu território numa relação direta com os processos globais, algumas cidades da periferia da Amazônia, como no caso de Parintins, dialogam com tais processos muitas das vezes sem um efeito visível a longo prazo. Entretanto, os efeitos desses processos podem ser vistos quando do acontecimento da implantação do projeto de Cidade Digital em 2006.

2.1.1 A experiência de Praças Digitais em Parintins

Di Felice, em “Paisagens Pós-Urbanas”, cita a implantação da Cidade Digital em Parintins como exemplo de redes sociais digitais, como podemos ver no trecho abaixo:

Recentemente, foi inaugurada a Cidade Digital de Parintins, localizada a doze horas de barco de Manaus (AM). O projeto conjunto tem participação da Cisco, Embratel, Fundação Bradesco, Intel, Proxim e Universidade Estadual do Amazonas. Combinando wi-fi e WiMax, o projeto inclui comunicação via satélite, infovia municipal e telemedicina. (DI FELICE, 2009, p. 273)

Para ele, isso já sinalizava a configuração de um social tecnológico, produto da mediação entre sujeitos, empresas e meios de comunicação, em que a entrada em cena das redes interativas de comunicação digitais já era a expressão do advento da *Web 2.0*³⁷.

Guerra e Gimenes (2015) asseveram que a cidade digital é um termo comumente utilizado para marcar a evolução tecnológica de um município, englobando a automatização dos processos modernos com fins de aproximar o governo e a população, a disponibilização de internet banda larga, além da interligação dos órgãos públicos municipais, estaduais e federais, com vistas à integração desses órgãos.

Para a cidade, a vinda da internet significou a abertura de uma janela para Parintins ver o mundo. Esse foi o depoimento e o sentimento do que foi a implantação do projeto em 2006. A frase clichê foi dita por uma autoridade política na época e expressa, de certa forma, a configuração de cidade que ainda predomina nesse espaço em estudo do contexto da cidade de Parintins com a comunidade rural do Caburi, que é a denominação de “cidade da floresta”, para situar algumas características dessa cidade no contexto das outras cidades existentes na Amazônia.

³⁷ Para Felice, essa configuração da internet permitiu o acesso às informações em uma quantidade infinita a um grande número de pessoas.

Figura 12 - Foto de Craig Barrett na inauguração do modelo de "Cidade Digital"



Fonte: Prefeitura de Parintins, 2018.

Segundo dados do IBGE de 2010, a população de Parintins está estimada em 102.033 habitantes, sendo 69.890 na área urbana e 32.143 na zona rural. Do ponto de vista histórico, a formação das cidades na Amazônia são resultado da criação de pequenos núcleos coloniais como parte do processo de ocupação da Amazônia (SOUZA, 2013).

Situada a 350 km da capital Manaus por via fluvial, Parintins é um dos municípios do Amazonas mais importantes do ponto de vista cultural. A cidade é a segunda maior do Amazonas em relação ao seu contingente populacional e, dentre os municípios do Estado, é o que mais tem vocação para o turismo de eventos, por realizar desde 1965 o festival dos bois-bumbás Garantido e Caprichoso. Esse festival é um evento midiático de massa, que representa uma das fontes de renda para captação de recursos e investimentos para a economia pouco diversificada no interior do Amazonas.

Em relação à sua caracterização como cidade na Amazônia, podemos tomá-la como “cidade da floresta”, fazendo eco à expressão adotada por pesquisadores dos processos de urbanização para a diferenciar das outras configurações de cidades existentes. “Cidades na floresta” que são aquelas que se apresentam como espaços de exploração (madeiras, mineiros, fragrâncias, espécies de animais e vegetais, turismo).

Figura 13 - Foto da cidade ribeirinha de Parintins



Fonte: Paulo Sicsú.

Embora Parintins apresente atualmente um nível de urbanização razoável e esteja voltada política e culturalmente para o turismo de eventos, tendo o festival dos bois-bumbás como carro-chefe, condição pela qual poderíamos tomá-la como “cidade na floresta”³⁸, Parintins é uma cidade que ainda engendra características de cidade da floresta, mesmo que sua configuração atual aponte para um processo de urbanização cada vez mais progressivo.

Trindade Jr. (2010) esclarece, em seus estudos sobre urbanização na Amazônia, a diferença entre “as cidades na floresta” e “as cidades da floresta”. Para ele, esta última acepção refere-se a cidades locais, com forte ligação com espaços que lhes são próximos; são consideradas cidades ribeirinhas, tal como explica:

As cidades ribeirinhas, dessa forma, têm fortes enraizamentos, fortes ligações socioeconômicas e culturais com a escala geográfica local e regional; enraizamentos estes que traduzem estreita relação com o rio, não simplesmente pela localização absoluta, devido ao fato de estarem à beira do rio, mas, e principalmente, por apresentarem uma interação funcional com esse elemento natural. São exemplos disso, a circulação fluvial, de subsistência material (fonte de recursos alimentares, uso doméstico etc.), a utilização lúdica (uso do rio para o lazer) e simbólica (a importância do rio no imaginário sociocultural). (TRINDADE JR., 2010, p. 118)

A cidade figura como um dos primeiros municípios do Brasil juntamente com outras cidades que tiveram experiências com a implantação de tecnologias sem fio e que, de certa forma, pode servir como modelo de políticas públicas federais que pretendam conectar as cidades de médio porte. Antes do projeto, o município contava apenas com o sinal de internet

³⁸ Expressão usada para nomear as cidades na Amazônia mais voltadas para atender aos “grandes objetos” econômicos, a exemplo de cidades como Carajás (PA), Porto Trombetas (PA), e atualmente Altamira (PA), onde recentemente foi construída a hidrelétrica de Belo Monte.

a rádio de empresas de provedores locais, com a implantação da banda larga para atendimento aos setores de saúde (Centro de Telemedicina) e em quatro escolas públicas, em sua primeira fase, e em um centro de geração de emprego e renda, onde eram oferecidos cursos de línguas estrangeiras e informática.

O projeto de implantação de banda larga na ilha, em plena Floresta Amazônica, teve como fio condutor a implantação de um laboratório de telemedicina em um centro de saúde e em algumas escolas, e a instalação de sinal de internet aberto em uma praça da cidade, que ficou conhecida como praça digital.

O projeto promoveu uma transformação nas formas do uso da informação nos âmbitos espaciais e das práticas sociais e comunicacionais dos moradores da cidade. Era possível, nessa fase de implantação, ver as pessoas frequentarem os espaços com internet gratuita, sobretudo as praças, o que mais tarde possibilitaria novas formas de habitar e interagir por meio de dispositivos móveis, além da criação de páginas como *blogs*, *sites* e *sites* de redes sociais.

2.2 As praças como ambientes de mídia

Sobre esse cenário, em que ambientes físicos, máquinas, pessoas e artefatos de mídias estão mais visivelmente em interação, é oportuno recorremos ao conceito de mídia como formas de infraestrutura e formas de vida desenvolvido por Peters (2015), momento em que ele acredita que os dispositivos digitais nos convidam a pensar a mídia como ambiental, como parte de um habitat. Ele defende e explora em seus postulados a relação entre mídia e natureza e empreende uma filosofia de mídia elementar. Para ele, por esse viés, “o conceito de mídia se torna relevante no momento que nosso ambiente mais difundido é tecnológico e natural” (PETERS, 2015, p. 2, *tradução nossa*).

A mídia entendida dessa forma alcança a natureza, não apenas a sociedade, mas em objetos, não somente em eventos. Ele adverte que, se a ideia tão difundida de que os meios de comunicação são ambientes, o inverso dessa ideia é admissível de que os ambientes são mídias. “O ambiente dado para a maior parte da população humana consiste em formas de vida artificiais ligadas às naturais [...]. A nossa própria existência depende de uma vasta gama de técnicas de gestão da natureza e da cultura, a maioria delas ignorada pela recente teoria da comunicação” (PETERS, 2015, p. 3, *tradução nossa*).

Na sua defesa desse conceito de mídia, diz que os pragmatistas clássicos entendiam a comunicação dessa forma. “What if we took technologies not just as tools that chip away at

solid materials, but as means by which nature is expressed and altered, at least for human beings?” (PETERS, 2015, p. 4).

O autor assevera que, à medida que a comunicação é entendida para além do envio de mensagens, mas também como condições de existência, a mídia deixa de ser apenas estúdios e estações, mensagens e canais, e se transforma em infraestruturas e formas de vida. Esses sentidos materiais e ambientais informam o alcance recente do conceito de mídia além das mensagens aos habitats (PETERS, 2015, p. 15).

Essa perspectiva é oportuna para pensarmos sobre os ambientes de comunicação contemporâneos como lugares que, conectados a uma rede de internet, wi-fi, reconfiguram toda uma dinâmica de comunicação de um espaço ou cultura existente.

Peters (2015) descreve e problematiza um cenário em transformação e complexo de como a mídia se apresenta na contemporaneidade. Ele explica que, no último meio século, a forma tecnológica dominante de comunicação passou da radiodifusão e da telefonia para a internet, e os processos de comunicação se tornaram ainda mais caóticos. Para ele, há um retorno de um modo antigo em conceber a mídia³⁹ com um ambiente de comunicação à medida que a mídia se tornou um equipamento para se viver de uma forma mais fundamental (PETERS, 2015, p. 5). Ele diz que podemos ver na internet desde um inumano traficando pornografia, *spam*, metadados, até seres humanos conduzindo suas vidas através de dispositivos. “Você pode ver o estado de vigilância corporativa, *bullying*, vítimas levadas ao suicídio. Ou seja, as mídias são novas infraestruturas do ser, os habitats e materiais, por meio das quais atuamos e somos. Isso dá importância ecológica, ética e social” (PETERS, 2015, p. 6, *tradução nossa*).

Essa perspectiva de mídia nos ajuda na compreensão de ambientes-mídias, conforme na Amazônia (Figura 14), em particular em Parintins, que ganha tal complexidade quando as tecnologias digitais são integradas a espaços físicos, como quando as praças se integraram à rede *wireless*, numa tentativa de implantar um modelo de Cidade Digital, que veio a transformar como as pessoas e, sobretudo, populações jovens se relacionam com o próprio ambiente, a praça e outros espaços ao ar livre nesse município. Ele acrescenta ainda que “a mídia digital revive antigas funções de navegação: elas nos apontam no tempo e no espaço, indexam nossos dados e nos mantêm em rede” (PETERS, 2015, p. 7, *tradução nossa*).

³⁹ Essa constatação também foi tomada por Miller (2016) depois do resultado de estudos antropológicos comparativos sobre os impactos de mídias sociais em diferentes culturas em vários países. Um dos resultados comum a todos os campos foi a ideia de que, nesse caso, a mídia social é mais que comunicação, é também um lugar onde as pessoas agora vivem.

Figura 14 - Ilustração da configuração das praças digitais na floresta



Fonte: Sicsú, 2017.

Podemos observar essa ideia em formas de comunicação não digitais, como os sistemas de alto-falantes⁴⁰ nessa parte da Amazônia, como vimos na comunidade do Caburi, conhecidos como voz comunitária, operando nessa perspectiva de mídia ambiental, à medida que esses artefatos de mídia mantêm em comunicação várias comunidades dispersas na floresta, quando seus habitantes circulam por comunidades que possuem tais mídias e, dessa forma, suprem suas necessidades básicas de sociabilidade e sobrevivência. Antes de imaginarmos ambientes altamente tecnológicos, é necessário vislumbramos a existência de ambientes dessa natureza empreendendo significados e materialidades na atuação da comunicação de forma mais ampla de populações rurais em comunidade nesses espaços.

Nessa acepção de mídia, Peters (2015) remete-se a Marshall McLuhan, à medida que este estudioso das mídias, em *“Understanding media”* (2007 [1964]), protestou de forma pioneira que a mídia fosse reduzida a apenas mensagem no sentido de transmissão de conteúdo e introduziu essa ideia com a proposição de que *o meio é a mensagem*, quando toma como mídias estradas, número, moradia e dinheiro e carros, além dos que aparecem na sua análise no século XX, como publicidade, filme e telefones (PETERS, 2015, p. 16). Podemos encontrar essa ideia na obra de McLuhan (2007 [1964]), quando ele explica o alcance dessa proposição.

Pois a “mensagem” de qualquer meio ou tecnologias é a mudança de escala, cadência, ou padrão que esse meio ou tecnologia introduz nas coisas humanas. A

⁴⁰ São uma espécie de mídia que fica acoplada geralmente na parte externa das casas de quem faz a comunicação nas comunidades rurais, funcionando nos moldes de uma rádio local de alcance limitado.

estrada de ferro não introduziu movimento, transporte, roda, ou caminhos na sociedade humana, mas acelerou e ampliou a escala das funções humanas anteriores, criando tipos de cidades, de trabalho e lazer totalmente novos. (MCLUHAN, 2007 [1964], p. 23, *tradução nossa*)

Não resta dúvida que, mesmo que incompreendido, McLuhan lançou bases importantes para ampliarmos a ideia de mídia na acepção de ambientes midiáticos à medida que cada nova tecnologia introduzida não só gera outros ambientes, como bem ele explica, mas modifica a apreensão e a organização de como as pessoas se relacionam com os ambientes.

Essa premissa ganha ainda maior complexidade com a entrada em cena da ação de dispositivos digitais móveis, como celulares conectados à internet em um ambiente como uma praça urbana ou em certos espaços de uma comunidade rural, que, de certa forma, além de ampliar os modos de ser através dessas máquinas, nas palavras de Peters (2015), o campo total da atenção no tempo-espaço é elevado a patamares antes não alcançados, recombina e reconfigurando ambientes e a comunicação nesses contextos.

Em uma releitura da obra de McLuhan (2007 [1964]), Pereira (2012), ao fazer uma reflexão sobre possíveis implicações dos novos meios digitais e de suas linguagens na cultura contemporânea, defende a existência de arranjos midiáticos, que surgem a partir da necessidade de os meios atuais, dada a natureza do digital com vocação de lidar com diferentes conteúdos desde que traduzido em sequências numéricas binárias a tendência de se interligarem com outras mídias –, formarem uma espécie de cadeia de mídia de artefatos tecnológicos.

Pereira (2012) mostra o exemplo da TV, que, na sua visão, “valeria mais quanto menos TV pura for”, ou seja, quanto mais possibilidades de acoplagens, melhor será a experiência com os meios digitais. Quanto maior possível for o engajamento com outras mídias, ora funcionando como computador, ora como tocador de MP3, ora como álbum digital de fotos. O mesmo se aplicaria para um telefone celular, um *laptop*, um *tablet* etc.

Se as mídias se proliferam e parecem estar agora mais onipresentes em nosso cotidiano, isso se deve a um patamar da técnica ao qual chegamos e se reveste por toda a estrutura da experiência humana na configuração de ambientes de mídia conectados. As tecnologias digitais – o celular conectado a uma rede de wi-fi (*wireless*) – engendram esse processo, por meio do qual a experiência social de populações ribeirinhas se expressa e se molda na relação com o artefato de mídia em ambientes de comunidades rurais no Amazonas, como no município de Parintins. Essa é apenas uma das formas e das capacidades pelas quais a técnica se encontra disseminada e corporificada na cultura.

Isso significa, a nosso ver, considerar também a entrada da Amazônia em uma nova fase de urbanização dentro de tais processos contraditórios, que envolve tanto o desenvolvimento instituído por modelos de ação do capitalismo nessa região no acesso de internet em praças digitais⁴¹ e outros lugares ao ar livre, como em comunidades rurais, mas, também, de processos complexos de agenciamentos dessa mídia na interação dos agentes, sobretudo, de populações jovens no espaço-tempo de aceleração que ensejam tais tecnologias, por outro lado, atreladas a espaços-tempos com dinâmicas próprias da cultura local.

Na Amazônia, a partir do projeto de Cidade Digital no Amazonas em 2006, a praça passou a se configurar como ambiente de mídia em cadeia com conexão para vários lugares. Essa nova configuração da praça com wi-fi ampliou a inserção de populações ribeirinhas urbanas na vida digital com esses espaços à medida que o sentido de ubiquidade das novas tecnologias digitais impunha estar num ambiente *always on* (PRIMO, 2016 apud TURKLE, 2006; PELLANDA, 2008), no qual o indivíduo está conectado a vários espaços simultaneamente.

Figura 15 - Foto de jovem acessando internet na época do funcionamento das praças na área urbana



Fonte: Floriano Lins, dos arquivos da Prefeitura de Parintins disponíveis na internet, 2018.

⁴¹ Lógica para vender a ideia de uma cidade turística, apta a fazer negócios e parcerias globais.

Mas o que é hoje a praça nesses lugares? A praça passou a ser um componente de mídia, que se articula em função de uma demanda para a conexão móvel. Podemos conjecturar a praça digital existente no município de Parintins como parte dessa engrenagem que permite várias acoplagens no cenário da cultura digital. Ainda que não seja um meio técnico, mas podemos tomar a praça como um ambiente, ou mesmo os espaços com wi-fi permitem a configuração de um sistema digital múltiplo, à medida que os sujeitos podem a partir de um telefone celular ou mesmo de um *tablet* e se conectarem à internet.

A praça valeria mais quanto menos “pura” for a praça, ela ganhou outras funções. A praça não é mais somente um monumento de embelezamento da arquitetura urbana local, do encontro social presencial, mas agora funcionando como uma das janelas que o mundo físico permite se abrir para outras dimensões de mundo, na articulação e no acesso de tempos e espaços diferentes. Dessa forma, temos acoplamentos entre ambientes físicos com temporalidades múltiplas, aparatos técnicos, humanos e mídias se relacionando na composição de um ambiente de mídia híbrido, funcionando como um ambiente elo de uma cadeia de mídia mais complexa.

2.3 Impactos do Projeto de Cidade Digital e a replicação da lógica para o rural

No Amazonas, o movimento de mediação tecnológica de tecnologias sem fio, como vimos, foi a partir da experiência das praças digitais em Parintins, no interior do Estado. Nesta parte Ocidental da Amazônia, Manaus é considerada a cidade mais importante, entretanto, Parintins foi o primeiro município no Amazonas a implantar a ideia de Cidade Digital.

De um modo geral, em consulta nas secretarias e órgãos do governo que tratam da questão tecnológica em Manaus e em Parintins, existem poucas informações sistematizadas e detalhadas sobre os impactos na vida das pessoas, sobretudo, as de camadas populares no Estado, as quais são as populações prioritárias desses projetos.

Segundo dados da Secretaria de Educação do Município de Parintins, no período de 2006 a 2014, o projeto de Cidade Digital capacitou 5.586 pessoas em cursos de informática no município⁴². Atualmente algumas ações do projeto ainda funcionam, a exemplo do Centro de Telemedicina, com o diagnóstico de doenças por profissionais à distância via internet. Por outro lado, o acesso gratuito de internet nas praças atualmente não existe mais, face à expansão de serviços de acesso a tecnologias de 3G e 4G oferecidos pelas 4 grandes

⁴² Conforme documento em anexo sobre os dados do Centro de Inclusão Digital.

operadoras de telefonia móvel do país que atuam no município, mas timidamente a cidade até 2016 ainda contava com wi-fi em algumas praças públicas.

Essa realidade não demonstra, todavia, que os municípios estejam fora completamente das transformações das tecnologias sem fio, pois tais iniciativas se replicaram para alguns municípios⁴³, embora a cobertura de internet seja ainda ineficiente em relação à metrópole Manaus, onde a internet é por meio de fibra óptica.

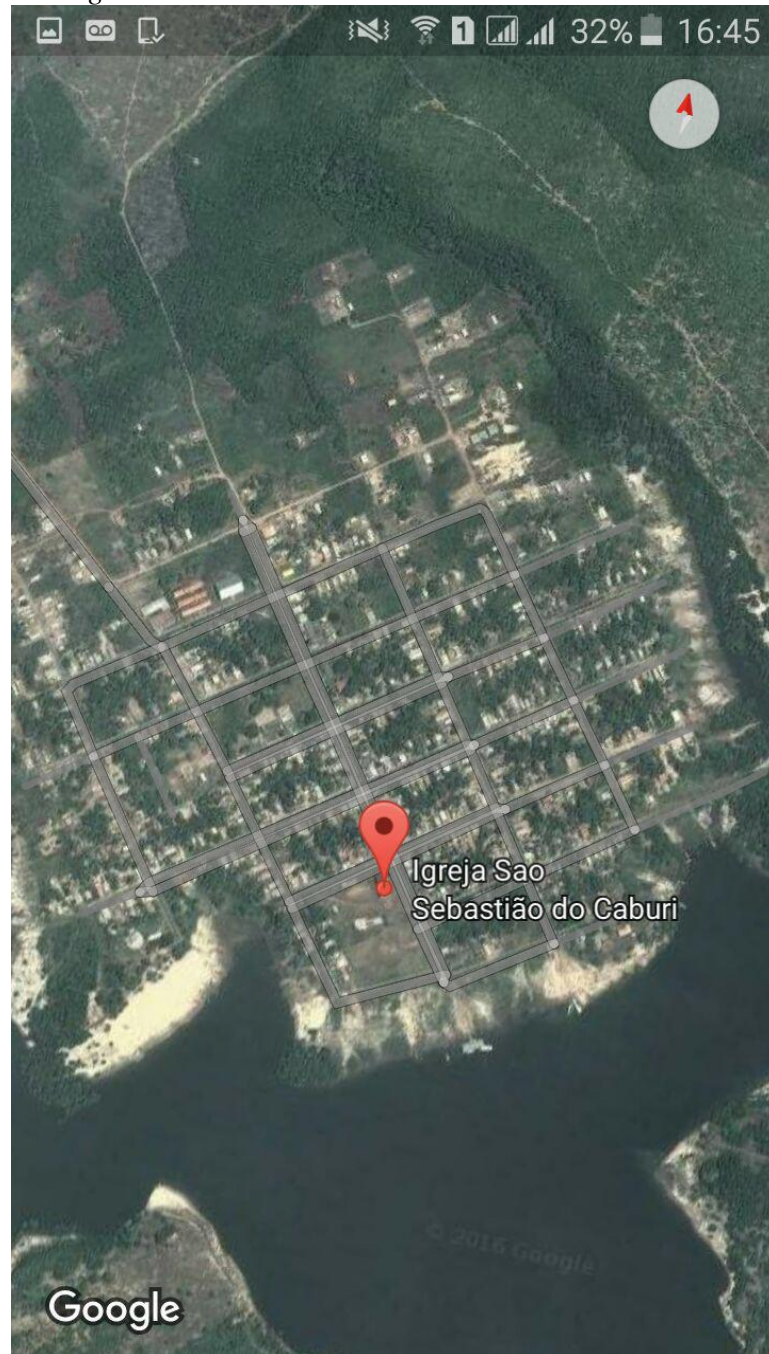
O que chama a atenção com a experiência de Parintins é que, desde 2006, a cidade se inseriu na conexão digital e, desde então, a vida social no município tem se transformado com a circulação da informação no que concerne a uma maior expressão pela população nas redes sociais sobre os problemas sociais da cidade. Esse fato é um avanço, na medida em que o sistema de comunicação massivo está sob a concessão da Igreja Católica e por parte de grupos políticos.

Ressaltamos aqui que os espaços físicos interligados a uma rede de internet na Amazônia foram certamente uma das ações que impulsionaram a conexão digital em cidades de médio porte no Amazonas, onde podemos visualizar a complexidade de um processo comunicacional de maior interação entre os agentes que portam celulares nesses espaços, como é o caso do município de Parintins.

Atualmente, observamos a expansão desse mesmo movimento de acesso à internet, a exemplo das praças digitais na área urbana de Parintins para comunidades rurais do município, onde até então não se tinha de forma efetiva a comunicação de banda fixa, como são os casos das comunidades rurais do Caburi e do Mocambo, a 60 km de Parintins por via fluvial.

⁴³ Em 2008 foi criado o projeto Amazonas Digital, que expandiu o acesso à internet para Manaus e outros municípios do Amazonas.

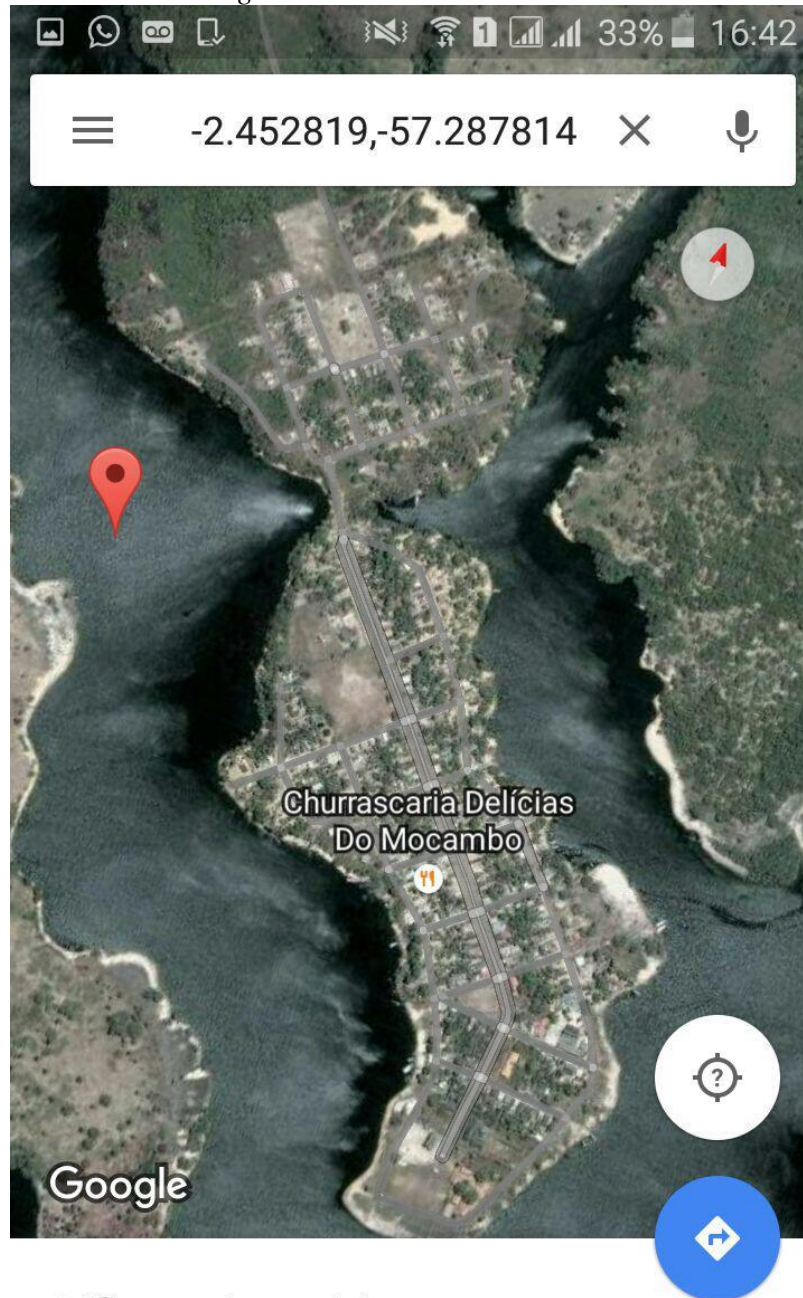
Figura 16 - Foto via satélite da comunidade amazônica do Caburi no *Google Earth*



Fonte: Dos arquivos do provedor *Fox Net*.

Com base na identificação dessa maior interação, dada a caracterização dos espaços de mídia na cidade anteriormente e agora também em funcionamento em algumas comunidades rurais polos do município, podemos visualizar a disseminação de comunidades em redes na floresta, empreendendo novas conectividades ribeirinhas urbanas, e, por outro lado, com outros ambientes comunicacionais de ordem tradicionais ainda existentes para as demandas comunicacionais dos moradores.

Figura 17 - Foto via satélite da comunidade amazônica do Mocambo no *Google Earth*



Alfinete inserido

perto de Parintins, Amazonas

Trajeto

Fonte: Dos arquivos do provedor *Fox Net*.

Dessa forma, comunidades em áreas remotas que antes não tinham acesso à internet podem ser captadas pelos sistemas GPS. A comunidade do Monte Sinai é um exemplo também de comunidade amazônica que passa por tais transformações.

Figura 18 - Foto da comunidade Monte Sinai



Fonte: Foto dos arquivos do provedor *Fox Net*.

Outro exemplo de tentativa de mediação tecnológica sem fio no Amazonas que podemos citar foi a implantação em 2008 do programa Amazonas Digital. De acordo com informações da Processamento de Dados do Amazonas S/A (PRODAM), empresa vinculada à Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Econômico (SEPLAN), o programa se constituiu em uma rede de telecomunicação, via satélite, para conectar os órgãos públicos

estaduais instalados nas sedes de 15 municípios⁴⁴. Por meio do acesso da rede, os municípios podiam se conectar à internet e aos sistemas de informações do Governo do Estado. Nos moldes de Parintins, o programa também disponibilizou acesso à internet à população através de *hotspots*⁴⁵ instalados em praças públicas.

De acordo com a PRODAM, o programa foi descontinuado em 2014 por falta de verbas para a execução do processo de digitalização nos demais municípios do Estado e não há um levantamento formal dos impactos do programa, mas apenas relatos por parte da população de que o programa era útil para os municípios.

Ao colocarmos a experiência de Parintins e mais precisamente da comunidade rural amazônica do Caburi frente às tentativas de levar internet aos municípios do Amazonas e áreas remotas na Amazônia, esbarramos na falta de políticas públicas que priorizem a comunicação como “bem-estar” dessas populações ribeirinhas, pois essas populações enfrentam grandes dificuldades para ter uma comunicação mínima com familiares que residem na cidade. Entretanto, desde o funcionamento de internet em 2011, isso vem mudando em algumas comunidades rurais próximas da cidade. Agora os moradores da comunidade amazônica do Caburi podem olhar o que acontece na área urbana por meio das mídias sociais e ainda reivindicarem suas demandas sociais.

2.3.1 A implantação de *hotspots* na floresta e as dificuldades

Como vimos, a experiência de “praças digitais” na área urbana foi extensiva para as comunidades rurais do entorno do município de Parintins. Entretanto, a iniciativa nessas áreas mais remotas não se deu no primeiro momento diretamente pela Prefeitura de Parintins pelo fato de o alcance do projeto de Cidade Digital ter como foco principal e prioridade a cobertura de partes da área urbana da cidade.

Com vistas a isso, podemos destacar a atuação de empreendedores de provedores independentes, que tiveram papel crucial na inclusão dessas comunidades no digital. Conforme relato do processo de implantação de internet nas comunidades rurais de Parintins, as dificuldades foram inúmeras. O empreendedor de telecomunicações e proprietário do provedor *Fox Net*, Ricardo Batista, 36, anos, em depoimento, esclareceu como foi a iniciativa de levar internet para área rural.

⁴⁴ Os municípios alcançados na primeira e única fase do projeto foram: Manacapuru, Itacoatiara, Tefé, Tabatinga, Barcelos, Boca do Acre, Carauari, Coari, Eirunepé, Humaitá, Japurá, Manicoré, Maués, Presidente Figueiredo e São Gabriel da Cachoeira.

⁴⁵ Segundo Lemos e Valentim (2006) a utilização da tecnologia wi-fi se dá por meio de *hostpots* públicos, que são geralmente fornecidos por meio da contratação por parte do usuário de uma assinatura de um provedor de acesso à internet.

Eu percebi a necessidade de comunicação deles, até por conta dos dias que eu passava lá e perdia a comunicação com a minha empresa, e como até em Parintins na época existia uma dificuldade de internet, eu comecei a buscar alternativas de internet, links via satélite, outras formas de chegar internet aqui e posteriormente em Parintins.

Foi em 2010 que eu comecei a iniciativa de querer colocar internet, o trabalho de montar torre e etc, mas foi somente no final de 2011, por volta de fevereiro, que nós implantamos nas residências dos clientes que tinham interesse.

Hoje a gente já tem 5 provedores de internet em Parintins. Na época tinha apenas 1 provedor de internet, a Jurupari, que eles usavam sistema discado e, além de ser muito caro, não tinha como implantar lá no Caburi, que, por ser comunidade rural, a telefonia fixa demorava muito pra funcionar. (Entrevista com proprietário do provedor de internet Fox Net, 36 anos)

O depoimento do empreendedor de provedor de internet revela que as dificuldades envolveram grande esforço para levar internet para as comunidades rurais. Além de esbarrar em dificuldades técnicas e de logística que essas áreas remotas impõem, conforme podemos atestar nas imagens adiante, foi possível buscar a conexão com empresas de outros estados como no estado vizinho do Pará, em Santarém, e em um segundo momento chegar a uma parceria com empresa de telecomunicação do estado do Amazonas, como a “AmazonSat”, na composição de um link para melhorar a conexão e a cobertura de internet em algumas comunidades rurais.

No Caburi a internet funciona nesse link pela AmazonSat. A velocidade lá já é 1 megabyte (MB). Ainda pagam um preço acima de Parintins. No cliente básico no Caburi é 180 reais, e no Mocambo a 200 reais. Hoje o provedor a Multiplay cobra 180 reais. Em 2011 implantei no Caburi e em 2013 foi implantado o mesmo sistema no Mocambo.

Esse link de Manaus foi implantado em 2018, nós passamos 4 anos pra finalizar esse link, vindo de Manaus, torre por torre. Hoje temos uma torre no Monte Sinai, que é uma comunidade que fica entre Caburi e Mocambo, uma comunidade que tem acesso mais próximo ao Rio Amazonas, uma comunidade que tem a promessa de ter um porto, que vai facilitar o acesso a Caburi e Mocambo na época da seca, que é bem complicado o acesso nessa época às comunidades.

Eu implantei essa torre justamente pra receber esse link e dessa torre distribuir pra Caburi e Mocambo. Mas não cancelamos o link de Santarém, pra manter o sistema funcionando sem queda, porque sempre dá algum problema, porque a internet vem de longe, então mantemos dois links funcionando. Quando cai um entra outro automaticamente.

Ainda na opinião do empreendedor, o motivo pelo qual as operadoras de telefonia móvel não têm interesse em atender as comunidades rurais na Amazônia é da ordem de obtenção de lucros e, conseqüentemente, a obrigatoriedade de garantir qualidade de cobertura nessas áreas, pois, segundo a regulamentação da Anatel, o descumprimento da cobertura poderá acarretar na incidência de multa para as operadoras de telefonia. Ele revelou que, em uma negociação de um projeto de telefonia móvel realizado em 2014 com o governo do Estado do Amazonas em 17 comunidades rurais, as operadoras deixaram evidentes seus interesses e comprometimentos com seus lucros.

Para o governo, as operadoras pediram R\$ 1 milhão e meio para atender uma comunidade somente. Enquanto que nós fizemos no valor de 1 milhão e meio o projeto para atender 17 comunidades. O governo bancou o projeto e nós conseguimos levar clientes para as operadoras. Ainda tem 9 comunidades funcionando. No Monte Sinai funciona internet wi-fi grátis, no mesmo sistema de Caburi e Mocambo. Eu tenho informações do presidente da comunidade que wi-fi já ajudou as embarcações que ficaram no “prego”. O wi-fi ajuda a ter comunicação entre as embarcações. Isso tudo nos deixa muito feliz, ajudar essas pessoas na inclusão digital dessas comunidades.

Tenho projeto em implantar na Santa Terezinha do Caburi e São Tomé do Mocambo. Já estou com projeto pra implantar nesses lugares. Os professores de Santa Terezinha que são de uma comunidade que tem crescido muito e tem escolas, quando precisam de internet, vão até o Caburi usar internet.

A maior dificuldade é implantar torre, e o equipamento do enlace, que é caro. É implantar as torres e a energia, onde é ruim precisamos montar painel solar na torre. Não é qualquer lugar que dá pra implantar telefonia móvel porque você precisa da torre da operadora pra captar o sinal, e isso até 20 km. Já a internet, só precisa das torres para fazer o enlace.

Além da abertura e do desbravamento pelos empreendedores independentes, somam-se ao processo de inserção no digital de comunidades rurais e da comunidade amazônica do Caburi na sua configuração de espaços de wi-fi a existência do ensino mediado por tecnologias, que, de certa forma, preparou o terreno para a inclusão digital dessas comunidades, como veremos na próxima seção, assim como também a forma de atuar em redes dos moradores, como veremos mais detalhadamente no terceiro capítulo.

Figura 19 - Foto da equipe do provedor *Fox Net* na instalação de internet nas áreas de comunidades rurais



Fonte: Foto dos arquivos do provedor *Fox Net*.

2.4 Inclusão digital colaborativa

A configuração do Caburi como comunidade amazônica em redes somente foi possível à medida que essa comunidade, em meio a uma realidade adversa de acesso à internet, se mobilizou e empreendeu uma espécie de conexão compartilhada para os demais moradores. Isso foi descrito nas falas dos jovens e foi exposta no relato do empreendedor do provedor da empresa *Fox Net*, conforme podemos atestar.

Hoje a gente atinge um número de pessoas muito grande mas muitas dessas pessoas vendem internet para os vizinhos, de uma forma de um ganho pra pagar a mensalidade e uma forma de ajudar os vizinhos que não podem pagar uma mensalidade. Tem duas formas de transmitir o sinal da internet residencial: pela senha do roteador e se você tiver um roteador bom e ele tá numa altura boa, você consegue alcançar cerca de 500 metros. E com esse sinal chegando longe, os vizinhos procuram essa pessoa pra comprar 1 hora, 2 horas.

Essa forma de atuar e se articular com as tecnologias digitais de comunicação, como mencionamos anteriormente, tem relação com a forma como os ribeirinhos urbanos compreendem as relações nesse espaço de comunidade e, ao mesmo tempo, como ocorreu o agenciamento dos moradores na interface com os artefatos digitais. Por outro lado, isso evidencia também a dificuldade de acesso à esfera do global por comunidades de populações de baixa renda, como comunidades do perfil de Caburi, localizadas, sobretudo, em áreas remotas. Uma saída para isso, conforme testemunho do empreendedor de internet independente, Ricardo Batista, 36 anos, foi a forma como jovens ribeirinhos urbanos locais ajudaram a ampliar a internet aos demais moradores da comunidade.

No Caburi, tem um jovem que tem uma empresa que lá ele comprou um sistema próprio, que chama de hotspot, que é um sistema próprio pra venda de internet pra celular por hora. Como na lan house a gente vende por hora, mas eles usam o computador. A maioria dos clientes desse jovem é por hora, são pessoas que moram lá, jovens que não têm aquele dinheiro pra pagar mensal. E fica aqui assim um acesso diário. Ele compra um link maior de nós que comporta umas 15 pessoas.

É dessa forma, por meio da wi-fi e de uso de celulares do tipo *smartphones*, que a comunidade do Caburi, bem como outras comunidades amazônicas localizadas na floresta, como também foi o caso da comunidade do Mocambo, inseriram-se no digital. Foi por meio de ações de compartilhamento e roteamento dessas tecnologias digitais que os moradores dessas comunidades fizeram de sua inclusão digital uma experiência colaborativa e em redes, como podemos mais uma vez comprovar no depoimento do empreendedor de internet a seguir:

E alguns clientes conseguem transmitir sua internet de um celular para outro pelo bluetooth⁴⁶ também, têm alguns aparelhos que têm essa função que é o roteamento pelo bluetooth, alguns usam isso pro vizinho não se conectar pelo roteador, aí compartilha pelo bluetooth. E no Mocambo tem o Ney, que compra um link maior que tem um sistema hotspot, que vende pra celular.

2.5 Novas ruralidades e as conexões com as tecnologias digitais na Comunidade do Caburi

Na Amazônia, como vimos sobre as formas de comunicabilidade tradicionais ribeirinhas, o rádio e os avisos desempenharam um papel importante na comunicação entre as comunidades rurais e a cidade. Paralelas a esses meios, hoje, as tecnologias digitais nos permitem ir e vir entre campo e cidade de forma mais rápida e com um intercâmbio de mensagens e de imagens sem precedentes. E é nesse movimento de *bits*, *gifs*, que as cidades amazônicas vêm aumentando sua influência nas representações do modo de vida de populações ribeirinhas. Em alguns estudos de pesquisadores sobre as comunidades rurais no Baixo Amazonas, como no de Silva (2009), as influências do modo de vida urbano das cidades sobre essas áreas são evidentes nesses espaços, como na comunidade amazônica do Caburi.

Figura 20 - Ribeirinhos urbanos na canoa mexendo no celular



Fonte: Bartoli, 2018.

⁴⁶ De acordo com Lemos e Valentim (2006), *bluetooth* é um padrão de conexão por redes sem fio com alcance de dez metros em geral.

Nessa perspectiva, parte das transformações no rural amazônico experimentadas pelas populações ribeirinhas urbanas, nessa porção da Amazônia, além da implantação do projeto de Cidade Digital, deveu-se também ao uso de TICs nas escolas de comunidades ribeirinhas com o funcionamento do ensino mediado por tecnologias. Wilson, 13 anos, um jovem ribeirinho urbano, em relato sobre o processo de wi-fi na comunidade amazônica, disse que, quando ficava sem internet, ia acessar na escola estadual da comunidade, onde funcionava um ponto de internet via satélite do ensino mediado por tecnologias.

Essa realidade foi atestada em uma pesquisa da Fundação Amazonas Sustentável (FAS) e do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) (2017), intitulada “Recortes e cenários educacionais em localidades rurais ribeirinhas no Amazonas”, em que o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nas escolas ainda é um grande desafio, principalmente quando as escolas estão inseridas na zona rural da floresta amazônica. De acordo com essa pesquisa, nas escolas que oferecem Ensino Médio e são geridas pela Secretaria de Estado da Educação (SEDUC), a internet está mais presente, apesar de falhar em muitos momentos.

Nesse sentido, as escolas constituíram-se como um primeiro espaço para o contato com as TICs e internet. Conforme a pesquisa da FAS e UNICEF, o modelo de ensino mediado pela tecnologia oferecido pelo Governo do Amazonas nas comunidades rurais equipou cada uma das salas de aula com um kit tecnológico, composto por antena, roteador-receptor de satélite, computador, câmeras de vídeo com microfone embutido, TV, impressora e estabilizador. O funcionamento desse modelo nas comunidades rurais teve impactos significativos na vida desses ribeirinhos urbanos, como podemos constatar nesse trecho:

A introdução deste modelo causou diversos impactos na vida das comunidades rurais. As famílias não precisam mais se deslocar para os centros urbanos em busca da continuidade do ciclo educacional de seus filhos, pois o ensino chega até eles. Além disso, o modelo proporcionou a chegada da internet wi-fi em muitas comunidades. [...] Se até então a única forma de tecnologia que chegava nessas comunidades era a televisão, quando havia combustível para o gerador de luz, agora a tecnologia chega por meio do acesso a internet e amplia as perspectivas e referências, principalmente dos jovens. (FAS, 2017, p. 47-48)

No município de Parintins, o ensino mediado por tecnologias foi um importante mecanismo para a inclusão digital e a garantia do Ensino Médio aos jovens e moradores de muitas comunidades ribeirinhas do Baixo Amazonas. De acordo com o gestor da modalidade, Lourenço Fonseca, 59, o ensino surgiu em 2007, dada a necessidade de o Governo do Estado implantar e dar continuidade dos estudos principalmente pensando nos jovens que moram nas comunidades distantes das sedes dos municípios. Segundo ele, atualmente, o ensino mediado

por tecnologias no Baixo Amazonas existe em 41 comunidades ribeirinhas, com uma infraestrutura de 112 salas de aulas e 115 professores. “Nós fazemos que os alunos da própria comunidade que formam nessas localidades possam ficar na própria comunidade”, assegurou o gestor.

Figura 21 - Foto da Escola Justiniano Pacheco, na comunidade de Nossa Senhora da Assunção



Fonte: Fotos do arquivo do gestor Lourenço Fonseca (SEDUC), 2018.

Para o funcionamento da modalidade, Manaus oferece um suporte de internet via satélite, e os equipamentos básicos que compõem a infraestrutura das salas são formados por uma TV, um *modem*, que recebe as imagens, uma suíte, de que depende a quantidade de salas. O gestor Fonseca detalhou que, na comunidade de Vila Amazônia, uma comunidade polo do município de Parintins, a modalidade conta com 6 salas, TV, CPU, teclado, microfone e câmera para a interação com professores em Manaus.

Na avaliação de Fonseca, o resultado tem sido um dos melhores possíveis. Ele reportou que, em 2018, um jovem da comunidade ribeirinha do Jará, bem distante da sede de

Parintins, conseguiu pelo Sistema de Seleção Unificada (SISU) a aprovação para o curso de Engenharia Civil na Universidade do Estado do Amazonas (UEA), com campus em Parintins. A modalidade tem a parceria da Secretaria de Educação Municipal, que tem dado suporte para os alunos do curso.

Entretanto, os maiores desafios desse tipo de ensino e da inclusão digital nas comunidades ribeirinhas ainda são a falta de energia e o transporte escolar para levar os jovens e moradores da maioria das comunidades até as comunidades onde funciona o ensino tecnológico.

Na comunidade amazônica do Caburi, a modalidade conta com 80 alunos, em 7 turmas, sendo 6 de Ensino Médio e 1 do Ensino de Jovens e Adultos (EJA) Fundamental, conforme dados da Escola Estadual existente na comunidade.

3 ENTRE A BEIRA DO RIO E O SINAL DE WI-FI: TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM DA COMUNIDADE DO CABURI COM INTERNET

Fisiologicamente, no uso normal da tecnologia [...], o homem é perpetuamente modificado por ela, mas em compensação sempre encontra novos meios de modificá-la.

Marshal McLuhan

3.1 A sociabilidade com wi-fi na comunidade rural do Caburi

Durante todo o percurso da pesquisa, pude ver a comunidade amazônica do Caburi de duas formas: *off-line* e *on-line*. Na versão *off-line*, fiz e refiz o caminho à comunidade pelo rio Amazonas, estabeleci relações de amizade com alguns moradores, fiz contato com a Escola Estadual da localidade, acessei a wi-fi do ponto das *lan-houses*, do mercado, fiquei, ainda, hospedada em uma das viagens na casa de uma das minhas interlocutoras da pesquisa, conversei com as pessoas nesse espaço quando acessavam internet, como também pude ver o movimento e as mudanças a partir da articulação deles por meio da plataforma de *WhatsApp*.

Foi por meio dessa plataforma que estava inserida em 4 principais grupos da comunidade: Distrito do Caburi, Boi Bumbá Chamosinho, um grupo de família e de uma igreja evangélica, os quais possuíam respectivamente 71, 56, 23 e 50 participantes adicionados, conforme figura abaixo, e pude ver seus compartilhamentos e o desenho das modificações percebidas no tempo em que estive na comunidade.

Antes de avançarmos para essa configuração de comunidade amazônica em redes digitais, é salutar esclarecermos os conceitos de sociabilidade e socialidades discutido por Lemos (2002), na obra “*Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*”.

Nesta pesquisa, afirmamos que o cenário da comunidade amazônica do Caburi por meio da wi-fi, na sua relação de conexão com a cidade, sofreu transformações na sua dinâmica de sociabilidade e de comunicação para além dos espaços tradicionais como Igreja e Escola existentes na comunidade.

Do ponto de vista teórico das transformações sociais por quais passam as sociedades contemporâneas ocidentais, encontramos algumas fundamentações no pensamento de Maffesoli, interpretados por Lemos (2002) para pensar as transformações nas dinâmicas de sociabilidades na comunidade amazônica.

Segundo Lemos (2002), na visão de Maffesoli, o que vai marcar a atmosfera da sociedade contemporânea é a socialidade, ao invés da sociabilidade, para quem tais conceitos são diferentes e apresentam-se em oposição um a outro. Para ele, a socialidade é um conjunto

de práticas quotidianas que não são capturadas pelo controle social (tais como hedonismo, tribalismo, presenteísmo), na verdade, é uma característica de toda forma social, como bem podemos melhor apreender quando explica:

[...] É a socialidade que faz a sociedade, desde as sociedades primitivas (momentos efervescentes, ritualísticos ou mesmo festivos) até as sociedades tecnologicamente mais avançadas. A socialidade é, assim, a multiplicidade de experiências coletivas baseadas, não na homogeneização ou na institucionalização e racionalização da vida, mas no ambiente imaginário, passional, erótico e violento do dia a dia [...]. (LEMOS, 2002, p. 88-89)

A forma social que emana da socialidade mostra-se diferente da sociabilidade à medida que esta, para ele, é a forma institucionalizada das relações sociais típicas da modernidade com ênfase em uma racionalidade implacável. Lemos entende, assim como Maffesoli, que, na contemporaneidade, a socialidade, essa forma não institucional, tribal, é que comanda a feição da sociedade contemporânea. E, de acordo com ele, isso não significa que essas formas existam de maneiras estanques e excludentes.

Isso significa que podemos ver as duas formas sociais se manifestarem concomitantemente em determinadas ocasiões. No caso da comunidade amazônica do Caburi, a configuração de wi-fi no espaço da comunidade fez alguns deslocamentos da dinâmica social dos moradores e de jovens desse espaço, pois veremos mais à frente que tensões nos relatos de jovens ribeirinhos urbanos, quando da interseção da wi-fi tanto nos arredores da Igreja, como no espaço da escola, sofrem questionamentos quanto aos seus limites na atuação de seus usos.

Ao mesmo tempo em que as evidências de uma forma social de socialidade se fazem presentes e se sobressaem nas dinâmicas e articulações dos jovens por meio, sobretudo, do *WhatsApp* nos grupos da comunidade através da emergência de banalidades do quotidiano compartilhados com a troca de fotos, vídeos muitas vezes fora dos protocolos que regem a sociabilidade tradicional, assim como mensagens, *memes*, vemos, por outro lado, que a sociabilidade, digamos, mais tradicional, institucional também é fortalecida, uma vez que as instituições tradicionais como Igreja e Escola se fazem presentes no espaço tecnodigital onde se operam as relações.

Notamos que essas formas sociais se apresentam e se tornam mais claramente visíveis em ação quando capturadas pelo agir dos moradores na plataforma digital, o que poderia escapar aos olhos de quem pesquisa em uma análise somente centrada em uma incursão off-line, sem o acompanhamento dos rastros e vestígios pela inserção no digital em longo prazo.

Dessa forma, embora reconheçamos que a socialidade, como bem postula Lemos (2002), a partir da obra de Maffesoli, tenha uma repercussão e destaque na configuração da “sociedade em rede”, entendemos aqui que a comunidade amazônica investigada, por se tratar

de uma comunidade em que ainda conjuga formas bastante tradicionais de sociabilidade, em que os laços de comunidade são convocados e articulados nos domínios do digital para o fortalecimento desse formato de vida em comunidade, consideramos que as duas formas sociais se fazem presentes na dinâmica social como componentes das dinâmicas e das complexidades de várias facetas que emergem na cultura local.

Lemos (2002) reitera que Maffesoli argumenta que as “novas tecnologias”, as tecnologias digitais vão desempenhar um papel crucial nesse processo, no nosso entender, de desvelamento das facetas da socialidade contemporânea. “[...] Ao invés de inibir as situações lúdicas, comunitárias e imaginárias do social, elas vão agir como vetores potencializadores dessas situações de socialidades” (LEMOS, 2002, p. 90).

Por esse ponto de vista, as mudanças da configuração de wi-fi na comunidade do Caburi, que evocam essa circulação e liberação do imaginário social nesse espaço, emergem mais nos grupos privados, fechados; entendida por Miller (2016) como níveis de “socialidade escalável”, por onde podemos ver a circulação de uma maior ênfase de situações lúdicas, da dimensão erótica, dos desejos, da verborragização das relações contractuais e afetivas dos moradores. Estas são vistas por meio de compartilhamentos em círculos mais privados da plataforma onde tais dimensões da vida social emergem de forma mais contundente.

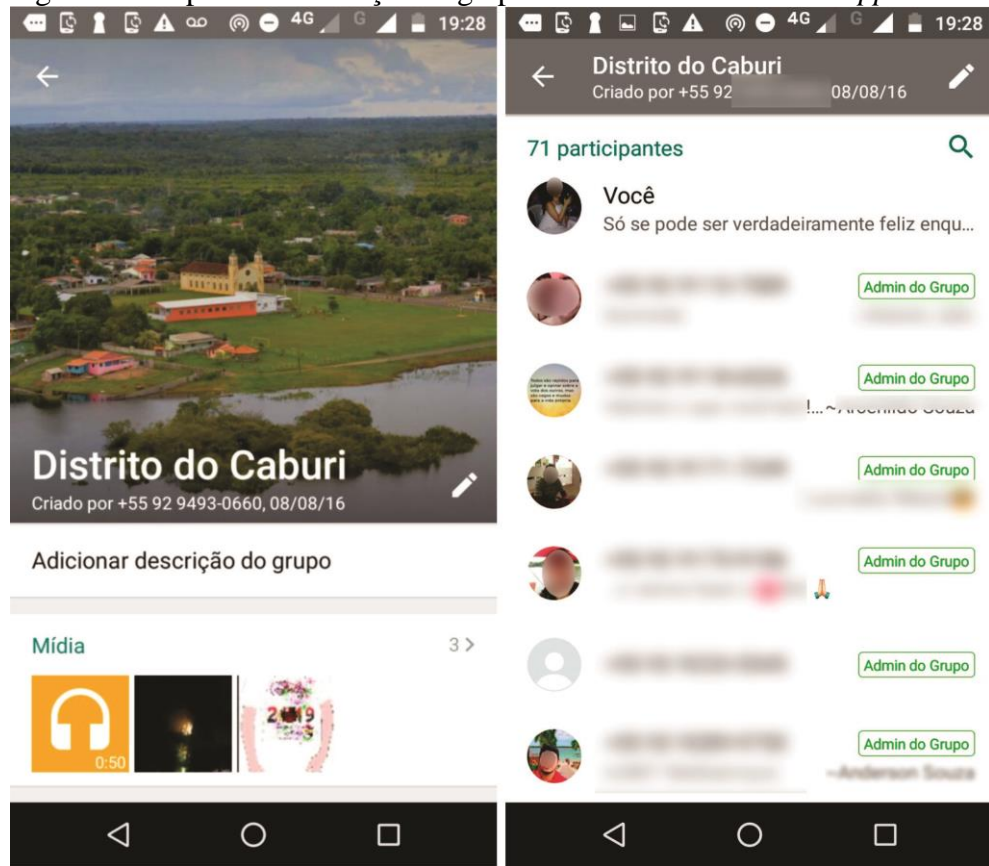
Na obra “*How The World changed Social Media*” – Como o mundo mudou a mídia social”, Miller (2016) explica como se dá a sociabilidade escalável, um conceito que expõe as dimensões em que as relações sociais se formam e se dão em vários níveis, em uma escala que vai do mais privado ao mais público e vice-versa, numa intermitência contínua, como podemos compreender nessa passagem:

We can envisage two key scales. The first is the scale from the most private to the most public. The second is the scale from the smallest group to the largest groups. At one end of both of these scales we still see private dyadic conversation and at the other end we still see fully public broadcasting. What is it that is being scaled? The core to the study of social science is the way in which people associate with each other to form social relations and societies. This is called sociality. The best way to define what is popularly called social media but also includes prior media is thus to describe the new situation as increasingly ‘scalable sociality. (MILLER, 2016, p. 3)

Ainda que tais dimensões existam para além do digital, por outro lado, entendemos que a inserção no digital estimula que essas manifestações apareçam mais frequentemente em circulação. Nos *posts* dos grupos da comunidade a seguir, isso ficará mais evidente.

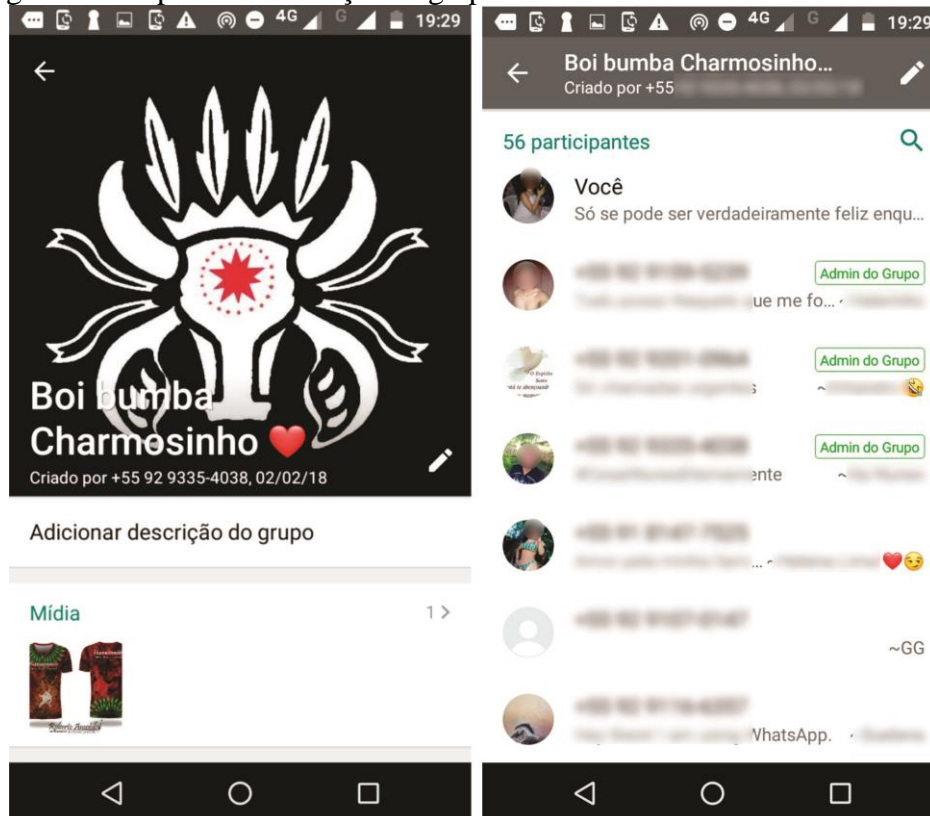
Vejamos a comunidade amazônica a partir das relações sociais tecidas e compartilhadas por meio da mídia social de *WhatsApp*.

Figura 22 - Capa de identificação do grupo da comunidade no *WhatsApp*



Fonte: Etnografia digital, 2018.

Figura 23 - Capa de identificação do grupo do Boi-Bumbá Charmosinho



Fonte: Etnografia digital, 2018.

Nesse sentido, como bem assinala Michael Hanke (2002, p. 1), “a comunidade é precisamente o espaço das relações intersubjetivas, é a comunidade socialmente vivida, sempre se refazendo, em permanente construção”. Essa assertiva corrobora as mudanças que acompanhei durante o processo de investigação junto à nova configuração de comunidade amazônica a partir da sua inserção no digital.

Embora fossem visíveis as transformações nessa comunidade pela presença da wi-fi no espaço de sociabilidade *off-line*, no espaço do mercado e de pontos ao longo da comunidade amazônica, as dinâmicas das articulações no digital, as compartilhadas pelo *WhatsApp*, indicaram para a existência do que chamamos de novas conectividades ribeirinhas urbanas, pois, mesmo no início da pesquisa, no levantamento de campo, não imaginava um volume e tráfego tão grande de mensagens, *posts*, fotos e vídeos entre os moradores da comunidade.

Figura 24 - Capa de identificação do grupo de uma família de um dos jovens interlocutores no *WhatsApp*



Fonte: Etnografia digital, 2018.

Esse cenário foi, em certa medida, a expectativa de Miller e Slater (2001), quando, ao contrário do que os autores pensaram encontrar em Trinidad sobre a internet, por julgarem

que o uso e alcance fosse bem limitado, eles encontraram uma realidade bastante complexa de apropriação na cultura trinidadiana não apenas centrada em segmentos isolados, mas em vários espaços, como casas, empresas, escolas, bibliotecas e, em um exemplo notável, uma rua residencial inteira, que acessava a internet através de uma espécie de conta coletiva, em que várias pessoas podiam se conectar. A estratégia foi realmente uma pesquisa sobre o uso da internet em áreas como uma província chamada Chaganas, onde em tese a internet ainda não estava disseminada, mas o que eles encontraram foi o contrário, a internet já era enorme em Trinidad e já havia se tornado um modo de ser. (MILLER; SLATER, 2001, p. 27-30).

Da mesma forma, a internet na comunidade amazônica do Caburi, em nossas idas no início de 2018, pareceu ter uma dinâmica peculiar em face das características de culturas amazônicas ribeirinhas. Em um levantamento de um número de 100 casas⁴⁷, realizado no período sobre o consumo de mídia e acesso à internet, constatamos que, além da TV e do rádio, o celular fazia-se integrante dentro do rol de artefatos tecnológicos. Na comunidade, até o período desse levantamento, em junho de 2018, somavam-se 208 celulares do tipo *smartphone* e, em grande medida, esse artefato tecnológico atuava como agente articulador na configuração dessa comunidade em redes, tal como um actante⁴⁸, como entende Latour, sobre o que vem a ser a ação social.

A dinâmica de interação na comunidade amazônica do Caburi constituiu-se por vários pontos de internet espalhados pelos espaços da comunidade. É assim que os moradores se conectam à internet e à cidade de Parintins. É revelador como a wi-fi agencia nessa configuração o espaço da comunidade amazônica e o compartilhamento das informações entre os moradores. Em conversa com um morador, dono de *lan house*, ele detalhou como ocorreu a distribuição e comunicação do sinal de internet por meio de roteadores, como podemos ver nessa explicação:

A gente só tem acesso através da internet wi-fi, a internet via rádio, que a gente tem lá. A gente não tem comunicação com a antena, tipo antena da Vivo. A gente só se comunica através do wi-fi. Como a gente faz essa comunicação? A nossa internet, que a gente tem no Caburi, ela vem de Oriximiná – Parintins – Parintins – Barreirinha – Caburi, através de antenas que se conectam a 50 km, chamada ponto a ponto, a gente consegue se comunicar através disso aí, chamada internet via rádio. Lá onde a gente mora, a gente usa roteador para jogar o sinal do wi-fi para o celular, e o celular se conecta ao roteador para fazer a comunicação. Sem isso aí a gente não tem comunicação. A antena principal joga o sinal através de painéis, joga o sinal wi-fi, e o cliente, pra ter internet em casa, ele precisa de uma outra antena para receber o sinal. É por isso que se chama internet via rádio. Um rádio se comunicando com outro rádio.

⁴⁷ Nesse levantamento, constatamos que existem aproximadamente 2.005 celulares na comunidade, tomando-se como referência os 4.821 habitantes e a média de 5 pessoas em cada 100 casas pesquisadas durante o mês de maio de 2018.

⁴⁸ De acordo com Lemos (2013), o termo é emprestado da semiótica greimasiana e se remete a tudo aquilo que gera uma ação, que produz movimento e diferença. Ele pode ser tanto humano como não humano. Ele é o mediador, o articulador que fará a conexão e montará a rede e fora dele em associação com outros.

Nota-se como um conjunto tecnológico constituído por antenas, celulares e roteadores atuou na mudança da dinâmica da comunidade do Caburi, tal como Pereira (2012) apontou sobre a capacidade de várias mídias interligarem-se umas às outras, formando assim uma cadeia de mídia de artefatos tecnológicos, os chamados arranjos midiáticos. É assim que a comunidade mantém sua conectividade com a rede global e empreende as novas conectividades ribeirinhas urbanas por meio de vários grupos de *WhatsApp*.

Para além da funcionalidade de tais artefatos para manter a conexão na comunidade, a forma como ocorreu a distribuição da internet permitiu a rearticulação da comunidade em redes de tal forma que os moradores atuam em mídias sociais, especialmente por grupos de *WhatsApp*. É por meio de alguns grupos através dessa plataforma que compartilham informações, veiculam notícias de utilidade pública e mantêm-se conectados com outros parentes e amigos na área urbana de Parintins.

Entretanto, esse atuar em redes via plataforma digital não anula a forma de atuar em redes na acepção mais tradicional do termo. As redes expandidas para a plataforma de *WhatsApp* ajudam no fortalecimento da ajuda mútua e da solidariedade na comunidade.

A percepção, nesse espaço de comunidade, segundo alguns moradores, mudou com essa configuração de internet, à medida que a comunidade ganha status de “cidade”, como podemos constatar nesse depoimento:

Porque tendo internet é como se fosse uma cidade grande, a pessoa consegue fazer o que ela quiser na internet, marcar encontro, por exemplo, ainda mais agora com wi-fi grátis que a prefeitura paga. Eu achei bom, porque muita gente não tem condições de pagar internet. (Proprietário de lan-house, 25 anos)

Essas mudanças na percepção dos moradores podem ser compreendidas quando a pesquisadora francesa J. Leite (2011), em um texto intitulado “Mediações tecnológicas no espaço urbano”, entende que a partir dos usos sociais das tecnologias de informação e de comunicação, TICs, junto com o atual contexto cultural, as tecnologias digitais de comunicação não mudam as relações sociais ao introduzirem uma mediação dessas, mas, sim, pelas formas como as mediações são empregadas. A pesquisadora acredita que os dispositivos tecnológicos protagonizam uma espécie de mediação sensível que possibilita a percepção da cidade e a partilha da experiência urbana.

Acreditamos que essa mediação sensível é percebida pelos moradores e jovens da comunidade amazônica do Caburi à medida que eles em suas falas se remetem ao espaço da comunidade como espaço de cidade, e isso pode ser visto ao longo dos compartilhamentos pela mídia social *WhatsApp*. Por outro lado, acreditamos que as mudanças a partir de sua inserção no digital se dão na forma como se comunicam na plataforma, como veremos mais adiante. É perceptível como a comunicabilidade ribeirinha urbana é alterada, na versão dos

avisos veiculados pelo rádio, frente agora às novas conectividades ribeirinhas urbanas que se dão pela plataforma.

Antes do funcionamento da internet na comunidade, os moradores relataram que a maior dificuldade era a comunicação com quem mora na cidade de Parintins. Os recados a terceiros eram a forma de comunicação mais utilizada. Há ainda uma mudança de sentimento quanto à dinâmica de sociabilidade inaugurada por essa nova realidade.

Antes, a comunidade era uma comunidade esquecida, triste; assim, tu não tinha aquele meio de comunicação, tinha os orelhões que era antigamente, e davam problema. Antes tu tinha uma comunidade que tu não tinha como mandar um recado, era assim: você vai pra Parintins, se tu encontrar a tal pessoa, tu dá esse recado pra ela então pra ela me ligar; era assim, tu mandava alguém dar recado pra aquela pessoa, tu não tinha aquele meio de comunicação. Agora, com a chegada da internet, veio mudar, tu não precisa mais, às vezes, tem pessoas que já compram o celular pra usar a internet, então a internet facilitou muito. (Agricultora, 27 anos)

Para os moradores, sobretudo os mais jovens, a internet é um espaço a mais para o entretenimento na comunidade. Como eles vivem em redes densas de vizinhança, o acesso à rede permite um alargamento das relações de amizades e da busca de novas parcerias para o fortalecimento de redes de solidariedade e ajuda mútua existentes.

3.2 Wi-fi, praça digital da juventude na comunidade

Uma das modificações mais notáveis no espaço de sociabilidade da comunidade amazônica do Caburi é uma espécie de praça digital onde funciona o mercado.

Figura 25 - Praça digital na comunidade do Caburi



Fonte: Pesquisa de Campo, 2018.

Na primeira viagem, realizada em 2016, ainda não existia o espaço, e as pessoas se aglomeravam nos locais de pontos com wi-fi geralmente em frente a uma *lan-house*. A partir de 2017, a Prefeitura instalou a antena com wi-fi grátis e os moradores passaram a acessar a internet similar aos moradores da área urbana de Parintins, onde as praças funcionaram de 2006 a 2014 efetivamente como ambientes de mídia, na forma de *hotspots*.

Essas formas de acesso à internet inauguradas pelo projeto de Cidade Digital em Parintins reconfiguraram a dinâmica de comunicação dos espaços de comunidades rurais mais próximas à área urbana, modificando a forma de conexão das populações ribeirinhas urbanas com a cidade.

Sobre essa mediação tecnológica contemporânea que se faz no espaço urbano, La Rocca (2018) nos faz refletir sobre o que significa hoje esse tipo de conexão no trecho abaixo:

[...] estar plugado ao mesmo tempo ao outro e ao espaço. É nesse sentido que podemos captar os territórios urbanos eletrônicos, essas superfícies digitais onde a simples presença de um computador, de um telefone, de um celular e de outras ferramentas tecnomágicas está lá pra testemunhar a intensidade das modificações do vivido. Isso é confirmado por elementos específicos como o espaço “aumentado” pelo uso dos fios de conexão, o espaço híbrido onde a tchené entra em fusão com o *bios* e ubiquidade ambiente que caracteriza o social e o urbano, onde os dispositivos eletrônicos estruturam o ambiente. (LA ROCCA, 2018, p. 217)

A pesquisa sobre Tecnologia e Interação na Amazônia Paraense, de Igreja (2016), que analisou as interações de jovens por meio de *smartphones* em uma ilha, de contexto rural, no Pará, expressa o que La Rocca descreve como a configuração de mediação tecnológica. A autora explica que o crescente intercâmbio entre mata, campo e cidade, somado às tecnologias digitais, especificamente as mediações introduzidas pelo uso de *smartphones*, repercutiram no cotidiano de vida dos jovens da ilha e modificaram as práticas sociais e modelos culturais compartilhados.

O rearranjo dos espaços de sociabilidade na comunidade amazônica do Caburi não somente sofreu transformações na sua dinâmica física e espacial, antes somente centrados em torno dos espaços sociais tradicionais da Escola e Igreja, mas também como concorre na atenção com essas outras instâncias que regulam a vida social, como mostra o depoimento de uma moradora:

Agora com a internet virou um vício, como a gente não tinha acesso, a comunidade ficou viciada, porque quando você tinha aquela rotina: ou escola ou igreja, e agora nós temos: eEscola, igreja e o acesso à internet, e a maioria vai no acesso à internet. É um problema. Tem alguns que a gente já sabe, tem uns que não ficam mais concentrados na igreja, porque o sinal pega na igreja. (Agricultora, 27 anos)

As repercussões de uma dinâmica digital de comunicação na comunidade são visíveis nos comportamentos dos moradores ao frequentarem o espaço de wi-fi gratuito até a forma como eles compartilham mensagens por *WhatsApp* para manter os laços de comunidade.

A maioria relata a importância do espaço da wi-fi como um ponto de ligação com os parentes e amigos que moram na cidade. Geralmente os horários em que mais as pessoas frequentavam o espaço era à noite, quando o sinal ficava mais rápido. A motivação era quase sempre a comunicação com parentes em Parintins e Manaus.

Entretanto, com o passar das observações em campo e conversas com moradores da comunidade, percebemos um movimento dos moradores em vários grupos de *WhatsApp*. São grupos da comunidade, onde eles passam a veicular e compartilhar assuntos diversos de interesses dos moradores, o que nos mostrou a inserção deles em várias redes de compartilhamentos e colaboração que expressam o atuar da comunidade em redes.

Di Felice (2009) explica que, a cada revolução na esfera da comunicação, a introdução de novos instrumentos e de novas técnicas gera novas dinâmicas de interação com o território e conseqüentemente novas dinâmicas habitativas. Podemos dizer que a configuração de wi-fi em determinados espaços da comunidade possibilitou a constituição das novas conectividades ribeirinhas urbanas na plataforma de *WhatsApp*, na expressão de um vivido sociotécnico comunitário onde são compartilhadas informações de variadas formas.

Essas mudanças ensejadas pela configuração da comunidade amazônica nos moldes da cultura digital minimizaram a percepção de isolamento e de abandono que muitos moradores relataram antes da existência de internet na localidade. Por outro lado, revelam as dificuldades de inclusão dessas comunidades nas dinâmicas do global.

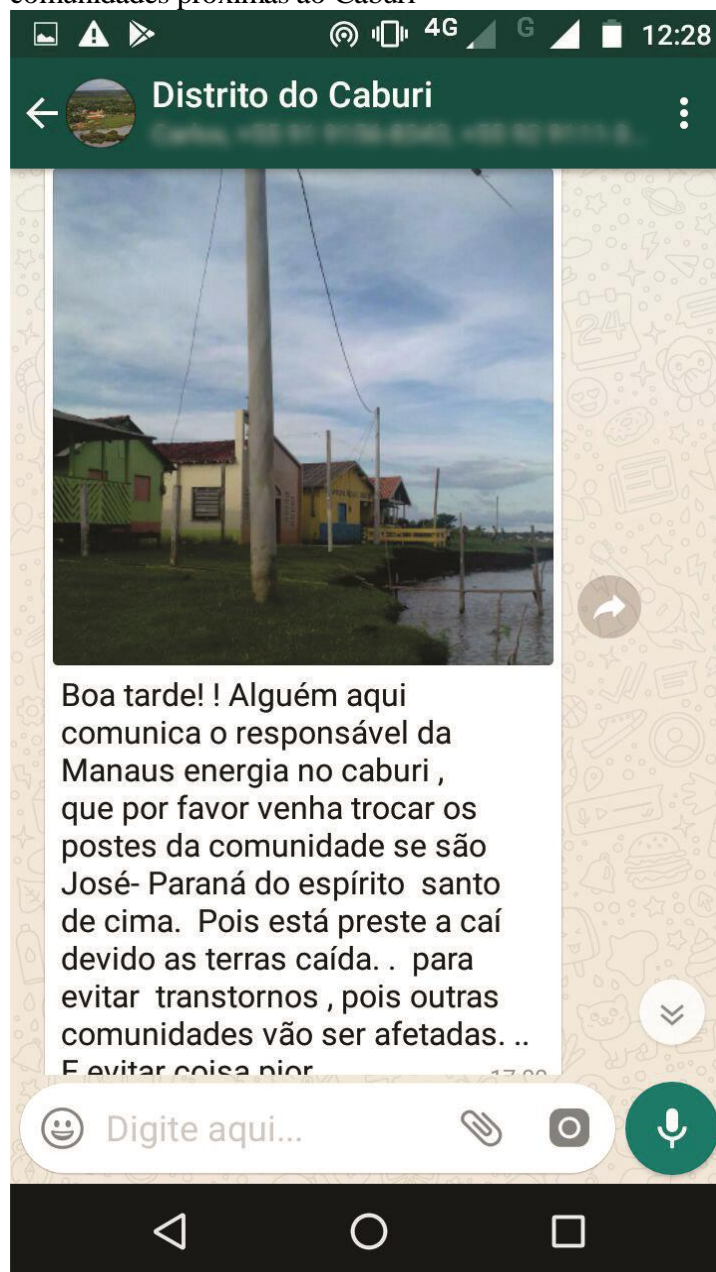
As mensagens compartilhadas por *WhatsApp* na seção a seguir mostram como a comunidade tem se articulado no digital.

3.3 Interações em mídias sociais

As manifestações das redes da comunidade amazônica do Caburi nas mídias sociais foram mais expressivas na plataforma de *WhatsApp*. O aplicativo é o meio mais popular e é onde os moradores e jovens compartilham informações diversas. No Brasil, o aplicativo deixou de ser apenas um aplicativo de mensagens instantâneas e passou a se configurar como uma rede social. Atualmente, cerca de 120 milhões de brasileiros usam o *WhatsApp*, e grande parte dessa população pertencem às classes C, D e E (GRAGNANI, 2018).

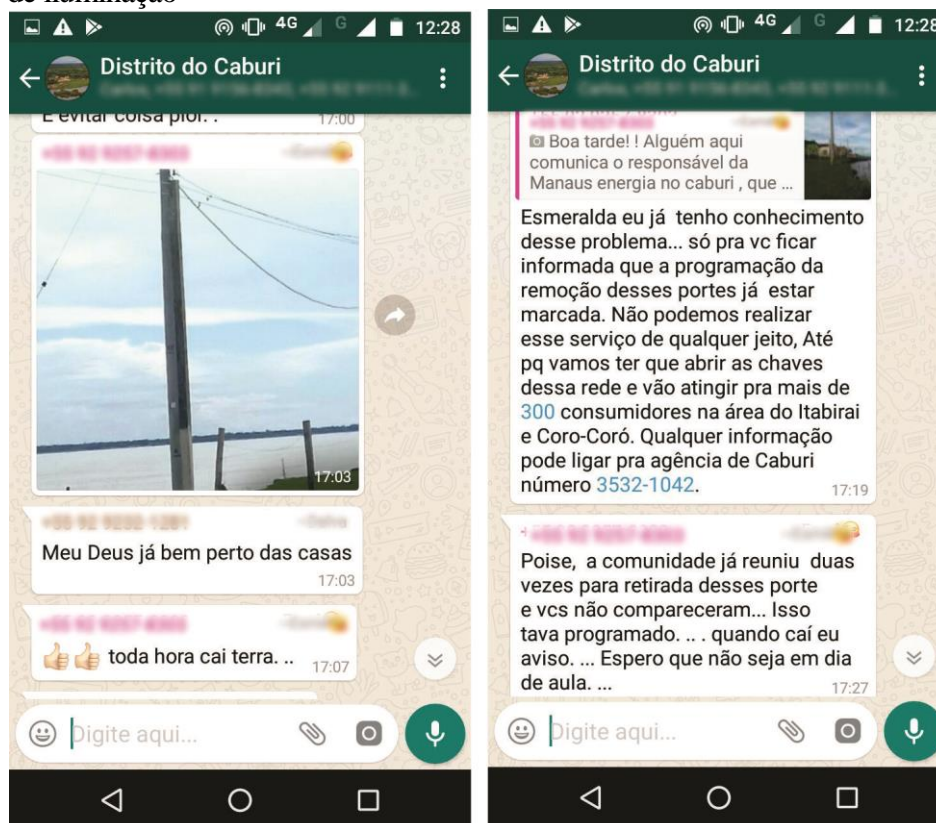
No início de 2018, quando entrei no grupo da comunidade Caburi e comecei a acompanhar o movimento de mensagens, aos poucos o universo e o cotidiano da comunidade foram se revelando a cada postagem, como podemos ver nas trocas de mensagens abaixo:

Figura 26 - Postes de iluminação prestes a cair nas comunidades próximas ao Caburi



Fonte: Etnografia digital, 2018.

Figura 27 - Compartilhamentos de mensagens entre moradores sobre os postes de iluminação



Fonte: Etnografia digital, 2018.

As mensagens descrevem e sinalizam o contexto da comunidade amazônica, bem como as comunidades a ela interligadas. Os desafios de estar conectado a uma extensão territorial onde as comunidades estão longe uma das outras caracterizam o cotidiano da vida desses moradores dessa parte da Amazônia. O *post* mostra como os moradores fazem uso do aplicativo para reivindicarem soluções de eventuais problemas que podem afetar comunidades inteiras. É possível inferir que, com uso do *WhatsApp*, situações como essa, que poderiam demorar para ter respostas por parte de empresas públicas, são comunicadas rapidamente.

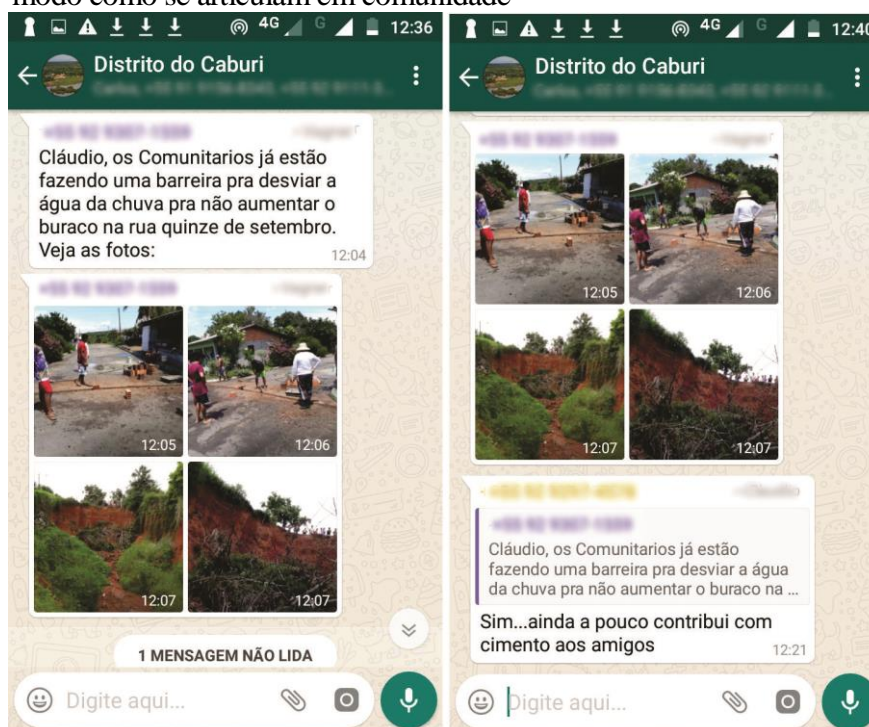
Uma outra dimensão da imersão no digital da comunidade nos mostra a mudança e o caráter de comunicabilidade que o aplicativo permitiu diante de meios de massa como o rádio, ainda com grande popularidade nas comunidades rurais na região de Parintins. Antes, essas populações apenas contavam com o programa de Rádio “Mensageiro da Amazônia”, uma espécie de programa de avisos, veiculados pelas Rádios Clube e Alvorada, no município de Parintins, para comunicarem notícias e mensagens públicas a familiares e parentes distantes na área urbana e rural do município. Com o alcance de internet na comunidade amazônica do Caburi, as ações dos moradores tendem a estar articuladas ao digital, como podemos contatar no compartilhamento do *post*, redefinindo a repercussão destas na relação que eles têm com a cidade. Agora eles podem publicar e compartilhar imagens de situações que enfrentam na comunidade.

Figura 28 - Compartilhamentos de mensagens entre moradores do modo como se articulam em comunidade



Fonte: Etnografia digital, 2018.

Figura 29 - Compartilhamentos de mensagens entre moradores do modo como se articulam em comunidade



Fonte: Etnografia digital, 2018.

Esses compartilhamentos evidenciam que, por meio de grupos de *WhatsApp*, as redes off-line na comunidade amazônica que emergem a partir das práticas de ação coletiva na busca de soluções em conjunto aparecem em funcionamento e comandam as ações on-line. Isso aparece em vários *posts* em que uma ação coletiva de solidariedade ou ajuda mútua é acionada, a exemplo disso são muito comuns os de natureza beneficente, como podemos constatar a seguir:

Figura 30 - Compartilhamento de mensagem entre moradores em redes de ajuda mútua



Fonte: Etnografia digital, 2018.

À medida que eles vão compartilhando pela plataforma, valores, ações da comunidade, crenças, seus imaginários vão relevando o contexto do espaço vivido dessa comunidade amazônica. O aplicativo funciona como um espaço interativo onde são publicados assuntos de várias ordens, desde questões mais sérias, como *posts* de utilidade pública, como foi mostrado, como também *memes*, um dos gêneros comunicativos bastante populares compartilhados.

Similar a essa configuração e apropriação em mídias sociais, como o *WhatsApp*, podemos encontrar na pesquisa de Rodrigues (2016) o protagonismo de indígenas da etnia Munduruku no estabelecimento de interações comunicacionais nas redes sociais, através de

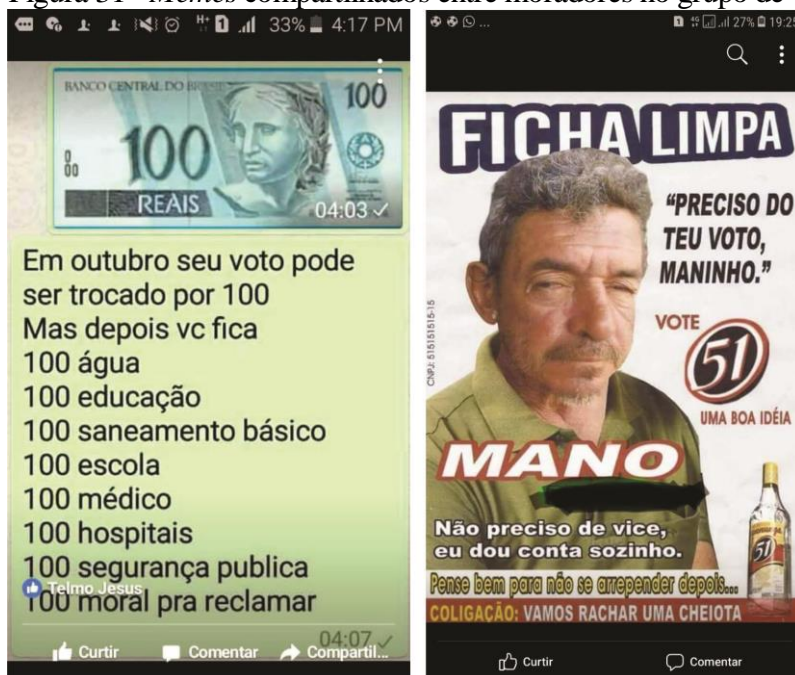
estudo de caso da Rádio Tribos do Norte (RTN)⁴⁹. No contexto desse estudo, o pesquisador identificou o desenvolvimento pelos indígenas nos moldes de uma rádio na plataforma, um espaço em que eles compartilham ideias, lutas e anseios sobre as questões indígenas no país, como podemos constatar nessa passagem:

A Rádio Tribos do Norte tornou-se um espaço para discussão desses assuntos e de outros relacionados aos interesses indígenas. É uma comunicação em rede, de pensamentos interligados por conexões de dispositivos móveis, resultando na mistura de saberes científicos e tradicionais. De fato, ao que parece, os Índios não fazem reflexão nos moldes tradicionais da ciência sobre o que estão fazendo. Eles apenas o fazem cotidianamente, em cada programa apresentado, em cada postagem que reflete um pensamento complexo que compartilha ideias e informações. É uma outra lógica de produção de conhecimento. (RODRIGUES, 2016, p. 20)

O grupo de *WhatsApp* da comunidade amazônica atua também na forma de uma comunicação colaborativa e em rede, diferente da plataforma de *Facebook*, onde eles também atuam, mas é por meio do *WhatsApp* que eles, no caso do Caburi, conseguem mobilizar a comunidade na comunicação entre os moradores, parentes e amigos que estão tanto na comunidade rural como na cidade, área urbana.

No período das eleições, circularam muitos *memes*, os quais oscilam entre um teor de crítica e um humor ingênuo.

Figura 31 - *Memes* compartilhados entre moradores no grupo de *WhatsApp*



Fonte: Etnografia digital, 2018.

⁴⁹ Rodrigues (2016) toma tais apropriações dos indígenas integrantes da Rádio Tribos do Norte como uma espécie de comunicação colaborativa ou jornalismo colaborativo existente na comunicação entre indígenas, e isso só é possível por conta do suporte do aplicativo de mensagens on-line como o *WhatsApp*.

Além dos *memes*, o espaço interativo também veiculou denúncias contra a pesca ilegal no período de defeso⁵⁰, conforme a imagem printada de vídeo (em anexo) abaixo:

Figura 32 - Foto de barco de pesca ilegal no Lago do Comprido, região da comunidade do Caburi, compartilhado entre os moradores no grupo de *WhatsApp* da comunidade.



Fonte: Etnografia digital, 2018.

Figura 33 - Foto de ação de pesca ilegal no Lago do Comprido compartilhado entre os moradores



Fonte: Etnografia digital, 2018.

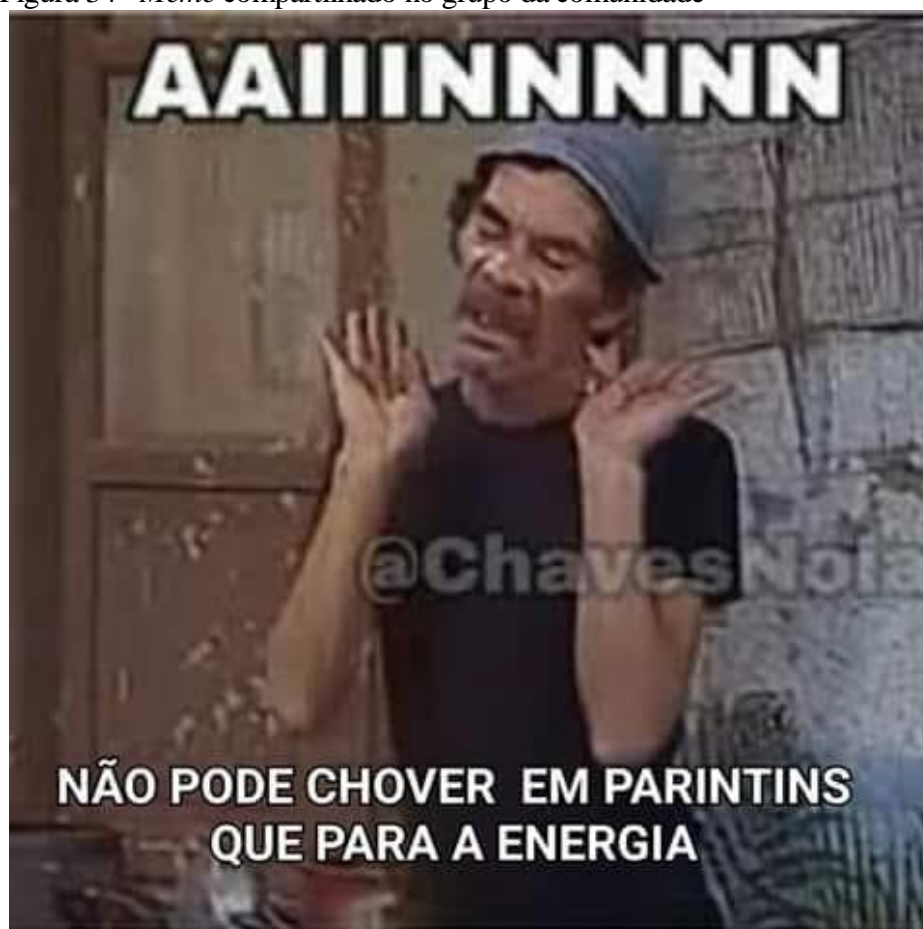
Como podemos atestar, a rede social *WhatsApp*, para a comunidade amazônica do Caburi, funciona como um canal em que a comunidade não somente dissemina informações

⁵⁰ Período de paralisação obrigatória da pesca de certas espécies de peixes ameaçadas de extinção de modo a proteger as espécies da pesca comercial durante o período de reprodução (piracema), conforme www.ibama.gov.br. (ANDRADE, 2013).

cotidianas, mas atua em ações de fortalecimento de lutas coletivas de proteção ao meio ambiente e ao território da comunidade.

Diferente dos avisos veiculados pelo rádio, mais direcionados à comunicação entre as famílias, esse canal do *WhatsApp* da comunidade assume um perfil similar às *fan pages* da rede social *Facebook*, entretanto, os moradores fazem apropriações segundo as suas necessidades, incorporam suas linguagens do cotidiano amazônico, seu universo e visão de mundo, como podemos ver nos compartilhamentos a seguir:

Figura 34 - Meme compartilhado no grupo da comunidade



Fonte: Etnografia digital, 2018

Figura 35 - Foto de cartaz de festa compartilhada no grupo da comunidade



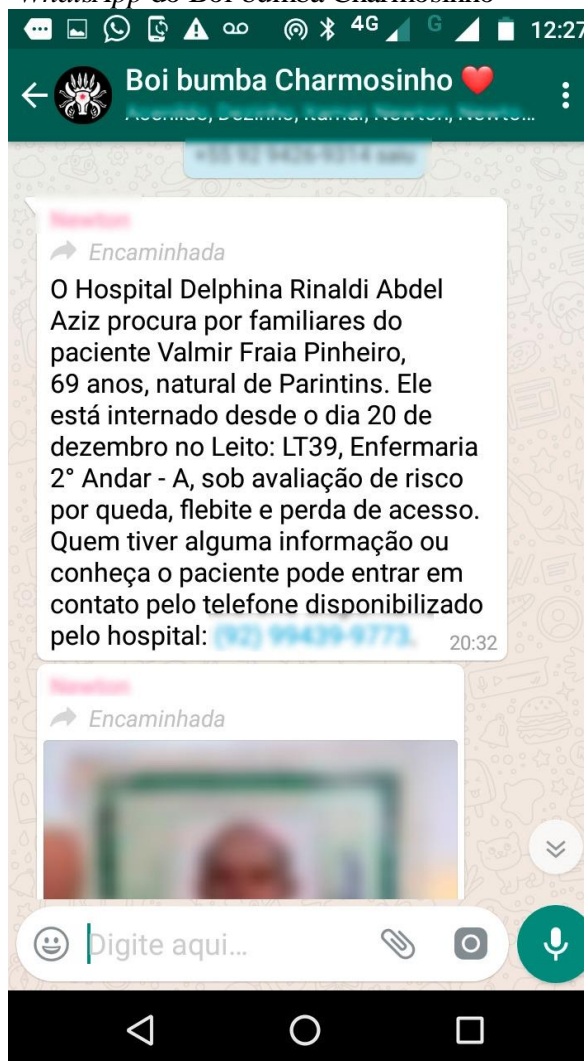
Fonte: Etnografia digital, 2018.

Figura 36 - Propagandas compartilhadas no grupo de WhatsApp



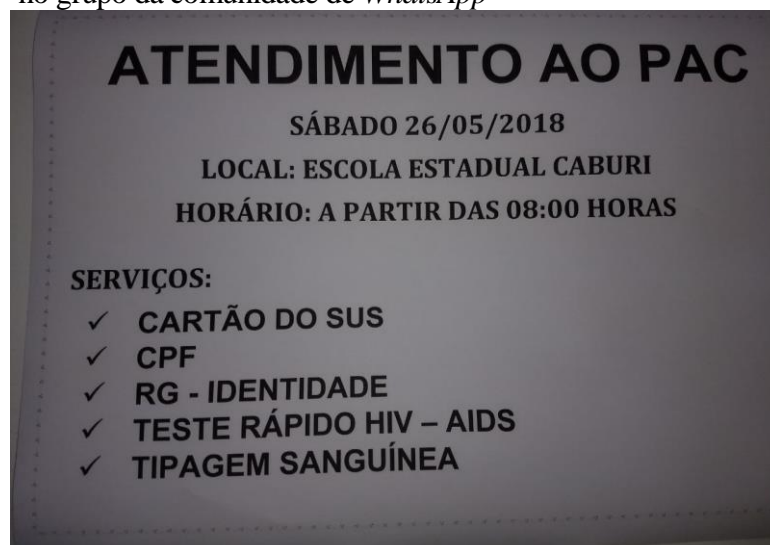
Fonte: Etnografia digital, 2018.

Figura 37 - Notícias compartilhadas no grupo de *WhatsApp* do Boi-bumbá Charmosinho



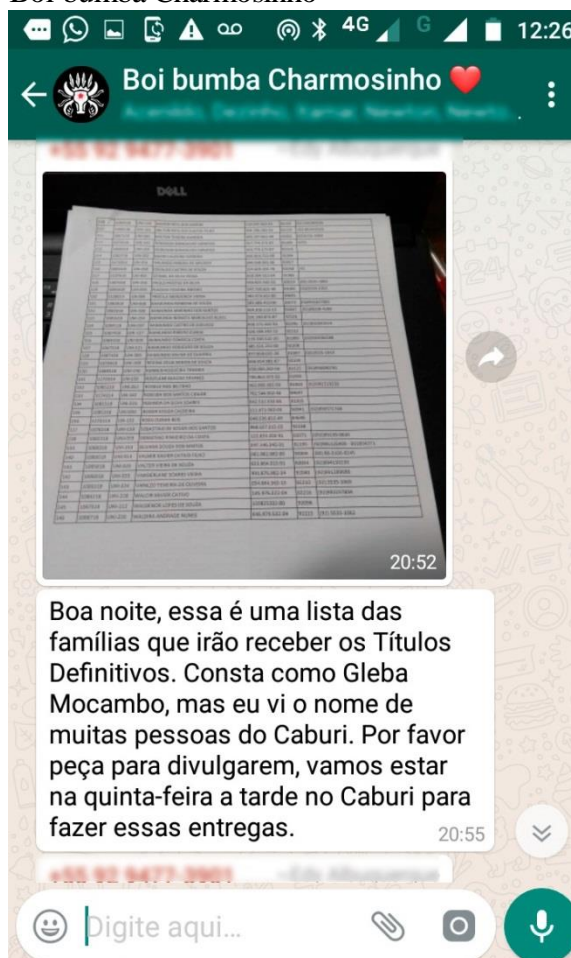
Fonte: Etnografia digital, 2018.

Figura 38 - Avisos de ações de saúde pública compartilhados no grupo da comunidade de *WhatsApp*



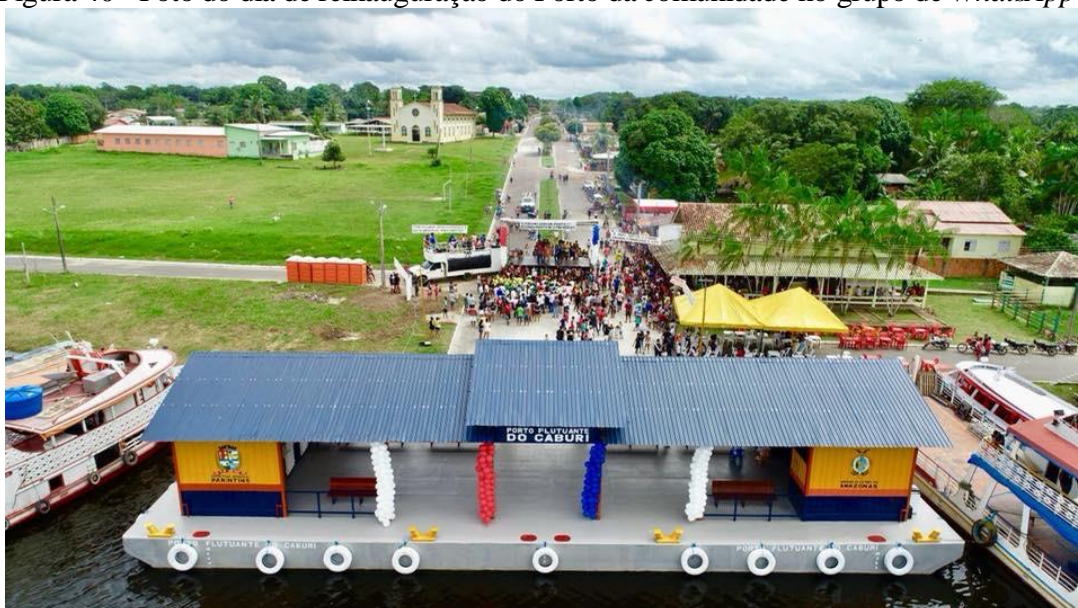
Fonte: Etnografia digital, 2018

Figura 39 - Avisos de entregas de títulos definitivos de terras compartilhados no grupo do Boi-bumbá Chamosinho



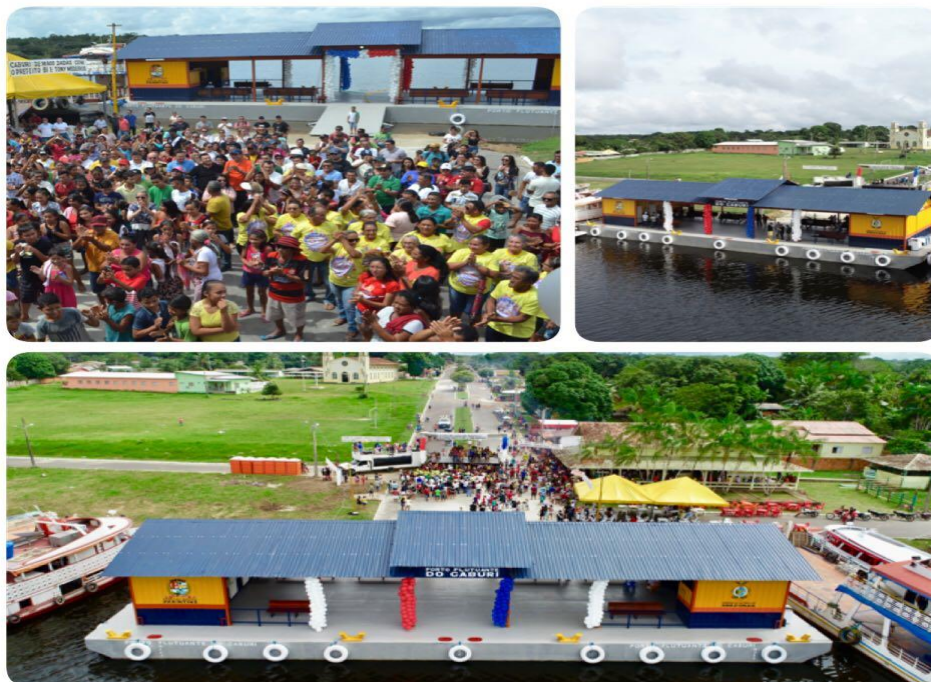
Fonte: Etnografia digital, 2018

Figura 40 - Foto do dia de reinauguração do Porto da comunidade no grupo de *WhatsApp*



Fonte: Etnografia digital, 2018

Figura 41 - Foto do dia de reinauguração do Porto da comunidade no grupo de *WhatsApp*



Fonte: Etnografia digital, 2018.

Embora muitos moradores, em seus depoimentos, ainda percebam a comunidade amazônica como um lugar tranquilo em relação à área urbana de Parintins, as contradições da ampliação do espaço da cidade na comunidade amazônica do Caburi aparecem nos *posts* de alguns moradores.

Figura 42 - Fotos de situações de insegurança compartilhados no grupo de *WhatsApp*

- Como é o índice de criminalidade em seu país?

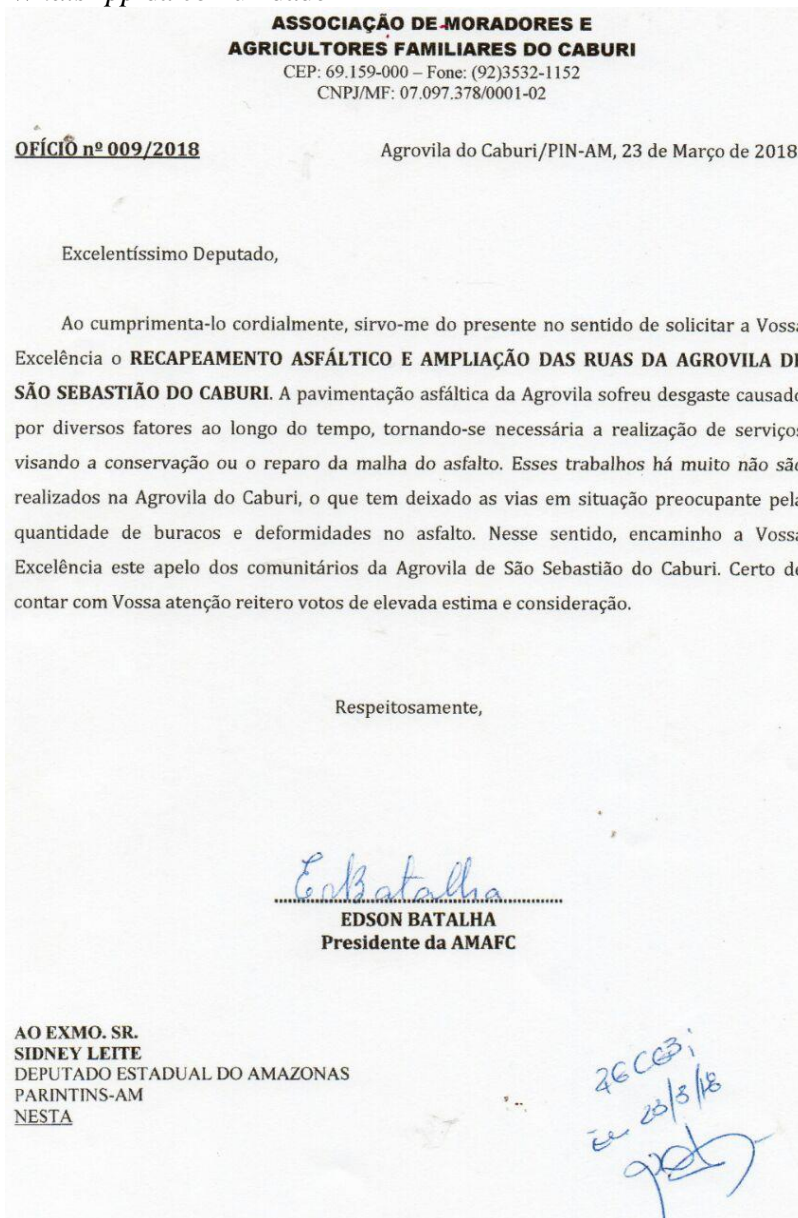
- ...



Fonte: Etnografia digital, 2018.

Há ainda as indiretas e as justificativas acerca dos conflitos de cunho político pela inércia das representações da comunidade, como podemos ver nos compartilhamentos abaixo:

Figura 43 - Comunicações compartilhadas no grupo de *WhatsApp* da comunidade

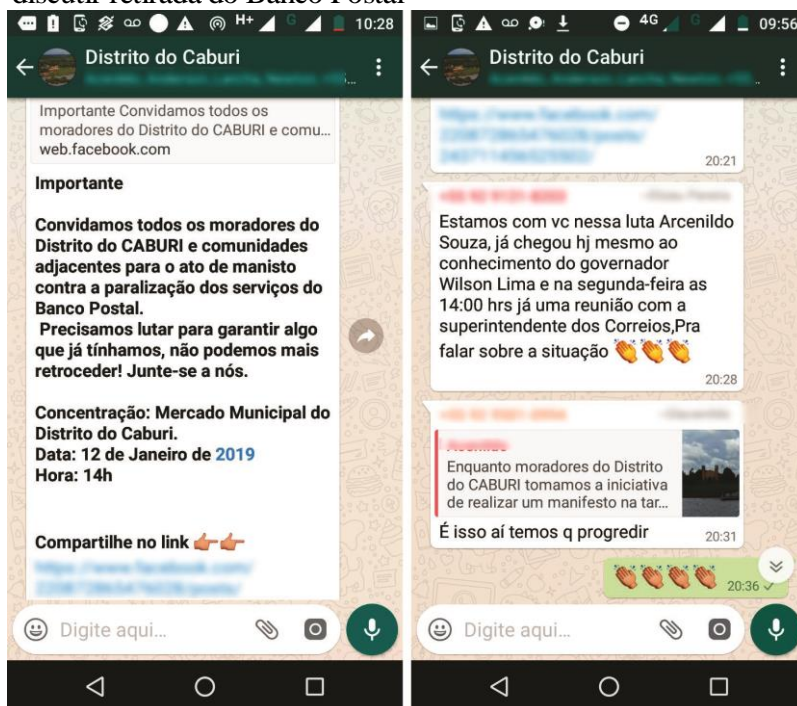


Fonte: Etnografia digital, 2018.

Esse *post* revela como que, para alguns moradores, o espaço tecnodigital da mídia social de *WhatsApp* ainda é algo muito recente. Tanto que algumas mensagens como nesse formato de “comunicação oficial” circulam, entretanto, são de certa forma estranhas, dada a linguagem da mídia social em que vídeos, fotos, *memes* são inerentes à linguagem da plataforma.

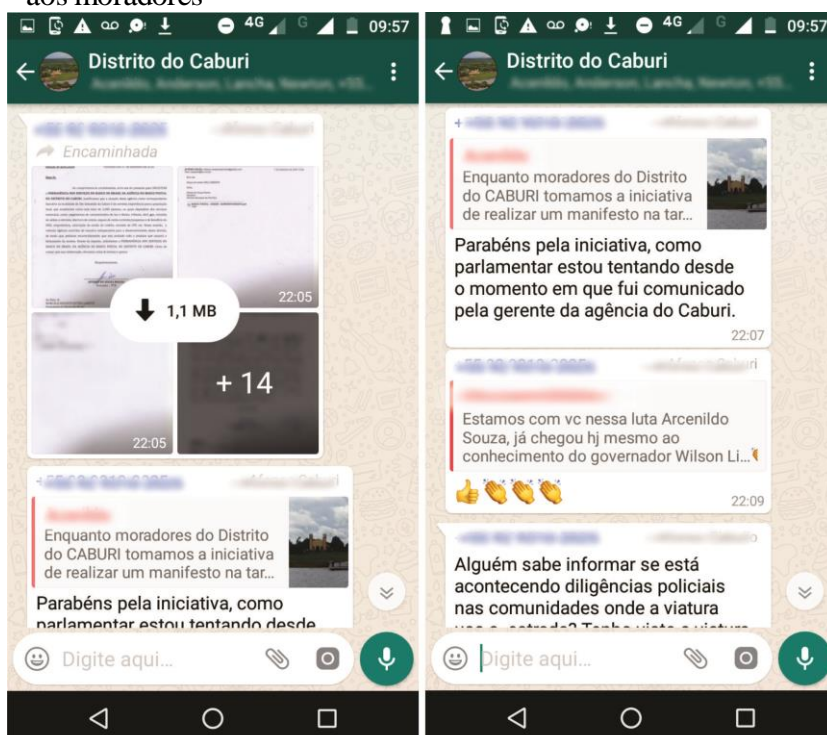
Durante a minha inserção no grupo da comunidade, observei que vários moradores deixavam o grupo por conta de *posts* e compartilhamentos contrários às suas posições.

Figura 44 - Convocação para reunião na comunidade para discutir retirada do Banco Postal



Fonte: Etnografia digital, 2019.

Figura 45 - *Post* de vereador eleito pela comunidade em resposta aos moradores



Fonte: Etnografia digital, 2019.

3.3.1 Valores e moralidade em redes

Além desse grupo da comunidade no *WhatsApp*, existem outros em que os moradores estão articulados e que mostram como as instituições de sociabilidade tradicionais, como as igrejas tanto católica como as evangélicas conectam-se as redes sociais para manterem seus valores tradicionais vigentes na comunidade.

Figura 46 - Foto compartilhada pelos moradores no grupo de *WhatsApp* da igreja evangélica



Fonte: Etnografia digital, 2018.

Na comunidade amazônica do Caburi, as igrejas exercem grande influência. E é notório um espaço de disputa entre essas instituições na evangelização e na conquista de fiéis. Durante a pesquisa, fui adicionada ao grupo de *WhatsApp* de uma igreja evangélica por uma jovem ribeirinha urbana da comunidade. A igreja diariamente disseminava *posts* de sermões, compartilhava vídeos e mobilizava para a realização de eventos na comunidade e na área urbana.

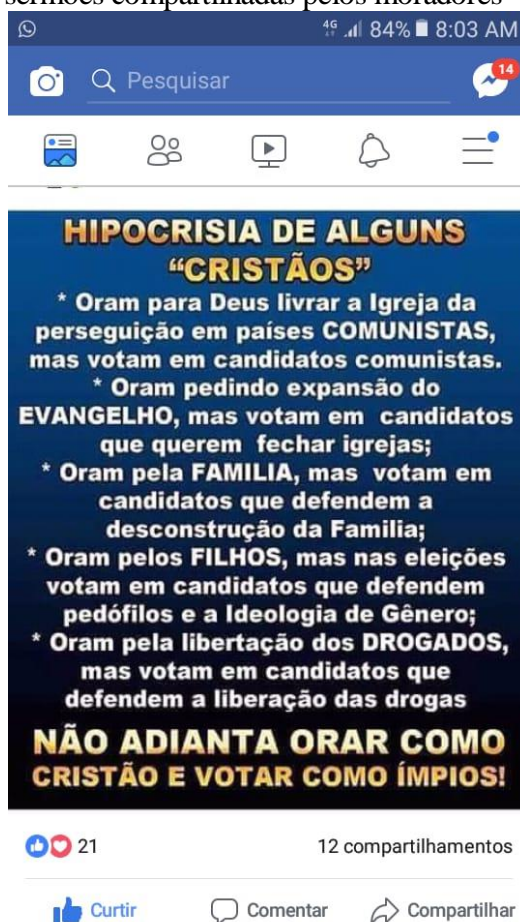
Figura 47 - Foto de ação social compartilhada pelos moradores



Fonte: Etnografia digital, 2018.

No estudo de Spyer (2017) sobre um povoado do Nordeste, com algumas características similares à comunidade amazônica do Caburi, o crescimento do cristianismo evangélico é uma realidade, tendo em vista que essas igrejas cada vez mais fazem o papel do Estado na assistência dos moradores. Na comunidade do Caburi, segundo um jovem ribeirinho urbano, existem cerca de 8 denominações evangélicas. Essas igrejas cada vez mais vêm assumindo a evangelização nessa parte da Amazônia.

Figura 48 - Mensagens na forma de sermões compartilhadas pelos moradores



Fonte: Etnografia digital, 2018.

A jovem ribeirinha urbana que me adicionou ao grupo da igreja relatou que embora os jovens da comunidade participassem de ações das igrejas, ainda faltava um maior engajamento da juventude nesses espaços. Ela também dizia sentir muitas vezes uma sensação de “isolamento” na comunidade, por acreditar que os jovens não tinham muitas perspectivas de vida. Como bem podemos atestar no seu depoimento:

Antes da vinda da wi-fi, o povo era desatualizado e agora não são mais. Ser jovem no Caburi, eu sou líder da minha igreja dos jovens, e eu faço várias programações para os jovens, às vezes, eu falo que eu queria fazer na comunidade, mas quando a

gente fala com o presidente da comunidade falam que vão ajudar, eles prometem mas não cumprem. Aqui no Caburi tem muitos jovens, acho que se tivessem mais programas para os jovens teria mais futuro. Porque em todo lugar rola droga, como não tem nada pra fazer os jovens vão atrás disso.

O sentido de isolamento também mudou com a internet; eles se sentem isolados agora quando não podem se conectar com a cidade. Eles se referem à comunidade sem internet como uma comunidade triste, esquecida. O isolamento também se deve à ideia de que a internet é sinônimo de mais informação e dá essa percepção de inclusão na dita “Sociedade da Informação”.

3.4 As trocas de mensagens em um grupo de família ribeirinha

Se nos grupos mais “públicos”, como no grupo oficial de *WhatsApp* da comunidade, por onde mais circulam as mensagens e avisos públicos, já podemos visualizar os impactos da wi-fi no espaço da comunidade, é nos grupos mais privados que podemos ver as mudanças na forma da comunicabilidade ribeirinha.

Em um grupo de família, eles trocam *selfies*, falam mais abertamente sobre questões que não falam nos grupos públicos de *WhatsApp*. Vejamos os compartilhamentos abaixo:

Figura 49 - Foto compartilhada de uma família ribeirinha urbana no grupo de *WhatsApp* da família de um jovem ribeirinho



Fonte: Etnografia digital, 2018.

Figura 50 - Foto compartilhada de uma família ribeirinha urbana no grupo de *WhatsApp* da família de um jovem ribeirinho



Fonte: Etnografia digital, 2018.

Na esfera do privado, emergem questões em seus relacionamentos que eles negaram em conversas informais quando consultados acerca das relações mediadas pelas mídias móveis. Muitos afirmaram que as tecnologias digitais de comunicação, como uso do celular e compartilhamentos em mídias sociais, não afetavam as relações com os parceiros à medida que muitos casais, por exemplo, disseram compartilhar suas senhas. Uma jovem ribeirinha urbana, 27 anos, em conversa, disse que seu marido tinha acesso às suas redes sociais. *“Ele vê as minhas coisas, ele não olha, só diz que chegou, é como um casal sem desconfiança”*. Podemos ver também em outro depoimento a seguir: *“Na minha casa nunca teve algum conflito, a gente só usa um celular e aí não tem confusão, mas nos meus amigos sempre há relato de alguma confusão de estarem teclando com outras pessoas”* (Proprietário de *lan house*, 25 anos).

Entretanto, em alguns *posts* em um grupo de família, as inquietações sobre tais questões são temas de indiretas e compartilhamentos.

Figura 51 - Meme compartilhado por membros de uma família ribeirinha urbana no *WhatsApp*



Fonte: Etnografia digital, 2018.

Nota-se que as relações têm sido afetadas face aos usos das mídias sociais, e o espaço de *WhatsApp* tem sido um espaço onde muitos conflitos entre os membros aparecem e circulam. Há também um compartilhamento de *memes* de teores bizarros assim como vídeos que não poderiam ser divulgados nesta pesquisa.

Spyer (2018), na sua pesquisa “Mídias sociais no Brasil emergente”, identificou também a circulação desses conteúdos nos grupos de *WhatsApp* e *chat* do *Facebook*, que ele denominou de representações da cultura popular. Ele observou na sua etnografia que tais conteúdos, na sua maioria, tinham um teor politicamente incorreto e de cenas de violência. Em contrapartida, nas linhas do tempo do *Facebook*, geralmente os conteúdos veiculados eram conteúdos que privilegiavam a moralidade cultivada por suas crenças e a publicação da aquisição e consumo de produtos para fins de alcançar prestígio social. Entre os *memes* semelhantes ao que Spyer afirmou fazer alusão à “feióra” na sua pesquisa, podemos destacar a imagem recorrente de um homem que sempre circulava no grupo de uma família ribeirinha.

Figura 52 - *Meme* compartilhado por membros de uma família ribeirinha urbana no grupo de *WhatsApp* da família de um jovem ribeirinho urbano



Fonte: Etnografia digital, 2018.

Na comunidade amazônica do Caburi, a maioria das jovens casa e tem filhos muito cedo, e a circulação de *memes* como o acima expressa os valores compartilhados pela comunidade sobre a conotação de estar solteira na comunidade. Tais concepções começam a ser modificadas na visão de uma moradora, que afirmou que muitas jovens não estão mais engravidando precocemente porque as relações migraram para a internet.

Eu acredito que evoluiu, porque antes não tinha esse meio, as meninas engravidavam muito, e hoje elas se perdem no celular, reduziu a taxa de gravidez. A comunidade sem internet era esquecida, a gente não sabia o que acontecia por aí, com a internet a gente sabe de coisas de mais longe. (Moradora, 32 anos, proprietária de lan house)

Há ainda aqueles que satirizam a nova forma de se comunicar agora por vídeo-chamada através das mídias sociais.

Figura 53 - *Meme* compartilhado por membros de uma família ribeirinha urbana no grupo de *WhatsApp* da família de um jovem ribeirinho urbano



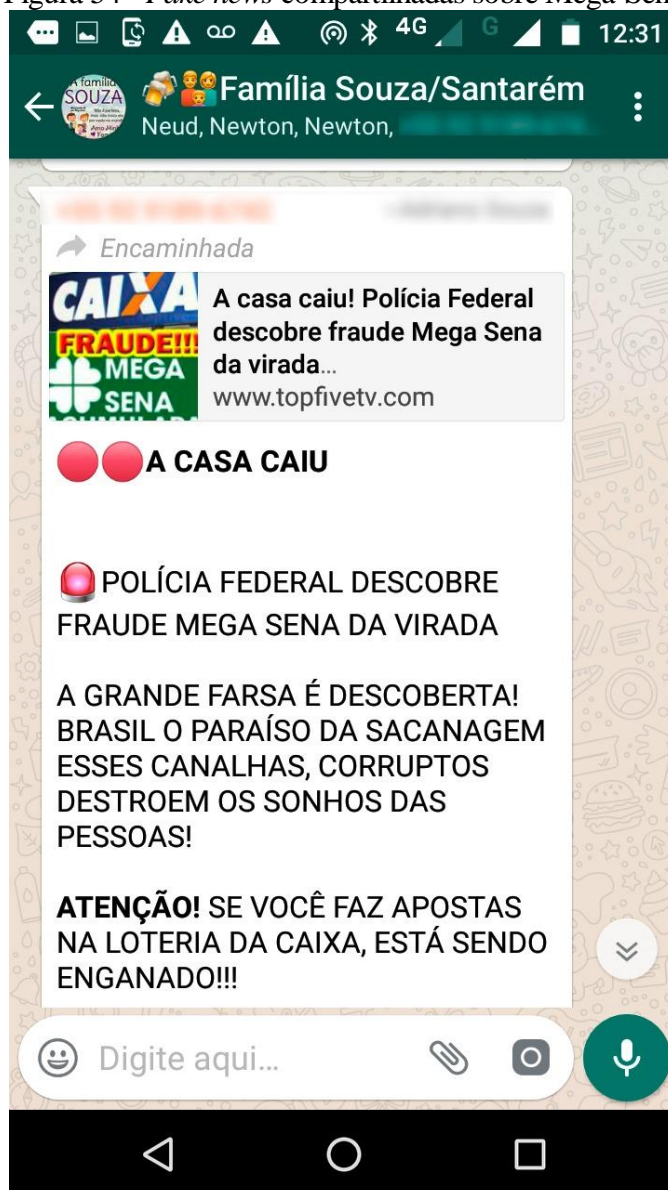
Fonte: Etnografia digital, 2018.

Tais compartilhamentos demonstram como as dinâmicas de comunicação na comunidade rural amazônica mudaram, embora a comunicação por meio de avisos veiculados em rádios e programas na cidade, área urbana, ainda sejam bastante frequentes. Os moradores e jovens da comunidade amazônica, com a inserção no digital, ampliaram sua conexão com a cidade e estão, conforme Miller (2016), agora exercitando a prática da socialidade escalável, indo do público ao privado de forma intermitente.

4.4.1 Compartilhamento de notícias falsas (*fake news*)

Além de muitos *memes*, *selfies*, vídeos de várias situações como de brigas de animais, entre crianças, piadas de cunho bizarro e muitas indiretas, os ribeirinhos urbanos também estão mais suscetíveis ao compartilhamento de notícias falsas pelo fato de a maioria ter dito que apenas se informavam por mídias sociais. Durante a imersão nesse grupo de família, foi possível ver a circulação de muitas notícias falsas que, quase sempre, em seus títulos, veiculavam uma conotação apelativa, tal qual podemos observar nos *posts* abaixo:

Figura 54 - *Fake news* compartilhadas sobre Mega-Sena



Fonte: Etnografia digital, 2018.

Figura 55 - *Fake news* compartilhadas sobre Mega-Sena
 UM SER HUMANO DESSE NEM É GENTE
 E UM ANJO 😂😂



Fonte: Etnografia digital, 2018.

Além desses tipos de notícias falsas, circularam notícias de insegurança e iminência de assaltos em residências, que alguns moradores compartilhavam de moradores da área urbana da cidade. Outras que normalmente circulavam eram as notícias contra as campanhas de vacinas. Um dos jovens interlocutores da pesquisa com quem estive em contato durante 1 ano confessou que tinha receio de se vacinar em época de campanha, por acreditar que as vacinas são um mecanismo de eliminação em massa.

3.5 Ritmos da Floresta e dinâmicas das tecnologias digitais

Como bem argumentamos anteriormente, as tecnologias digitais de comunicação na figura da wi-fi nos espaços da comunidade instituiu uma mediação sensível, para usar o termo da pesquisadora J. Leite (2011), na comunidade amazônica, à medida que o espaço da comunidade tornou-se agora um espaço ampliado da cidade, área urbana e ao mesmo tempo em que seus moradores empreendem novas conectividades ribeirinhas urbanas.

Isso foi perceptível nas falas, tanto de moradores de modo geral, como de muitos jovens, que disseram não perceber a comunidade como um lugar diferente da cidade, uma vez que a internet dá a impressão de que agora está mais próxima e mais integrada a ela. Isso se traduziu na extensão de um maior intercâmbio com a cidade, como também na ampliação das

contradições que as apropriações do urbano promovem, em converter a comunidade em um espaço mais urbano, mas que ainda se constitui como comunidade rural.

Devido a isso, podemos dizer que a urbanidade contemporânea se faz e se constitui através do digital, pois comunidades de contextos rurais que não completaram totalmente a urbanização agora se tornam urbanizadas de fato.

Assim, cabe utilizar uma expressão de Berta Becker (2003) sobre os processos de urbanização na Amazônia. A floresta cada vez mais nessa parte torna-se uma “floresta urbanizada”, entretanto, isso não é visto como um problema para os moradores da comunidade amazônica do Caburi, tanto que, para eles, a fronteira entre o rural e o urbano é percebida de forma sutil e invisível devido a tais processos que vêm se fazendo já há algum tempo, de forma que tais instâncias não se apresentam como universos antagônicos, mas que ora se complementam ora são tensionados à medida que a cidade estende sua lógica a esses lugares.

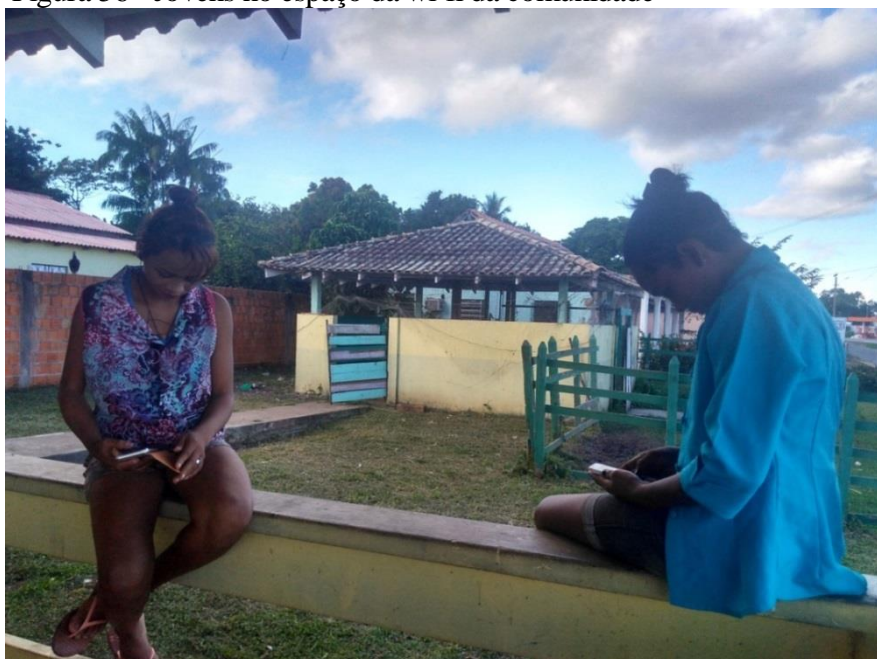
4 **A INTERNET É O QUE NOS CONECTA E TORNA VISÍVEL: A RELAÇÃO DE JOVENS RIBEIRINHOS URBANOS DA COMUNIDADE RURAL DO CABURI COM A CIDADE DE PARINTINS**

Tendo prolongado ou traduzido nosso sistema nervoso central em tecnologia eletromagnética, o próximo passo é transferir nossa consciência para o mundo do computador. Então poderemos programar a consciência, de forma que ela não ceda ao entorpecimento e à alienação narcísica provocada pelas ilusões do mundo do entretenimento que assalta a humanidade quando ele se defronta consigo mesmo.

Marshal McLuhan

Como vimos até aqui, a comunidade amazônica do Caburi sofreu significativas transformações com a inserção de espaços de internet constituídos como wi-fi. Neste capítulo, realizamos uma discussão sobre as relações entre tecnologia e juventude na comunidade rural do Caburi, com foco no entendimento do que é a relação deles com a internet e os dispositivos móveis, *smartphones*, e o sentido de estar conectado nesse espaço.

Figura 56 - Jovens no espaço da wi-fi da comunidade



Fonte: Pesquisa de Campo, 2018.

4.1 As relações entre tecnologias digitais e juventude

Cotidianamente, essa era a imagem de jovens e adultos moradores no espaço da wi-fi na comunidade amazônica do Caburi, o que expressa o pensamento de Martins (2011) em uma passagem da obra “Crise no Castelo da Cultura: Das estrelas aos Ecrãs”, sobre a nossa relação com o digital, ao citar Paul Virilio, para quem acredita que não olhamos mais para as estrelas, mas para o ecrãs, evocando um discurso muito presente nos estudos da comunicação quanto ao problema da virtualização, entendida como aquilo que vai nos separar da realidade vivida. De fato, na comunidade amazônica, grande parte das pessoas passou a olhar mais para seus celulares, entretanto, o que as mobilizava era o estar junto e em redes, agora expandidas pela wi-fi.

No que se refere às relações entre as tecnologias digitais e a juventude nesse espaço de comunidade amazônica, encontramos de modo geral tanto características comuns aos jovens de grandes centros urbanos, como a que, para eles, as mídias móveis são vistas como sinônimo de entretenimento e um meio em que podem brincar com suas identidades, assim como a ideia mais particular ao grupo de jovens ribeirinhos urbanos de que as tecnologias digitais e o *smartphone* são sinônimos de mobilidade informacional e distinção social, à medida que, para eles, esses artefatos digitais ampliam suas redes de ajuda mútua em benefício da comunidade.

Algumas sinalizações nesse sentido podemos encontrar na pesquisa sobre “Consumo Midiático de Jovens em Tempos de Convergência”⁵¹, de Jacks e Toaldo (2014), no período que vai de 2012 a 2016, que mostrou, em um estudo comparativo sobre as práticas de jovens brasileiros na internet, diferenças no uso das tecnologias digitais e no acesso à rede nas várias regiões do país. Os resultados mostraram que as diversidades regionais também implicam em distintas vivências de juventude. A partir disso, eles acreditam que existem muitas juventudes situadas em diferentes contextos que devem mostrar as formas como os jovens se relacionam com as mídias digitais.

No Amazonas, os dados da pesquisa “Brasil Conectado”, coordenada pelos pesquisadores, apontaram que a população jovem na faixa etária de 18 a 24 anos que usava internet no estado em 2015 era de cerca de 234 mil jovens, com renda de até três salários mínimos, sendo que a maioria são mulheres e a casa foi o principal espaço de acesso à internet. Em relação ao dispositivo mais usado para acessar internet por ambiente, os

⁵¹ A pesquisa contou com 27 equipes em universidades públicas e privadas em todos os estados da Federação.

resultados mostraram que o computador *desktop* tem 75% de situações de uso compartilhado e *notebook/netbook*, *smartphone*, *tablet* e celular e TV com acesso à internet são de uso individual. Quanto ao uso de *smartphone*, a maioria usa aplicativos de mensagens instantâneas e redes sociais.

Embora essa realidade descreva uma parte da realidade das práticas de internet de jovens no Amazonas, ela não dá conta da realidade de jovens ribeirinhos urbanos, por exemplo. Nas comunidades ribeirinhas onde se tem acesso à internet, bem como na comunidade do Caburi, e nas comunidades ribeirinhas de Murucutu e Afuá no Pará, citadas no primeiro capítulo, o *smartphone* é o principal meio de acesso à internet, e algumas vezes um dispositivo é compartilhado pela maioria das famílias. Em uma sondagem *in loco* na comunidade amazônica do Caburi, no total de 100 casas, a média de celulares foi de 2 ou 3 por família, e muitos moradores disseram fazer uso do dispositivo de forma compartilhada.

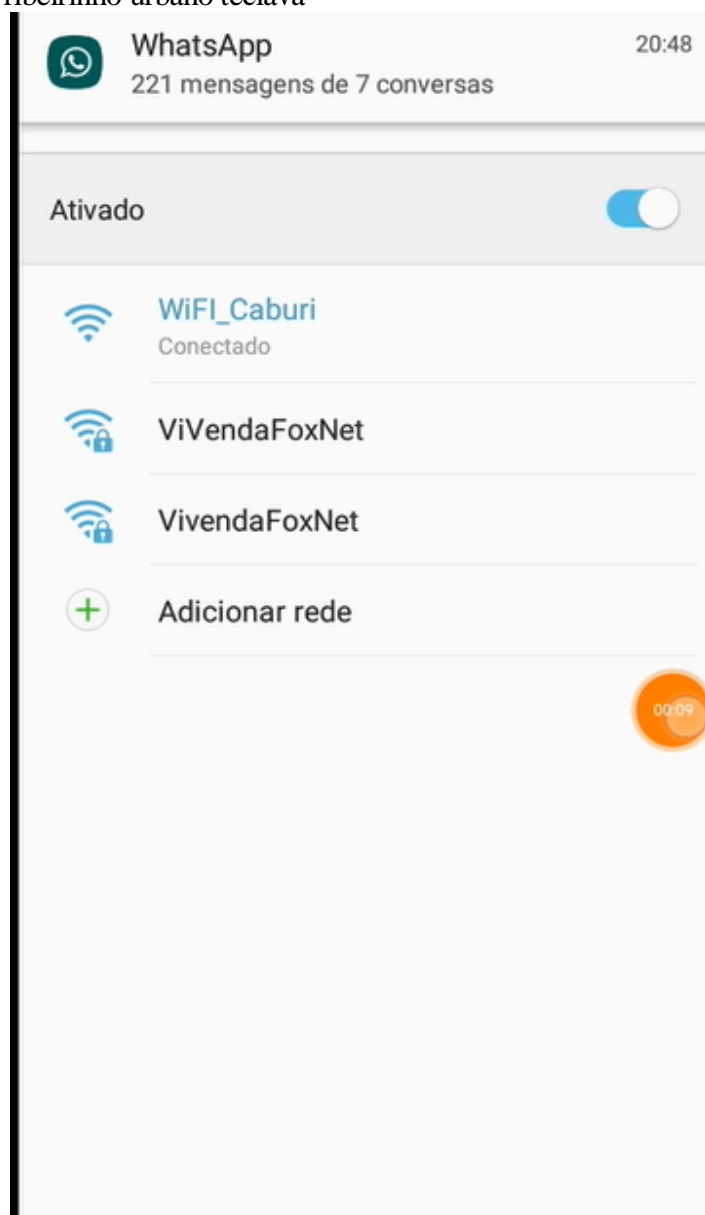
Em face dessa realidade, as práticas digitais de jovens ribeirinhos urbanos mostraram-se bastante diferentes, inclusive das práticas de jovens da área urbana de Parintins, quando acompanhamos suas articulações no digital durante 1 ano. A natureza das conexões na comunidade amazônica do Caburi se aproximava mais de um agir comunitário, tendo em vista a conservação de valores coletivos ainda vigentes nessa comunidade, e isso se mostrou influente nas ações dos jovens ribeirinhos urbanos.

As ações dessa natureza vieram à tona primeiramente quando conheci um jovem ribeirinho urbano, que aqui chamo de Wilson, 13 anos. A primeira vez que o encontrei foi na escola estadual da comunidade amazônica do Caburi, quando fui tomar as primeiras informações sobre a comunidade, e o diretor da escola o indicou para ser o interlocutor da pesquisa por considerá-lo um *expert* nas questões de internet e de outros assuntos mais gerais da comunidade.

Wilson era bastante popular na comunidade e ajudou na aproximação com vários jovens durante a pesquisa. Mas não demorou muito para eu ter conhecimento de sua participação em uma ação social em prol de recursos para ajudar uma colega de sala de aula, que necessitava de tratamento de saúde fora da comunidade. Ele usava sua rede de contatos via mídias sociais para a colaboração e ajuda mútua para esses tipos de ações.

Por outro lado, era muito comum, também, após um tempo de acompanhamento prolongado em trocas de mensagens com Wilson, pedidos do tipo: “Olha o meu status, dá uma curtida”. Esse mesmo jovem, o qual foi um dos primeiros a conhecer durante a investigação, costumava teclar comigo da wi-fi da comunidade e, em muitas vezes, da casa de um vizinho que compartilhava com ele seu ponto de internet, conforme mostra na Figura 57.

Figura 57 - Figura do ponto de internet de onde um jovem ribeirinho urbano teclava



Fonte: Etnografia digital, 2018.

Desde o início do contato, ele mostrava-se um exímio usuário da internet. Ele também tinha uma conta no *Facebook*, sobre a qual se orgulhava de dizer que tinha mais de 3.000 mil amigos, e no *WhatsApp*, mais de 2 mil, e que, de acordo com ele, adicionava para receber mais curtidas. O jovem também estava em 2 grupos principais no *WhatsApp* com interesses comuns da comunidade amazônica e em 1 grupo de sua família.

Wilson, em seus relatos acerca da sua relação com as tecnologias digitais, contou-nos que costumava se informar das notícias pelo *Facebook*, como também se utilizava da rede social para se comunicar com familiares que moram na área urbana de Parintins. Assim como Wilson, a maioria dos jovens na comunidade amazônica tem participado da tendência que particulariza essa relação

estreita com as tecnologias digitais como a maioria dos jovens. Basta dar uma circulada, é fácil identificar e ver um jovem teclando num celular. A imagem que se tem é essa relação estreita com o artefato de mídia móvel. E é também a constatação de mudanças no perfil da juventude ribeirinha nessa comunidade amazônica.

Figura 58 - Jovem no espaço da wi-fi próximo à igreja



Fonte: Pesquisa de Campo, 2018.

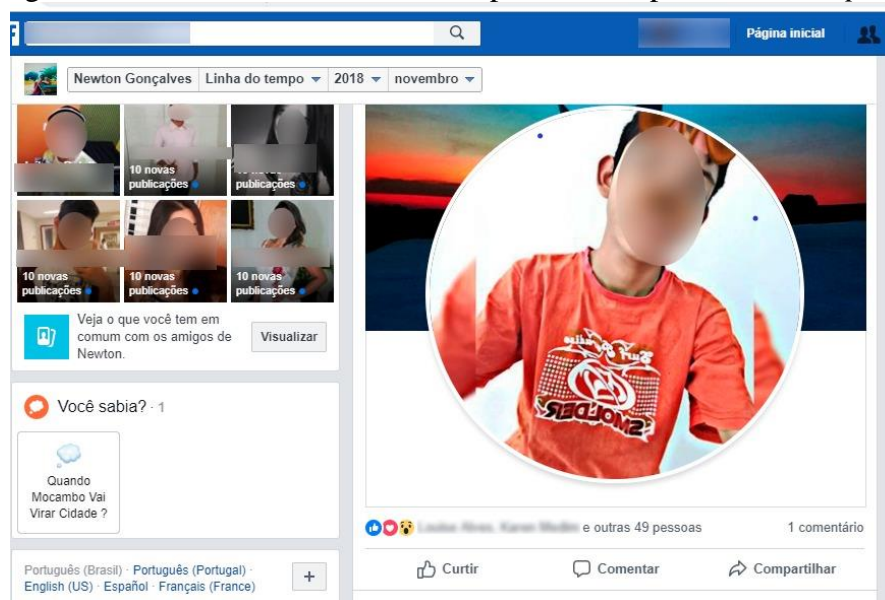
Em nossas observações de campo, notamos que, dentro desse complexo cenário das práticas digitais móveis nessa parte da Amazônia, podemos claramente identificar uma relação quase visceral entre tecnologias digitais e jovens na contemporaneidade. Essa assertiva foi explorada e discutida teoricamente por Pereira e Polivanov (2012), devido ao fato de evidenciar-se certa “vocação” por parte dos jovens de um modo geral com as tecnologias digitais.

Não é necessário um estudo muito aprofundado para identificar as *tecnologias juvenis* de hoje como sendo, na grande maioria dos casos, dispositivos e aparelhos midiáticos digitais: TVs, celulares, smartphones, computadores, players de música, laptops, tablets etc. Mais ainda, trata-se, na maioria das vezes, de tecnologias usadas especificamente para a comunicação, o consumo de entretenimento e de informação. E quando observamos que destreza é essa que qualificaria os jovens como *experts* em tecnologias, constatamos que se trata, basicamente, da capacidade de lidar funcionalmente com essas mesmas tecnologias, ou seja, realizar operações sobre interfaces gráficas de sites, de programas ou de aplicativos, operações que lidam, quase que exclusivamente, com os chamados softwares e quase nunca com os hardwares. (PEREIRA; POLIVANOV, 2012, p. 77)

Em meio à constatação da habilidade para operar os meios digitais, os autores mostram que consumo e entretenimento como linguagem⁵², atrelados aos artefatos digitais e suas interfaces gráficas, são o que movem a relação entre a juventude e a tecnologia, levando em consideração a compreensão do entretenimento como linguagem, como uma prática social, agora atrelado a discursos e expressões midiáticas contemporâneas, que se encontraria em um terceiro estágio desde o final do século XX e início do XXI (PEREIRA; POLIVANOV, 2012, p. 81-82).

Como podemos ver, as experimentações de filtros com *emotions* do aplicativo *Snapchat* de perfis de jovens ribeirinhos urbanos no *Facebook* ilustram essa linguagem do entretenimento comum entre os jovens e bastante difundida na internet.

Figura 59 - Jovem ribeirinho urbano em performance por meio de *Snapchat*



Fonte: Etnografia digital, 2018.

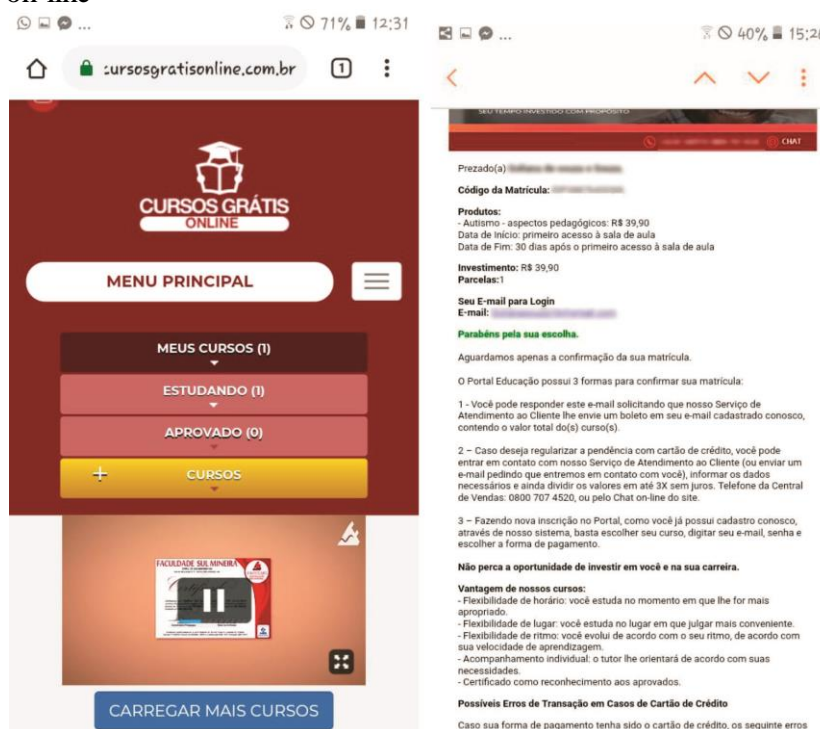
Os jovens na comunidade amazônica do Caburi também faziam usos das tecnologias de comunicação e informação para tais finalidades, e o entretenimento parecia ser em um primeiro momento um importante indicador para a popularidade do acesso da wi-fi. Muitos dos jovens que conheci durante as viagens a localidade e os encontros com eles na área urbana de Parintins, expressavam dar uma grande importância para o contato com parentes distantes e a ação de fazer amigos na cidade com vistas ao alargamento das redes de cooperação e ajuda mútua para as ações na comunidade.

⁵² De acordo com os autores, o entretenimento como linguagem pode ser identificado nos aparatos de mídias pelos seguintes elementos: envolvimento emocional, elementos lúdicos, expressões simples e intuitivas e expressões multissensoriais.

Dito isso, as conexões com a área urbana de Parintins eram as maiores e mais predominantes em suas mídias sociais, e isso em certo sentido nos instigou a pensar na formação e inserção de uma rede de internet mais de caráter hiperlocal ao invés de uma inserção mais global do estar em rede. Esse resultado se confirmou tanto em entrevistas e conversas informais, como também em um questionário on-line ampliado aos jovens da área urbana do município. Mas eles também valorizavam as tecnologias digitais com vistas a alcançar distinção social, à medida que buscavam maior ascensão social. A preocupação em fazer cursos on-line para maior qualificação por aqueles que cursavam faculdades EAD fazia parte das atividades e do uso comum de alguns jovens na comunidade.

Uma jovem, de 29 anos, professora no ensino infantil em uma escola da comunidade e uma das principais interlocutoras sobre mudanças da wi-fi na comunidade, nos reportou que essa configuração na comunidade amazônica dava a ela possibilidade de poder fazer os cursos on-line para complementar a sua formação. Era a partir da interface do celular que a jovem fazia a maior parte de suas atividades, como mostra a imagem compartilhada a partir do seu *smartphone*.

Figura 60 - Print do *smartphone* de uma jovem ribeirinha sobre cursos on-line



Fonte: Etnografia digital, 2018.

4.2 As conexões com e na a cidade

Diante do peso que as conexões que se faziam com a cidade no cotidiano dos jovens da comunidade amazônica, sobretudo com familiares que moram na cidade, investigamos por meio de uma sondagem on-line com os jovens do município, intitulada “A vida mediada por dispositivos móveis”, as dinâmicas dessas conexões, uma vez que tomamos a comunidade amazônica do Caburi como um espaço que se interconecta com os espaços da área urbana de Parintins.

Figura 61 - *Banner* do questionário on-line na internet



Fonte: Sicsú, 2017.

O questionário foi criado na plataforma do *Google Forms*, composto por 44 questões, sendo 14 delas de múltipla escolha, 10 questões em que os respondentes selecionaram múltiplas opções a partir de uma lista, 19 de escala gradativa e 1 pergunta aberta, a qual aborda as mudanças que eles percebem no cotidiano com o acesso à internet pelo celular.

O questionário ficou disponível de 23 de fevereiro a 17 de maio de 2017. A divulgação foi feita em diferentes plataformas, por meio de chamadas de *posts* que convidavam as pessoas a responderem à pesquisa e a compartilhá-las em suas redes sociais. No primeiro mês, fizemos essa divulgação espontânea e, em um segundo momento, disponibilizamos pontos de acesso aos questionários por meio de locais físicos e de maior acesso pelos jovens no município de Parintins, um no laboratório de Fotografia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e outro em uma *lan house* da cidade. A ação contou com a colaboração de alunos de graduação do curso de jornalismo dessa universidade, devidamente orientados para a atividade.

Inicialmente, obtivemos um total de 323 respondentes, na faixa etária de 15 a 29 anos, considerados como jovens pelo Estatuto da Juventude⁵³, entretanto, tivemos que descartar 53

⁵³ Aqui nos referimos a jovens a partir de sua categorização etária, ou seja, sujeitos que possuem entre 15 e 29 anos de idade, conforme o Estatuto da Juventude, Lei n.º 12.852, de 5 de agosto de 2013, disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112852.htm.

questionários com mais de 3 questões não respondidas. Assim, o estudo ficou com uma amostra de 270 questionários. Elencaremos alguns pontos aqui para efeito de conhecimento acerca dos usos de internet pelos jovens no município de Parintins, tendo como pressuposto a relação entre o urbano e o rural teorizada anteriormente. Embora os sujeitos da pesquisa sejam os jovens urbano-ribeirinhos moradores da comunidade rural do Caburi, é válido ter uma visão ampliada das interações sociais e usos das tecnologias de internet no cotidiano de jovens no município.

Em relação aos dados demográficos, obteve-se um perfil dos jovens respondentes do inquérito. A maioria (93,7%) da área urbana e apenas 6,3% da área rural, sendo que 60,4% dos respondentes estão cursando ensino superior, 21,5% têm o ensino médio, 12,2%, o ensino superior completo, 4,4% com ensino fundamental completo e 1,5% fundamental incompleto; 59,9% do sexo feminino e 41,1% do sexo masculino, 50% na faixa etária de 25 a 29 anos e 53% com renda familiar de 1 a 2 salários mínimos. Algumas das questões somam mais de 100%, pois os respondentes puderam escolher mais de uma alternativa.

Tendo em vista a compreensão dos resultados, organizamos dentro das seguintes categorias, a saber: 1) Usos, acesso e consumo de internet pelo celular; 2) Percepção de uma agência da temporalidade dos artefatos de mídia; 3) Afetações na mente e no corpo dos jovens.

A maioria dos entrevistados relatou ter celular da marca *Samsung*. A marca é a preferida entre eles. Entre os aplicativos de mensagens instantâneas mais utilizados aparecem em primeiro lugar o *WhatsApp* (93%) e, em segundo lugar, o *Facebook* (75%).

Em relação às redes sociais que os jovens mais preferem, o *Facebook* aparece majoritariamente à frente das outras redes sociais (91,5%), seguido do *Instagram* (55,6%). A maioria dos seus amigos nas mídias sociais são do próprio município (87%), o que nos mostra que eles não encontram uma Internet Global.

A maioria respondeu que busca notícias (77%), seguidas de conteúdos para subsidiar estudos (74%) e do entretenimento (65%).

No tocante ao local de acesso à internet, a maioria (92%) afirmou acessar de seu domicílio, seguido da faculdade/escola (28%) e, em terceiro lugar, do local de trabalho (20%). Em relação à frequência com que os jovens acessam a internet, os resultados apontaram que a maioria (73%) acessa a rede 5 ou mais vezes por semana, o que nos reafirma que a internet já é um hábito na vida desses jovens. A maioria (91%) afirma perceber uma diferença do ritmo em que estão inscritos em relação à cidade ou vila onde residem.

Os jovens se qualificaram primeiramente como jovens (55,9%) e, segundo, como “jovens conectados” (52,2%), o que vincula as ações do comando de suas vidas e do seu reconhecimento por meio dessas mídias na relação com os outros.

A maioria afirmou ter o hábito, no momento de lazer, de escutar música (74,1%), seguido de acessar à internet (70,4%) e ver TV (60%).

Com relação à mudança de consumo em relação a outros meios, os resultados mostraram que, mesmo que a internet esteja incorporada à prática social e cultural dos jovens, eles ainda continuam ouvindo rádio.

Em relação às atividades de interação na internet, as cinco maiores ações realizadas foram: baixar e ouvir música (74,8%), consumo de conteúdo de entretenimento (65,2%), postagem de fotos (57,4%), consumo de vídeos (57,4%) e consumo de conteúdo jornalístico (55,2%).

A comunicação móvel pelo celular, conforme os respondentes, é uma das formas mais utilizadas para manter contato com a família e os amigos distantes.

Em relação ao uso de dispositivo móvel (celular com acesso à internet), as cinco principais ações que os jovens fazem são: a primeira, para tirar fotos (71,5%), seguida de assistir vídeos (68,5%), agendar atividades pelo dispositivo (49,3%), fazer *check-in* (29,6%) e compartilhar por *bluetooth* (24,8%).

Os respondentes, na sua maioria, veem o acesso aos dispositivos móveis com internet como algo positivo nas suas vidas. Eles consideram que a internet é sinônimo de acesso e de facilidade em seu cotidiano, principalmente quanto a tarefas ligadas à escola e à faculdade. As frases mais frequentemente mencionadas foram: “*Praticidade da informação, eu tenho o mundo nas mãos*”; “*Menos tédio e maior entretenimento*”; “*Mais informado e consigo falar com familiares e amigos com mais rapidez*”; “*Eu tenho respostas na palma da mão, literalmente*”; “*Qualquer dúvida que enfrento a internet pode me auxiliar*”.

Eles também disseram se sentirem mais distraídos, com menos percepção de tempo com a interseção no digital; outros também relataram os prós e os contras na relação com a tecnologia.

Esse panorama foi válido para ter um perfil das dinâmicas dos jovens do município com as TICs de um modo mais ampliado, porém as relações dos jovens ribeirinhos urbanos da comunidade amazônica do Caburi mostraram-se, em certo sentido, bastante diferentes em relação às dos jovens da área urbana. Embora o perfil socioeconômico resultante dos jovens na área urbana se assemelhe de um modo geral ao da comunidade rural do Caburi, quanto à renda de 1 a 2 salários mínimos e à preferência das mídias sociais como *Facebook* e

WhatsApp, no entanto, a sua relação com o digital está mais orientada com o agir comunitário cultivado pela cultura nessa comunidade amazônica.

4.3 Interação mediada pelo celular

Para a maioria dos jovens ribeirinhos urbanos na comunidade do Caburi, o rádio e a veiculação de avisos no formato tradicional são práticas comunicacionais típicas de moradores mais velhos, os ‘antigos’ da comunidade. Enquanto que os mais jovens ocupavam os espaços com wi-fi da comunidade e pareciam conjugar as várias esferas de mediação que interconectavam a comunidade amazônica por mídias eletrônicas e digitais, os mais velhos da comunidade preferiam os sistemas de vozes analógicas existentes.

A cena de um jovem urbano-ribeirinho mexendo no seu *smartphone* ao embarcar na “rabetá” com seu pai para a comunidade ribeirinha do Palhau, comunidade circunvizinha do Caburi, é uma imagem que revela de como as tecnologias digitais de comunicação redefiniram a ação de se comunicar nesse espaço.

Muitas vezes em que fiquei acessando internet da wi-fi pública da comunidade, e muitos moradores, principalmente adultos, ao verem algum outro morador teclando no espaço, estes costumavam ser motivo de piadas de que já estavam no vício. Wilson, 13 anos, nosso interlocutor da pesquisa, conhecia um adulto que ele dizia ser viciado no uso da wi-fi. Ele ainda contou como o assunto foi tema de pesquisa na escola onde estuda com o título: tecnologia em tempo real.

Na discussão de como as tecnologias digitais afetam o nosso cotidiano, sempre é frequente no imaginário social a preocupação com a alienação e a superficialização das relações que elas causam, por outro lado, não podemos negar um conjunto de afetações e ordenamentos que os aparatos de mídia digitais trouxeram com a sua profusão nas várias esferas institucionais e da constituição das identidades.

Baym (2010) descreve em seu texto as novas formas de conexão pessoal, como essa era tecnológica se destaca pelas rápidas transformações nos tipos de mediação tecnológica frente às formas tradicionais de conversação face a face, ligações de telefone fixo e correio postal estarem integradas às existentes na contemporaneidade como mensagens de celular, e-mail, compartilhamento de fotos e vídeos, e outros, ou seja, uma infinidade de possibilidades que nos permitem ir ao encontro do outro. E junto a tantas novidades e à aceleração das possibilidades de se comunicar, sempre vem a preocupação com os seus efeitos nos nossos

relacionamentos. “A questão, que as mídias digitais estão mudando a natureza das nossas conexões”, enfatiza (BAYM, 2010, p. 1).

As discussões acerca de estar fisicamente presente, mas simultaneamente ausente, tornam a natureza do eu problemática (Ibidem BAYM, 2010, p. 3), pelo fato de que muitas vezes nos envolvemos com a presença de pessoas que estão distantes fisicamente nesse processo de interação a todo instante e que podem não estar tão engajadas, o que são alguns impasses trazidos pelas mídias digitais⁵⁴.

Por outro lado, Miller e Slater (2001, p. 6) esclarecem que devemos atentar para a capacidade de tecnologias comunicativas constituírem esferas de interação relativamente conectadas⁵⁵, o que não é uma característica da internet, mas do processo de mediação. Os autores explicam que as nações modernas, por exemplo, podem ser consideradas como comunidades ‘virtuais’ ou ‘imaginadas’. O jornal é um caso clássico disso, a partir da capacidade deste para refletir, fazer circular e permitir reelaborar um imaginário singular de pessoas pertencentes a uma cultura, distantes de seus lugares de origem (MILLER; SLATER, 2001, p. 6).

Entretanto, sabemos que as tecnologias digitais trazem especificidades e articulam-se com as tecnologias já existentes para formar outras mediações. Isso McLuhan já havia afirmado na sua argumentação de que qualquer tecnologia nova de transporte ou comunicação tende a criar seu respectivo ambiente humano e que os ambientes tecnológicos criados não são inertes, mas processos ativos que remodelam pessoas e igualmente outras tecnologias (MCLUHAN, 2007 [1964]).

Nas falas como veremos a seguir, ficam mais claras as afetações desencadeadas pela nova configuração com as tecnologias digitais na comunidade amazônica. Em umas das minhas incursões na localidade, conversei com quatro jovens, as quais testemunharam como era morar na comunidade com a configuração de wi-fi. Utilizamos como recurso para conduzir as entrevistas o quadro abaixo para nortear o entendimento das suas relações com os artefatos de mídia e internet.

⁵⁴ No original: We may be physically present in one space, yet mentally and emotionally engaged elsewhere. Consider, for instance, the dinner partner who is immersed in his mobile phone conversation. Since he is physically present, yet simultaneously absent, the very nature of self becomes problematic. (BAYM, 2010, p. 03).

⁵⁵ Esse posicionamento se refere à dualidade entre virtual/real que emerge nas discussões de internet, como se a esfera desta estivesse dissociada completamente da vida offline. (MILLER E SLATER, 2001, p. 6).

Quadro 1 - Perguntas feitas às quatro jovens entrevistadas

IDENTIFICAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> • Gênero • Idade • Nível de Escolaridade • Ocupação/Trabalho
EXPERIÊNCIA DE MORAR NA VILA	<ul style="list-style-type: none"> • Qual experiência de morar na vila com internet? • Como se sente habitando a vila agora? • Quanto tempo consegue ficar sem internet?
USO, ACESSO E CONSUMO DE INTERNET PELO CELULAR	<ul style="list-style-type: none"> • Modelo de celular utilizado • Local de onde acessa internet • O que procura na internet? • Quantas vezes se conecta ao dia? • Para que e como utiliza o celular para se comunicar no dia a dia? • Quais redes sociais acessa? • Que aplicativos utiliza nas conversas? • Consumo de Rádio e Televisão
AFETAÇÕES NO CORPO E NA MENTE DOS USUÁRIOS	<ul style="list-style-type: none"> • O que o hábito de internet modificou na sua forma de agir? • Como é afetado pelo celular no dia a dia? • Como define a relação com o celular? • O que mudou no cotidiano com acesso à internet móvel?

Fonte: A autora, 2017.

Na maioria das viagens que fiz à comunidade rural amazônica, muitos jovens com os quais conversei diziam que a configuração de wi-fi nos espaços da comunidade havia modificado o cotidiano dos moradores. Por outro lado, somente em longo prazo pude compreender a dimensão das mudanças nas falas dos primeiros contatos.

Uma das jovens disse que seus pais tinham um comércio na localidade, e que estudou o Ensino Fundamental e Médio todo em escola pública no interior da Amazônia. Ela descreveu como é viver na comunidade do Caburi. *“O que eu mais gosto lá é a tranquilidade, a segurança, eu saio pra onde eu quiser”*. Nos finais de semana, costuma frequentar praias de rio e ir a grutas. Entretanto, sua relação com o artefato móvel não é diferente da maioria dos jovens: *“Antes, eu não conseguia desgrudar do celular, eu vivia nele, não desgrudava, agora estou me regulando um pouco porque tenho que estudar”*. Ela frisa que não se vê como uma jovem do interior, diz que se sente como uma pessoa normal. Ela tinha recentemente migrado para a cidade para morar na casa da avó, onde tem residência fixa. Ela relatou que a maioria dos jovens na comunidade, assim como ela, ouve rádio e vê TV, e à noite costumava acessar o wi-fi em funcionamento na localidade para falar com amigos e familiares fora da comunidade.

Nos primeiros depoimentos, notamos que o acesso à wi-fi parecia ser algo já naturalizado e parte do cotidiano principalmente dos jovens. Em outra conversa com uma jovem que chamo aqui de Maria, 17 anos, disse-me que no início da wi-fi na comunidade, as pessoas quase não saíam das suas casas e, com a internet, as pessoas começaram a sair mais. *“No início, a internet era apenas numa casa, e depois começou a ser distribuída por mais casas na comunidade”*. Segundo ela, com

a internet é mais fácil estudar os assuntos da escola. Para ela, o uso da internet também facilitou a comunicação com a família em Parintins. Esse depoimento corrobora os outros relatos de como a inserção no digital se deu de forma colaborativa.

Muitos dos jovens que conheci e com quem conversei diziam que a partir da dinâmica instituída não conseguiam mais ficar sem se conectar, porque encontravam na internet outra forma de fazer amigos e de poder se conectar com a cidade, área urbana. Mas quando falavam das diferenças entre a cidade e a comunidade, a descrição desta última era sempre associada a um lugar calmo e tranquilo. Para outros, a comunidade já era um espaço ampliado da cidade. Ora se referiam à comunidade como cidade, ora chamavam de comunidade. Em uma das falas sobre as diferenças quanto aos dois espaços, isso era muito evidente para alguns. Uma jovem com quem conversei na área urbana, moradora do Caburi, disse que acreditava que a comunidade era bem diferente de Parintins: “Lá tem menos movimento do que aqui em relação ao trânsito, e estou me adaptando.” O acesso à internet ocorria por compartilhamento entre os familiares: sua prima a deixava usar a internet para suas atividades diárias.

A relação com a escola na comunidade amazônica é considerada como uma prioridade para muitos jovens ribeirinhos urbanos. É na escola que ocorrem parte de reuniões de campanhas de saúde e discussões mais gerais de interesse da comunidade. Foi nesse espaço que eles tiveram seu contato com as TICs, como veremos mais à frente. Em nossas idas em 2017, conheci uma jovem de 17 anos, que estava terminando o ensino médio. Como ela pretendia seguir seus estudos, ela iria também migrar para a cidade. Como a maioria das jovens ouvidas, ela também via como necessidade o uso da internet na localidade, principalmente para as demandas dos trabalhos escolares. Na sua casa, de acordo com ela, o acesso à internet ocorreu desde o início da chegada à comunidade. Em sua fala, quando arguida sobre o que ela mais acessa na internet, disse que, sem dúvida, era a busca por entretenimento⁵⁶ nas redes sociais, como *Facebook*, e com os outros jovens também isso não era diferente. Entretanto, ela nos deu pistas de que o uso vai além do entretenimento, ao nos reportar que os moradores tinham um grupo da comunidade no *Facebook* e *WhatsApp*, por meio dos quais eles podiam denunciar e fazer circular notícias de caráter público da comunidade e fazer chegar até a área urbana de Parintins.

Em todas as falas das entrevistadas há indícios da relação estabelecida com as tecnologias digitais móveis (celular e wi-fi). O telefone celular é uma condição para estar

⁵⁶ Pereira e Polivanov (2012) identificaram esse fato devido evidenciar-se certa “vocação” por parte dos jovens de um modo geral com as tecnologias digitais. Em meio à constatação da habilidade para operar os meios digitais, os autores, ao longo da discussão, mostram que consumo e entretenimento como linguagem, atrelados aos artefatos digitais e suas interfaces gráficas, são o que movem a relação entre a juventude e a tecnologia.

informado e ter entretenimento. A natureza dessa mídia faz jus à preferência pelos jovens e, ainda, o caráter da multissensorialidade do dispositivo parece ser um dos componentes que faz com que compartilhem as linguagens transitórias com tamanha identificação e intimidade na contemporaneidade. A partir das falas das jovens, constatamos que os jovens que habitam o contexto da Amazônia identificam mudanças na sua experiência subjetiva nessa comunidade amazônica, não a ponto de embotamento da realidade, mas percebem que a wi-fi traz outra dinâmica às relações dentro e fora da comunidade. Isso fica mais evidente na análise da relação e da atuação de um jovem urbano-ribeirinho da comunidade nos grupos de *WhatsApp*, na seção a seguir.

4.4 Lugar, subjetividade e espaços de identidade

Para além do caráter do entretenimento que as interfaces dos *smartphones* mobilizam na comunicação desses jovens, é marcante como eles se utilizam das tecnologias digitais para se articularem nas redes que eles cultivam na área urbana.

Nesse sentido, a conexão com a cidade por meio das redes digitais (wi-fi) e, consequentemente através das mídias sociais via *WhatsApp*, era mais frequente com jovens e parentes na cidade, mas isso não diminuiu o lado afetivo que a comunidade amazônica do Caburi tinha no imaginário social dos jovens e moradores, pois o sentido de lugar assumia importância vital nesse contexto.

Fonseca (2004), em sua etnografia com um grupo popular, realizada na periferia de um bairro de Porto Alegre, enfatiza como a importância do lugar de residência para a organização social é inegável. A autora diz que muitas pesquisas mostram como as redes de vizinhança e de parentesco mantêm-se relevantes apesar da mobilidade geográfica. O lugar, para esses moradores, embora eles experimentem o uso de tecnologias digitais em seu cotidiano, ainda tem um sentido que conecta esses moradores a esses espaços. A pesquisa de Igreja (2016), citada nessa pesquisa sobre a interação de jovens por meio de *smartphones* em uma ilha do estado do Pará, também mostrou que, muito embora os jovens utilizassem o *smartphone*, eles valorizavam as singularidades do lugar no qual estão inseridos, o que se associa a um modo de vida mais tradicional. Isso contraria algumas abordagens de que as relações com essas tecnologias se traduzam na constituição de um “não lugar”, expressão utilizada por Marc Augé, para quem os dispositivos móveis na contemporaneidade se constituem como tal. Ele diz que agora em conexão por meio de celulares, *tablets*, fones de

ouvido, estamos em um “não lugar”. “Os dispositivos estão nos colocando permanentemente em um não lugar” (AUGÉ, 2019)⁵⁷.

De posse desse cenário, recorremos a Guattari e Rolnik (1996), que problematizam a questão da subjetividade na sociedade capitalista e nos ajudam a pensar sobre a constituição de subjetividades em tempos de mediação tecnológica intensiva por aparatos de mídias móveis. Os autores preferem utilizar o termo produção de subjetividade ao invés de ideologia. Para eles, a subjetividade é da ordem de uma natureza industrial, maquinica, essencialmente fabricada, modelada, recebida e consumida. (GUATTARI, ROLNIK, 1996, p. 25).

Falam da existência de várias máquinas de produção da subjetividade, que, no caso da sociedade capitalista, são de natureza industrial e se expandem em escala internacional.

Elas frisam que tudo o que é produzido pela subjetivação capitalística vem por meio da linguagem, da família, e pelos equipamentos que nos rodeiam, e não é apenas uma questão de ideia, não é apenas uma transmissão de significações por meio de enunciados significantes, eles asseveram que se trata de sistemas de conexão direta entre as grandes máquinas produtivas, as grandes máquinas de controle social, e as instâncias psíquicas que redefinem a maneira de perceber o mundo (GUATTARI; ROLNIK, 1996 p. 25).

Por esse viés, as tecnologias digitais, como no caso emblemático do *smartphone*, pertencem à esfera da produção da subjetividade capitalística, à medida que esse artefato de mídia se engendra como parte dessa produção considerada como essencial na difusão do Capitalismo Mundial Internacional, que, para eles, não é apenas da representação, mas da modelização, concernentes aos comportamentos, à sensibilidade, à percepção, à memória (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 28).

Para eles, a subjetividade está no jogo com instâncias do social, numa relação dialética, e se refere aos modos de expressão que não somente passam pela linguagem, mas por níveis semióticos heterogêneos. Em que pese a produção de uma subjetividade capitalística operando em vários níveis do social, é possível no seu entendimento devido à própria natureza do jogo, à produção de processos de singularidades, que são, para eles, as próprias raízes produtoras da subjetividade na sua pluralidade (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 28).

Esses processos de singularidades seriam o agenciamento de singularidades desejanças, na recusa da subjetividade dominante em cena, numa espécie de reapropriação dos espaços de farsa, produzindo e inventando subjetividades delirantes, que, num embate com a subjetividade capitalística, a enfraqueçam. Como podemos ver, a discussão de tecnologia perpassa essa problemática da produção e reprodução da subjetividade capitalística dominante, que, embora

⁵⁷ Entrevista publicada no portal *El País*, em 31 de janeiro de 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/31/tecnologia/1548961654_584973.html

pertença a essa engrenagem dominante, depende da relação de como são articulados por tais agenciamentos de enunciação em conexão com diferentes instâncias.

A subjetividade então, para Guattari e Rolnik (1996), está em circulação e é eminentemente social, ou seja, não é dada e nem é da ordem do indivíduo, mas está na encruzilhada de múltiplos componentes de subjetividades, na conjunção de várias ordens, enquanto que “[...] a subjetividade individual resulta de um entrecruzamento de determinações coletivas de várias espécies, não só sociais, mas econômicas, tecnológicas e de mídias” (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 34). Por essa via, não entendemos a tecnologia como neutra, mas integrante de agenciamentos complexos em que podem permitir esses processos de singularidades que apontam Guattari e Rolnik (1996).

A vida de um jovem ribeirinho urbano da comunidade do Caburi que havia migrado para a área urbana de Parintins mostra como se dão esses agenciamentos mencionados por Guattari e Rolnik (1996). O jovem, que chamo aqui de Nildo, morador da comunidade do Caburi, relatou sobre o processo de inserção dele no mundo digital na comunidade amazônica. Ele, filho de agricultor, relembra o primeiro contato com a internet e as tecnologias digitais.

Eu posso dizer que, quando morei lá, nós não tínhamos tanta conexão com a internet, com as redes sociais, era um pouco limitado ali a escola, as duas escolas que tinha acesso à internet, mas era restrito a funcionários e professores. Tanto que a gente passou a ter mais acesso foi por ocasião naquele ano que numa jogada politqueira do ‘Melo’, ex-governador, doou uns tablets para todos os alunos da rede estadual, pelo ao menos no Caburi, todos os alunos do terceiro ano. E a gente passou a ter acesso um pouco mais fácil. Nesse período, a gente teve conexão com a internet da escola, a gente podia só acessar o Facebook; o WhatsApp era uma coisa mais restrita, nós não tínhamos conhecimento. Isso era em 2012 e 2013, e depois chegou a internet que foi a Fox Net, uma provedora que a gente comprava 1 hora, 30 minutos, 2 horas a 1 real ou 2 reais. Ali que a gente passou a ter mais conexão com o Facebook. Antes, era uma coisa mais restrita, ligada ao rádio e TV, depois não, hoje o público jovem do Caburi tem hoje essa conexão com outras localidades, por meio das redes sociais, principalmente WhatsApp e Facebook. Mudou bastante o perfil da juventude de lá. (Nildo, estudante de jornalismo, 22 anos).

Conforme o depoimento, a experiência de Nildo com as tecnologias digitais num primeiro momento foi com a doação de um *tablet* na escola. Consideramos que as escolas, nessa parte da Amazônia, foram os primeiros espaços a incentivar o contato com as interfaces dos dispositivos móveis, principalmente pela existência do ensino presencial por mediação tecnológica⁵⁸.

⁵⁸ Esse projeto no Amazonas é intitulado “Igarité” e foi criado para alcançar as comunidades mais longínquas do estado.

Figura 62 - Foto da entrega de *tablets* aos jovens ribeirinhos urbanos



Fonte: Pesquisa de Campo, foto do arquivo cedido por jovem ribeirinho da comunidade, 2018.

De acordo com esse jovem ribeirinho, foi ideia dele a criação de um dos grupos de *WhatsApp* da comunidade amazônica por onde grande parte das notícias da comunidade circula e é compartilhada com a área urbana de Parintins. Nildo contou-nos que o grupo surgiu para divulgar a campanha em 2016 de um candidato a vereador da comunidade e após o término do processo eleitoral, o grupo na plataforma se transformou em uma espécie de espaço interativo tecnodigital de assuntos da comunidade amazônica, o que redundou no que chamamos de “novas conectividades ribeirinhas urbanas”. Essa nova configuração e interface da comunidade com o digital colocam a comunidade amazônica mais próxima da cidade, ao mesmo tempo em que ampliou o intercâmbio e a troca de informações entre os dois espaços.

Assim como o jovem ribeirinho urbano Wilson, Nildo também se orgulhava da quantidade de amigos e das conexões que tem nas mídias sociais. Em seus relatos, o jovem dizia ser difícil gerenciar muitas vezes as respostas a uma quantidade cada vez maior de pessoas com quem ele costumava trocar mensagens, conforme podemos ver no *print* a seguir da tela do seu *WhatsApp*.

Figura 63 - Foto de contatos de mensagens que um jovem ribeirinho urbano recebia diariamente



Fonte: Pesquisa de Campo, *print* da tela do celular do entrevistado, 2018.

Toda essa dinâmica nas mídias sociais, segundo o jovem ribeirinho Nildo, deveu-se à sua atuação e envolvimento no movimento estudantil na universidade, onde ele atua na representação discente do interior.

No meu WhatsApp eu tenho cerca de 1400 pessoas, são principalmente de cidades aqui do Baixo Amazonas, de Benjamin Constant, de onde tem a Ufam principalmente, que eu acho de setembro do ano passado pra cá eu tive que conhecer várias pessoas tanto em Manaus por conta da representação discente, atualmente eu represento os alunos da Ufam, e aí tem que ficar mantendo contato com Humaitá, Benjamin Constant, Itacoatiara, e isso acabou tendo um avanço grande dos meus contatos. No Facebook eu estou com 3.200 pessoas, a maioria de Parintins, tem alguns amigos de SP que viajaram, mas a gente continua mantendo contato também pelo Facebook. No Instagram eu não tenho muitos seguidores, não consigo me adaptar com a plataforma. Não, sei, sou mais adaptado ao Facebook e WhatsApp. (Nildo, 22 anos, estudante de jornalismo).

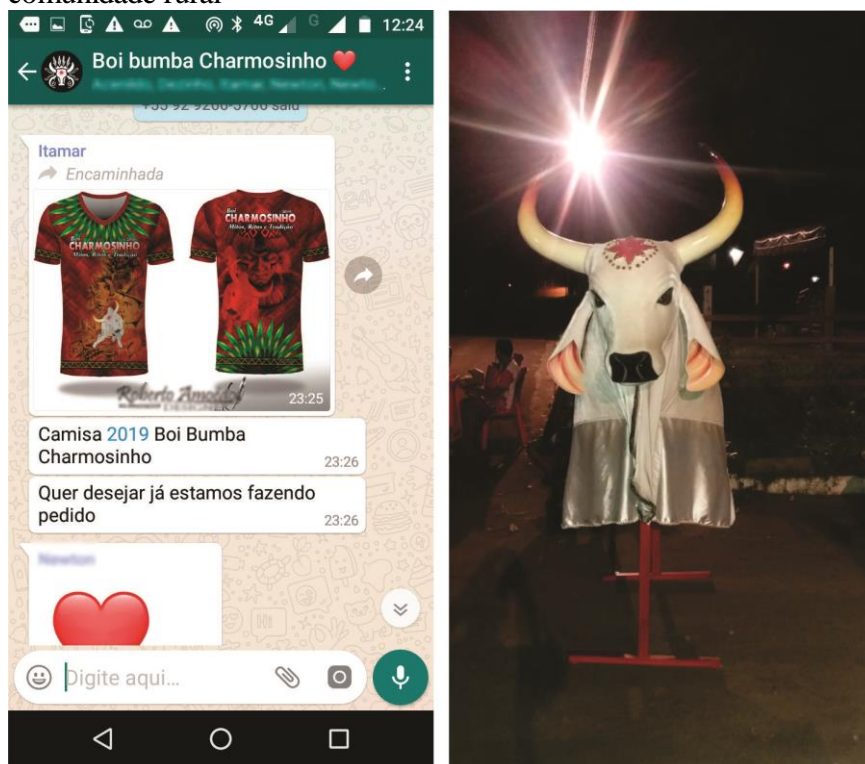
As redes do jovem ribeirinho urbano, como podemos atestar, ampliaram-se para além da comunidade amazônica. Ele menciona as mídias sociais como um lugar em que agora os jovens ribeirinhos urbanos da comunidade podem circular e ver outros lugares. Por outro lado, a sua ligação afetiva com a comunidade mantém-se, dado seu frequente contato e viagens à localidade para ver seus avós que ainda moram lá. Nildo diz usar as mídias sociais para divulgar e compartilhar informações da assessoria de um candidato a governo do Estado. Em outros grupos de *WhatsApp*

mais direcionados para esse fim, denominado de “Olha Já Parente”, ele costumava postar diariamente notícias durante a campanha de 2018.

As ações desse jovem ribeirinho urbano em nossas observações nessa comunidade amazônica estão relacionadas com a forma de atuar das comunidades ribeirinhas nessa região da Amazônia. Muitos jovens das comunidades rurais atuam nas redes de evangelização das igrejas nas comunidades. A igreja na comunidade é um espaço social em que os jovens ensaiam sua participação da vida social. Nildo, um dos nossos entrevistados, tem uma atuação notável nessa comunidade amazônica, por ter conseguido articular sua atuação na igreja católica da localidade com a atuação em outros espaços, como na política e na universidade. Isso se deveu, segundo ele, às experiências que ele teve quando trabalhou pelo programa Jovem Aprendiz, no Grupo de Comunicação de Rádio da Igreja Católica na área urbana do município.

Esse atuar em redes também podemos ver nas articulações dos jovens na comunidade amazônica do Caburi e área urbana de Parintins para a realização de eventos culturais da cultura do Boi de Parintins. Pelo grupo de *WhatsApp* “Boi bumba Charmosinho”, o qual integravam cerca de 56 participantes da comunidade e onde eu estava adicionada, as ações coletivas para a promoção do entretenimento nesse espaço também funcionavam por meio de ações de ajuda mútua e intensa participação dos jovens, como mostram as fotos compartilhadas pelo grupo de *WhatsApp*.

Figura 64 - Foto de Arte da camisa do Boi-Bumbá Charmosinho da comunidade rural



Fonte: Etnografia digital, pesquisa de campo, 2018.

Figura 65 - Foto de Quermesse realizada na comunidade em prol dos preparativos do Boi Chamosinho para 2019



Fonte: Etnografia digital, pesquisa de campo, 2018.

Figura 66 - Foto de Jovens da Comunidade do Caburi em ensaio da batucada



Fonte: Etnografia digital, pesquisa de campo, 2018.

Diante de tais ações e articulações dos jovens ribeirinhos urbanos por meio das mídias sociais, podemos inferir que a relação das tecnologias digitais com a juventude na comunidade amazônica do Caburi tem atuado no fortalecimento da cultura e não atuam no enfraquecimento do pertencimento que os jovens ribeirinhos urbanos têm com a comunidade, mesmo aqueles que não moram mais na localidade. Vimos, durante toda a investigação, que

os jovens interlocutores da pesquisa têm uma forte relação com a comunidade e têm atuação ativa nas mídias sociais em prol de reivindicações e soluções de problemas enfrentados.

Isso vai de encontro de muitos posicionamentos que proclamam, como Di Felice (2009), em “Paisagens Pós-Urbanas”, por exemplo, que haveria a perda de pertencimento do lugar e o fim do território com a profusão das tecnologias digitais em muitos lugares. Essa assertiva não se aplica à comunidade amazônica do Caburi, onde a mediação com as tecnologias digitais e o acesso à internet têm atuado no contrário dessa proposição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: E A FLORESTA NESTA PARTE DA AMAZONIA SE DIGITALIZOU

Acompanhar parte do processo de inserção da comunidade amazônica do Caburi no digital foi desafiador. Primeiro porque, no início da pesquisa, meu foco de investigação era as praças digitais na área urbana de Parintins na configuração de wi-fi enquanto ambientes de mídia e como isso supostamente reconfiguraria a dinâmica comunicacional no município. Mas as praças, em 2016, já davam sinais de estabilização enquanto fenômeno devido à expansão das operadoras de telefonia móvel na cidade. Foi nesse momento que descobri que a mesma dinâmica das praças digitais estava sendo incorporada por moradores de uma comunidade rural amazônica a 60 km da cidade.

Os sinais de mudança de rota dessa pesquisa para a área rural de Parintins sinalizavam que o trabalho seria longo e ainda mais complexo. No decorrer do processo de decisão desse redirecionamento, eram muitas interrogações quanto ao funcionamento da wi-fi e o uso pelos moradores até então desconhecidos por muitos que moram na área urbana de Parintins. Muitas pessoas me questionaram, ao longo do desenvolvimento deste trabalho, se tinha mesmo internet na zona rural e se esse campo renderia uma pesquisa de doutorado. Isso me fez perceber o quanto as dinâmicas comunicacionais de populações tradicionais, neste caso dos ribeirinhos urbanos, são desconhecidas e muitas vezes invisíveis e negligenciadas em grande parte de abordagens acadêmicas, que muitas vezes privilegiam cenários em metrópoles altamente tecnologizadas. Foi então que recordei de um texto de Lemos (2015), “A crítica da crítica essencialista da cibercultura”, em que ele argumenta que, para compreender a cultura contemporânea, a cultura digital, devemos estar mais próximos do empírico, da res-do-chão. Era a oportunidade para compreender como as populações dessa parte da Amazônia entendem as tecnologias digitais em seu cotidiano.

É oportuno mencionar que as trilhas e pistas escolhidas surgiram após a qualificação da pesquisa, momento que foi necessário refazer o campo, pois as incursões anteriores, entre 2016 e início de 2017, não foram suficientes para desvelar as mudanças ensejadas nas dinâmicas de comunicação e de sociabilidade na comunidade amazônica. Era necessária uma imersão muito maior no universo da comunidade amazônica do Caburi e no estabelecimento de uma relação de proximidade e de interação com os moradores e jovens da localidade. Foi assim que refiz o caminho de idas e vindas à comunidade, como mostra a Figura 67, a seguir.

Figura 67 - Foto de uma das idas à comunidade do Caburi



Fonte: Pesquisa de Campo, 2018.

Utilizando-me dos pressupostos da etnografia digital, em que as atividades on-line do grupo estudado devem levar em consideração o contexto das atividades off-line, o que implica considerar suas crenças, trabalho, educação, e outros, preconizado pelo grupo de Miller (2016), em vários trabalhos etnográficos comparados sobre tema similar. Foi dessa forma que, por paisagens líquidas dentro de grupos da mídia social *WhatsApp* e pelo percurso pelo rio nas idas e vindas na comunidade amazônica, compartilhei o cotidiano e parte das dinâmicas comunicacionais empreendidas pelos moradores e jovens da comunidade amazônica do Caburi durante o ano de 2018. Em muitos momentos do percurso e viagens de lancha à comunidade, recordava do conto “A natureza ri da cultura”, de Milton Hatoum, escritor amazonense, na sua obra a “Cidade Ilhada”, que lembra de certa forma a relação paradoxal entre campo e cidade na Amazônia. Isso me remetia à visão comumente compartilhada de quem mora nas cidades médias de que o interior, nessa parte da Amazônia, é um lugar mergulhado na inércia, tal qual destacamos com Oliveira (2006) no primeiro capítulo do trabalho. Mas isso, como o próprio autor frisou, é mesmo apenas uma realidade aparente, e isso emergiu ao longo da pesquisa à medida que a comunidade amazônica mostrou-se em redes.

Para dar conta de tal complexidade que se mostrou em um primeiro encontro na comunidade, quando as *lan houses* imitavam os espaços das praças digitais da cidade, nosso olhar direcionou-se primeiramente para desvendar as dinâmicas da cultura na compreensão do

que é ser comunidade nesta parte da Amazônia para os ribeirinhos urbanos da comunidade amazônica do Caburi, para então, dessa forma, compreender quais mudanças a conexão com a wi-fi na comunidade agenciava na relação com os dispositivos móveis, como celulares, face à percepção de um espaço ampliado de cidade e ao mesmo tempo em que seus moradores promoviam novas conectividades ribeirinhas urbanas. Uma das principais descobertas dessa pesquisa foi a identificação de que o *smartphone*, em grande medida, atuava como agente articulador na configuração dessa comunidade em redes.

Eu explorei a relação da comunidade com a cidade e como eles, a partir da plataforma, criaram um espaço tecnodigital, nos moldes colaborativos, em que veiculam notícias de utilidade pública, que antes eles só podiam divulgar por rádios na área urbana sob a forma de avisos, conforme mostramos no primeiro capítulo. E esses avisos supriam a comunicação deles com parentes distantes que moram na cidade.

Então, a partir dessa evidência, identifiquei que eles atuavam em redes, tanto em redes na acepção mais fundamental da experiência humana, numa espécie de organização colaborativa para suprir os problemas coletivos e sociais, ao mesmo tempo em que pela forma de atuar, chamado na região do Amazonas de *puxirum*, eles também atuaram na difusão da extensão das redes digitais para os demais na comunidade. O que me surpreendeu nessa pesquisa foi a intensa troca e compartilhamento de informações via *WhatsApp*, emergindo parte do imaginário da comunidade local e as contradições das apropriações do urbano existentes nesse espaço à medida que a urbanização se estende agora também à comunidade pelo digital.

De outro lado, nos grupos mais privados, em um grupo de família de um jovem ribeirinho interlocutor da pesquisa, observamos o quanto as tecnologias digitais modificaram a comunicação entre eles. Muitos dos integrantes desse grupo são bastante vulneráveis ao compartilhamento de *fake news*, vídeos de conteúdos bizarros, e muitas indiretas sobre seus relacionamentos afetivos. Nesse âmbito mais privado também foi possível ter mais pistas do porquê os moradores dessa comunidade escolheram o *WhatsApp* como principal canal de expressão. Entendemos que a preferência se deve à proximidade que essa plataforma tem como o rádio, meio pelo qual eles se comunicam há décadas nessa parte da Amazônia.

Tendo em vista isso, constatamos que o cenário de interação da comunidade rural amazônica do Caburi sofreu mudanças significativas com a configuração de wi-fi. As mudanças se fizeram visíveis à medida que os espaços da comunidade agora funcionam com o acesso à internet nos moldes dos ambientes de mídia wi-fi, das praças digitais na área urbana de Parintins. Essas formas de acesso à internet, inauguradas pelo projeto de Cidade

Digital em Parintins, reconfigurou a dinâmica de comunicação dos espaços de comunidades rurais mais próximas à área urbana, modificando a forma de conexão das populações ribeirinhas urbanas com a cidade.

Isso se mostrou evidente, face à intensificação e um aumento de um maior intercâmbio de informações compartilhadas entre os moradores da comunidade com seus familiares e parentes, entre a comunidade rural e a cidade nas mídias sociais, como mostrou a etnografia digital na quantidade de *posts*, mensagens, fotos e vídeos compartilhados de um modo geral.

Do ponto de vista das apropriações e das articulações dos jovens ribeirinhos urbanos no digital, percebeu-se que a configuração da internet na comunidade amazônica molda-se pela dinâmica da cultura amazônica. Ao mesmo tempo, os artefatos digitais permitem e empreendem uma espécie de comunicação colaborativa entre eles, tendo em vista o agir tanto de jovens e moradores na busca de fortalecimento da ajuda mútua, portanto, se articulando em redes na acepção mais elementar do termo, tendo em vista as práticas de ação de ordem comunitárias ainda serem vigentes nesse espaço. Por outro lado, isso não anula a existência de conflitos e disputas de autoridade e posição entre os moradores da comunidade, conforme aparecem em alguns *posts* na plataforma de *WhatsApp*.

Há ainda que se mencionar a emergência das novas conectividades ribeirinhas urbanas resultantes da configuração dessa comunidade nas redes digitais. Esses novos espaços nas mídias sociais, sobretudo pela plataforma de *WhatsApp*, ensaiam um novo formato da comunidade rural amazônica em se comunicar com a cidade, a exemplo da existência das formas tradicionais de comunicabilidade ribeirinhas que se fazem por meio de avisos veiculados pelo rádio, mas que, frente a essa nova feição do digital, ficam reconhecidamente mais atreladas à comunicação entre os mais velhos da comunidade que mais se identificam com as dinâmicas analógicas do rádio.

Destaco no conjunto de tais resultados que essas novas conectividades ribeirinhas urbanas que emergem na interface da cultura ribeirinha na comunidade do Caburi com as tecnologias digitais, a wi-fi e os *smartphones* apontam para a constituição de novas territorialidades, rejeitando qualquer relação dicotômica anteriormente amparadas pelo enquadramento urbano-rural na interação com tais tecnologias, assumindo dinâmicas estritamente específicas da cultura nessa comunidade amazônica na visão de seus moradores na sua forma de estar no mundo, as quais, portanto, necessitam ser melhor elucidadas na compreensão de como plataformas como *WhatsApp* vão se assumir enquanto canal de comunicação colaborativo e redes hipermediáticas nas demais “comunidades tradicionais” de outras localidades nas diferentes Amazônia.

REFERÊNCIAS

- AGRA, Klondy Lúcia de Oliveira; SILVA, Adnilson de Almeida. A visão do mundo vivido ribeirinho nas obras de Charles Wagley. *Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Geografia – UFPR Geografar*, v. 8, n. 2, 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/273170557_A_VISAO_DO_MUNDO_VIVIDO_RIBEIRINHO_NAS_OBRAS_DE_CHARLES_WAGLEY. Acesso em: 10 mai. 2018.
- ANDRADE, Roberta Ferreira Coelho de. *Ribeirinhos urbanos: Vidas e modos de Vida no Puraquequara*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas – Edua, 2013.
- AUGÉ, Marc. “Com a tecnologia já carregamos o ‘ não lugar’, em cima, conosco”. *Jornal El País*, Madri, Espanha, 31 jan. 2019. Entrevista concedida a Charles Geli. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/31/tecnologia/1548961654_584973.html. Acesso em: fev. 2018.
- BACZKO, Bronislaw Baczko. *Los Imaginários Sociais: memórias y esperanças coletivas*. 2 ed. Buenos Aires: Ediciones Nueva Vision SAIC, 1999.
- BARTOLI, Estevan. *O retorno ao território a partir da cidade: sistemas territoriais urbanos-ribeirinhos em Parintins*. 2017. 297f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, SP, 2017.
- BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- _____. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Tradução de Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- BAYM, Nancy. *Personal Connections in the Digital Age*. Malden: Polity Press, 2010.
- BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia: formação social e cultural*. 3 ed. Manaus: Editora Valer, 2009.
- BENJAMIN, Walter. Rua de Mão Única. In: _____. *Infância em Berlim por volta de 1900*. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho; José Carlos Martins Barbosa. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BOELLSTORFF, Tom. Rethinking Digital Anthropology. In: MILLER, Daniel; HORST, Heather. (Orgs.). *Digital Anthropology*. London: Berg, 2012. Disponível em: <http://voidnetwork.gr/wp-content/uploads/2016/10/Digital-Anthropology-edited-by-Heather-A.-Horst-and-Daniel-Miller.pdf>. Acesso em: 2 maio 2017.
- BOLTER, J. D.; GRUSIN, R. *Remediation: understanding new media*. Cambridge, Mass; London, England: The MIT, 1998.
- CARNEIRO, Maria José. *Ruralidade: novas identidades em construção*. Estudos Sociedade e Agricultura, n. 11. Rio de Janeiro: CPDA/UFRRJ, 1998.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede: a era da informação, economia, sociedade e cultura*. Tradução de Roneide Venâncio Majer. 6 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas, poderes oblíquos: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução de Ana Regina Lessa; Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997.

_____. *Imaginários urbanos*. 4 ed. Buenos Aires: Eudeba, 2010.

CASTRO, Fábio Fonseca de; COSTA, A. C da Silva; IGREJA, M. F. Jovens e interação comunicativa na Amazônia paraense: entre o rural e o urbano. In: *XXIV Encontro Anual da Compós, na Universidade Federal de Belém*. Belém: UFPA, 2015.

CHARNEY, Leo. et al. O Cinema e a invenção da vida moderna. In: SINGER, Ben. *Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular*. São Paulo: Cosac Naity, 2001. p. 116-119.

COLFERARI, Sandro Adalberto. *Um jeito de ser amazônida no mundo: a Amazônia como metáfora do ecossistema comunicacional: uma leitura do conceito a partir da Região*. 2014. 226f. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia). Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM, 2014.

DIEGUES, Antônio Carlos Santana. *O mito moderno da natureza intocada*. 6 ed. São Paulo: Hucitec Nupaub USP/CEC, 2008.

DJALMA BATISTA. *O Complexo da Amazônia: análise do processo de desenvolvimento*. 2 ed. Manaus: Valer, Edua e Inpa, 2007.

DI FELICE, Máximo. *Marshall McLuhan, o Humanismo tecnológico e as Formas Comunicativas do Habitat*. Disponível em: <https://www.massimodifelice.net/artigos>. Acesso em: 11 nov. 2017.

_____. *Paisagens pós-urbanas: o fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitat*. São Paulo: Annablume, 2009.

FERREIRA, Gerson André Albuquerque. Modernidade, Migração e Cidade: uma leitura sobre a estratificação do ambiente urbano. *Revista Eletrônica Mutações*. Parintins, v. 1, n. 1, jul./jan. 2010. Disponível em: <http://www.relem.info/edicoes/ed1/index.html>. Acesso em: 10 set. 2014.

FIRMINO, Rodrigo; DUARTE, Fábio. Do mundo codificado ao Espaço ampliado. In: RHEINGANTZ, Paulo Afonso; ROSA, Pedro. (Orgs.). *Qualidade do lugar e Cultura Contemporânea*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.

FRAXE, Terezinha de Jesus Pinto. *Cultura cabocla-ribeirinha: mitos, lendas e transculturalidade*. São Paulo: Anablume, 2004.

_____. As práticas de ajuda mútua. In: _____. *Homens anfíbios: etnografia de um campesinato das águas*. São Paulo: Anablume, 2000. p. 88-91.

_____ ; WITKOSKI, A; MIGUEZ, S. O Ser da Amazônia: Identidade e Invisibilidade. *Revista Ciência e Cultura On-line*, v. 61, n. 3, 2009. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252009000300012. Acesso em: 10 ago. 2017.

FREITAS, Marilene Corrêa da Silva. *Os Amazônidas contam sua História: Territórios, povos e populações*. In: SCHERER, Elenise; OLIVEIRA, José Aldemir de. (Orgs.). *Amazônia: territórios, povos tradicionais e ambiente*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009. p. 15-31.

FONSECA, Cláudia. *Família, Fofoca e Honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*. 2 ed. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

FUNDAÇÃO AMAZONAS SUSTENTÁVEL (FAS); FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA (UNICEF). *Recortes e cenários educacionais em localidades rurais ribeirinhas do Amazonas*. Manaus: Fundação Amazonas Sustentável, 2017.

GALIMBERT, Umberto. *Psiche e techne: o homem na idade da técnica*. Tradução de José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2006.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

GODIM, Neide. *A invenção da Amazônia*. Manaus: Editora Valer, 2007.

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suley. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1996.

GUERRA, Renato Tales; GIMENEZ, Edson Josias Cruz. Cidades Digitais: sua influência na Comunicação Estado-Cidadão e na Inclusão Digital das Populações. In: *III Seminário de Redes e Sistemas de Telecomunicações*. 2015. Disponível em: www.inatel.br/...cidades-digitais-sua-influencia-na-comunicacao-estado-cidadao/file. Acesso em: 5 mar. 2018.

GRAGNANI, Juliana. Um Brasil dividido e movido a notícias falsas: uma semana dentro de 272 grupos políticos no WhatsApp. *BBC*, 5 out. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45666742>. Acesso em: 5 out. 2018.

GUIA DAS CIDADES DIGITAIS. *Parintins: do boi-bumbá ao wi-fi*. Disponível em < http://www.guiadascidadesdigitais.com.br/experiencia_09_parintins.php>. Acesso em: 08 jul. 2014.

HATOUM, Milton. A Natureza ri da Cultura. In: _____. *A cidade ilhada: contos*. São Paulo: Companhia das letras, 2009. p. 95-102.

HANKE, Michael. A noção de sociabilidade: implicações nos estudos da comunicação. In: 11º Congresso Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Rio de Janeiro: RJ, 2002. *Anais...* Rio de Janeiro: RJ, p. 1-11, 2002. Disponível em: www.compos.org.br/data/biblioteca_744.pdf. Acesso em: abr. 2018.

IGREJA, Monique Feio. *Tecnologia e Interações na Amazônia Paraense: um estudo com jovens da ilha de Murucutu Belém/Pará*. Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-graduação Comunicação, Cultura e Amazônia, Belém, PA, 2016.

JACKS, Nilda (Coord.); TOALDO, M. Mariângela (Org.). *Brasil em números: dados para pesquisas de comunicação e cultura em contextos regionais*. Florianópolis: Insular, 2014.

KOTHE, R. Flávio (Org.). Walter Benjamin. In: *Paris, Capital do Século XIX*. São Paulo: Editora Ática, 1991.

LA ROCCA, Fábio. Territórios híbridos: conectividade e experiências comunicativas tecnometropolitanas. *Revista Famecos*, v. 23, n. 3. set./dez., 2016. Disponível em: revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/download/.../15467. Acesso em: 10 fev. 2018.

_____. *A cidade em todas as suas formas*. Tradução de Adriana Anunciação Ramos. Porto Alegre: Editora Sulina, 2018.

LATOUR, Bruno. *Investigation sobre los modos de Existência*. Tradução de Alcira Bixio. 1 ed. Ciudad Autonoma de Buenos Aires: Paidós, 2013.

_____. *Reagregando o Social: uma introdução à teoria do Ator-Rede*. Salvador: Edufba, 2012; São Paulo: Edusc, 2012.

LEITE, Julieta. Mediações tecnológicas no espaço urbano. In: 34º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Recife, PE: Universidade Federal de Pernambuco, 2011. *Anais...* Recife, set., 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-3026-1.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2018.

LEMOS, André. *A comunicação das coisas: teoria ator-rede e cibercultura*. São Paulo: Annablume, 2013.

_____. Cultura da mobilidade. In: BEIGUELMAN, Giselle; FERLA, Jorge La. (Orgs.). *Nomandismos tecnológicos*. São Paulo: Senac São Paulo, 2011. p. 16.

_____. Cibercultura e Mobilidade: a era da conexão. *Revista Razón Y Palabra*, n. 41, out./nov., 2014. Disponível em: <http://www.razonypalabra.org.mx/antiores/n41/alemos.html#au>. Acesso em: 10 set. 2014.

_____. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2002.

_____. A crítica da crítica essencialista da cibercultura. *Revista Matrizes*, v. 9, n. 1, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/download/100672/99399/>. Acesso em: 18 abr. 2018.

LEMOS, André; VALENTIM, Júlio. Cibercultura e infraestrutura de redes sem fio no Brasil. *Comunicação & Sociedade, Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação*

Social, v. 27, n. 45, 2006. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/3799>. Acesso em: 10 mai. 2018.

LIMA, Suzane Patrícia Melo de; SCHOR, Tatiana. Parintins, “A Ilha Digital” na Calha do Rio Amazonas: uma análise da distribuição espacial na infraestrutura de comunicação na Calha do Solimões-Amazonas. *Revista Espaço & Geografia*, v. 11, n. 2. nov., 2008. Disponível em:

<http://www.lsie.unb.br/espacoegografia/index.php/espacoegografia/article/view/89>. Acesso em: 10 abr. 2017.

MARTINS, Moisés de Lemos. *Crise no Castelo da Cultura: Das estrelas para os ecrãs*. Coimbra: Grácio Editor, 2011. Disponível em:

<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/29167/1/CriseCastelodaCultura.pdf>. Acesso em: 2 abr. 2018.

MCDONALD, Tom. *Social Media in Rural*. London: UCL Press, 2016. Disponível em: <https://www.ucl.ac.uk/ucl-press/browse-books/social-media-in-rural-china>. Acesso em: 02 ago. 2017.

MCLUHAN, Marshall. *A galáxia de Gutemberg: a formação do homem tipográfico*. Tradução de Leônidas Gontijo de Carvalho; Anísio Teixeira. São Paulo: Editora da USP, 1972.

_____. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Tradução de Décio Pifnatori. 8 ed. São Paulo: Cultrix, 2007 (versão original de 1964).

MILLER, Daniel. *Daniel Miller presents the results of the Why We Post project*. 2015. (48m36s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=swj5KRf4Db0>. Acesso em: 25 mai. 2017.

_____. et al. *How the World Changed Media*. London: UCL Press, 2016. Disponível em: <https://www.ucl.ac.uk/ucl-press/browse-books/how-world-changed-social-media>. Acesso em: 2 ago. 2017.

_____; HORST, Heather. O digital e o humano: prospecto para uma Antropologia digital. *Parágrafo*, São Paulo, v. 2, n 3, jul./dez., 2015. Disponível em: <http://www.revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/334>. Acesso em: 15 jan. 2017.

_____; SLATER, Don. *The Internet: an ethnographic approach*. Nova York: Berg Oxford, 2001.

MIRANDA, Diogo Silva Miranda de. *Palafitas Digitais: comunicação, convergência cultural e relações de poder em Afuá*. 2014. 125f. Dissertação (Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.

MONTEIRO, Ierecê Barbosa. *Favor transmitir ao destinatário: Uma análise semiológica dos avisos de rádio no Amazonas*. Manaus. Editora da Universidade do Amazonas, 1996.

NEVES, Soriany S. Jovens e tecnologia: a vida mediada por dispositivos móveis em um município do Interior do Amazonas. In: 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba, PR: Universidade Positivo, 2016. *Anais...* Curitiba: UP, 4-9 set., 2016. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2197-1.pdf>. Acesso em: 5 out. 2017.

NOGUEIRA, Luiz Eugênio Negreiros. *O rádio no país das Amazonas*. Manaus: Valer, 1999.

OLIVEIRA, José Aldemir de. A cultura, as cidades e os rios na Amazônia. *Revista Ciência e Cultura On-line*, v. 58, n. 3, 2006. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252006000300013. Acesso em: 5 jun. 2017.

PEREIRA, V. A. Linguagens midiáticas, entretenimento e multissensorialidade na cultura digital. In: RÉGIS, Fátima. et al. (Orgs.). *Tecnologias de comunicação e cognição*. Porto Alegre: Salina, 2012.

PEREIRA, V. A.; POLIVANOV. Entretenimento como linguagem e materialidades dos meios nas relações de jovens e tecnologias contemporâneas. In: BARBOSA, Livia. (Org.). *Juventudes e Gerações no Brasil Contemporâneo*. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 78-96.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: síntese de indicadores 2015*. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.

PETERS, John. *The marvelous clouds: toward a Philosophy of elemental media*. London: University of Chicago, 2015.

PRIMO, Alex. et al. Conversações Fluidas na Cibercultura. In: *XXV Encontro Anual da Compós*. Goiás: UFG, 2016. *Anais...* Goiás, 7-10 jun., 2016.

QUEIROZ, Thiago Augusto Nogueira de. Espaço Geográfico, Território Usado e Lugar: Ensaio sobre o pensamento de Milton Santos. *Revista Eletrônica Pra Onde?* v. 8, n. 2, 2014. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/paraonde/article/view/61589>. Acesso em: 6 nov. 2017.

RODRIGUES, Adriano Silva. *Aturá: trançado de saberes amazônicos. Estudo de caso da Rádio Tribos do Norte*. 120 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Manaus, AM: Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade Federal do Amazonas, 2017.

ROCHA, Gilberto de Miranda. *Fronteira e urbanização na Amazônia: contribuições de Bertha Becker*. In: III Simpósio Relações entre Ciência e Políticas Públicas: Propostas de Bertha Becker para o Desenvolvimento da Amazônia. Disponível em: <https://docplayer.com.br/amp/7146715-Fronteira-e-urbanizacao-na-amazonia-contribuicoes-de-bertha-becker.html>. Acesso em: 15 jan. 2018.

SANTAELLA, Lúcia; CARDOSO, Tarcísio. O desconcertante conceito de mediação técnica em Bruno Latour. *Revista Matrizes*, v 9, n. 1, 2015. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/100679/99413>. Acesso em: 12 mar. 2018.

SANTOS, Boaventura de Souza. Para uma sociologia das ausências e uma ecologia das emergências. *Revista de Ciências Sociais*, Coimbra, n. 63, out., 2002. Disponível em: <https://rccs.revues.org/1285>. Acesso em: 5 set. 2017.

SILVA, C. M. M. *Mocambo, Caburi e Vila Amazônia no município de Parintins: múltiplas dimensões do rural e do urbano na Amazônia*. Dissertação. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2009.

SILVA, Charlene M.M; OLIVEIRA, José Aldemir de. Rural e o urbano na Amazônia: as relações entre rural e urbano em Mocambo, Caburi e Vila Amazônia no Município de Parintins/AM. In: *XVI Encontro Nacional dos Geógrafos*. Porto Alegre, 2010. Disponível em: <http://www.agb.org.br/evento/download.php?idTrabalho=38>. Acesso em: 6 jan. 2017.

SILVA, Marilene Corrêa da. *Metamorfoses da Amazônia*. 2 ed. Manaus: Editora Valer, 2013.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

SIMONDON, Gilbert. *El modo de existencia de los objetos técnicos*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2007.

SINGER, Ben. *Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular*. São Paulo: Cosac Naity, 2001.

SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

SOUZA, Nilciana Dinely. *O Processo de Urbanização da cidade de Parintins (AM): Evolução e Transformação*. 2013. 155f. Tese (Doutorado em Geografia). São Paulo, SP: Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, 2013.

SPYER, Juliano. *Social Media in Emergent Brazil*. London: UCL Press, 2017. Disponível em <https://www.ucl.ac.uk/ucl-press/browse-books/social-media-in-emergent-brazil>. Acesso em: 24 out 2017.

_____. *Mídias sociais no Brasil emergente: Como a internet afeta a mobilidade social*. Tradução de Julia Martins Barbosa. São Paulo, SP: Educ, 2018. Disponível em: discovery.ucl.ac.uk/10052478/1/Mídias-Sociais-no-Brasil-Emergente.pdf. Acesso em: 17 jul 2018.

TRINDADE JR, Saint-Clair Cordeiro da. et al. Espacialidades e Temporalidades Urbanas na Amazônia Ribeirinha. Mudanças e Permanências a Jusante do Rio Tocantins. *Revista Acta Geográfica Ed Esp Cidades na Amazônia Brasileira*. 2011, p. 117 -133. Disponível em: <https://revista.ufrb.br/actageo/article/view/544>. Acesso em: 15 mar 2018.

_____. Pensando a Modernização do Território e a Urbanização Difusa na Amazônia. *Mercator*, v. 14, n. 4, 2015. Disponível em: www.scielo.br/pdf/mercator/v14nspe/1984-2201-mercator-14-04-spe-0093.pdf. Acesso em: 15 mar 2018.

VILLELA, Flávia. Celular é o principal meio de acesso à internet no Brasil, mostra IBGE. Rio de Janeiro: *Agência Brasil*, 2016. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2016-04/celular-e-principal-meio-de-acesso-internet-na-maioria-dos-lares>. Acesso: em 24 out. 2016.

VIRILO, Paul. *Velocidade e política*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

WAGLEY, Charles. *Uma comunidade Amazônica: estudo do homem nos trópicos*. Belo Horizonte: Editora da Universidade de São Paulo, 1976.

APÊNDICE A - A vida mediada por dispositivos móveis



Na terceira etapa da fase exploratória da pesquisa, aplicamos um inquérito on-line intitulado “A vida mediada por dispositivos móveis”. O questionário foi criado na plataforma do *Google Forms*, composto por 44 questões, sendo 14 delas de múltipla escolha, 10 questões em que os respondentes selecionaram múltiplas opções a partir de uma lista, 19 de escala gradativa e 1 pergunta aberta, que aborda sobre quais mudanças eles percebem no cotidiano com o acesso à internet pelo celular.

O questionário ficou disponível de 23 de fevereiro a 17 de maio de 2017. A divulgação foi feita em diferentes plataformas, por meio de chamadas de *posts* que convidavam as pessoas a responderem à pesquisa e compartilhá-la em suas redes sociais. No primeiro mês fizemos essa divulgação espontânea e, num segundo momento, disponibilizamos pontos de acesso aos questionários por meio de locais físicos e de maior acesso pelos jovens no município de Parintins, um no laboratório de Fotografia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e outro numa *lan house* da cidade. A ação contou com a colaboração de alunos de graduação do curso de jornalismo dessa universidade, devidamente orientados para a atividade.

O questionário obteve um total de 323 respostas, com pessoas de 15 a 29 anos considerados como jovens pelo Estatuto da Juventude, entretanto, tivemos que descartar 53 questionários, devido a um problema de programação no tocante às respostas não estarem todas configuradas num primeiro momento como prioridade, sendo que esse fato possibilitou que os respondentes pulassem algumas questões, não respondendo por completo ao questionário.

Tendo em vista isso, tivemos um total de 270 questionários de respostas válidas, exceto para a questão em aberto e a última questão de múltipla escolha, para a qual tivemos 269 respostas, entretanto, resolveu-se considerar, pois muitas questões tiveram que ser descartadas devido ao fato de os jovens não responderem a questão aberta e pela dificuldade

de chegarem até ao final do questionário. Os dados demográficos dos respondentes podem ser observados a seguir:

Gráfico 1 - Cidade/Área rural

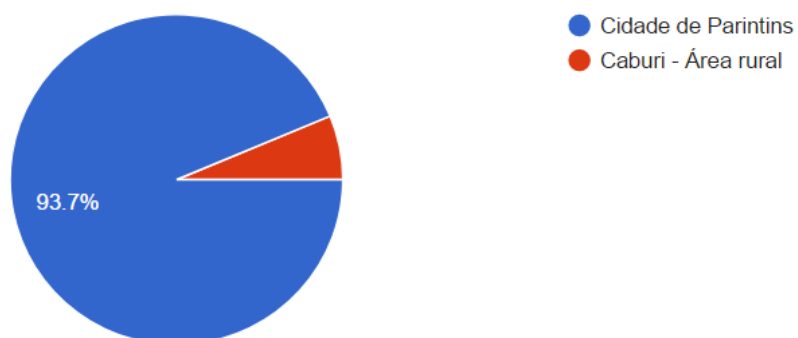


Gráfico 2 - Escolaridade

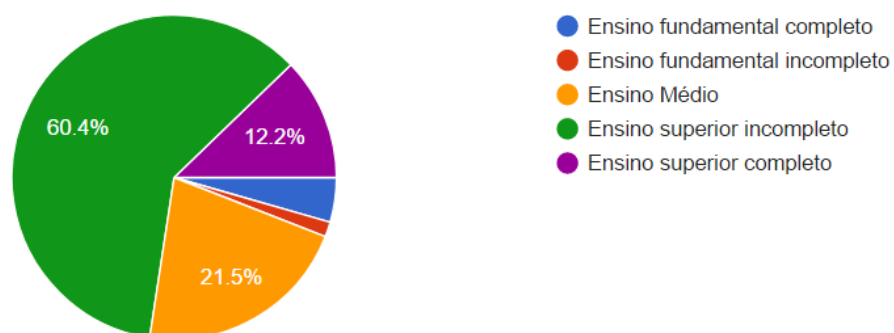


Gráfico 3 - Sexo

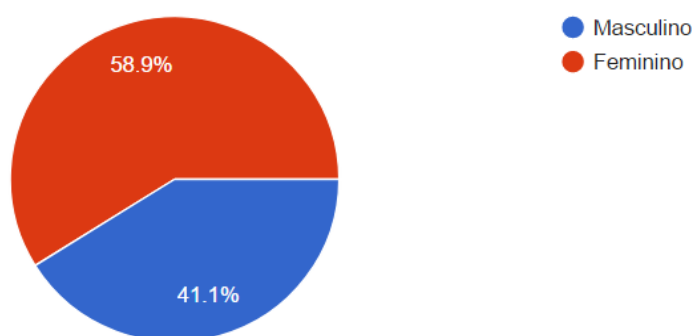


Gráfico 4 - Faixa etária

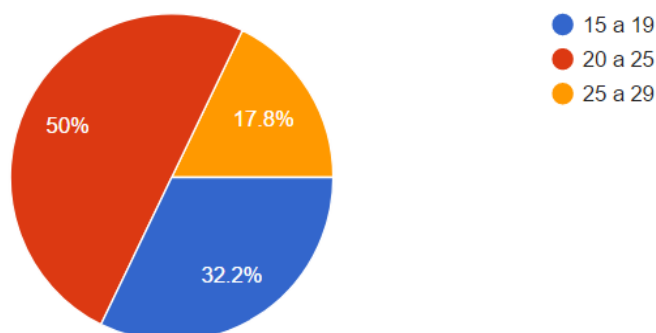
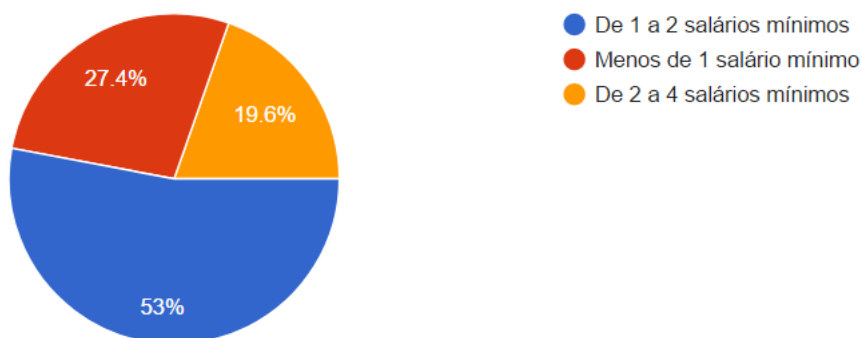


Gráfico 5 - Renda Familiar



Resultados

Na análise a seguir, serão apresentados e discutidos os usos de dispositivos móveis (celular conectado a uma rede de internet), bem como as transformações decorrentes disso na vida cotidiana dos jovens moradores do município de Parintins a partir da implantação do projeto de Cidade Digital.

Em relação aos dados demográficos, obteve-se um perfil dos jovens respondentes desse inquérito. A maioria (93,7%) da área urbana e apenas 6,3% da área rural, sendo que 60,4% dos respondentes estão cursando ensino superior, 59,9% são do sexo feminino e 41,1% do sexo masculino, 50% na faixa etária de 25 a 29 anos e 53% com renda familiar de 1 a 2 salários mínimos. Algumas das questões somam mais de 100% pois os respondentes puderam escolher mais de uma alternativa.

Com vistas a uma melhor compreensão dos resultados, organizamos dentro das seguintes categorias: 1) Usos, acesso e consumo de internet pelo celular; 2) Relação com o celular; 3) Afetações na mente e no corpo dos jovens; 4) Percepção de uma agência da temporalidade dos artefatos de mídia.

1) Usos, acesso e consumo de internet pelo celular

A maioria dos entrevistados relatou ter celular da marca *Samsung*, como mostra o Gráfico 6. Como podemos perceber, a marca é a preferida entre os respondentes. No teste-piloto do questionário, essa preferência foi confirmada pelos respondentes.

Gráfico 6 - Qual modelo de celular você usa?

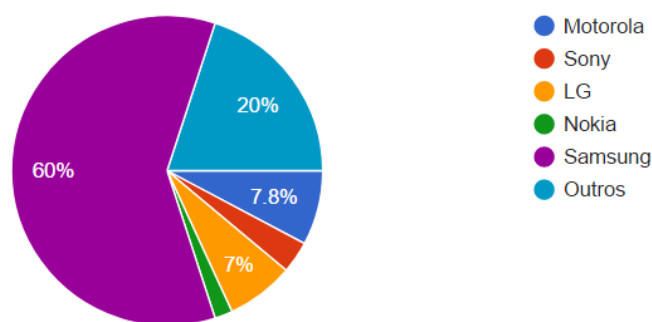
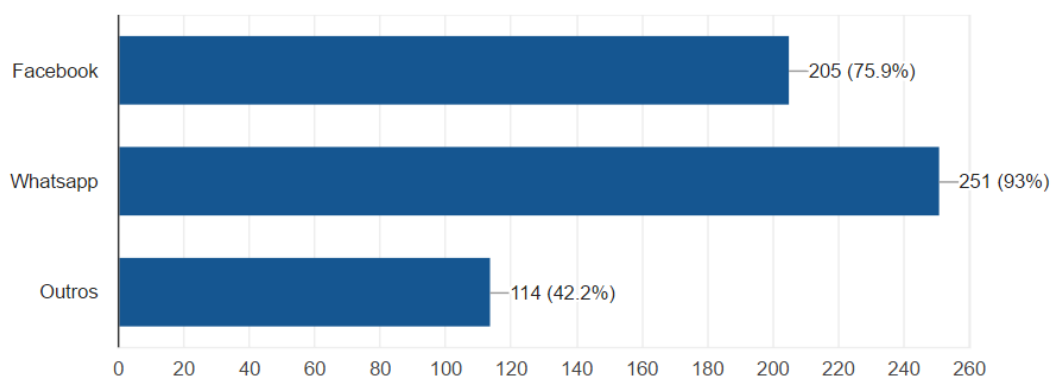
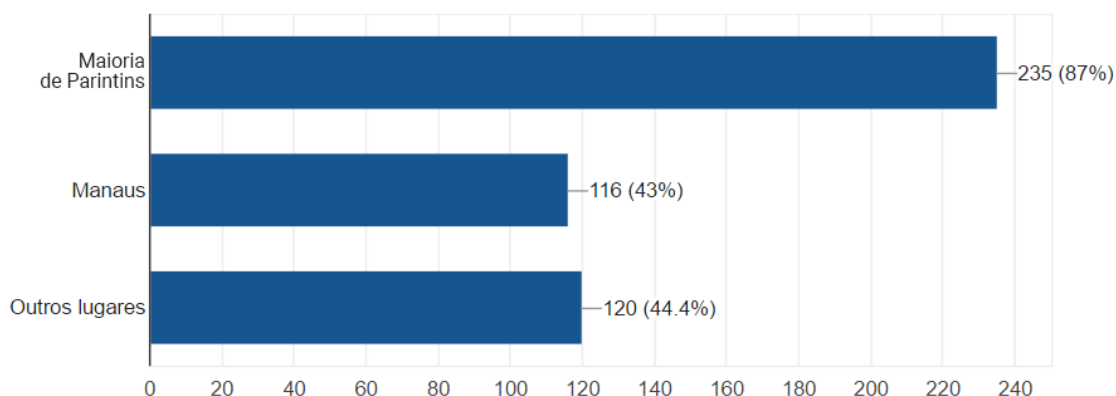


Gráfico 7 - Quais aplicativos você utiliza em suas conversas?



Em relação ao uso de aplicativos de internet, o *Whatsapp* aparece em primeiro lugar com 93%, e em segundo lugar, o *Facebook* com 75%.

Gráfico 8 - De onde são seus amigos no Facebook?

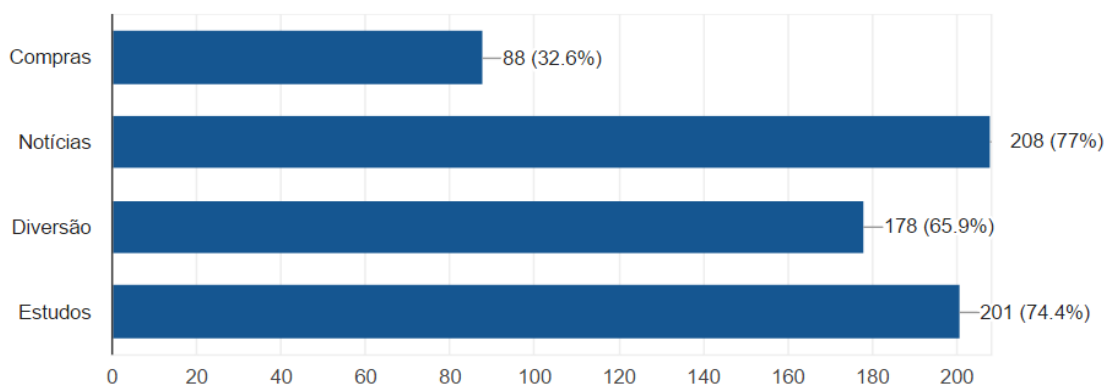


Sobre a procedência de amigos na rede social *Facebook*, verificou-se que a maioria dos respondentes (87%) é oriunda do próprio município, o que nos faz pensar na ideia de uma aldeia global, com características de uma mídia global, em alusão à expressão de Marshall McLuhan, de “aldeia global”.

Entretanto, as conexões dos moradores de Parintins se aproximam mais do que Miller e Slater afirmam ser a internet nesse lugar, como a produção do que as pessoas fazem delas e como se posicionavam na rede, ou seja, quando de um estudo sobre como os trinitadianos se colocavam na arena global, muito embora sua cultura tivesse se constituído diasporicamente pelo mundo, eles constataram que os trinitadianos locais não encontravam uma internet global, apontando para uma maior complexidade da dialética entre o local e o global, transcendendo ao dualismo simplesmente entre estes, pois acreditam que as especificidades são produto de uma generalidade e vice-versa (MILLER e SLATER, 2000, p. 2).

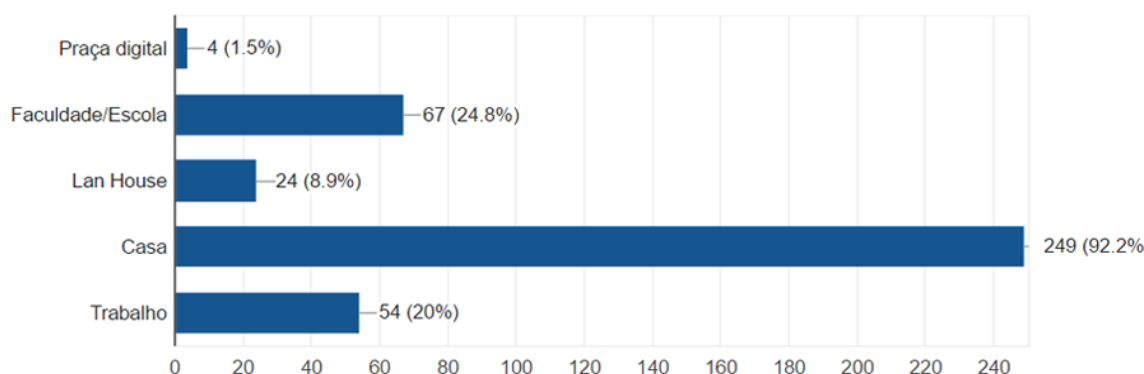
Em relação ao que procuram na internet, a maioria respondeu que busca notícias (77%), seguido de conteúdos para subsidiar estudos (74%) e o entretenimento aparece com 65% dos respondentes. Esse resultado também diferiu do questionário-piloto, em que o entretenimento apareceu em primeiro na preferência dos jovens.

Gráfico 9 - Quando você acessa a internet, o que você procura?



No tocante ao local de acesso à internet, a maioria (92%) afirmou acessar de seu domicílio, seguido da faculdade/escola (28%) e em terceiro lugar, do local de trabalho (20%). Esse resultado também confirma a pesquisa da PNAD/IBGE, de 2014, no perfil do acesso no Amazonas.

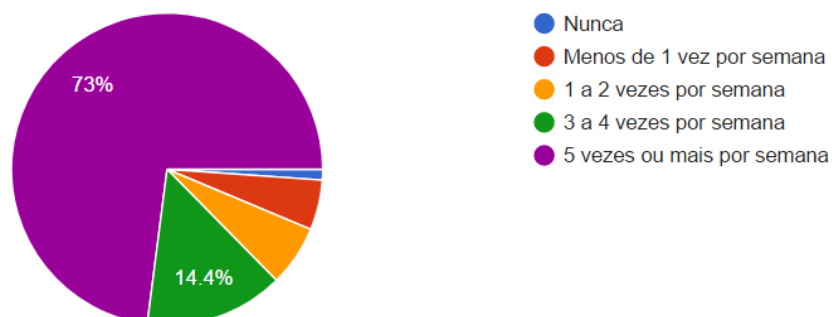
Gráfico 10 - De onde você acessa a internet?



Esse resultado é um indicador de que houve uma mudança significativa quanto ao acesso de internet depois da implantação do projeto de Cidade Digital em 2006, o que mostra que a internet já está incorporada à prática social e cultural dos respondentes da área urbana do município. A praça digital um dos motes do projeto de cidade digital para a popularização da internet ainda é acessada, entretanto, não aparece como o local da preferência dos respondentes.

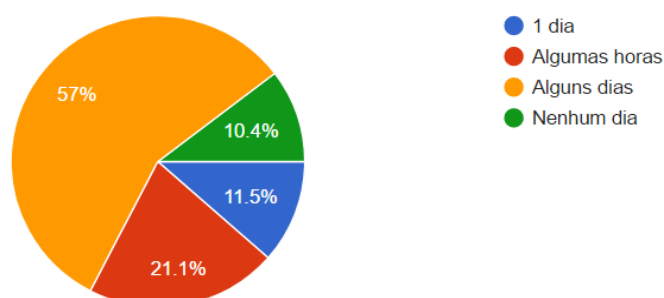
Em relação à frequência com que os jovens acessam à internet, os resultados apontaram que a maioria (73%) acessa a rede de 5 ou mais vezes por semana, o que nos reafirma que a internet já é um hábito na vida desses jovens.

Gráfico 11 - Com qual frequência você acessa a internet?



Quando analisamos as respostas acerca de quanto tempo os jovens conseguem ficar sem internet, atestamos uma frequência: 57% disseram ficar alguns dias contra 21,1%, que responderam ficar apenas umas horas, entretanto, somadas as amostras dos que não conseguem ficar sem acesso, temos 31,5% deste total, o que reforça o tempo que eles têm dedicado a essa mídia.

Gráfico 12 - Quanto tempo você consegue ficar sem internet?



Em relação às redes sociais que os jovens mais preferem, o *Facebook* aparece com 91,5%, majoritariamente, à frente das outras redes sociais, seguido do *Instagram*, com 55,6%.

Gráfico 13 - Quais redes sociais você mais acessa?

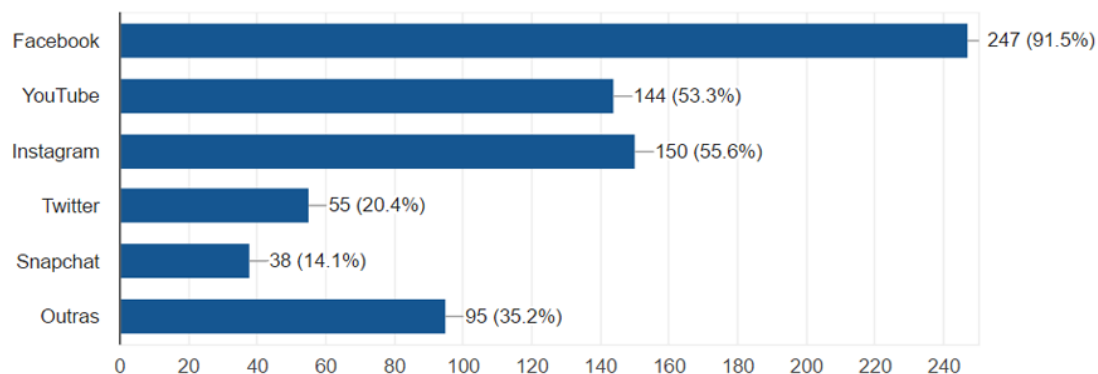
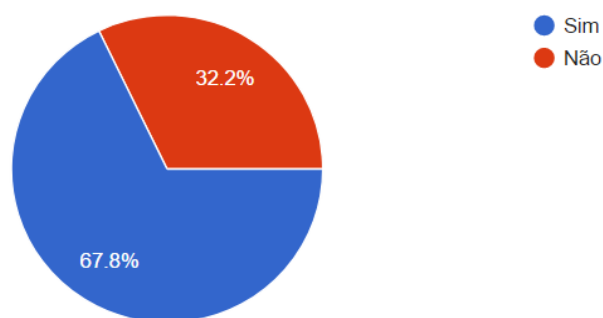
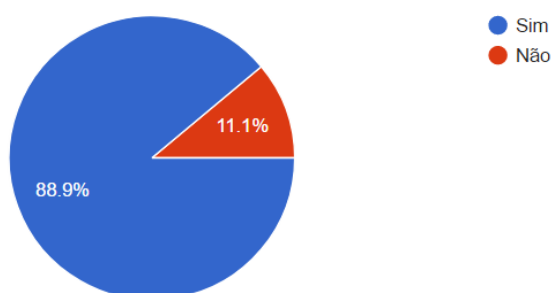


Gráfico 14 - Com o acesso às redes sociais, você ainda ouve rádio?



Com relação à mudança de consumo em relação a outros meios, os resultados mostraram que mesmo que a internet esteja incorporada à prática social e cultural dos jovens, eles ainda continuam ouvindo rádio.

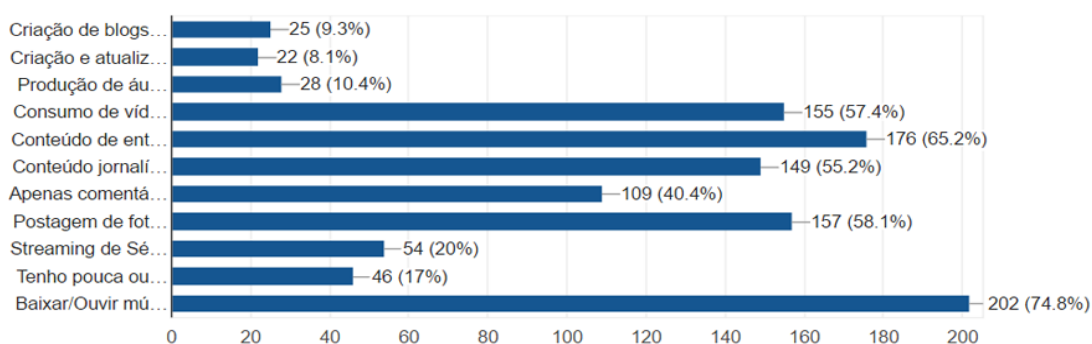
Gráfico 15 - Com o acesso às redes sociais, você ainda vê tv?



Em relação ao hábito de assistir à televisão, a maioria dos respondentes afirmou assistir à TV, contrariando algumas suposições de que os jovens estariam vendo menos TV com a profusão da internet.

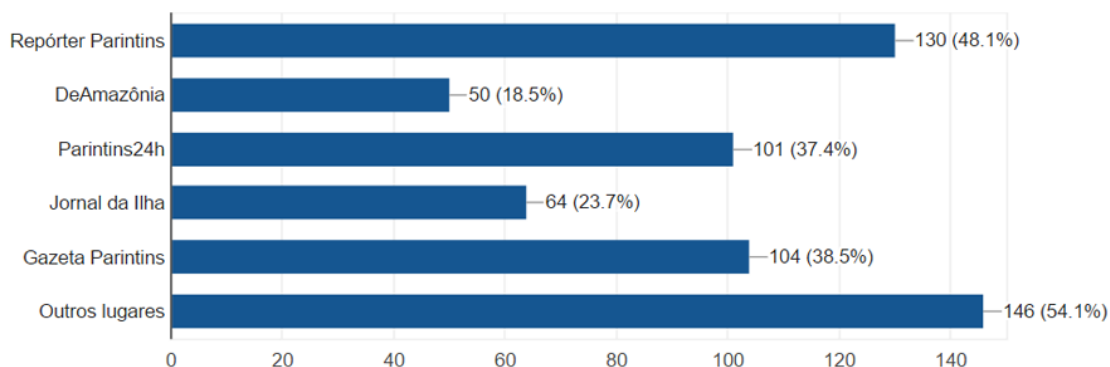
Em relação às atividades de interação na internet, as cinco maiores ações realizadas foram: baixar e ouvir música (74,8%), seguido do consumo de conteúdo de entretenimento (65,2%), postagem de fotos (57,4%), consumo de vídeos (57,4%) e consumo de conteúdo jornalístico (55,2%). Esse resultado contraria a questão respondida pelos respondentes anteriormente apresentada em relação ao que mais procuram na internet: apesar de terem afirmado ser notícias, os dados da questão indicam para uma procura maior por atividades ligadas ao entretenimento.

Gráfico 16 - Atividades de interação na internet



Quanto aos sites que mais acessam na internet, a maioria dos respondentes afirmou nesta questão outros sites, provavelmente de cunho nacional (54,1%), seguido do site de notícias “Repórter Parintins”, com 48,1% da preferência dos respondentes. Neste quesito, a internet tem uma característica mais global, ao contrário quando os jovens atuam em redes sociais.

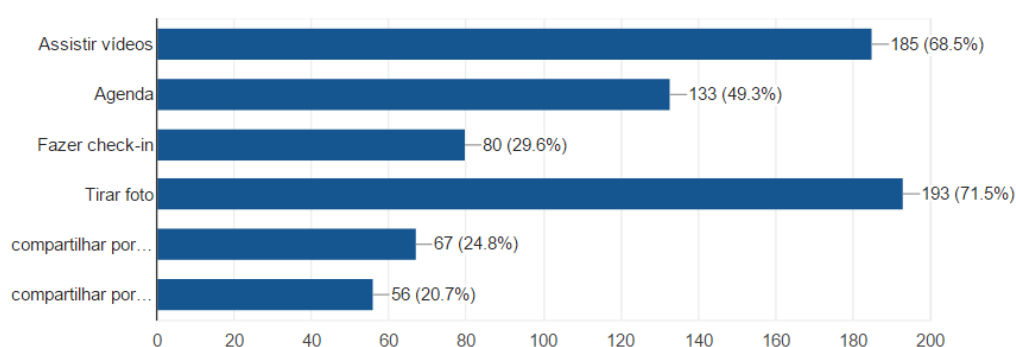
Gráfico 17 - Sites mais acessados na internet



2) Relação com o celular

A comunicação móvel pelo celular, conforme os respondentes, é uma das formas mais utilizadas para manter contato com a família e os amigos distantes, como mostra o gráfico abaixo. As respostas também indicam que o celular é um artefato de mídia para o entretenimento, assim como para o fortalecimento da sociabilidade e também uma experiência que eles têm com o consumo na internet.

Gráfico 18 - Como você utiliza o seu celular no seu dia a dia?



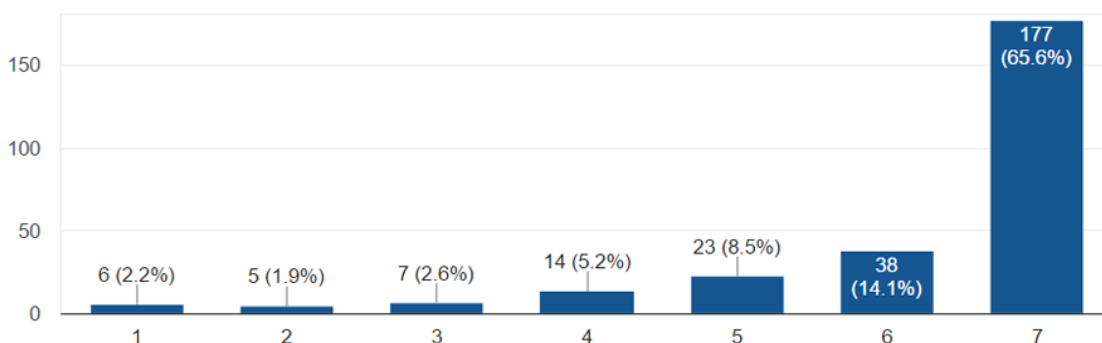
Essa questão em particular atesta que as 5 principais ações que os jovens fazem no uso do celular são: em primeiro, para tirar foto (71,5%), seguida de assistir vídeos (68,5%), agendar atividades pelo dispositivo (49,3%) fazer *check-in* (29,6%) e compartilhar por *bluetooth*. Esse resultado também mostra aquilo que Miller (2015)⁵⁹ atestou em sua pesquisa “*Why We Post?*”, de que conversamos agora por fotos: “A mídia social deslocou a comunicação humana para o visual em detrimento do texto e da voz. Agora, uma foto pode se tornar o núcleo da nossa conversa” (MILLER, 2016).

Em relação às questões gradativas, os respondentes assinalaram, em uma escala de 1 a 7, seu grau de discordância e concordância e, nessa ordem, ou seja, quanto mais próximo do 1, maior era o grau discordância da questão, e quanto mais próximo do 7 era o seu grau de concordância.

⁵⁹ Vídeo na plataforma *Youtube* Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=swj5KRf4Db0>. Acesso em: 25 mai. 2017.

a) “Eu utilizo o celular para manter contato com minha família e amigos”

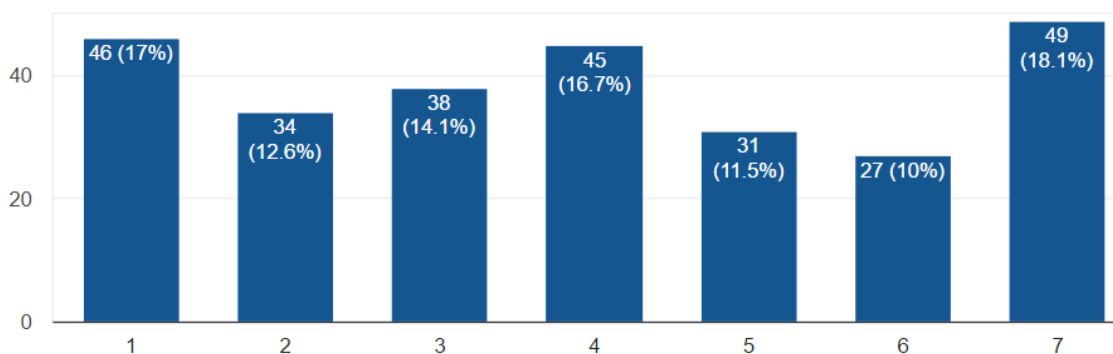
Gráfico 19 - Uso do celular para manter contato com minha família e amigos



Na resposta acima, a maioria dos respondentes utilizam o dispositivo móvel para conversar com os amigos.

b) “Eu utilizo o celular para obter informações de produtos e lojas”

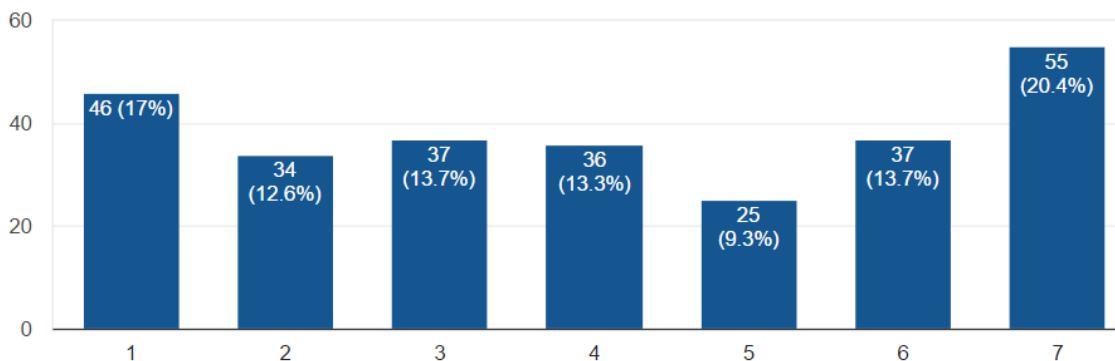
Gráfico 20 - Uso do celular para obter informações de produtos e lojas



Essa questão objetivou desvelar se os jovens consumiam produtos e serviços pela internet. O resultado mostra que os respondentes já utilizam a internet como canal de compra, entretanto isso ainda não chega a ser uma unanimidade.

c) *Eu utilizo meu celular para acessar entretenimento como jogos*

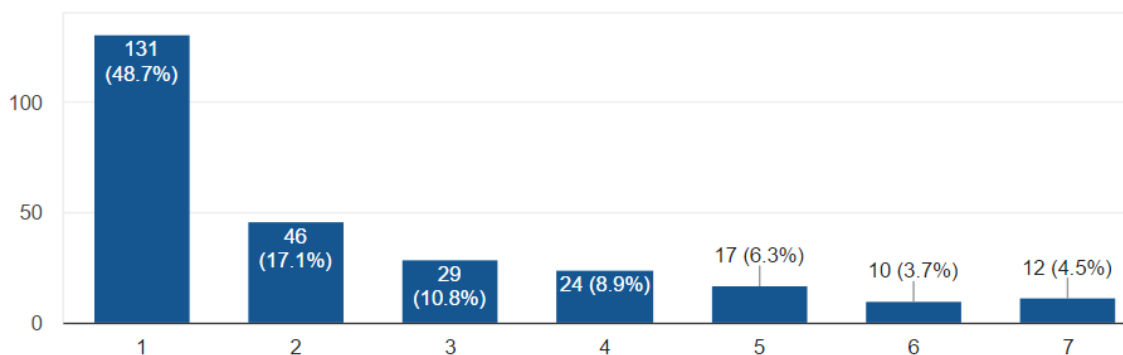
Gráfico 21 - Uso do celular para acessar entretenimento como jogos



Como outras questões já mostraram anteriormente, o entretenimento tem sido uma das maiores motivações dos jovens do município de Parintins no que se refere a esse item. Nesta questão, embora o resultado se mostre bem equilibrado pelos respondentes, a tendência é grande quanto ao uso de jogos.

d) *“Eu forneceria informações pessoais para compras futuras”*

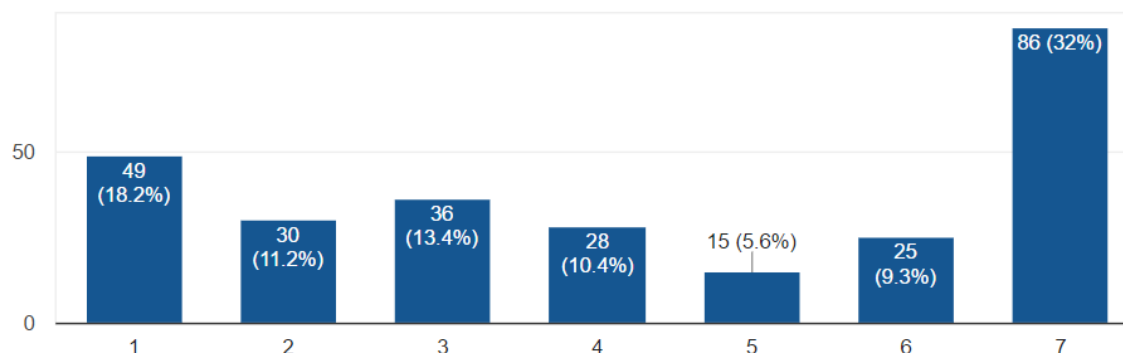
Gráfico 22 - Fornecimento de informações para compras futuras



Nesta questão, embora os jovens se utilizem da internet para consumir e realizar compras, eles se mostraram bastante cautelosos no que se refere à disponibilidade de seus dados pessoais na rede.

e) *“Eu leio sobre termos de privacidade”*

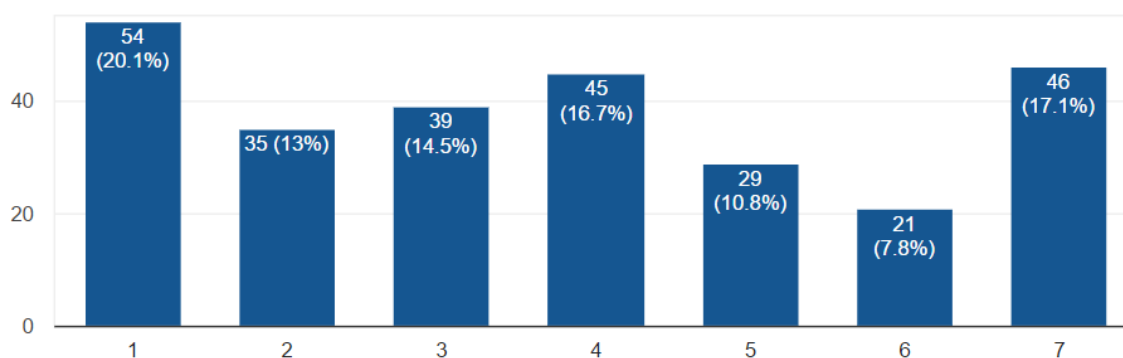
Gráfico 23 - Leitura sobre termos de privacidade



Essa questão revela também o cuidado com a privacidade e disposição em fornecer dados conforme a anterior.

f) *“O tipo de celular que eu uso revela muito sobre mim”*

Gráfico 24 - "O tipo de celular que eu uso revela muito sobre mim"

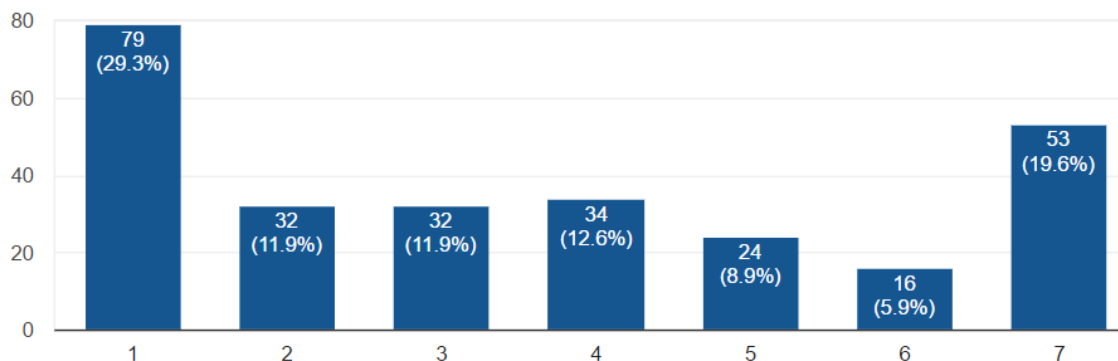


Como se sabe, o celular é um artefato de mídia que tem um grande potencial para ditar e produzir estilos de vida entre os jovens e, dessa forma, se constitui como produtor de subjetividade capitalística. Tal tendência se deve também ao fato de que consumir determinadas marcas já faz uma diferenciação de *status* por determinados grupos de jovens entre as classes sociais. Os respondentes, nesta questão, disseram que a marca não é um elemento tão importante como elemento indutor dessa subjetividade, entretanto, a maioria disse ter *smartphone* da marca *Samsung*.

Embora, celular como artefato de mídia tenha grande importância para os jovens, nesta questão, eles disseram não se importar se perdessem o artefato, pois 79% responderam um certo desapego.

g) Eu não sei o que eu faria se eu perdesse meu celular

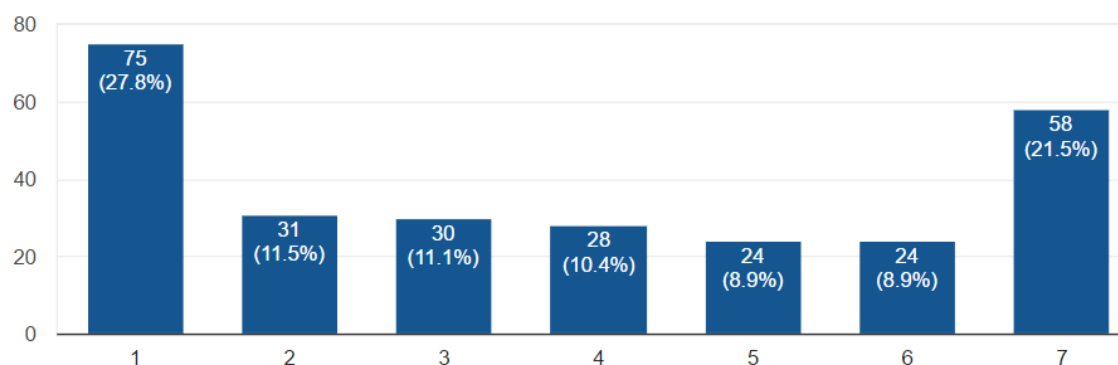
Gráfico 25 - "Eu não sei o que eu faria se eu perdesse meu celular"



Nesta questão, também os jovens disseram ter consciência de que o celular não traz nenhuma afetação no seu cotidiano, em que a maioria respondeu 75% não se sentir atrelada à materialidade do artefato.

h) O meu celular é parte de mim

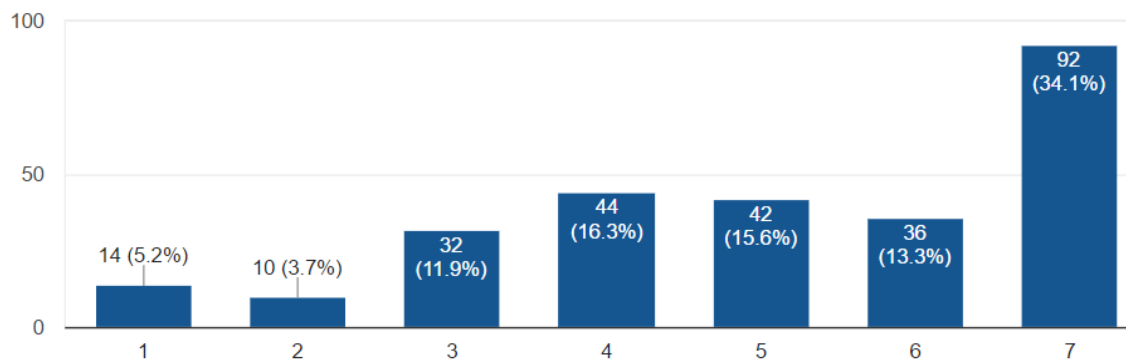
Gráfico 26 - "O meu celular é parte de mim"



Entregando, a maioria, como no gráfico abaixo, considerou que o dispositivo tem atuado no sentido de simplificar, ou seja, ajudar no seu cotidiano.

i) Telefones ajudam a simplificar minha vida

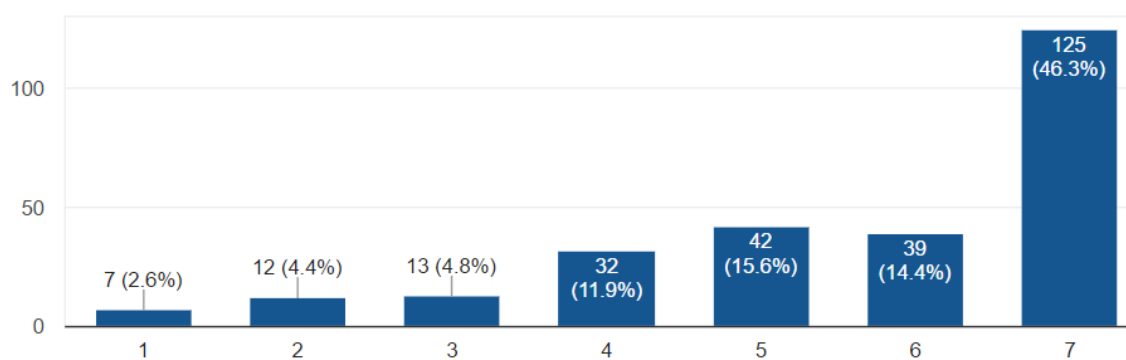
Gráfico 27 – “Telefones ajudam a simplificar minha vida”



j) Eu gosto de celular para bater papo com os amigos

Esse resultado parece ser o que mais agrada e motiva os jovens no uso do dispositivo, que é para falar constantemente com seus amigos por serviços de conversas instantâneas.

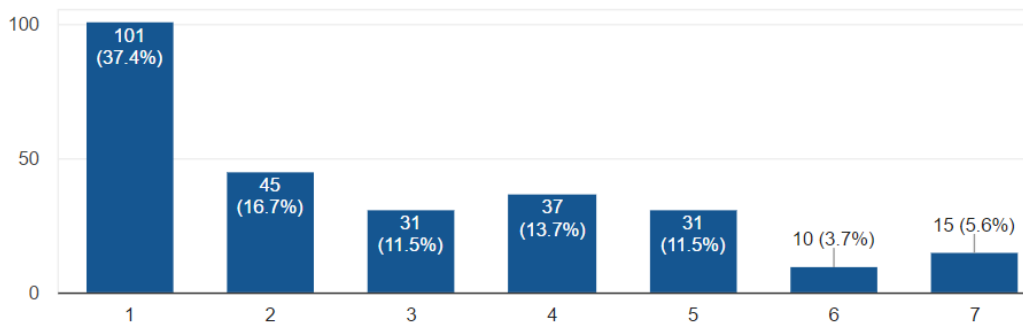
Gráfico 28 - "Eu gosto de celular para bater papo com os amigos"



Embora os jovens se mostrem inclinados para o consumo e entretenimento na internet, nesta questão, eles responderam não mostrar entusiasmo em experimentar novos produtos.

l) Frequentemente sou o primeiro a utilizar produtos inovadores

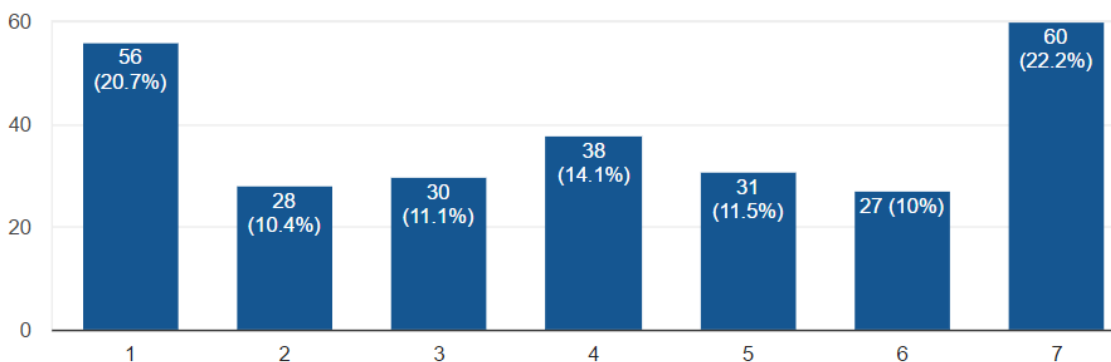
Gráfico 29 - "Frequentemente sou o primeiro a utilizar produtos inovadores"



Ainda sobre a questão da privacidade quanto ao uso de aplicativo de conversação instantânea como *WhatsApp*, eles se demonstraram ainda divididos em se mostrarem visíveis *full time* aos seus amigos na disponibilidade para conversar. Isso certamente deve-se ao fato de que o aplicativo registra a visualização das mensagens enviadas.

n) Eu gerencio meus grupos do WhatsApp e me mantenho visível

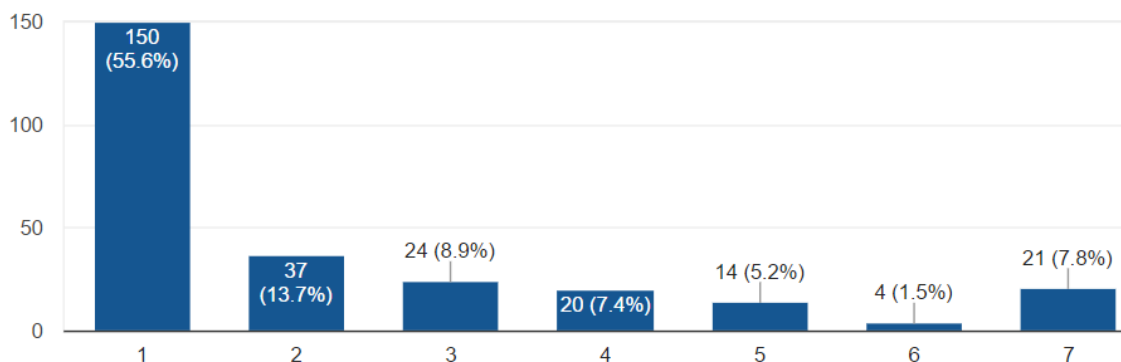
Gráfico 30 - "Frequentemente sou o primeiro a utilizar produtos inovadores"



Na questão abaixo, procuramos atestar certa tendência de empreendedorismo pelos sistemas de conversação on-line, o dispositivo, celular com aplicativos como o *WhatsApp*, como já verificamos nas questões anteriores, é apenas utilizado para conversar entre amigos.

o) Eu utilizo WhatsApp para vender produtos e serviços

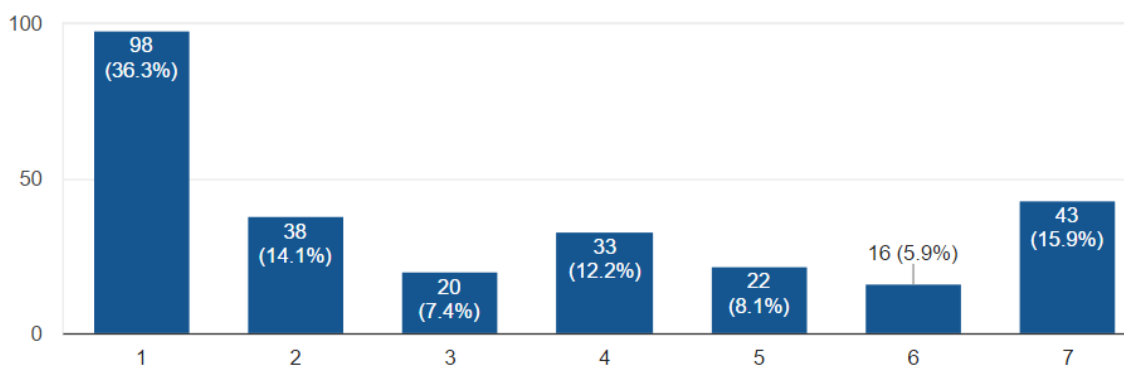
Gráfico 31 - "Eu utilizo *WhatsApp* para vender produtos e serviços"



Devido ao fato de a internet em Parintins ter se popularizado pelo acesso de praças digitais, em que as pessoas tinham acesso gratuito, a questão abaixo teve o propósito de mensurar a preferência do dispositivo de wi-fi, no uso da internet. Entretanto quanto aos jovens, devido à própria mudança para o acesso em seus domicílios, a maioria disse que esta não é a primeira urgência ao se chegar a algum lugar para se manter conectado.

p) A primeira coisa ao chegar a um lugar hoje é saber se posso me conectar à wi-fi

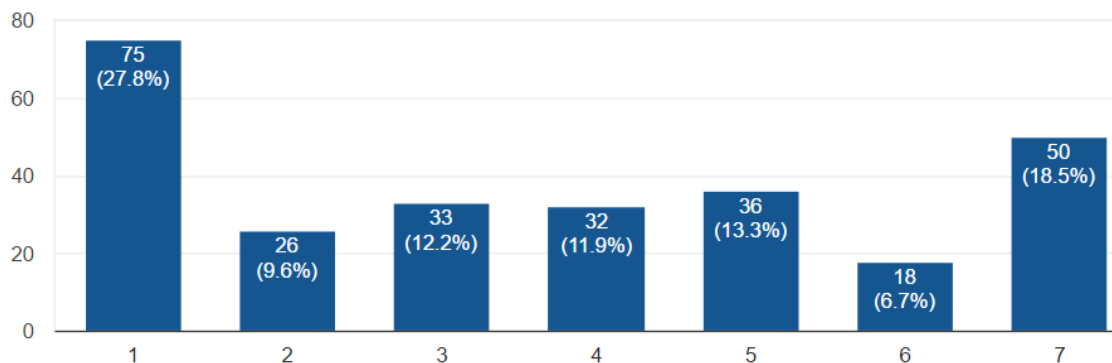
Gráfico 32 - "A primeira coisa ao chegar a um lugar hoje é saber se posso me conectar à wi-fi"



Face ao compartilhamento de fotos ser muito frequente, e da preferência na comunicação dos jovens pelo artefato de mídia como já atestado neste inquérito, nesta questão, mensuramos sobre a ação política dos jovens para denunciar ou mesmo chamar atenção sobre questões sociais onde vivem. Embora os resultados abaixo mostrem que a maioria (27,8%) discorde dessa motivação em não se engajar politicamente, 18,5% disseram concordar que já compartilharam com essa finalidade.

q) Eu já compartilhei fotos e notícias para denunciar fatos sobre onde moro

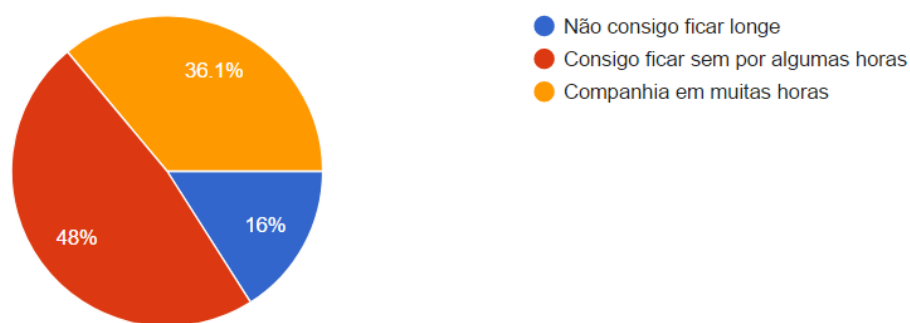
Gráfico 33 - "Eu já compartilhei fotos e notícias para denunciar fatos sobre onde moro"



Nesta questão, a relação com o aparato de mídia se mostra altamente afetiva e de um agente indutor de sociabilidade, pelas respostas recebidas: 48% conseguem ficar sem por algumas horas e 36,1% afirmaram que o artefato se constitui em uma companhia em muitas horas.

r) Como você define sua relação com o celular?

Gráfico 34 - "Como você define sua relação com o celular?"



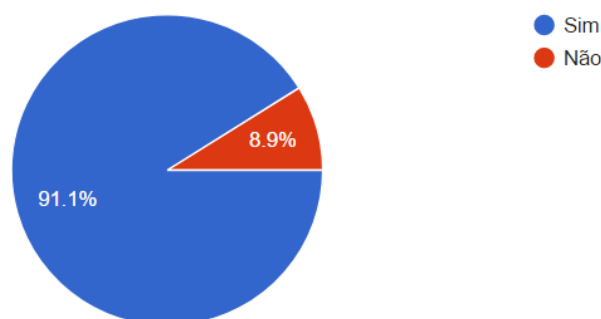
2) Percepção de uma agência da temporalidade dos artefatos de mídia

Os artefatos de mídia, bem como celulares, wi-fi, interligados, que configuram uma cadeia de mídia, sobretudo quando integrados em determinados ambientes, ensejam uma dinâmica de interação de uma temporalidade própria de aceleração e de inserção de seus agentes num eterno presente, no qual há o imperativo de estar a todo tempo a atualizar-se na

ação de intervir no processo de interação social. Com as respostas às seguintes questões, temos a produção de tal percepção quando os jovens transitam pelo território amazônico.

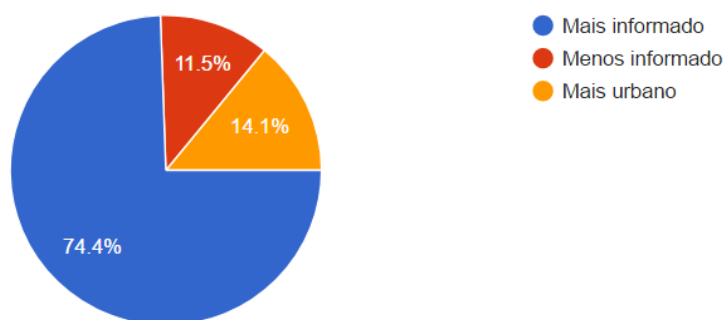
Tal percepção fica mais evidente quando os respondentes circulam para uma cidade mais urbana, como Manaus, por exemplo, onde a internet tem maior velocidade pela cobertura das operadoras de internet móvel. Conforme os respondentes, na sua maioria, 91% afirmaram perceber uma diferença do ritmo em que estão inscritos em relação à cidade ou vila, onde residem.

Gráfico 35 - Quando você viaja para Manaus você sente diferença?



Em relação à existência de redes de wi-fi em lugares públicos, com acesso gratuito, a maioria dos usuários disse que tal existência corrobora para que se mantenham mais informados, embora muitas vezes haja certa instabilidade na rede.

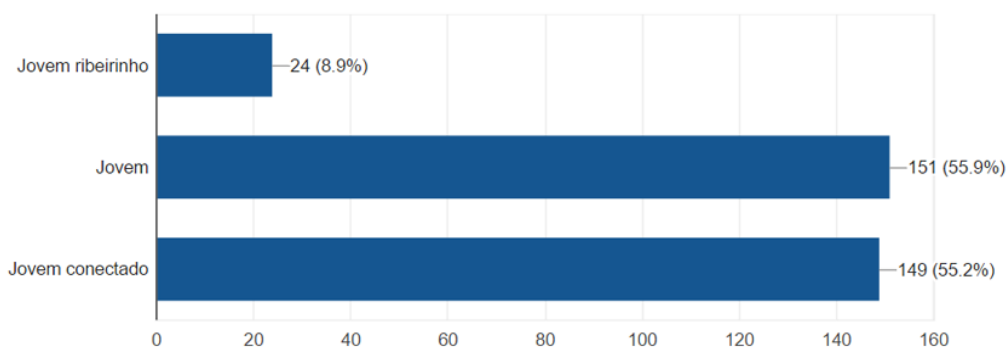
Gráfico 36 - "Como você se sente habitando aqui com internet wi-fi?"



A agênciade uma temporalidade dessas mídias (celular interligado a uma wi-fi) fica mais evidente à medida que os jovens se qualificaram primeiramente como jovens (55,9%) e segundo como “jovens conectados” (52,2%), o que vincula as ações do comando de suas vidas e do seu reconhecimento por meio dessas mídias na relação com os outros, muito

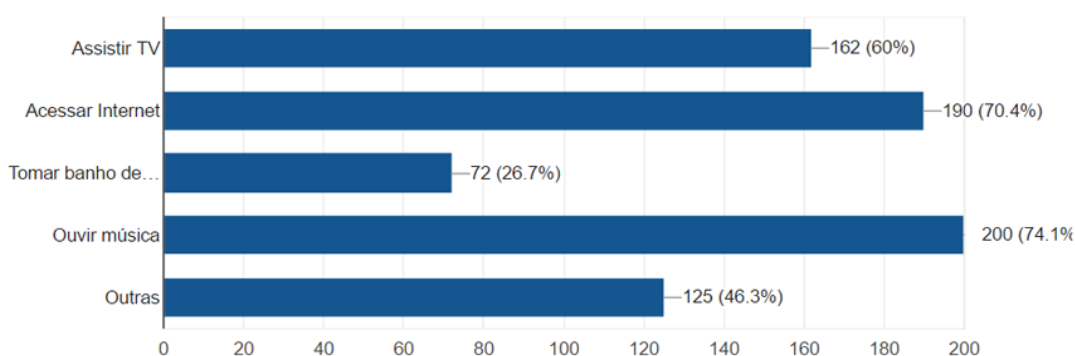
embora em algumas questões terem respondido que não tinham se sentido tão atrelados a essas mídias e afetados por meio de tais dispositivos.

Gráfico 37 - "Como você se identifica enquanto jovem?"



A dimensão da vida inscrita por meio das mídias fica ainda mais evidente nas ações dos jovens no cotidiano, em que os respondentes, na sua maioria, afirmou ter o hábito, no momento de lazer, de escutar música (74,1%), seguido de acessar a internet (70,4%) e ver TV (60%).

Gráfico 38 - "O que você costuma fazer em momentos de lazer?"

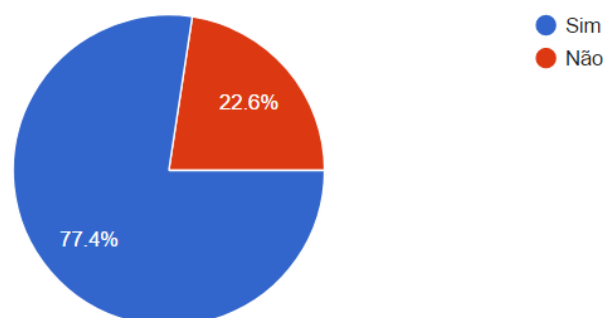


3) Afetações na mente e no corpo dos jovens

Embora nas questões gradativas em que se investiga indiretamente tal questão, os respondentes afirmaram que o celular não intervém na ação de moldar ações como o desejo de se manter primeiramente conectado em um ambiente com wi-fi, ou que não se sentiriam tão afetados se perdessem tal mídia. Entretanto, nesta questão, eles mostram o potencial

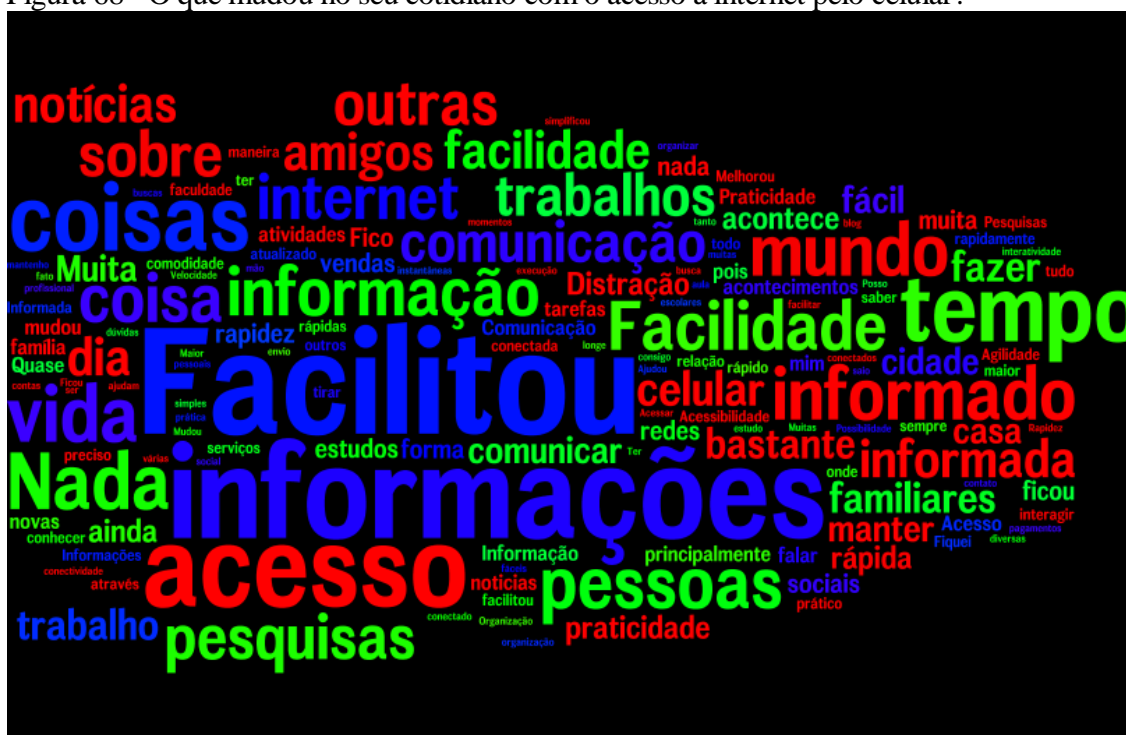
transformador das suas ações e comportamentos com a internet, à medida que a maioria (70%) afirmou que percebe como sua vida foi modificada a partir desta.

Gráfico 39 - "A internet modificou sua forma de agir em suas tarefas diárias"



Nesta questão, a única aberta deste inquérito, os respondentes detalham tais afetações e ambiguidades na sua relação com os aparatos de mídia face aos ambientes e dinâmicas que elas evocam.

Figura 68 - O que mudou no seu cotidiano com o acesso à internet pelo celular?



Fonte: A autora, feito com a ferramenta *Wordle.com*.

Os respondentes, na sua maioria, veem o acesso aos dispositivos móveis com internet como algo positivo nas suas vidas; eles consideram que a internet é sinônimo de acesso e facilidade no seu cotidiano, principalmente quanto a tarefas ligadas à escola e à faculdade.

Muitas frases suscitam a nuvem de *tags* acima: as mais frequentes foram “*Praticidade da informação, eu tenho o mundo nas mãos*”; “*Menos tédio e maior entretenimento*”; “*Mais informado e consigo falar com familiares e amigos com mais rapidez*”; “*Eu tenho respostas na palma da mão literalmente*”; “*Qualquer dúvida que enfrento a internet pode me auxiliar*”.

Paralelo a esse otimismo na relação com os aparatos móveis e a internet muitos também disseram que se sentem mais distraídos, com menos percepção de tempo com a interseção no digital, outros também relataram os prós e contras na relação com a tecnologia.

APÊNDICE B - Entrevista semiestruturada com a empresa prodam – processamento de dados do Amazonas S/A

Entrevista concedida via e-mail

1) No que consistiu o programa Amazonas Digital?

Resposta: *O programa consistiu na implantação de uma rede de telecomunicação, via satélite, para conectar os órgãos públicos estaduais instalados nas sedes dos municípios. Através desta rede os órgãos tinham acesso à INTERNET e aos sistemas de informação do Governo do Estado só disponíveis em Manaus. O programa disponibilizava, também, acesso gratuito à INTERNET para a população através de hotspots instalados em praças públicas. O programa era mantido pelo Governo do Estado, foi implantado em 2008 e descontinuado em 2014.*

2) O programa abrangeu quantos municípios no Amazonas? E quais os impactos e resultados deste programa?

Resposta: *O programa foi dividido em duas fases. Na primeira fase foram contemplados quinze municípios (MANACAPURU, ITACOATIARA, TEFÉ, TABATINGA, BARCELOS, BOCA DO ACRE, CARAUARÍ, COARI, EIRUNEPÉ, HUMAITÁ, JAPURÁ, MANICORÉ, MAUÉS, PRESIDENTE FIUEIREDO e SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA). Por falta de recursos financeiros, a segunda fase, que atenderia os demais municípios, nunca foi implantada. Não temos evidências estatísticas do impacto da implantação do programa mas, sabemos, através de relatos da população que o Programa, no início, era de grande utilidade para os municípios.*

3) Quais as principais dificuldades de implantação da internet no Amazonas?

Resposta: *A principal dificuldade para a implantação da internet no interior do Amazonas é ausência da oferta do serviço de comunicação por parte das operadoras, com qualidade e a preços acessíveis para a população.*

4) Por que o programa terminou?

Resposta: *O programa terminou por falta de recursos financeiros para manter os altos custos da comunicação via satélite. Quando o programa foi lançado em 2008, não existia a grande necessidade de banda que existe hoje provocada pelo advento dos smartphones.*

5) Quais os desafios para levar inclusão digital ao interior do Amazonas?

Resposta: *O principal desafio é arrumar recursos financeiros para vencer as dificuldades impostas pela natureza, enormes distâncias geográficas, com gigantescas árvores que dificultam a comunicação aérea (satélite e rádio) e muitos rios que inviabilizam a comunicação terrestre, via fibra óptica.*

APÊNDICE C - Roteiro de entrevista semiestruturada com os jovens

- 1) O que é a internet para você?
- 2) Com que frequência usa? Quanto tempo ao dia se dedica?
- 3) Pra que usa a internet?
- 4) Usa redes sociais? Quais e por quê?
- 5) Como você vê a vida na comunidade antes e depois da wi-fi?
- 6) Como os pais veem seu acesso? E a forma como você se comporta nas redes sociais?
- 7) Você tem amigos nas mídias sociais? De onde são?
- 8) O que é ser jovem na comunidade do Caburi?
- 9) Você acha que a internet trouxe algum tipo de mudança para a comunidade?
- 10) Nas horas de lazer, você faz o quê?
- 11) Quando dá pane na internet, o que você sente?

APÊNDICE D - Roteiro de entrevista semiestruturada com moradores

- 1) O que é morar na comunidade?
- 2) Qual o sentido, ou significado de comunidade para você?
- 3) Com a internet na comunidade, como você descreve, ou vê, a comunidade agora?
- 4) Como era a comunidade sem internet?
- 5) Quando a internet dá pane, e vocês ficam sem internet, como você se sente?
- 6) A internet trouxe algum tipo de melhoria para a comunidade, você pode citar alguma?
- 7) Você já teve algum conflito com amigos ou parentes envolvendo a internet, ou uso de mídias sociais?

APÊNDICE E - Roteiro de entrevista semiestruturada com o coordenador de mediação tecnológica em Parintins

- 1) O que consistiu o programa de mediação tecnológica em Parintins?
- 2) O programa abrangeu quantas comunidades rurais no município? E quais os resultados e impactos dos programas?
- 3) Quais as principais dificuldades de implantação da internet no Amazonas?
- 4) Quais os desafios para levar inclusão digital ao interior do Amazonas?

APÊNDICE F - Roteiro com perguntas da sondagem realizada em 100 casas na comunidade do Caburi

- 1) Quais meios de comunicação você acessa?**
- 2) Você costuma acessar internet? Com que frequência?**
- 3) Quantas pessoas têm na sua casa?**
- 4) Quantos celulares têm na sua casa?**
- 5) Quantos jovens entre 16 e 29 anos moram aqui?**

ANEXO A - Dados do projeto de Cidade Digital em Parintins

www.aldairkimura.blogspot.com

CENTRO DE GERAÇÃO DE AÇÕES E RENDA-“Professora Aldair Kimura Seixas”
CENTRO DE-INCLUSÃO DIGITAL “PROFESSORA ALDAIR KIMURA SEIXAS”

- ✓ CURSO DE INFORMÁTICA – 2006
- ✓ INFORMÁTICA PARA DEFICIENTES VISUAIS – 2010

Estatística-de 2006 a 2014 - informática

Atualizado em 22/12/2014

ESTATÍSTICA ANO: 2013

Curso- Informática	Alunos formados
2006	56
2007	1.081
2008	1.557
2009	263
2010	200
2011	265
2012	266
2013	218
2014	206
Total	5.586

Curso	Matriculados	Desistentes	Aprovados
Informática	240	22	218

ESTATÍSTICA ANO: 2014

Curso	Matriculados	Desistentes	Aprovados
Informática	242	36	206

CID – CENTRO DE INCLUSÃO DIGITAL PROF.^a. “ALDAIR KIMURA SEIXAS”

O Centro de Inclusão Digital, inaugurado em 20 de setembro de 2006 em parceria entre a Prefeitura Municipal de Parintins, Fundação Bradesco e Intel Internacional, oferece o Curso de Informática Básica. Hoje o CID já é referência na área de inclusão digital e social, encaminhando ao mercado de trabalho muitos profissionais, desde seu funcionamento. No ano de 2010 foi implantado o curso de informática para pessoas portadoras de necessidades visuais.

Decreto nº. 058/2007 – PGMP –

Curso de Informática Básica.

HISTÓRICO

O Centro de Geração de Ações e Rendas “Professora Aldair Kimura Seixas”, fundado em 24 de Maio de 2003.

Resultado da parceria firmada entre o Governo Federal e Prefeitura Municipal de Parintins.

Oferece a comunidade Parintinense Cursos Profissionalizantes com o objetivo de preparar a pessoas da comunidade Parintinense e municípios vizinhos e para o mercado de trabalho, observando a realidade do município, conhecido no mundo através do Turismo -Festival Folclórico de Parintins. Assim, a prioridade na capacitação do povo é um resgate a cidadania resultando na inclusão social e no desenvolvimento da cidade de Parintins e o Centro Aldair Kimura Seixas veio para concretizar administração municipal, implantando os cursos de Língua Inglesa e Língua Espanhola, Língua Japonesa, Libras e curso de informática no Centro de Inclusão Digital - CID, através das parcerias: Prefeitura / INTEL e Fundação Bradesco na Gestão do Prefeito FRANK LUIZ DA CUNHA GARCIA.

A partir de 13 de Dezembro de 2007, através do Decreto 074/2007-PGMP, o Centro de Geração de Ações e Renda “Professora Aldair Kimura Seixas” foi instituído e desmembrado por área como: Escola de Idiomas “Professora Aldair Kimura Seixas”

Nossa clientela é formada por estudantes do ensino fundamental, ensino médio, universitários, pessoas da comunidade e municípios vizinhos.

Coordenadora-Fernanda Andrade Butel

No ano de 2014 o Centro de Geração de Ações e Rendas “Professora Aldair Kimura Seixas”, foi desativada pelo prefeito daquela gestão Alexandre da Carbrás, com a justificativa, de que não tinha verba para mantê-la e pagar seus funcionários, os concursados foram remanejados para outros locais e todos os serviços prestados foram demitidos, mas tem- se a boa vontade de reabrir-se a qualquer momento pela atual gestão. A comunidade está ansiosa por essa notícia e ação.

ANEXO B - Dados da secretaria assistência social de Parintins – SEMAST

 **PREFEITURA MUNICIPAL DE PARINTINS**
Secretaria Municipal de Assistência Social, Trabalho e Habitação
Central de Cadastramento Único 

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins de pesquisa que os dados fornecidos por este setor são verdadeiros referentes às famílias beneficiárias na Comunidade da Agrovila do Caburi com um total de 596 famílias dados referente ao mês Dezembro.

Para maior clareza firmo a presente declaração.

Parintins, 20 de dezembro de 2018.

Cadastro Único
Conhecer para incluir


Geraldo Nascimento da Costa
Assessor Técnico - Nível I
Port. 048917 - SEMASTH

Rua: Gomes de Castro, 732 - Centro - CEP: 69151-090
E-mail: bfparintins@gmail.com - Parintins Amazonas

ANEXO C - Autorização do presidente da comunidade de pesquisa

CARTA ACEITE DA COMUNIDADE DO CABURI

Nós, membros do Grupo/Comunidade do Caburi declaramos que reconhecemos a importância do trabalho de pesquisa intitulado **WI-FI NA FLORESTA: MEDIAÇÃO E USOS DE INTERNET ENTRE JOVENS URBANOS-RIBEIRINHOS EM UMA COMUNIDADE RURAL DO AMAZONAS**, desenvolvido no período de 2016 a 2018 pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, cuja coordenadora da pesquisa é a prof. Soriany Simas Neves, docente da Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Para tanto autorizamos a execução de entrevistas com os moradores e publicação de informações e imagens, resguardadas as devidas identificações.

Parintins, 01 de 01 2018

Atenciosamente,

Nome: Eelson Batalha-ResidenteRG: 1081280-6

Nome: _____

RG: _____


Nome: _____

RG: _____

Nome: _____

RG: _____

ANEXO D - Documento do IBGE sobre dados demográficos na comunidade do Caburi



Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Unidade Estadual do Amazonas
Agência de Parintins

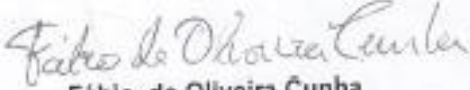
OFÍCIO IBGE N° 17 /2018/AG-PIN Parintins/AM, 27 de abril de 2018.

Assunto: Resposta ao ofício N° 006/2018 COORD.GEO/CESP

Prezado(a) Senhor(a),

Ao cumprimentá-la cordialmente, em resposta a sua solicitação, informamos que a área atual do distrito do Caburi correspondem a quatro setores censitários da última operação censitária ocorrida em 2010, os quais possuem população total de 4.821 habitantes.

Na oportunidade renovamos a V. S.ª, nossos protestos de elevada estima e consideração.


Fábio de Oliveira Cunha
Chefe da Agência do IBGE em Parintins
Fábio de Oliveira Cunha
Chefe da Agência do IBGE
em Parintins
Slape 2100749 IBGEUE/AM

Av. Teresa Ribeiro, 28 - Conj. Várzea Régia - Parintins/AM - CEP 69.151-704 - (92) 3533-6883

ANEXO E - Documento da escola estadual do Caburi sobre o projeto de mediação tecnológica



**GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS**
ESCOLA ESTADUAL "CABURI"
Ato de Criação: Decreto Nº. 22.568 de 09/04/2002



DADOS PARA PESQUISA

- ✦ Numero de Alunos entre 16 e 19 anos – 305
- ✦ Ensino Presencial por Mediação tecnológica atende em nossa escola 80 alunos em 7 turmas sendo 6 de ensino médio e 1 de EJA Fundamental do projeto Igarité.

Este projeto foi criado para alcançar as comunidades mais longínquas do Amazonas e busca a inclusão digital dessas comunidades.

- ✦ Alunos Aprovado em Vestibulares UEA e UFAM:
 - 2015 – 12 Alunos
 - 2016 – 8 Alunos
 - 2017 – 7 Alunos



Carlos de Souza Piedade
DIRETOR
PORTARIA Nº 451 08/04/2018

ESCOLA ESTADUAL CABURI
RUA CAMILA FERREIRA, 1612 - Agrinho
do Caburi - Fátima, Amazonas - CEP:
67126-000 - Fone/Fax: (92)4224.



SECRETARIA DE ESTADO DE
EDUCAÇÃO E QUALIDADE
DO ENSINO

ANEXO F - Termo de consentimento livre e esclarecido



*Governo do Estado do Rio de Janeiro
Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Comunicação Social
Programa de Pós-Graduação em Comunicação*

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr(a). para participar do Projeto de Pesquisa “**WI-FI NA FLORESTA: MEDIAÇÃO E USOS DE TECNOLOGIAS DIGITAIS ENTRE JOVENS URBANOS-RIBEIRINHOS NUMA COMUNIDADE RURAL DO AMAZONAS**”, que é realizado pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e pretende compreender a ação das tecnologias na vida cotidiana de jovens e moradores da comunidade rural do Caburi a partir da introdução da Wi-fi.

A pesquisadora, responsável pelo projeto, pede autorização para coletar informações que serão feitas por meios de entrevistas (gravadas) e também por meio de filmagens. O Sr.(a) foi escolhido porque mora na comunidade. Neste caso as informações servirão para compreender sobre as transformações que se fazem no rural na interface com as tecnologias digitais.

Se você autorizar dar informações, seu testemunho será incluído na pesquisa para esclarecer sobre a introdução da rede de WI-fi e internet na comunidade.

Se depois de autorizar as informações, o Sr(a) não quiser que seu relato seja usado, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta das informações, independente do motivo e sem nenhum prejuízo. O(a) Sr(a) não terá nenhuma despesa e também não ganhará nada. A sua participação é importante para a melhor compreensão das dinâmicas sociais na interação com as tecnologias digitais neste espaço da Amazônia.

Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em segredo para sempre. Para qualquer outra informação, o(a) Sr.(a) poderá entrar em contato com o(a) pesquisador(a) pelo telefone (92) 992667391 ou pelo e-mail: sorissn@gmail.com.

Consentimento Pós-Infomação

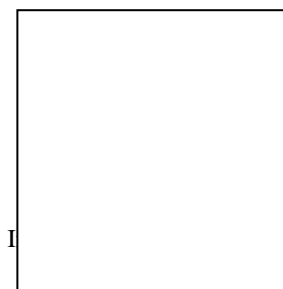
Eu, _____, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação.

Por isso, eu concordo em participar da pesquisa, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Estou recebendo uma cópia deste documento, assinada, que vou guardar.

Assinatura do participante ou

____-____-____
Data

Pesquisadora responsável



____-____-____